
T. A. BARRON
MERLIN
LIVRO 2
AS 7 CANÇÕES
Galera
AUTOR BEST SELLER DO NEW YORK TIMES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Obras do autor publicadas pela Galera Record:

Série Merlin

Volume 1: Os anos perdidos
Volume 2: As sete canções

T. A. BARRON

MERLIN
AS 7 CANÇÕES

tradução
DOMINGOS DEMASI

1ª edição

Galera

RIO DE JANEIRO

2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Barron, T.A., 1952-
B272m Merlin [recurso eletrônico]: as sete canções / T.A. Barron; tradução Domingos Demasi Filho. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2014.
recurso digital (Merlin; 2)

Tradução de: Merlin: The seven songs
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
Sumário, nota do autor, prólogo
ISBN 978-85-01-06990-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Demasi Filho, Domingos. II. Título. III. Série.

14-16559

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:
MERLIN: THE SEVEN SONGS

Copyright © 1997 by T. A. Barron

Primeiramente publicado nos Estados Unidos por Philomel Books, que faz parte de Penguin Young Readers Group, sob o título de THE SEVEN SONGS OF MERLIN. Publicado mediante acordo com Sheldon Fogelman Agency, Inc.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-06990-0

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Este livro é dedicado a

Currie,

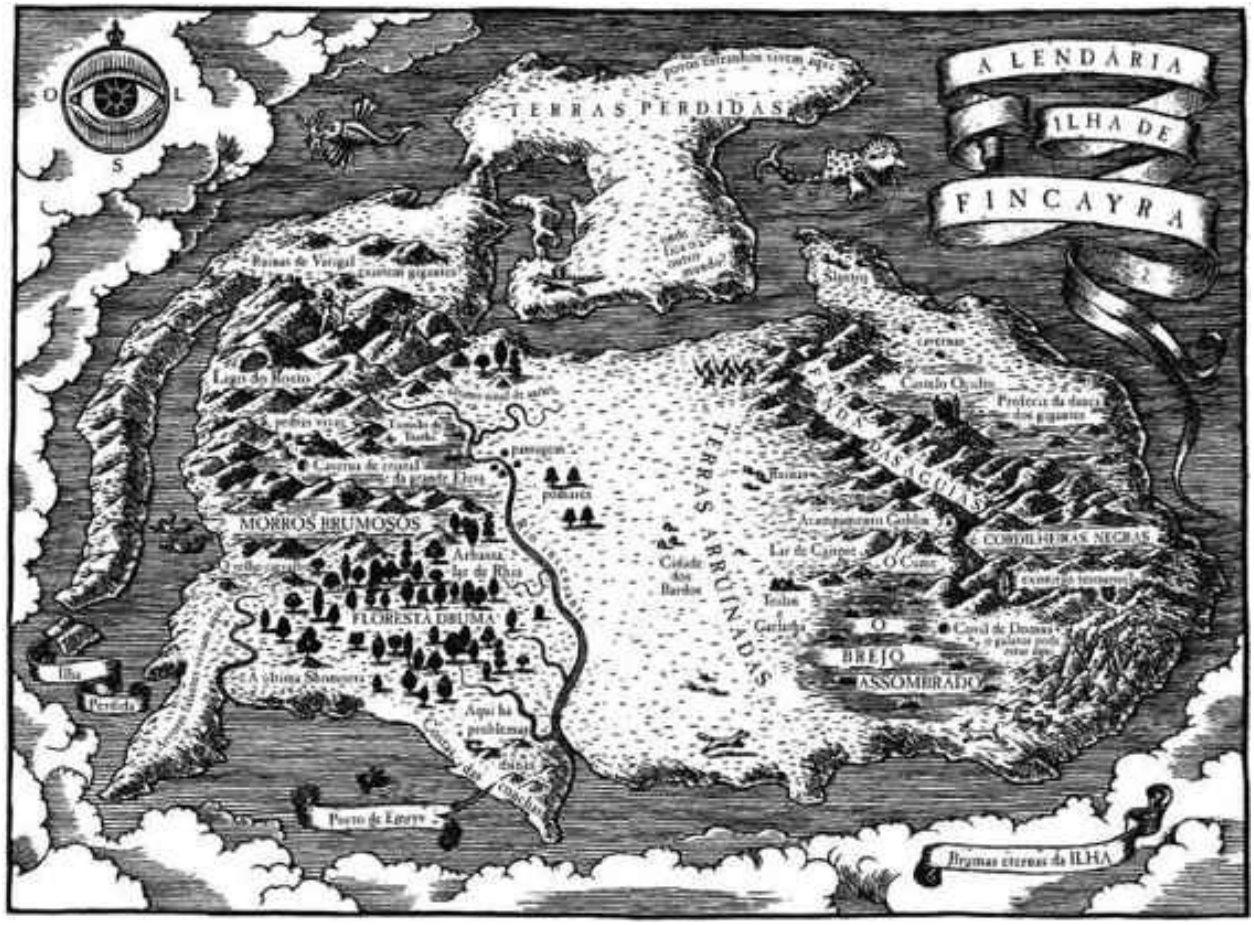
que canta sua vida como se fosse
um verso da sétima Canção



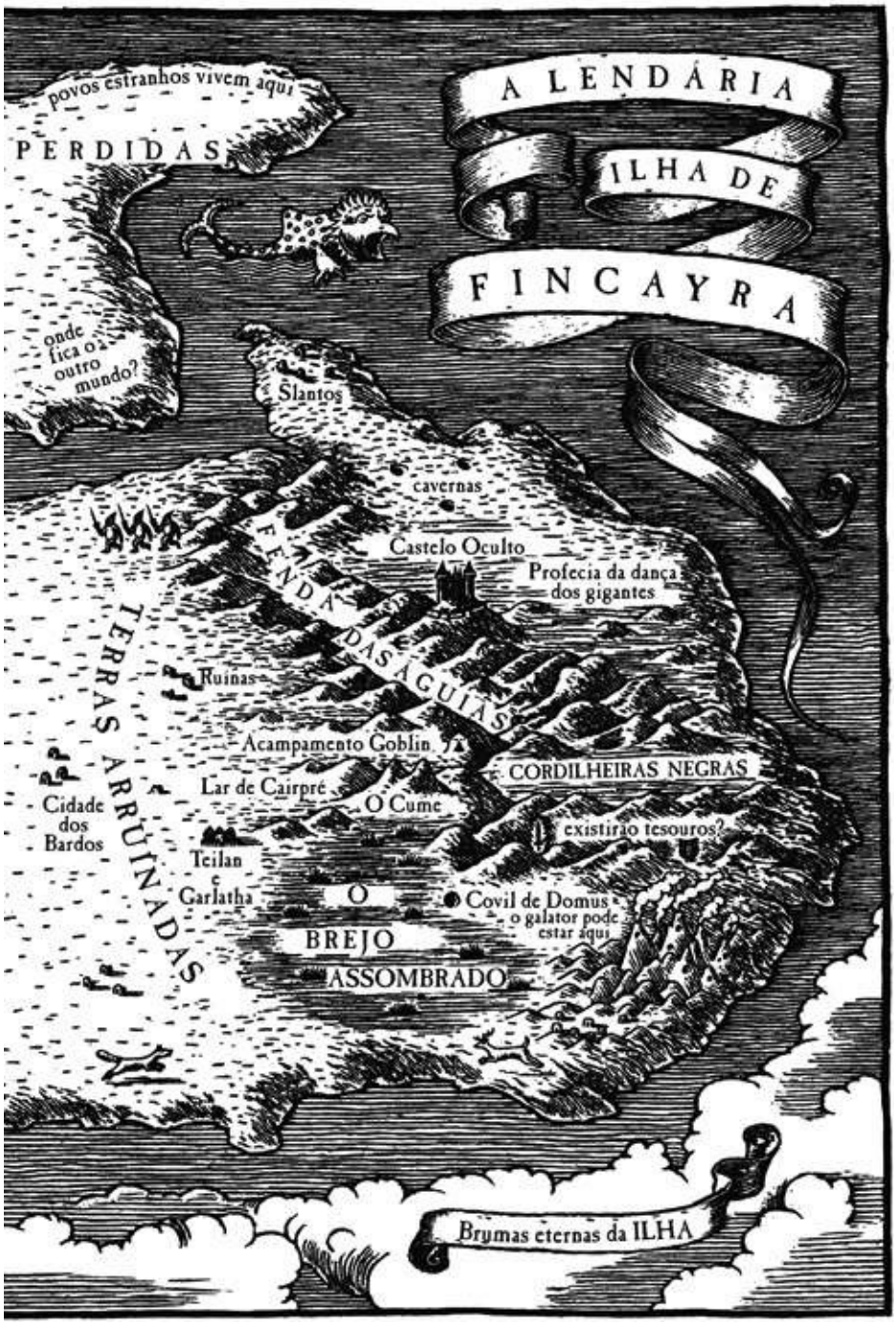
com especial estima a

Ross,

de 2 anos, que enxerga tão bem com o coração


A LENDÁRIA
ILHA DE
FINCAYRA
TERRAS PERDIDAS
Ruínas de Vertigal
Lago do Rosto
Caverna de cristal
MORROS BRUMOSOS
Árvore-coral
Árvore-lar de Rhia
FLORESTA DE BRUMA
A última Shamoura
Ilha Perdida
Aqui há problemas
Porto de Eyrry
TERRAS ARRUINADAS
Cidade dos Bardos
Lar de Gamor
Teatro e Gerlacha
O BREJO ASSOMBRADO
Castelo Oculto
Profecia da dança dos gigantes
CORDILHEIRAS NEGRAS
O Caos
Covil de Dragões
Brumas eternas da ILHA


O
L
S
TERRAS
Ruinas de Varigal
existem gigantes?
Lago do Rosto
último sinal de anões
pedras vivas
Túmulo de Tuathã
passagem
Caverna de cristal
da grande Elusa
pomares
MORROS BRUMOSOS
Rio Incessante
O velho carvalho
Arbassa,
lar de Rhia
FLORESTA DRUMA
Ilha
Perdida
Árvores falantes viviam aqui
A última Shomorra
Aqui há
problemas
Costas das
dunas
conchas
Porto de Emrys


A LENDÁRIA
ILHA DE
FINCAYRA
povos estranhos vivem aqui
PERDIDAS
onde fica o outro mundo?
Slantos
cavernas
Castelo Oculto
Profecia da dança dos gigantes
FENDA DAS ÁGUIAS
TERRAS ARRUINADAS
Ruinas
Acampamento Goblin
CORDILHEIRAS NEGRAS
Lar de Cairpré
O Cume
Cidade dos Bardos
existirão tesouros?
Teilan
Garlatha
O
Covil de Domus
o galator pode estar aqui
BREJO
ASSOMBRADO
Brumas eternas da ILHA

SUMÁRIO

Nota do Autor
Prólogo

PARTE UM

I. Salvador
II. Recepção adequada
III. Vento quente
IV. Tesouros
V. O bufão
VI. Através da névoa
VII. De cabeça e alegremente
VIII. A linguagem do ferimento
IX. Alecrim
X. O segredo de Arbassa

XI. Uma melodia e mais de uma

PARTE DOIS

XII. Tuatha
XIII. Estranhos companheiros de cama
XIV. A caverna de cristal
XV. Mudar
XVI. Emoção líquida
XVII. Atar
XVIII. Luz passageira
XIX. Proteger
XX. Rios invisíveis de calidez
XXI. O grito
XXII. Pão de ambrósia
XXIII. Nomear
XXIV. Sem asas, sem esperança
XXV. Todas as vozes
XXVI. Saltar
XXVII. Outra travessia
XXVIII. Eliminar

PARTE TRÊS

XXIX. A caminhada final
XXX. Balor
XXXI. Na neblina
XXXII. Um ramo de ouro
XXXIII. Coisas maravilhosas
XXXIV. Elixir
XXXV. Um Cajado de mago

NOTA DO AUTOR

Às vezes, nas longas horas que antecedem a alvorada, permaneço deitado, acordado, escutando. Os ramos do choupo-do-canadá se agitando ao vento. A coruja piando baixinho. E, em raras ocasiões, a voz de Merlin, sussurrando. Antes mesmo de começar a ouvir a voz de Merlin — muito menos ouvi-la claramente o bastante para contar a história de sua juventude perdida —, eu precisei aprender um pouco. E desaprender muito. Acima de tudo, precisei escutar com cuidado, usando mais do que apenas os ouvidos. Porque o próprio mago é cheio de surpresas.

Os anos perdidos de Merlin, o primeiro volume desta série, revelou os estranhos acontecimentos que iniciaram seus anos esquecidos no tempo. Por que esses anos tiveram de desaparecer da tradição popular e somente vieram à luz agora, séculos depois? A resposta pode ter algo a ver com as profundas mudanças — e com a dor terrível — que o próprio Merlin vivenciou nesse período. Contudo, esses anos se revelaram excepcionalmente importantes para a pessoa que um dia serviria como o mentor do rei Artur.

A história dos anos perdidos de Merlin começou quando, criança, à beira da morte, ele foi lançado à praia da acidentada costa de Gales. O mar lhe havia roubado tudo que ele conhecera. Completamente alheio ao fato de que, um dia, se tornaria o maior mago de todos os tempos, ele permaneceu atormentado pela sombra das coisas das quais não conseguia se lembrar.

Pois estava sem memória. Sem lar. Sem nome.

Pelas próprias palavras de Merlin, podemos sentir o trauma duradouro, e a

esperança oculta, daquele dia:

Se eu fechar os olhos e respirar ao ritmo ondulante do mar, ainda sou capaz de me lembrar daquele dia tão longínquo. Foi um dia implacável, frio e sem vida, tão vazio de perspectivas quanto meus pulmões estavam vazios de ar.

Desde aquele dia, vi muitos outros, mais do que tenho forças para contar. No entanto, tal dia brilha tão intensamente quanto o próprio Galator, tão intensamente quanto o dia em que descobri meu próprio nome, ou aquele no qual embalei um bebê chamado Artur. Talvez eu me lembre tão claramente porque a dor, como uma cicatriz na alma, não desaparece. Ou porque marcou o fim de tanta coisa. Ou, talvez, porque aquele dia sinalizou um início, assim como um fim: o início dos meus anos perdidos.

Agora a história do jovem Merlin continua. Ele pode ter solucionado o mistério da Dança dos Gigantes, mas um sombrio nó de enigmas encontra-se logo adiante. Se ele terá sucesso em conseguir desfazê-lo a tempo de completar sua busca, ainda falta descobrir. O desafio é imenso. Embora tenha topado com seus poderes casualmente, Merlin não chegou nem perto de dominá-los. Embora tenha conhecimento de parte do saber dos druidas, dos gregos e dos celtas, ele apenas começou a entendê-lo. E, embora tenha descoberto seu próprio nome, uma indicação de seu verdadeiro destino, ele ainda precisa descobrir o segredo de seu eu mais íntimo.

Em suma, ele ainda não sabe o que significa ser um mago.

Para descobrir o mago em si, o jovem Merlin, que já perdeu tanto, precisa perder muito mais. No caminho, ele também poderá ganhar algumas coisas. Talvez finalmente descubra a verdade sobre sua amiga Rhia. Talvez compreenda a diferença entre visão e intuição. Talvez até mesmo descubra, para seu pesar, que possui igualmente a escuridão e a luz dentro de si — mesmo que descubra, para sua alegria, que também possui outras qualidades geralmente chamadas opostas: juventude e velhice, masculino e feminino, mortal e imortal.

Heróis lendários às vezes ascendem através dos três níveis do eu, Terra e o Outromundo. Primeiro, ele ou ela precisa descobrir os caminhos íntimos. A seguir, o herói precisa triunfar sobre os inimigos da vida mortal na Terra dos

seres humanos. Finalmente, ele ou ela precisa confrontar os perigos e as possibilidades do espírito. De certo modo, Merlin altera esse padrão tradicional ao tentar viajar para o Outromundo neste livro, apenas o segundo da série. Merlin, porém, como temos visto, não é muito bom em seguir as regras. A verdade é que, neste livro, assim como nos outros, o jovem mago se descobre explorando todos os três níveis ao mesmo tempo.

Contudo, é o Outromundo, o reino do espírito, que possui a chave para essa busca. É um lugar misterioso, raramente visitado por mortais, repleto de perigos como também de inspiração. Se conseguir de algum modo dominar as Sete Canções da Magia, derrotar as mesmas forças que destruíram seu avô, e descobrir o segredo do Poço do Outromundo, Merlin poderá de fato encontrar seu caminho para o mundo espiritual. Se o fizer, talvez encontre tanto o misterioso Dagda quanto o traiçoeiro Rhita Gawr... e o que quer que tenha restado de seu leal amigo Transtorno.

E, no processo, talvez encontre algo mais. Como escreveu certa vez W.B. Yeats, a humanidade sempre ansiou por encontrar alguma ligação com a ordem cósmica, "para unir a percepção do espírito, do divino, à beleza natural." É por isso que o jovem Merlin, que sentiu seus poderes de renovação pela primeira vez ao encarar uma tempestade nos galhos de uma árvore, se esforça para fazer tal conexão enquanto percorre o sinuoso caminho para a magia.

Este trecho da viagem de Merlin começa onde o último parou, na lendária ilha de Fincayra. Os celtas acreditavam que ela fosse uma ilha sob as ondas, um ponto na metade do caminho entre este mundo e o Outromundo. Um *omphalos*, diriam os gregos [Na mitologia grega, o ônfalo era a grande pedra sagrada do templo de Apolo, em Delfos]. Entretanto, a melhor descrição de Fincayra foi dada por Elen, mãe de Merlin, que a chamava simplesmente de *lugar intermediário*. Assim como a névoa, que não está para água nem para ar, Fincayra não está para o mortal nem para o imortal. É algo intermediário.

Merlin, também, é algo intermediário. Não é verdadeiramente um homem, mas tampouco é verdadeiramente um deus. Não é verdadeiramente velho, nem verdadeiramente jovem. Carl Jung o teria considerado um personagem estimulante, pois os poderes míticos de Merlin surgiam ao mesmo tempo do inconsciente e do consciente, assim como sua sabedoria fluía igualmente da

natureza e da cultura.

Não é por acaso que a maioria dos antigos contos sobre Merlin lhe dão uma mãe santa e um pai demoníaco, metáforas dos lados negro e luminoso que todos nós possuímos internamente. E a maior sabedoria de Merlin veio não da expulsão ou da eliminação de seu lado negro, mas, ao contrário, de sua aceitação, ao admiti-lo como parte de si. Enfim, é esse senso de fragilidade humana, juntamente à contingência humana, que torna Merlin o mentor apropriado para o rei Artur.

Sou profundamente grato a todas as pessoas citadas na Nota do Autor do primeiro volume, mais especialmente à minha mulher e melhor amiga, Currie, e à minha imensamente sábia editora Patricia Lee Gauch. Além disso, quero agradecer a Lloyd Alexander, cujas obras continuam a inspirar todos nós; a Susan Cullinan, que entende a sabedoria do humor; e Sasha, nosso dócil labrador, que costuma aquecer meus pés enquanto escrevo.

Mais uma vez, Merlin sussurra. Vamos ouvir, mas com cuidado. Porque um mago, como sabemos, é cheio de surpresas.

T.A.B.

Fui arrancado do meu verdadeiro eu.
Era um espírito e conhecia...
os segredos da natureza,
o voo de um pássaro,
as perambulações de uma estrela,
e o jeito como um peixe desliza.

— Merlin,
Citado no livro do século XII
VITA MERLINI,
DE GEOFFREY DE MONMOUTH.

PRÓLOGO

Como os séculos voaram... Mais depressa, de longe, do que o bravo falcão que outrora me carregou em suas costas. Mais depressa, aliás, do que a flecha de dor que se alojou em meu coração no dia em que perdi minha mãe.

Ainda consigo ver o Grande Conselho de Fincayra, reunido no círculo de pedras, tudo que restou do poderoso castelo após a Dança dos Gigantes. Não seria a primeira das eras em que o Grande Conselho seria convocado àquele lugar; também não seria a última. Várias questões difíceis aguardavam resolução dos delegados, inclusive sobre como punir o monarca derrubado, e se deveriam ou não escolher um sucessor. Contudo, a questão mais grave de todas era sobre o que fazer com os encantados Tesouros de Fincayra, principalmente a Harpa Florescente.

Não consigo esquecer como a reunião começou. Nem, por mais que tente, consigo esquecer de que modo ela terminou.

Um aglomerado de sombras mais escuras do que a noite, o círculo de pedras permanecia ereto sobre o cume.

Nenhuma agitação, nenhum som perturbava o ar noturno. Um morcego solitário arremeteu em direção às ruínas, então deu uma guinada para longe, talvez temeroso de que o Castelo Oculto de algum modo pudesse se erguer novamente. Tudo que restava, porém, de suas torres e ameias foi o anel de pedras eretas, tão silenciosas quanto sepulturas abandonadas.

Lentamente, uma luz estranha começou a se agitar sobre as pedras. Não era a

luz do sol, ainda a horas de se erguer, mas das estrelas acima. Pouco a pouco, as estrelas se tornavam mais uniformemente brilhantes. Parecia que, de alguma forma, estavam chegando mais perto, se comprimindo em direção ao círculo, observando com milhares de olhos chamejantes.

Uma mariposa de asas largas, tão amarela quanto manteiga, pousou em uma das pedras. Em pouco tempo foi acompanhada por um pássaro azul-claro e uma velha coruja na qual faltavam muitas penas. Algo deslizou através de um pilar caído, se mantendo nas sombras. Um par de faunos, com pernas e cascos de bodes e peitos e rostos de meninos, cambaleou para a clareira no interior do círculo. A seguir, vieram as árvores ambulantes, freixos e carvalhos, espinheiros e pinheiros, arrastando-se pelo cume como uma maré verde-escura.

Sete homens e mulheres fincayrianos, os olhos cheios de espanto, penetraram no círculo ao lado de um bando de duendes de barba ruiva, um garanhão negro, vários corvos, uma dupla de náiades jogando água uma contra a outra ruidosamente na piscina natural formada abaixo de uma das pedras, um lagarto sarapintado, papagaios, pavões, um unicórnio cuja pelagem brilhava tão branca quanto seu chifre, uma família de besouros verdes que haviam trazido a própria folha para se sentar, uma corça com seu corço, uma lesma enorme e uma fênix que encarava a multidão continuamente, sem nunca piscar.

Enquanto mais delegados chegavam, um dos fincayrianos, um poeta de cabeça desgrenhada, testa alta e olhos escuros vigilantes observava a cena se desenrolar. Com o tempo, se aproximou de um pilar tombado e se sentou ao lado de uma garota robusta vestida com uma roupa feita de vinhas entrelaçadas. Do outro lado dela, estava um menino, segurando um cajado retorcido que parecia mais velho do que seus 13 anos. Os olhos, mais negros do que carvão, pareciam estranhamente distantes. Recentemente, decidira chamar a si mesmo Merlin.

Guinchos e palpitações, zunidos e grunhidos, silvos e urros enchiam o ar. Quando o sol se ergueu bem alto, pintando o círculo de pedras com as tonalidades douradas, a algazarra também se ergueu. O ruído cacofônico diminuiu apenas uma vez, quando uma enorme aranha branca, mais do dobro do tamanho do garanhão, entrou na roda. À medida que iam silenciando, as demais criaturas se afastavam rapidamente, pois, ao mesmo tempo que se sentiam honradas por fazerem companhia à lendária Grande Elusa, também

desconfiavam que a viagem desde a caverna de cristal nos Morros Brumosos poderia ter aberto seu apetite. Ela não teve problema em conseguir um lugar para se sentar.

Ao se posicionar sobre um amontoado de pedras trituradas, a Grande Elusa coçou a corcunda com uma de suas oito patas. Usando uma outra, ela puxou um enorme saco marrom das costas e o colocou ao seu lado. Então olhou em volta do círculo, parando um instante para fitar Merlin.

Vieram outros mais. Um centauro, usando uma barba que descia quase até seus cascos, penetrou na roda solenemente a passos largos. Um casal de raposas, rabos erguidos, pavoneava no rastro dele, seguido por uma jovem elfa do bosque com braços e pernas quase tão finos quanto seus cabelos castanhos. Uma pedra viva, salpicada de musgo, rolou para o centro, quase se chocando contra um lento porco-espinho. Um enxame de abelhas agitadas pairava próximo do chão. Perto da beirada, uma família de ogros se coçava ferozmente, e mordiam uns aos outros para passar o tempo.

E ainda vieram mais, muitos que Merlin não era capaz de identificar. Alguns pareciam arbustos eriçados com olhos ardentes, outros eram semelhantes a gravetos retorcidos ou torrões de barro, e outros mais pareceriam invisíveis se não fosse por um tremeluzir de luz que projetavam sobre as pedras. Ele viu criaturas com rostos bizarros, rostos perigosos, rostos curiosos ou sem rosto algum. Em menos de uma hora, o silencioso círculo de pedra havia se transformado em algo mais parecido a um mafuá.

O poeta, Cairpré, fez o melhor possível para responder às perguntas de Merlin sobre as criaturas estranhas e extraordinárias que os cercavam. Aquele, explicou, era um pavão, que permanecia tão esquivo quanto um raio da lua. E aquilo, um húmus que se alimentava apenas uma única vez a cada seiscentos anos — e, mesmo assim, somente das folhas da flor tendradil. Algumas criaturas, que ele não reconhecia, eram familiares à garota vestida de folhas, Rhia, em sua época na floresta Druma. Entretanto, restavam vários que nem Cairpré nem Rhia eram capazes de identificar.

Isso não era nenhuma surpresa. Ninguém vivo, exceto possivelmente a Grande Elusa, já tinha visto todos os variados habitantes de Fincayra. Logo após a Dança dos Gigantes ter ocorrido, derrubando o malvado rei Stangmar e

destruindo seu Castelo Oculto, um clamor se ergueu de várias partes para convocar um Grande Conselho. Pela primeira vez em que se tinha memória, todos os cidadãos mortais de Fincayra, fosse ave ou bicho ou inseto ou inteiramente outra coisa, foram convidados para enviar representantes à assembleia.

Quase todas as raças haviam comparecido. Os poucos ausentes incluíam os guerreiros goblins e espectros mutantes, que tinham sido forçados de volta às cavernas dos Morros Sombrios após a derrota de Stangmar; os arbóreos, que haviam desaparecido da terra muito tempo atrás; e o *povo do mar*, que habitava as águas em volta de Fincayra mas não havia sido encontrado a tempo para o convite.

Após estudar a multidão, Cairpré observou tristemente que as grandes aves provenientes da Fenda das Águias, uma das raças mais antigas de Fincayra, também não estavam presentes. Nos tempos antigos, o grito agitado de uma águia sempre marcava o início de um Grande Conselho. Não dessa vez, porém, tendo em vista que as forças de Stangmar haviam caçado as nobres aves até sua extinção. Aquele grito, concluiu Cairpré, nunca mais voltaria a ecoar entres as colinas desta terra.

Merlin então vislumbrou uma bruxa velha pálida, bulbosa, sem cabelos na cabeça e sem piedade nos olhos. Ele se arrepiou ao reconhecê-la. Embora tivesse adotado vários nomes através dos tempos, ela era mais frequentemente chamada Domnu, que significava Destino Sombrio. Assim que ele a avistou, a bruxa sumiu no meio da multidão. Ele sabia que ela o estava evitando. E também sabia por quê.

De repente um grande estrondo, ainda mais alto do que a algazarra do ajuntamento, sacudiu o cume. Uma das pedras eretas oscilou precariamente. O estrondo aumentou mais ainda, fazendo com que a pedra se chocasse contra o chão, quase esmagando a corça e o corço. Merlin e Rhia se entreolharam — não com medo, mas com compreensão; pois já tinham ouvido as pegadas de gigantes em outra ocasião.

Duas figuras gargantescas, cada qual tão alta quanto o castelo que outrora se localizara naquele lugar, caminharam a passos largos para o círculo. Tinham vindo de muito longe, das montanhas, deixando a reconstrução de sua cidade

ancestral de Varigal por tempo suficiente para participar do Grande Conselho. Merlin se virou, esperando encontrar seu amigo Shim. Mas o gigante não se encontrava entre os recém-chegados. O menino suspirou, dizendo a si que, de qualquer modo, Shim provavelmente dormiria durante a reunião.

O primeiro gigante, uma fêmea de cabelos desgrenhados com olhos verdes brilhantes e boca torta grunhiu e se abaixou para apanhar a pedra que havia caído. Embora fosse necessário o esforço de vinte cavalos para deslocá-la, ela a colocou de volta na mesma posição sem qualquer dificuldade. Enquanto isso, seu companheiro, um sujeito corado com braços tão grossos quanto troncos de carvalho, pôs as mãos nos quadris e inspecionou. Após um longo momento, acenou a cabeça para ela.

Ela assentiu em resposta. Então, com outro grunhido, levantou as mãos para o ar, como se quisesse agarrar as nuvens que passavam. Vendo isso, Cairpré ergueu as sobrancelhas desgrenhadas, intrigado.

Alto, no céu, surgiu um pequeno ponto preto. Este espiralou do meio das nuvens, como se colhido por um redemoinho invisível. Desceu mais e mais, até todos os olhos de todas as criaturas no círculo apontarem para ele. Um novo silêncio envolveu a assembleia. Até mesmo as irrefreáveis ninfas ficaram quietas.

O ponto se alargava à medida que descia. Em pouco tempo, era possível ver asas enormes, depois uma cauda larga, então o sol cintilando em um bico curvado. Um grito repentino rasgou o ar, ecoando de um cume a outro, até que a própria terra pareceu responder ao chamado. O chamado de uma águia da Fenda das Águias.

As asas poderosas se abriram ao máximo, se estendendo como uma vela. Em seguida, dobraram para trás formando um ângulo, quando enormes garras irromperam em direção ao solo. Coelhos e raposas guincharam diante da visão, e muitos mais outros animais se encolheram de medo. Com um único bater de asas majestoso, a grande águia se instalou sobre o ombro da giganta de cabelos desgrenhados.

O Grande Conselho de Fincayra havia começado.

Como primeira medida, os delegados concordaram que ninguém deveria deixar a reunião até que todas as questões estivessem resolvidas. E também, a pedido dos camundongos, cada um dos representantes prometeu não comer o

outro durante a realização do evento. Apenas as raposas foram contra a ideia, argumentando que somente a questão do destino da Harpa Florescente poderia levar vários dias para se resolver. Mesmo assim, a regra foi adotada. Para assegurar o cumprimento, a própria Grande Elusa gentilmente se ofereceu para fazê-la valer. Embora ela não houvesse dito simplesmente como planejava fazer aquilo, ninguém pareceu interessado em perguntar.

Como decisão seguinte, a assembleia declarou o próprio círculo de pedras como monumento sagrado. Pigarreando com a sutileza de um deslizamento de pedras, a giganta de cabelos desgrenhados propôs que as ruínas do Castelo Oculto recebessem um novo nome: Dança dos Gigantes, ou *Estonahenj* na antiga língua dos gigantes. Os delegados reunidos adotaram o nome por unanimidade, embora um silêncio pesado tivesse recaído sobre o círculo. Pois, apesar de a Dança dos Gigantes significar a esperança de um futuro brilhante para Fincayra, esse era o tipo de esperança oriunda somente do mais profundo pesar.

Em pouco tempo a discussão se encaminhou para o destino de Stangmar. Ainda que o rei malvado tivesse sido destronado, sua vida fora salva — por ninguém menos do que Merlin, seu único filho. Uma vez que o próprio Merlin, apenas parte fincayriano, não tinha permissão para expressar seus pontos de vista na assembleia, o poeta Cairpré se ofereceu para falar em seu favor. Após ouvir o apelo do garoto para que poupassem a vida de seu pai, não importando o quanto ele tivesse sido mau, o Grande Conselho debateu por horas. Finalmente, acima dos fortes protestos dos gigantes e da águia, a assembleia decidiu que Stangmar permaneceria preso pelo resto de seus dias em uma das cavernas à prova de fugas ao norte dos Morros Sombrios.

A seguir, veio a questão de quem deveria governar Fincayra. As abelhas sugeriram que sua rainha deveria governar todo mundo, mas tal ideia não conseguiu apoio. A agonia do reinado de Stangmar era tão recente que muitos delegados discursaram apaixonadamente contra a adoção de qualquer líder que fosse. Nem mesmo um parlamento de cidadãos adiantaria, argumentaram, pois, com o tempo, o poder sempre corrompe. Cairpré, por sua vez, denunciou esse modo de pensar como insensato. Citou exemplos da anarquia que a ruína de outros povos havia causado, e alertou que, sem qualquer liderança, toda Fincayra voltaria a se tornar presa daquele abominável chefe guerreiro do Outromundo,

Rhita Gawr. Contudo, a maioria dos delegados rejeitou as preocupações dele. O Grande Conselho votou esmagadoramente para que não houvesse qualquer liderança que fosse.

Então veio a questão mais grave de todas. O que deveria ser feito com os Tesouros de Fincayra?

Enquanto todos observavam admirados, a Grande Elusa abriu o saco a seu lado e retirou a Harpa Florescente. Sua caixa de ressonância de carvalho, incrustada com freixo e entalhada com padrões florais, brilhava sinistramente. Uma borboleta verde adejou acima e pousou na menor das cordas. Com o sacudir de uma das enormes patas, a Grande Elusa enxotou a borboleta, fazendo com que a corda tinisse delicadamente. Após parar para ouvir, ela retirou o restante dos Tesouros: a espada Cortefundo, o Evocador de Sonhos, o Globo de Fogo e seis das Sete Ferramentas da Sabedoria (a sétima, infelizmente, se perdera no desabamento do castelo).

Todos os olhos examinaram os Tesouros. Durante um longo intervalo, ninguém se mexeu. As próprias pedras pareceram se inclinar para olhar mais de perto. Os delegados sabiam que, muito antes da ascensão de Stangmar, aqueles Tesouros fabulosos haviam pertencido a todos os fincayrianos e eram compartilhados livremente por toda terra. Entretanto, isso deixara os Tesouros vulneráveis ao furto, conforme Stangmar havia demonstrado. Uma lebre malhada sugeriu que cada Tesouro deveria ter um guardião, alguém responsável por protegê-lo e cuidar para que fosse usado com sabedoria. Desse modo, os Tesouros poderiam ser compartilhados, mas, ainda assim, protegidos. A maioria dos representantes concordou. Eles incitaram para que a Grande Elusa escolhesse os guardiões.

A monstruosa aranha, porém, se recusou. Ela declarou que somente alguém muito mais sábio conseguiria fazer tais escolhas tão importantes. Seria necessário um verdadeiro mago — alguém como Tuatha, cujo conhecimento fora tão vasto que, dizia-se, ele havia até mesmo descoberto uma passagem secreta para o Outromundo a fim de se consultar com Dagda, o maior de todos os espíritos. Mas Tuatha havia morrido anos antes. No final, após muita insistência, a Grande Elusa concordou que cuidaria dos Tesouros em sua caverna de cristal, mas apenas até encontrarem os guardiões adequados.

Se por um lado aquilo resolvia o problema dos Tesouros, por outro não atendia a questão da Harpa Florescente. A zona rural vizinha, afligida pela praga de Rhita Gawr, não mostrava sinais de vida, nem mesmo um broto de grama verde. Os Morros Sombrios, em especial, precisavam de ajuda, pois o dano ali fora o mais grave. Somente a magia da Harpa conseguiria reviver a terra.

Entretanto, quem seria aquele a carregá-la? A Harpa não era tocada havia muito anos, desde que o próprio Tuatha a usara para curar a floresta destruída pelo dragão das Terras Perdidas. Embora aquela floresta finalmente tivesse retornado à vida, Tuatha admitira que tocar a Harpa havia exigido muito mais de sua habilidade do que ninar o dragão enfurecido até o sono encantado. A Harpa, ele alertara, somente reagiria ao toque de alguém com o coração de mago.

O mais velho dos pavões foi o primeiro a tentar. Abrindo as radiantes penas da cauda ao máximo, ele desfilou até a Harpa e abaixou a cabeça. Com um rápido golpe do bico, beliscou uma das cordas. Um som puro e vibrante brotou, pairando no ar. Porém nada mais aconteceu. A mágica da Harpa permanecia adormecida. Novamente, o pavão tentou, mais uma vez sem qualquer resultado além de uma simples nota.

Um por um, vários outros delegados se apresentaram. O unicórnio, a pelagem branca reluzindo, deslizou o chifre pelas cordas. Resultou em um acorde agitado, e nada mais. Então vieram um imenso urso-pardo, um anão cuja barba batia nos joelhos, uma mulher de aparência robusta e uma das ninfeias, todos sem sucesso.

Finalmente, um sapo de cor bronzeada pulou das sombras aos pés de Merlin e em direção à Grande Elusa. Parando um pouco além do alcance da grande aranha, o sapo grosou:

— Pode serrr que você não seja um mago, mas acrrredito que tem o corrração de um mago. Querrr tocarrr a Harrrpa?

A Grande Elusa simplesmente sacudiu a cabeça. Erguendo uma das patas, apontou em direção a Cairpré.

— Eu? — protestou o poeta. — Isso não pode ser sério! Tenho tanto o coração de um mago quanto a cabeça de um porco. *Meu conhecimento é escasso, minha sabedoria, um fracasso*. Eu nunca seria capaz de fazer a Harpa responder. — Esfregando o queixo, ele se virou para o garoto ao seu lado. — Mas sei de alguém que talvez seja.

— O garoto? — grunhiu o urso-pardo com ceticismo, enquanto o próprio jovem se movimentava com desconforto.

— Não sei se ele tem coração de mago — reconheceu Cairpré, com um olhar de soslaio para Merlin. — Duvido até mesmo que ele saiba.

O urso bateu a pata no chão.

— Então por que o propõe?

O poeta quase sorriu.

— Porque acho que há mais coisas nele do que aparenta. Afinal de contas, ele destruiu o Castelo Oculto. Deixem que experimente a Harpa.

— Eu concordo — declarou uma esbelta coruja com o estalar das mandíbulas. — Ele é neto de Tuatha.

— E filho de Stangmar — rugiu o urso. — Mesmo que consiga despertar a mágica, não se deve confiar nele.

A elfa do bosque, com seus cabelos castanhos agitados como um riacho, caminhou para o centro do círculo. Ela se curvou ligeiramente com uma mesura para Rhia, que retribuiu o gesto. Então, com uma voz melodiosa, se dirigiu ao grupo:

— O pai do garoto eu não conheço, embora tenham me dito que, na juventude, ele costumava se divertir na floresta Druma. E, assim como a árvore retorcida que pode crescer reta e alta, não posso dizer se a culpa é dele ou dos mais velhos que não lhe deram apoio. Mas eu conheci a mãe do garoto. Nós a chamávamos Elen dos Olhos de Safira. Certa vez, ela me curou, quando eu estava queimando de febre. Havia mágica no toque dela, mais mágica do que ela própria compreendia. Talvez seu filho tenha o mesmo dom. Digo que devemos deixar que ele toque a Harpa.

Uma onda de concordância percorreu a assembleia. O urso caminhava de um lado a outro, resmungando consigo, mas finalmente concordou.

Quando Merlin se levantou do pilar, Rhia o envolveu com seu braço vestido por folhas. Ele a fitou, agradecido, então caminhou lentamente para a Harpa. Após apanhá-la cuidadosamente, aninhou a caixa de ressonância nos braços, e os representantes reunidos ficaram em silêncio novamente. O garoto inspirou fundo, ergueu a mão e puxou uma das cordas. Uma nota intensa pairou no ar, vibrando, por um longo momento.

Sentindo que nada de notável acontecera, Merlin virou um rosto decepcionado em direção a Rhia e Cairpré. O urso-pardo grunhiu, satisfeito. Imediatamente, a águia, ainda empoleirada no ombro da giganta, guinchou. Outros acompanharam o grito, rosnando, uivando e batendo os pés com entusiasmo. Pois ali, curvada sobre a ponta da bota de Merlin, havia uma única folha de grama, tão verde quanto um broto lavado pela chuva. Ele sorriu e tocou novamente a corda, fazendo com que mais folhas surgissem.

Quando finalmente a comoção cessou, Cairpré foi até Merlin e lhe agarrou a mão.

— Muito bem, meu rapaz, muito bem-feito. — Em seguida, fez uma pausa. — É uma séria responsabilidade, sabe, curar as terras.

Merlin engoliu em seco.

— Eu sei.

— Uma vez iniciada essa tarefa, você não poderá descansar até ela estar concluída. Agora mesmo, as forças de Rhita Gawr estão fazendo planos para um novo ataque. Esteja certo disso! Os Morros Sombrios, onde grande parte das forças se escondem em cavernas e abismos, são as terras mais assoladas pela praga... e também as mais vulneráveis a ataques. Nossa melhor proteção é recuperar rapidamente os morros para que as pessoas pacíficas possam voltar a viver lá. Isso desencorajará os invasores, e também assegurará que o restante de Fincayra seja alertado sobre qualquer ataque.

Ele bateu delicadamente no instrumento de carvalho.

— Portanto, você deve começar nos Morros Sombrios... e permanecer lá até o serviço estar completo. Deixe as Terras Arruinadas e outras terras que anseiam viver novamente para depois. Os Morros Sombrios precisam ser curados antes que Rhita Gawr retorne, ou teremos perdido nossa única chance.

Ele mordeu o lábio pensativamente.

— E mais uma coisa, meu rapaz — prosseguiu seu discurso. — Quando Rhita Gawr retornar, virá procurá-lo. Para mostrar "gratidão" por todo o problema que você causou a ele. Portanto, evite fazer qualquer coisa que possa chamar sua atenção. Apenas se atenha a seu trabalho, curando os Morros Sombrios.

— Mas e se, após partir para lá, eu não conseguir fazer a Harpa funcionar?

— Se a Harpa simplesmente não responder ao seu toque, nós entenderemos.

Mas lembre-se: se conseguir fazê-la funcionar, mas se esquivar de sua missão, você jamais será perdoado.

Merlin assentiu lentamente. Enquanto os delegados observavam, ele começou a passar a correia de couro da Harpa sobre o ombro.

— Espere!

Era a voz da bruxa velha, Domnu. Avançando em direção ao garoto, ela arregalou bem os olhos, enviando as fileiras de rugas para o topo de sua careca. Então ergueu o braço e apontou o dedo nodoso para ele.

— O garoto semi-humano não pode levar a Harpa. Ele tem que deixar esta ilha! Pois, se ficar, Fincayra estará condenada.

Quase todos se encolheram de medo diante das palavras dela, mas ninguém mais do que o próprio Merlin. Elas carregavam um estranho poder, cortando mais fundo do que qualquer espada.

Domnu sacudiu o dedo.

— Se ele não for embora, e logo, todos nós morreremos. — Um vento frio percorreu o círculo, fazendo até mesmo os gigantes estremecerem. — Todos vocês já se esqueceram da proibição, formulada pelo próprio Dagda, que impede qualquer um que tenha sangue humano de permanecer por muito tempo nesta ilha? Todos vocês já se esqueceram de que este garoto também nasceu aqui, apesar de uma proibição ainda mais antiga? Se o deixarem levar a Harpa, ele certamente reivindicará Fincayra como seu lar de direito. Ele provavelmente não tem intenção de retornar ao mundo além da névoa. Deem atenção ao meu alerta. Este garoto pode perturbar o próprio equilíbrio entre os mundos! Ele pode atrair a ira de Dagda sobre todos nós. Pior ainda — acrescentou com um olhar maldoso —, pode ser um instrumento de Rhita Gawr, como seu pai também fora.

— Eu não sou! — protestou Merlin. — Você quer que eu seja banido para não me devolver o Galator.

Os olhos de Domnu flamejaram.

— Estão vendo? Ele se dirige ao Grande Conselho, embora não seja verdadeiramente um dos nossos. Ele não tem respeito pelas leis de Fincayra, do mesmo modo que não tem respeito pela verdade. Quanto mais cedo for exilado, melhor.

Muitas cabeças na multidão balançaram em concordância, capturadas pelo encanto das palavras da velha bruxa. Merlin fez menção de falar novamente, porém alguém falou primeiro.

Era Rhia. Com os olhos azul-acinzentados ardentes, ela encarou a bruxa.

— Não acredito em você. Simplesmente não acredito. — Inspirando fundo, acrescentou: — E não foi você quem se esqueceu de uma coisa? Aquela profecia, uma profecia muito antiga, que apenas uma criança de sangue humano é capaz de derrotar Rhita Gawr e aqueles que o servem! E se isso se referir a Merlin? Ainda vai querer mandá-lo embora?

Domnu abriu a boca, revelando os dentes enegrecidos, depois a fechou bem apertada.

— A garooota faaala a verdaaaade — trovejou a voz grave da Grande Elusa. Erguendo o corpanzil volumoso com suas oito patas, ela olhou diretamente para Domnu. — O garoooto deeeve ficaaar!

Como se o feitiço tivesse sido quebrado, os delegados de todos os tipos bateram os pés, grunhiram ou aplaudiram em concordância. Ao ver aquilo, Domnu fechou a cara.

— Eu avisei a vocês — rosnou a bruxa. — Esse garoto será a ruína de todos nós.

Cairpré sacudiu a cabeça para terminar a conversa.

— O tempo dirá.

Domnu o olhou fixamente. Então se virou e desapareceu na multidão — mas não sem antes disparar um olhar para Merlin, um olhar que fez seu estômago dar um nó.

Rhia se virou para Cairpré.

— Você não vai ajudá-lo a colocar a harpa?

O poeta deu uma risada, sacudindo sua juba desgrenhada.

— Claro. — Ele passou a correia de couro da Harpa por cima da cabeça de Merlin, pousando-a no ombro do garoto. — Você sabe que isso é uma responsabilidade, meu rapaz. Todos nós dependemos de você. Mesmo assim, que também seja uma alegria! Que você consiga fazer outra campina florescer a cada dedilhar destas cordas.

Fez uma pausa, olhando pensativamente para Merlin. Baixando a voz,

acrescentou:

— E que você cure a si mesmo, à medida que cura a terra.

Um rugido de aprovação ecoou em volta do círculo sagrado. Com isso, o Grande Conselho de Fincayra se dispersou.

PARTE UM



SALVADOR

Chegando ao topo da elevação, ergui a Harpa Florescente um pouco mais acima do ombro. Os primeiros raios da alvorada riscavam o céu, pintando as nuvens de escarlate e carmim. Uma luz rubi lambia os morros mais distantes, inflamando as poucas árvores espigadas que permaneciam como pelos esquecidos no horizonte. Entretanto, a despeito das árvores inflamadas, os morros, eles mesmos, permaneciam escurecidos, a mesma cor das folhas quebradiças de grama debaixo de minhas botas de couro — a cor de sangue coagulado.

Mesmo assim, quando meus pés esmagaram a encosta árida, comecei a rir. Mal notei o vento gelado que perfurava minha túnica marrom e mordiscava meu rosto. Pois já me sentia aquecido pela minha missão. A missão que agora já realizava havia mais de três semanas. A missão de reviver a terra.

Do mesmo modo que o grande mago Tuatha, o pai de meu pai, fizera muito tempo atrás, eu havia conduzido a Harpa através dos restos de campinas e florestas. E, como o próprio Tuatha, eu persuadira aquelas terras a voltarem à vida — com surpreendente facilidade, devo acrescentar. A Harpa respondia mais facilmente a cada dia que passava. Ela parecia quase ansiosa por fazer o que eu desejava. Como se estivesse esperando por mim desde os dias de Tuatha.

Na verdade, mesmo em meio ao meu sucesso, me dei conta de que não era um mago. Possuía apenas noções elementares de magia. Eu não duraria um dia como aprendiz de alguém como Tuatha. Mesmo assim... eu era *alguma coisa*. Havia salvado minha amiga Rhia de morte certa nas mãos de Stangmar. Demolira

completamente o castelo dele. Além de destruir os planos de seu amo, Rhita Gawr. Pareceu simplesmente apropriado que o Grande Conselho confiasse a Harpa a mim. E que a Harpa devesse cumprir minhas ordens.

Ao me aproximar de um afloramento de rochas nas sombras, notei uma vala seca que corria mais abaixo dele. Claramente, o sulco não via uma gota de água fazia anos. Qualquer solo que ainda não houvesse sido arrasado parecia tão rachado e seco quanto uma carcaça assada pelo sol. E, a não ser por uma esquelética árvore solitária com apenas uma fina tira de casca no tronco e desprovida de sequer uma única folha, nada vivia ali. Nenhuma planta. Nenhum inseto. Nenhum animal de qualquer espécie.

Sorrindo com confiança, esfreguei o topo retorcido de meu cajado, tateando as ranhuras profundas da madeira e farejando o odor acentuado da cicuta. Pousei-o no chão. Em seguida, puxei do ombro a correia de couro da Harpa, tomando o cuidado para não embolar o cordão da mochila nas ervas que minha mãe me dera em nossos últimos instantes juntos. Apoiando a Harpa sobre o braço esquerdo, observei os intricados entalhes de seus padrões florais, as incrustações de freixo, os buracos de som cuidadosamente espacejados. As cordas, feitas de tripas de bode, reluziam sombriamente sob a luz do início da manhã. E o pescoço, juntando a caixa de ressonância ao pilar, curvava-se tão graciosamente quanto a asa de um cisne. Algum dia, prometi a mim mesmo, aprenderia a fazer uma harpa como aquela.

Quando outra rajada fria soprou em cima de mim, arrastei os dedos pelas cordas. Uma explosão súbita de música se precipitou, uma música alegre, mágica, que iluminou meu coração de um modo que nada que eu já havia ouvido fizera, exceto pelo canto de minha mãe muito tempo atrás. Embora já tivesse carregado a Harpa sobre dezenas de morros, não me sentia nem um pouco cansado de sua música ressoante. Sabia que jamais me cansaria.

Um pequeno broto de samambaia varou o solo e começou a desenrolar. Novamente, dedilhei as cordas.

Imediatamente, toda a encosta desabrochou para a vida. Caules quebradiços se tornaram flexíveis folhas verdes de grama. Um córrego começou a se agitar vala abaixo, encharcando o solo sedento. Pequenas flores azuis, salpicadas com gotículas de orvalho, surgiram repentinamente ao longo das ribanceiras. Uma

nova fragrância preencheu o ar, algo como lavanda, tomilho e cedro combinados.

Sorvi aquela melodia de aromas enquanto ouvia a melodia da Harpa ainda latejando no ar. Então meu sorriso se desfez ao recordar as fragrâncias da coleção de ervas de minha mãe. Quanto tempo havia se passado desde que eu tinha sentido seus odores! Desde antes de eu nascer, Elen dos Olhos de Safira se cercava de pétalas secas, sementes, folhas, raízes, lascas de cascas de árvore e o que mais ela pudesse usar para curar os ferimentos alheios. Às vezes, porém, eu desconfiava de que ela preenchia sua vida com tais coisas justamente porque gostava dos aromas. Eu também — exceto o de endro, que sempre me fazia espirrar.

Entretanto, muito mais do que dos aromas que ela cultivava, eu gostava da companhia de minha mãe. Ela sempre tentava me fazer sentir confortável e seguro. Até mesmo quando o mundo não lhe permitia ser bem-sucedida — o que acontecia com frequência. Ela me sustentou durante todos aqueles anos brutais em Gwynedd, chamado por alguns de País de Gales, sem nunca esperar um agradecimento. Mesmo quando se tornou indiferente e distante, na esperança de me proteger de meu passado, mesmo quando quase sufoquei de raiva diante de sua recusa em responder às minhas perguntas sobre meu pai, mesmo quando revidei, em meio ao medo e à confusão, ao me recusar a chamá-la pela única palavra que ela mais queria ouvir — mesmo então eu a amei.

E agora que finalmente compreendo o que ela fez por mim, não posso lhe agradecer. Ela está longe, muito distante, além da névoa, além do mar, além da costa acidentada de Gwynedd. Não posso tocá-la. Não posso chamá-la por aquela palavra: Mãe.

Um maçarico chilrou no galho da árvore, trazendo meus pensamentos de volta ao presente. Que música alegre, a plenos pulmões! Belisquei mais uma vez as cordas da harpa.

Diante dos meus olhos, a árvore em si explodiu em vida. Botões se formaram, folhas germinaram e borboletas de asas reluzentes voaram para os ramos. Uma casca lisa, cinzenta, revestiu todo o tronco e os galhos. As raízes se expandiram, alcançando a margem do riacho, agora fluindo rapidamente encosta abaixo.

Um pé de faia. Sorri, ao ver seus galhos robustos seguindo em direção ao céu. A brisa ondulava suas folhas prateadas. Alguma coisa relacionada à visão de uma

faia sempre me enchia com sensações de paz, de força silenciosa. E eu a havia salvo. Eu a trouxera de volta à vida. Tal como havia feito com toda aquela encosta e igualmente com muitas anteriormente. Senti a excitação de meu próprio poder. O Grande Conselho fizera uma boa escolha. Talvez eu tivesse mesmo o coração de um mago.

Então notei meu próprio reflexo em uma poça que se formara entre as raízes da árvore perto da margem. Surpreendido pelas minhas bochechas marcadas e por meus olhos negros, cegos, parei de sorrir. Como Rhia descreveu meus olhos na primeira vez que nos encontramos? *Lembram duas estrelas ocultas pelas nuvens*. Gostaria de poder enxergar com meus olhos, meus próprios olhos, novamente.

Enxergar com minha segunda visão era, claro, melhor do que cegueira. Nunca consegui esquecer aquele momento milagroso quando descobri que realmente era capaz de enxergar sem meus olhos. No entanto, uma segunda visão não substitui a vista de verdade. Cores desbotam, detalhes borram, a escuridão pressiona o tempo todo. O que eu daria para curar meus olhos! Embora estivessem queimados e inúteis, sempre soube que eles estavam lá. Lembravam-me constantemente de tudo que eu havia perdido.

E havia perdido tanta coisa! Eu tinha apenas 13 anos e já havia perdido minha mãe, meu pai, e quaisquer que fossem os lares que conhecera, assim como meus próprios olhos. Quase conseguia ouvir minha mãe, com seu jeito encorajador, perguntando se eu também não tinha ganho alguma coisa. Mas o quê? A coragem de viver sozinho, talvez. E a habilidade de salvar todas as terras destruídas de Fincayra.

Voltei-me para o pé de faia. Eu já havia resgatado boa parte dos Morros Sombrios, que se estendiam desde as ruínas do Castelo Oculto, agora um círculo de pedras sagrado, até quase o limite setentrional do Brejo Assombrado. Durante as poucas semanas seguintes, eu daria vida ao restante. Então poderia fazer o mesmo com as Terras Arruinadas. Embora possuísse mais do que sua quota de mistérios, Fincayra não era, afinal de contas, um lugar muito grande.

Pousando a Harpa no chão, fui para mais perto da faia. Coloquei as mãos sobre a casca acinzentada lisa, abri bem os dedos, sentindo o fluxo de vida através do tronco imponente. Então, comprimindo os lábios, emiti um baixo som sibilante. A árvore estremeceu, como se estivesse se livrando de correntes

invisíveis. Seus galhos tremeram, produzindo um som farfalhante bem parecido com o meu.

Assenti, satisfeito com minhas habilidades. Sibilei outra vez. Novamente, a árvore respondeu. Dessa vez, porém, ela fez mais do que estremecer. Pois eu lhe dera uma ordem.

Curve-se. Curve-se até o chão. Eu queria me sentar nos seus galhos mais altos. Depois ordenaria que ela se endireitasse, me erguendo em direção ao céu. Desde que me lembro, eu adorava trepar no alto das árvores. Independentemente das condições climáticas. Mas sempre precisei subir sozinho — até o dia de hoje.

De modo hesitante, com estalos e rangidos consideráveis, o grande pé de faia começou a se curvar. Um pedaço de casca se soltou do tronco. Estendi o pescoço, observando a descida dos galhos mais altos. Enquanto a árvore se curvava diante de mim, escolhi meu assento, uma junção não muito longe do topo.

De repente, ouvi um sussurro. A árvore parou de se curvar. Lentamente, voltou a se erguer. Furiosamente, repeti minha ordem. A árvore parou, então voltou mais uma vez a se curvar em minha direção.

Novamente, aquele mesmo sussurro preencheu o ar. E mais uma vez a árvore parou de se curvar e começou a se erguer.

Meu rosto queimou de raiva. Como era possível? Enfiei os dedos no tronco, pronto para a próxima tentativa, quando uma gargalhada clara, tipo um sino, alcançou meus ouvidos. Girei o corpo e vi uma garota vestida com folhas, olhos azul-acinzentados e cabelos castanhos cacheados densos. Vinhas reluzentes envolviam todo seu corpo como se ela mesma fosse uma árvore. Ela me olhava, ainda rindo, as mãos sobre o cinto de capim trançado.

— Rhia! Eu devia ter adivinhado.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Já enjoou de falar como faias? Você parece um celta novamente.

— Eu teria continuado a falar com a faia, se você não nos tivesse interrompido.

Rhia sacudiu os cachos castanhos, enredados com folhas.

— Não interrompi sua conversa. Apenas sua ordem.

Exasperado, olhei para o alto da árvore, que agora permanecia perfeitamente ereta de novo, as folhas prateadas sacudindo ao vento.

— Deixe-me, sim?

Os cachos balançaram novamente.

— Você precisa de um guia. Caso contrário, pode se perder. — Olhou, preocupada, para o pé de faia. — Ou tentar alguma insensatez.

Arreganhei os dentes.

— Você não é minha guia! Eu a convidei para se juntar a mim, lembra-se? E, quando o fiz, não achei que você fosse tentar interferir.

— E quando comecei a lhe ensinar a língua das árvores, não achei que fosse usá-la para machucá-las.

— Machucá-las? Não está vendo o que estou fazendo?

— Estou. E não gosto. — Ela bateu o pé no chão, achatando a grama. — É perigoso... e desrespeitoso... fazer uma árvore se curvar desse jeito. Ela pode se ferir. Ou mesmo morrer. Se quer se sentar numa árvore, então suba nela.

— Eu sei o que estou fazendo.

— Então não aprendeu nada nas últimas três semanas, tolinho! Não se lembra da primeira regra da linguagem das árvores? *Ouça antes de falar*.

— Observe. Vou lhe mostrar o quanto aprendi.

Ela se aproximou de mim e apertou meu cotovelo com a mão forte.

— Às vezes, você me lembra um menininho. Tão seguro de si com tão poucos motivos.

— Vá embora — bradei. — Eu salvei essa árvore! Eu a trouxe de volta à vida! Posso fazê-la se curvar se eu quiser.

Rhia franziu a testa.

— Não, Merlin. Você não salvou a árvore. — Relaxando o aperto, ela apontou para o instrumento pousado sobre a grama. — A Harpa Florescente salvou a árvore. Você é apenas a pessoa que passou a tocá-la.



Recepção Adequada

— Onde foi parar toda a doçura?

Deitei-me na grama macia e perfumada da campina que se inclinava suavemente, tomando cuidado para não bater a cabeça na Harpa. Mesmo sem fazer uso dos olhos, minha segunda visão conseguia escolher facilmente as bagas cor-de-rosa roliças na mão de Rhia. Eu sabia que sua pergunta se referia às bagas, que não estavam nem perto de estarem doces o suficiente para seu paladar. Mas nos dias que se seguiram desde o nosso confronto diante do pé de faia, eu mesmo fizera essa mesma pergunta com frequência — me referindo à nossa amizade.

Embora aparecesse e desaparecesse em épocas imprevisíveis, Rhia nunca me abandonava por muito tempo. Continuava a me acompanhar pelos cumes e pelos vales, às vezes em silêncio, às vezes cantando. Continuava a acampar nas proximidades e compartilhava a maior parte de suas refeições comigo. Até mesmo continuou a se denominar meu guia, embora estivesse perfeitamente óbvio que eu não precisava de um.

Contudo, apesar de sua presença constante, agora havia um muro invisível nos separando. Se, de certa forma, viajávamos juntos, na realidade viajávamos separados. Ela simplesmente não entendia. E aquilo continuava a me irritar. Eu não conseguia nem começar a explicar para ela a emoção de fazer a terra voltar à vida, de torná-la verde com brotos e promessas. Sempre que tentava, ela me fazia uma de suas preleções sobre a Harpa Florescente. Ou, pior, lançava um dos seus

olhares que pareciam me atravessar, perfurando. Como se ela soubesse tudo que eu pensava e sentia, sem ao menos precisar perguntar. Depois de tudo o que fiz por ela! Seriam todas as garotas tão enlouquecedoramente difíceis como ela?

Gesticulei para o arbusto, seus galhos entrelaçados pesados com bagas cor-de-rosa.

— Se não gosta delas, por que continua a comê-las?

Ela respondeu, ainda puxando bagas dos galhos.

— Deve haver algumas mais doces, em algum lugar. Eu *sei*.

— Como é que sabe?

Ela deu de ombros negligentemente, ao mesmo tempo que jogava um punhado para dentro da boca.

— Humff. Eu simplesmente sei.

— Alguém lhe disse?

— Uma vozinha dentro de mim. Uma voz que entende de bagas.

— Seja sensata, Rhia! Esse arbusto ainda não está maduro. É melhor você procurar outro.

Ela me ignorou e continuou a mastigar.

Arranquei um montinho de grama e o joguei encosta abaixo.

— E se você comer muitas bagas azedas e não sobrar espaço para as doces?

Ela se virou para mim, as bochechas lotadas de bagas como as de um esquilo com nozes.

— Humff — fez ela, engolindo. — Nesse caso, acho que teria de ser um dia de bagas azedas, e não de bagas doces. Mas aquela vozinha me diz que aqui há algumas mais doces. É uma questão de confiar nas bagas.

— Confiar nas bagas! Que diabos está dizendo?

— Exatamente o que eu disse. Às vezes, é melhor enfrentar a vida como se você estivesse flutuando abaixo por um grande rio. Ouvir a água e permitir que ela o guie, em vez de tentar mudar o curso do rio.

— O que bagas têm a ver com rios?

Seus cachos castanhos caíram pesadamente quando ela sacudiu a cabeça.

— Será... que todos os garotos são tão difíceis quanto você?

— Já chega! — Eu me pus de pé e pendurei a Harpa Florescente nas costas, estremecendo com a antiga dor entre as omoplatas. Comecei a atravessar a

campina, a base do cajado deixando uma trilha de pequenos buracos na grama. Ao notar à esquerda um espinheiro revivido, porém ainda curvado, estendi o braço por cima do ombro e belisquei uma única corda. Instantaneamente, o espinheiro se endireitou e explodiu com flores rosa e brancas.

Olhei para trás, esperando que Rhia pelo menos expressasse uma palavra elogiosa, ou mesmo algo mais ou menos caloroso. Ela, porém, parecia completamente ocupada em manusear os galhos do arbusto onde estavam as bagas. Virando para o morro cor de ferrugem que se erguia na margem da campina, segui rapidamente em direção a ele. O cume do morro estava coberto com afloramentos de pedra sombreados, do tipo que poderia ocultar as cavernas de guerreiros goblins. Embora eu tivesse visto muitos lugares como aquele durante minhas viagens pelos Morros Sombrios, ainda não havia descoberto quaisquer sinais dos goblins propriamente ditos. Talvez, afinal de contas, as preocupações de Cairpré não fossem justificadas.

De repente, parei. Reconhecendo os dois calombos pontudos que se erguiam do cume, brinquei com o cajado, girando-o na mão, ao mesmo tempo que brincava com uma nova ideia. Guinei em direção ao oeste, descendo a encosta.

Rhia me chamou.

Plantando o cajado, olhei em sua direção.

— Sim?

Ela agitou a mão suja de baga para o morro.

— Você não está indo na direção errada?

— Não. Preciso ir ver alguns amigos.

Ela franziu a testa.

— E sua tarefa? Não deve descansar enquanto não terminar os Morros Sombrios.

— Não vou descansar! — Chutei a grama abundante debaixo de meus pés. — Mas ninguém disse que devo evitar meus amigos ao longo do caminho. Principalmente amigos que podem realmente agradecer pelo que estou fazendo.

Mesmo com a visão limitada, não pude deixar de notar o rubor no rosto dela.

— Meus amigos têm um jardim. Vou fazê-lo crescer como nunca antes.

Rhia semicerrou os olhos.

— Se eles forem amigos de verdade, serão honestos com você. Dirão para

você voltar e terminar seu serviço.

Aumentei minhas passadas. Uma rija lufada de vento soprou em meu rosto, fazendo com que meus olhos cegos lacrimejassem. No entanto, continuei descendo a encosta, a túnica se agitando em minhas pernas. *Se eles forem amigos de verdade, serão honestos*. As palavras de Rhia ecoaram em minha mente. O que, de fato, era um amigo? Não fazia muito tempo, eu tinha pensado que Rhia fosse minha amiga. Agora ela parecia uma rebarba ao meu lado. Viva sem amigos! Talvez fosse essa a solução. Amigos eram infiéis demais, exigentes demais.

Mordi o lábio. O tipo certo de amigo seria diferente, é claro. Alguém como minha mãe — totalmente leal, sempre dando apoio. Ela, porém, era única. Não havia ninguém igual a ela em Fincayra. Contudo... talvez, com tempo suficiente, eu viesse a sentir o mesmo em relação a outros. Como as duas pessoas que eu estava prestes a visitar, T'eilean e Garlatha. Com um simples toque nas cordas de minha harpa, eu fertilizaria tanto o jardim deles quanto nossa amizade.

O vento abrandou por um momento. Ao enxugar os olhos com a manga, ouvi as suaves passadas de Rhia na grama atrás de mim. Apesar de minha frustração com ela, me senti aliviado de certo modo. Não porque precisasse de sua companhia, é claro. Eu simplesmente queria que ela visse todo o agradecimento e toda a admiração que em breve eu receberia de amigos de verdade.

Virei-me para encará-la.

— Então decidiu vir junto.

Melancolicamente, ela sacudiu a cabeça.

— Você ainda precisa de um guia.

— Não vou me perder, se é isso que quer dizer.

Ela simplesmente franziu a testa.

Sem mais outra palavra, comecei a descer a encosta, meus calcanhares afundando no relvado. Rhia continuava por perto, tão silenciosa quanto uma sombra. Quando chegamos à planície, o que restava de vento cessou. A névoa pairava no ar quente e úmido enquanto o sol nos assava. Agora, quando eu enxugava os olhos era devido ao ardor causado pela transpiração.

Durante uma longa tarde, caminhamos em silêncio. Por várias vezes, quando a campina se tornava seca e quebradiça, eu dedilhava um pouco, deixando atrás de nós um rastro de capins verdejantes, riachos correntes e todos os tipos de vida

renovados. Mas ao passo que o sol continuava a aquecer nossas costas, ele não fazia o mesmo pelo nosso humor.

Finalmente, avistei uma encosta familiar, dividida por uma fissura profunda. Dentro dela, parecendo brotar das rochas e do solo do próprio morro, repousava uma cabana cinzenta de pedra. Ela era limitada por um muro dilapidado e cercada por algumas vinhas rastejantes e árvores frutíferas frágeis. Na verdade, não era bem um jardim. Mas, na época anterior à derrubada do Castelo Oculto, ele parecera um verdadeiro oásis no meio das Terras Arruinadas.

Como meus velhos amigos T'eilean e Garlatha ficariam surpresos quando eu levasse generosidade infinita ao seu jardim escasso! Ficariam sem palavras diante de tanta generosidade. Talvez até mesmo Rhia, finalmente, ficasse impressionada. Do outro lado do muro, à sombra de alguns galhos folhudos, pude distinguir duas cabeças brancas. T'eilean e Garlatha. Lado a lado sobre um leito de flores amarelas reluzentes, suas cabeças balançando lentamente para cima e para baixo, mantendo o ritmo de uma música que somente eles conseguiam ouvir.

Sorri, pensando no maravilhoso presente que eu tinha para eles. Na última vez em que os vira, a caminho do Castelo Oculto, eu nada mais era do que um menino maltrapilho com apenas a mais leve esperança de sobreviver ao dia. Eles nunca tiveram a expectativa de me ver novamente. Nem eu havia esperado retornar. Meus passos se apressaram, assim como os de Rhia.

Antes de estarmos a vinte passos do muro em pedaços, as duas cabeças se levantaram ao mesmo tempo, como lebres em uma campina matinal. T'eilean foi o primeiro a se erguer. Estendeu a mão larga e enrugada para Garlatha, mas ela a afastou com um gesto e se pôs de pé sem qualquer ajuda. Eles observaram nossa aproximação, T'eilean cofiando o bigode rebelde, Garlatha sombreando os olhos. Passei por cima do muro, seguido por Rhia. Apesar do peso da Harpa sobre meu ombro, eu permanecia o mais ereto possível.

As rugas do rosto de Garlatha se vincaram num leve sorriso.

— Você voltou.

— Sim — respondi, me virando para que eles pudessem ver a Harpa. — E trouxe algo para vocês.

A testa de T'eilean se enrugou.

— Você quer dizer que trouxe alguém.

Rhia avançou. Seus olhos azul-acinzentados brilharam ao ver os dois jardineiros idosos diante da cabana simples. Sem esperar para ser apresentada, ela os cumprimentou com um gesto da cabeça.

— Eu sou Rhia.

— E eu sou T'eilean. Essa é Garlatha, minha esposa há 67 anos.

A mulher de cabelos brancos franziu a testa e chutou a canela dele, errando o alvo por pouco.

— Sessenta e oito, seu velho idiota.

— Desculpe, meu amor. Sessenta e oito. — Ele recuou um passo e acrescentou: — Ela está sempre certa, sabe.

Garlatha bufou.

— Alegre-se por termos visitas, ou eu iria atrás de você com minha espátula.

O marido olhou de relance para a espátula semienterrada no canteiro de flores, abanando os braços no ar com a jocosidade de um filhote de urso.

— Está certa novamente. Sem visitas eventuais para me proteger, duvido que eu tivesse sobrevivido por tanto tempo assim.

Rhia conteve uma risada.

Garlatha, o rosto suavizando, alcançou a mão de T'eilean. Eles ficaram juntos, em silêncio, por um instante, tão cinzentos quanto as pedras de sua cabana. Folhas tremiam delicadamente por todo o redor deles, como num tributo às mãos dedicadas que haviam cultivado aquele jardim por tantos anos.

— Vocês me lembram duas árvores — observou Rhia. — Árvores que compartilharam o mesmo solo por tanto tempo, que cresceram juntas. Raízes e tudo o mais.

Garlatha, com os olhos cintilando, olhou para o companheiro.

Eu resolvi tentar novamente:

— Por falar em crescer, eu trouxe para vocês...

— Sim! — exclamou o velho, me interrompendo. — Você trouxe sua amiga Rhia. — Virou-se para ela. — Nós a acolhemos como acolhemos a luz do sol.

Garlatha puxou a manga de minha túnica.

— Que fim levou seu amigo que veio com você antes, o tal com nariz do tamanho de uma batata?

— Shim está bem — respondi bruscamente. — E agora...

— Mas o nariz dele — interrompeu Rhia — está ainda maior do que antes.

Garlatha ergueu uma sobrancelha.

— Aquele sujeito parecia cheio de surpresas.

Com um tom dramático, pigarreei.

— E agora tenho uma surpresa magnífica para vocês dois.

Contudo, antes de eu ao menos ter concluído minha frase, a velha estava falando com Rhia novamente:

— Você é da floresta Druma? Sua veste é tecida no estilo dos elfos da mata.

— A Druma é meu lar, e tem sido por toda minha vida.

Garlatha se inclinou para mais perto.

— É verdade o que ouvi dizer? Que a mais rara de todas as árvores, cujos galhos produzem um tipo diferente de fruto, ainda pode ser encontrada lá?

Rhia ficou radiante.

— O que ouviu falar é verdade. A shomorra existe lá de fato. Pode-se até mesmo dizer que é o meu jardim.

— Então, minha filha, é um jardim e tanto esse seu. Um jardim e tanto!

Com minha frustração aumentando, bati o cajado no solo.

— Eu tenho uma dádiva para conceder a este jardim aqui.

Nenhum dos idosos pareceu me ouvir, pois ambos continuaram a fazer perguntas a Rhia sobre a floresta Druma. Pareciam mais interessados nela do que em mim. Eu, que havia lhes trazido algo tão precioso!

Finalmente, o braço musculoso de T'eilean se estendeu para uma fruta com formato espiral que pendia de um galho acima. Com um movimento gracioso, ele a arrancou. O tom lilás da fruta brilhou em sua palma.

— Um larkon — entoou. — A mais encantadora dádiva da terra ao nosso humilde lar. — Ele me observou em silêncio. — Lembro-me de que você gostou do sabor.

Finalmente, pensei. Mas quando estendi a mão para apanhar a fruta, T'eilean se virou e a ofereceu para Rhia.

— Por isso, tenho certeza de que sua amiga vai desfrutá-la tanto quanto.

Enquanto eu a observava apanhar a fruta, minhas bochechas queimavam. Antes, porém, que eu pudesse dizer alguma coisa, ele arrancou outra fruta em

espiral e a ofereceu para mim.

— Estamos honrados por você ter voltado.

— Honrados? — perguntei, minha voz tingida de descrença. Senti-me tentado a dizer mais, porém me contive.

T'eilean trocou olhares com Garlatha, então se voltou para mim.

— Meu rapaz, recepcioná-lo como convidado em nossa casa é a maior honra que podemos conceder. Foi o que conferimos a você, da última vez, e é o que fazemos agora.

— Mas agora, T'eilean, eu trago a Harpa Florescente.

— Sim, sim, eu já vi. — Os cantos de sua boca se amuaram e, pela primeira vez, ele pareceu revelar o peso de seus muitos anos. — Meu caro rapaz, a Harpa Florescente é o mais maravilhoso de todos os Tesouros, abençoada com a magia da própria semeadura. Mas em nossa casa não acolhemos convidados por aquilo que eles carregam nas costas. Nós os acolhemos por aquilo que carregam em outra parte.

Enigmas! Da parte de alguém que eu julgava amigo. Fechando a cara, afastei alguns fios de cabelos dispersos do rosto.

T'eilean inspirou demoradamente antes de continuar:

— Como seus anfitriões, nós lhe devemos nossa hospitalidade. Assim como nossa franqueza. Se a Harpa está pesando sobre suas costas, então é muito maior o peso de curar nossas terras, antes que seja tarde demais. Muita coisa depende de você, meu rapaz. Certamente, você tem pouco tempo precioso para visitar pessoas simples como nós.

Cerrei o maxilar.

— Perdoe-me, mas estou apenas tentando ser verdadeiro.

— Espere, Merlin — protestou Rhia.

Não ouvi o restante de suas palavras, pois eu já havia pulado o muro de pedras. Sozinho, atravessei a planície a passos largos, as cordas da Harpa dissonando em minhas costas.



III

Vento Quente

Sem nada, a não ser estrelas como cobertor, passei aquela noite enroscado na concavidade da margem de um riacho. Juncos, úmidos de orvalho, repousavam sob minha cabeça. Com uma das mãos, eu conseguia tocar a água corrente que cascateava sobre os degraus de pedras acarpetados com musgo verde. Com a outra, podia sentir a Harpa Florescente e meu cajado descansando no meio dos juncos.

Eu deveria me sentir contente por estar sozinho. Livre do que o mundo chamava de amigos. No entanto, dedilhar as cordas mágicas naquele lugar, trazendo aquele riacho à vida, não me trouxera alegria. Nem ter observado os juncos e os musgos irromperem do solo seco. Nem mesmo ter avistado Pégaso no céu da meia-noite, embora havia muito tempo fosse minha constelação favorita, desde a noite em que minha mãe a mostrara a mim pela primeira vez.

Naquela noite, dormindo de maneira irrequieta, não cavalguei no largo dorso alado de Pégaso como fizera muitas vezes em meus sonhos. Em vez disso, me flagrei em um sonho diferente. Estava sentado sobre uma pedra escarlate, vendo minha mãe se aproximar. De algum modo, meus olhos tinham sido curados. Eu conseguia enxergar novamente. Enxergar de verdade! A luz do sol fazia seus cabelos dourados cintilarem, e um tipo diferente de luz brincava nos vibrantes olhos azuis. Eu conseguia enxergar até mesmo o pequenino ramo de cicuta que ela trazia na mão.

Então, chocado, descobri que meus dentes da frente ficavam mais compridos.

Muito mais compridos. Maiores e maiores, se curvando como as presas de um javali. Aquelas pontas tipo adagas miravam diretamente para meus olhos! À medida que meus dentes continuavam a crescer, eu entrava em pânico. Gritei. Minha mãe veio correndo, mas era tarde demais para ajudar. Meti as unhas no rosto, tentando arrancar os dentes com as mãos nuas. Não conseguia tirá-los. Não conseguia detê-los.

Lenta, inexoravelmente, os dentes se curvaram até alcançar meus olhos. Meus próprios olhos! Em poucos segundos, eles seriam perfurados. Com um grito agudo de dor, senti o rompimento. Eu estava cego novamente, completamente cego.

Acordei.

E ali estava o riacho, agitado a meu lado. E Pégaso, velejando logo acima. Ergui a cabeça dos juncos. Foi apenas um sonho. Por que então meu coração continuava martelando? Cautelosamente, toquei meu rosto, cicatrizado do fogo que havia me cegado na vida real. Doía terrivelmente, por causa dos novos arranhões que eu havia acabado de provocar. Meu coração, porém, doía muito mais. Tudo isso por causa de um incêndio que eu mesmo provoquei! Perder os olhos era ruim demais. Eu ter feito isso comigo mesmo era bem pior. Pela primeira vez em meses, fiquei pensando se Dinatius, o outro menino preso no incêndio provocado por mim, havia sobrevivido. Eu ainda era capaz de ouvir seus gritos de agonia, suas lamúrias de medo.

Enfiei o rosto nos juncos e chorei. O riacho fluía e minhas lágrimas também. No devido tempo, meus soluços cessaram. Mas parecia que seus sons continuavam, em algum lugar além do movimento do riacho. Ergui a cabeça e escutei atentamente.

Mais soluços, pontilhados por gemidos longos, arfantes. Batendo de leve nas bochechas úmidas e doloridas com a manga da túnica, me aproximei sorrateiramente da beirada da água. Apesar da escuridão, minha segunda visão vasculhou um pouco além da região do riacho. Contudo, não consegui descobrir a origem do som melancólico. Talvez fosse apenas minha lembrança ecoando.

Curvando as costas sobre as águas correntes, sondei entre os juncos com as mãos. Meu joelho escorregava na beira da margem enlameada, quase indo parar na água. Continuei procurando, embora nada encontrasse. Nada mesmo. Mas o

soluço e o gemido pareciam vir de algum lugar bem próximo, quase no próprio riacho.

No próprio riacho. Era isso! Mas como era possível?

Comecei a mergulhar a mão esquerda na água, então me contive. A velha dor latejou entre as omoplatas. Seria aquilo algum tipo de truque? Um dos perigos ocultos de Fincayra, como os espectros mutantes que tomam forma de algo agradável apenas por tempo suficiente para atraí-lo para a morte? Rhia saberia. Mas Rhia, me lembrei amargamente, não estava mais comigo.

O gemido brotou novamente. A luz das estrelas cintilava na superfície escura do riacho, fazendo com que se assemelhasse a um rio de cristais. Mordendo o lábio, enfiei a mão. Uma onda gelada banhou meu punho e antebraço. Minha pele tremeu com o choque do frio. Então meus dedos tocaram algo. Liso. Redondo. Mais macio do que pedra. Apalpando para segurar o objeto escorregadio, o agarrei e o retirei da água. Era um frasco, não muito maior do que meu pulso, feito de um invólucro resistente. Sua tampa de couro tinha sido lacrada fortemente com uma grossa camada de cera. Inflado de ar, o frasco gotejante reluzia sombriamente.

Apertei-o. Um choro ruidoso atingiu meus ouvidos. Em seguida, vieram soluços, repletos de angústia. Usando a base de meu cajado de madeira, cortei o anel de cera. Este saiu apenas em parte, como se relutasse em afrouxar seu aperto. Por fim, cedeu totalmente. Arranquei a tampa. Uma lufada de ar soprou em meu rosto. A sensação foi de calidez e calma, e cheirava levemente a canela. Quando o frasco se esvaziou, a lufada de ar percorreu meu rosto e os cabelos como um sopro vivo.

— Obrigado, pessoa, obrigado — surgiu uma vozinha insignificante atrás de minha cabeça.

Larguei o frasco e me virei. Mas nada vi entre mim e as estrelas distantes.

— Ou devo dizer — sussurrou novamente a voz —, obrigado, Emrys Merlin?

Prendi a respiração.

— Como sabe meus nomes?

— Ah, sim — continuou a voz alegremente. — Eu gosto mais do Merlin do que do velho e empoeirado Emrys.

Estendendo o braço, tateei o ar noturno.

— Como sabe tanto? Quem é você? E onde está?

Uma suave risada bafejante se ergueu no ar diante de mim.

— Eu sou Aylah, uma wishlahaylagon. — Ouvi a risada novamente. — Mas a maioria das pessoas me chama simplesmente irmã do vento.

— Aylah — repeti. — Irmã do vento. — Estiquei os braços para o alto novamente e, dessa vez, as pontas dos dedos atravessaram uma corrente de ar quente. — Agora me diga como sabe tanta coisa.

O cheiro de canela ficou mais forte. Um ar quente varreu lentamente à minha volta, fazendo minha túnica flutuar. Senti-me abraçado por um círculo envolvente de vento.

— Eu sei tanto quanto o próprio vento, Emrys Merlin. Pois viajo depressa e para longe, nunca dormindo, nunca parando.

O manto invisível de Aylah continuava a rodopiar lentamente ao meu redor.

— É isso que uma irmã do vento faz, Emrys Merlin. — Um leve soluço fez com que ela parasse. — A não ser que seja capturada, como eu fui.

— Quem faria tal coisa?

— Alguém mau, Emrys Merlin. — O ar quente se afastou, rodopiando, me deixando subitamente com frio.

— Diga-me.

— Alguém mau, aaah, sim — soprou Aylah de perto da margem onde eu havia dormido. — Os nomes dela são muitos, mas a maioria a conhece como Domnu.

Estremeci, mas não por causa do ar da noite.

— Eu conheço Domnu. Conheço seus modos traiçoeiros. Mas não diria exatamente que é má.

— Ela certamente não é boa, Emrys Merlin.

— Não é boa ou má. Ela simplesmente *é*. Um pouco como o destino.

— Destino Sombrio, você quer dizer. — A brisa de Aylah soprou pelas cordas da Harpa, tilintando-as levemente. — Ela é uma daquelas poucas criaturas que são velhas e poderosas o suficiente para capturar o vento. Não sei por que, Emrys Merlin, só sei que ela me trancou naquele frasco e me jogou fora.

— Lamento por você.

Um sopro quente acariciou meu rosto.

— Se você não tivesse me ajudado esta noite, Emrys Merlin, creio que eu teria morrido.

Com minha voz também num sussurro, perguntei:

— O vento pode realmente morrer?

— Ah, sim, Emrys Merlin, pode. — Mais uma vez, ela roçou meu rosto. — O vento, assim como uma pessoa, pode morrer de solidão.

— Você agora não está mais sozinha.

— Nem você, Emrys Merlin. Nem você.



IV

TESOUROS

A emoção de tocar a Harpa, coisa que eu não havia feito desde que deixei os Morros Sombrios, me dominou novamente. De fato, enquanto caminhava pelos platôs ondulados das Terras Arruinadas, a terra parecia explodir com vida nova mesmo antes de eu parar para tocar o instrumento de carvalho. O capim mais seco se curvava diante de mim, ao mesmo tempo que as folhas mais inertes se erguiam do chão, rodopiando e dançando em espirais a meus pés. Pois Aylah se movimentava atrás de mim. Sua brisa delicada frequentemente roçava meus braços e a pequenina gargalhada surgia todas as vezes que eu tocava as cordas mágicas.

Mesmo assim, às vezes meus passos ficavam pesados. Sempre que me deparava com uma cabana de pedra, ou um pomar de árvores frutíferas, me apoiava no cajado, me lembrando com desagrado do meu encontro com T'eilean e Garlatha. Desejava nunca ter pensado em visitá-los e ao seu jardim. Além disso, sempre que olhava para os cumes sombreados para o leste, tinha uma sensação torturante de que estava cometendo um erro por não retornar aos Morros Sombrios para terminar meu trabalho ali. Entretanto... eu simplesmente não me sentia pronto para voltar. Ainda não. Que Rhia e os outros se afligissem um pouco mais.

Vermelho de raiva, dedilhei a Harpa. Para minha surpresa, dessa vez a grama quebradiça debaixo de minhas botas não se transformou em viçosas folhas verdes. Em vez disso, toda a campina pareceu escurecer ligeiramente, como se uma

nuvem tivesse coberto o sol. Intrigado, olhei para o céu. Mas não vi qualquer nuvem.

Impacientemente, dedilhei novamente. A grama, porém, apenas endureceu, escureceu. Franzi a testa para o instrumento. O que havia de errado com ele?

Um vento quente ondulou minha túnica.

— Você está zangado, Emrys Merlin.

Enrijeci.

— Como sabe disso?

— Eu não sei de coisas — bafejou Aylah. — Eu as sinto. E sinto sua raiva nesse instante.

Caminhei mais rapidamente, ansioso para abandonar aquela campina. As folhas escurecidas de grama pinicavam minhas botas como milhares de espinhos.

— Por que está tão furioso, Emrys Merlin?

Após ir para mais além do pedaço de grama enegrecida, parei. Inspirei fundo e exalei lentamente.

— Eu realmente não sei — respondi.

A forma etérea de Aylah me envolveu, enchendo minhas narinas com o cheiro de canela.

— Seria porque sente a falta de alguém?

Apertei o cajado.

— Não sinto a falta de ninguém.

— Nem mesmo de sua mãe?

Meus joelhos quase se dobraram, mas não respondi.

A irmã do vento rodopiou à minha volta.

— Eu não a conheci, Emrys Merlin, mas conheço muitos que tiveram contato com ela. Ela deve ter sido uma boa amiga.

Pisquei para tirar as lágrimas dos olhos.

— Sim. Ela era minha boa amiga. Talvez minha única amiga.

O hálito quente de Aylah tocou meu rosto.

— Fale-me sobre ela, por favor. Eu gostaria de ouvir.

Girando o cajado na grama seca cor de ferrugem, voltei a caminhar novamente.

— Ela amava o céu noturno, com todas as suas estrelas, sonhos e mistérios.

Amava histórias sobre lugares antigos como o Olimpo e a ilha de Delos de Apolo. Amava coisas verdes que cresciam, e todas as criaturas que pairavam, bamboleavam ou nadavam. E ela me amava.

Embora seu rodopio tivesse diminuído, Aylah parecia mais perto de mim do que nunca. Seus ventos me abraçaram.

— Você tem razão — admiti. — Eu sinto falta dela. Muito mais do que pensei ser possível. — Parando, inspirei fundo. — Se ao menos eu pudesse estar com ela novamente, Aylah! Mesmo que por apenas uma hora.

— Eu entendo. Ahhh, sim, entendo!

Ocorreu-me que, apesar de sua forma etérea, Aylah compartilhava algumas qualidades com minha mãe. Ela era cordial, afetuosa. E não tentava me dar conselhos.

Então notei, não muito adiante, um pedaço de terra contendo arbustos baixos com casca azulada e folhas largas. Eu sabia, por ter observado Rhia, que davam uma boa refeição. Pousando a Harpa Florescente e o cajado, fui até os arbustos e arranquei um deles pelas raízes, revelando um tubérculo grosso, azul. Após limpar sua casca com minha túnica, dei uma mordida na carne de sabor forte.

— Posso, de algum modo, dividir esta refeição com você? Não sei o que você come, mas, seja o que for, posso tentar encontrar um pouco para você.

As folhas largas do arbusto adejaram quando Aylah passou por cima delas.

— Eu como apenas as longínquas fragrâncias de terras que ainda não explorei. Fui feita para perambular, sabe. — Delicadamente, ela desgrenhou meu cabelo. — E agora, receio, chegou a hora de nos separarmos.

Parei de mastigar.

— De nos separarmos? Por quê?

A voz etérea falou ao meu ouvido:

— Porque eu sou o vento, Emrys Merlin, e preciso voar. Sempre voando alto, sempre circulando, esse é o meu jeito. Tenho muitos lugares para ver, em Fincayra e também em outros mundos. — Por um momento, ela pareceu pairar perto da Harpa. — E você também precisa voar. Pois ainda tem um trabalho a fazer nos Morros Sombrios.

Franzi as sobrancelhas.

— Até você, Aylah? Pensei que pelo menos você não tentaria me dizer o que

fazer.

— Não estou lhe dizendo o que fazer, Emrys Merlin. Estou apenas lhe dizendo que os ventos trazem fluxos de coisas perturbadoras, coisas más, nos Morros Sombrios. Os aliados de Rhita Gawr começam a se agitar novamente. Ficam mais audaciosos a cada dia. Não demorará para os goblins saírem de suas cavernas e, com eles, os espectros mutantes. Então será tarde demais para você curar a terra.

Meu estômago deu um nó perante as palavras dela. Lembrei-me do alerta de Cairpré, quando me deu a Harpa. *Os Morros Sombrios precisam ser curados antes que Rhita Gawr retorne, ou teremos perdido nossa única chance. Lembre-se: se você se esquivar de sua missão, jamais será perdoado.*

Examinei os cumes no horizonte. Sombras de nuvens os espreitavam.

— Se o que diz é verdade, preciso voltar já. Por que não vem comigo? Para que possamos viajar juntos um pouco mais?

— Eu já fiquei com você, Emrys Merlin, mais tempo do que já estive com uma pessoa que não possuía asas próprias. — Bafejou no meu pescoço. — E agora preciso voar.

Melancolicamente, joguei o tubérculo fora.

— Ouvi dizer que outrora os fincayrianos tinham asas próprias. Talvez seja apenas uma antiga fábula, mas gostaria que fosse verdade. Gostaria que nunca as tivessem perdido. Então talvez eu tivesse as minhas, e poderia voar com você.

Senti um turbilhão de vento pelos meus ombros.

— Ahhh, Emrys Merlin, você sabe o que é isso, não é mesmo? Ter asas e depois perdê-las. Foi uma tragédia! Mesmo se tivessem esquecido como isso aconteceu, muitos fincayrianos não conseguem se esquecer da dor constante entre as omoplatas.

Estendi os braços retesados, sentindo a velha dor.

— Aylah, você sabe como isso aconteceu? Até mesmo Cairpré, com todas as muitas histórias que ouviu, não sabe de que modo os fincayrianos perderam suas asas. Ele me disse, certa vez, que daria metade de sua biblioteca apenas para saber.

O vento cálido agora me envolvia, girando lentamente.

— Conheço a história, Emrys Merlin. Talvez um dia eu lhe conte. Mas agora

não.

— Está mesmo indo embora? É sempre assim comigo. Parece que tudo que encontro, eu perco.

— Espero que me encontre novamente, Emrys Merlin.

Uma lufada súbita sacudiu as mangas de minha túnica marrom. Então, do mesmo modo veloz, sumiu.

Fiquei parado ali por um longo tempo. Finalmente, meu estômago roncou de fome. Ignorei-o. Então, ouvindo-o novamente, me curvei para apanhar o tubérculo que havia jogado fora. Dei outra mordida, pensando em Aylah, irmã do vento. Enfim, depois que acabei de comer, comecei a caminhar — para o leste, em direção aos Morros Sombrios.

Por toda minha volta, as Terras Arruinadas se erguiam e desciam em grandes ondas agitadas. Fui adiante, arrastando os pés, a grama seca estalando debaixo deles. Um vento suave soprou contra minhas costas, refrescando o calor do sol, mas não era o vento que eu desejava. E, mais ainda do que da companhia de Aylah, eu sentia falta da sensação de alegria em minha missão, a qual eu havia apenas acabado de recuperar — e de perder mais uma vez. A Harpa pesava sobre meu ombro.

Às vezes, ao caminhar, tocava na bolsa de ervas curativas que minha mãe me dera pouco antes de nos despedirmos, naquele aposento úmido de pedra em Caer Myrddin. Mais do que nunca eu sentia saudades dela. E também sabia que ela sentia de mim. Se ela estivesse aqui, não me desertaria como os outros fizeram. Mas ela estava tão longe quanto o vento mais distante.

Quando o sol dourado baixou no céu, me aproximei de um grupo de árvores desgrenhadas plantadas em seis ou sete fileiras. Embora não conseguisse enxergar qualquer fruta entre os galhos do pomar, algumas flores brancas cintilavam, soprando um odor familiar em minha direção. Flores de macieira. Inspirei fundo um ar repleto de aroma. Isso, porém, ajudou muito pouco a elevar meu espírito. Talvez tocar a Harpa, sentindo novamente a alegria de trazer vida nova à terra, ajudasse.

Aninhei o instrumento nos braços. Então hesitei, me lembrando de minha estranha experiência na campina às escuras. Meramente um acaso, me tranquilizei. Lentamente, percorri as cordas com os dedos. De repente, um

pincel luminoso varreu as árvores e os campos relvados que as circundavam. Maçãs irromperam dos galhos, intumescendo ao tamanho máximo. Troncos engrossaram, raízes se multiplicaram. As árvores se ergueram para os céus, abanando seus galhos frutíferos orgulhosamente. Meu peito inflou. O que quer que tivesse acontecido à campina que tinha escurecido, certamente agora não era mais um problema.

De repente, uma voz gritou. Um menino de peito nu, com mais ou menos a minha idade, caiu de uma das árvores. Pousou numa vala de irrigação que corria debaixo dos galhos. Outro grito ressoou. Corri para o lugar.

O menino saiu da vala com dificuldade, com cabelo e pele tão escuros quanto o chão. Então, para minha surpresa, outra figura emergiu, parecendo uma versão mais velha, mais larga do menino. Era um homem da terra. Era um homem que reconheci.

Nem ele nem o menino me notaram enquanto eu permanecia à sombra da macieira. O homem sem camisa endireitou as costas largas e então segurou o menino pelos ombros.

— Você se feriu, filho?

O menino esfregou as costelas machucadas.

— Não. — Sorriu timidamente. — Você foi um bom travesseiro.

O homem o olhou, com divertimento.

— Você não costuma cair de galhos.

— Os galhos não costumam se pôr de pé e me sacudir para fora! E, olhe, papá! Estão carregados de maçãs.

O homem arfou. Assim como o menino, olhou, boquiaberto, diante das árvores transformadas. Eu também comecei a sorrir. Aquela era a reação que eu havia esperado obter de Rhia e dos outros — a reação que certamente teria de minha mãe. Ela sempre se deliciava com a beleza e o perfume de maçãs maduras.

— É um milagre, filho. É um presente do grande deus Dagda em pessoa. — Saí das sombras.

— Não, Honn. É um presente meu.

O homem se sobressaltou. Olhou de mim para a árvore que se espalhava acima de nós, e depois de volta para mim. Finalmente, se dirigiu ao filho:

— É ele! O rapaz de quem lhe falei.

Os olhos do menino se arregalaram.

— O tal que esmagou o rei malvado? Que tem o nome como o de um falcão?

— Merlin* — declarei, dando uma palmadinha no ombro do menino. — Seu pai me deu uma ajuda certa vez, quando precisei muito dela.

Honn passou a mão pelos cabelos salpicados de terra.

— Com todos os deuses, rapaz. Até ouvir as histórias de seu sucesso, eu tinha dado você por morto três vezes.

Apoiando-me no cajado, sorri.

— Teve bons motivos para isso. Se não fosse por aquela adaga com a lâmina estreita que você me deu, certamente eu teria morrido três vezes.

Esfregando o queixo forte, Honn me examinou por um instante. Abaixo do peito nu, ele não usava nada além de calças largas de pano marrom. As mãos, por mais rachadas e calosas que fossem, pareciam tão poderosas quanto raízes de árvore.

— Alegro-me pela velha adaga ter se mostrado útil, rapaz. Onde ela está agora?

— Em algum lugar das ruínas do Castelo Oculto. Falhou ao matar um necronte, um dos soldados imortais de Stangmar. Mas ela me fez ganhar segundos preciosos.

— Disso eu me alegro. — Seu olhar se dirigiu ao instrumento mágico. — Vejo que encontrou a Harpa Florescente — disse, cutucando o menino. — Sabe, meu filho, foi realmente um milagre! Nenhum mero mortal, nem mesmo um tão talentoso quanto o jovem falcão aqui presente, seria capaz de fazer tal coisa. Foi a Harpa, e não o rapaz, que ressuscitou nosso pomar.

Encolhi-me, servilmente, então fiz menção de falar. Antes porém que eu conseguisse dizer qualquer coisa, Honn continuou:

— Na minha opinião, filho, todos os Tesouros de Fincayra são objetos milagrosos, produzidos pelo próprio Dagda. — Num tom de voz baixo, quase reverente, acrescentou: — Há até mesmo um arado, uma das Sete Ferramentas da Sabedoria, que sabe como lavrar a própria plantação. Verdade! Dizem que qualquer campo que ele toca produz a safra perfeita, nem de mais nem de menos.

O menino sacudiu a cabeça, maravilhado. Acenando para o arado tosco de madeira que estava ao lado da vala, ele riu.

— Não há possibilidade de ser confundido com aquele ali, papai! Minhas costas doem só de olhar enquanto você o puxa.

Honn sorriu alegremente.

— Não tanto quanto minhas próprias costas doem após você pular de uma árvore em cima de mim.

A dupla gargalhou ao mesmo tempo. Honn envolveu o braço robusto em volta do filho e se virou para mim, o rosto cheio de orgulho.

— A verdade é que tenho meu próprio tesouro. Meu jovem amigo aqui. E, para mim, ele é mais precioso do que um oceano repleto de milagres.

Engoli em seco, percorrendo o dedo pela sacola de couro de minha mãe. Eu sentia o cheiro de suas ervas suaves, superando até mesmo o aroma de maçãs maduras.

— O que você faria, Honn, se algum dia perdesse este tesouro? Este amigo?

Seu rosto ficou duro como pedra.

— Ora, eu faria qualquer coisa em meu poder mortal para recuperá-lo.

— Mesmo que isso significasse deixar sua tarefa incompleta?

— Nenhuma tarefa poderia ser mais importante do que isso.

Assenti soturnamente. *Nenhuma tarefa poderia ser mais importante do que isso.*

Saltando por cima da vala, comecei a caminhar. Quando cheguei ao limite do pomar, parei para encarar os Morros Sombrios, brilhando como carvões em brasa sob o sol poente. A sombra longa e fina de meu cajado parecia apontar diretamente para o morro chanfrado, bem onde eu me desviara de minha missão.

Lentamente, girei para o norte. Eu logo voltaria àqueles morros, e à minha missão. Então, reviveria cada folha de grama até a última que conseguisse encontrar. Primeiro, porém, precisava fazer outra coisa. Precisava reencontrar minha mãe. E, tal como Honn, faria todo o possível em meu poder mortal para conseguir.

Nota

* Em português, um *esmerilhão*. (*N. do T.*)



O Bufão

Fim de tarde do dia seguinte, enquanto filamentos de luz dourada teciam fios reluzentes através do capim das Terras Arruinadas, eu permanecia no topo de uma elevação. Abaixo de mim, havia um agrupamento de casas baixas de tijolos de barro, dispostas num círculo irregular. Seus telhados de palha brilhavam tanto quanto a planície que as cercava. Tábuas compridas de madeira se estendiam entre suas paredes, ligando as casas como os braços de criancinhas formando uma roda. O aroma de grãos torrando num fogo de lenha fazia cócegas em meu nariz.

Senti uma expectativa crescente — e um receio subjacente. Pois aquela era *Caer Neithan, a Cidade dos Bardos*. Eu sabia que o poeta Cairpré prometera ir ali após o Grande Conselho, para ajudar a consertar o dano causado por Stangmar. Também sabia que, se havia uma só pessoa em toda a Fincayra capaz de me ajudar a encontrar minha mãe, essa pessoa era o próprio Cairpré.

Ele não ficaria contente em me ver novamente, com tanto do meu trabalho ainda inacabado. Mas ele também conhecera Elen dos Olhos de Safira, pois tinha sido seu professor anos atrás. Eu acreditava que ele também ansiava pelo retorno de Elen. Certa vez ele não dissera que tinha aprendido mais sobre a arte da cura com ela do que ela aprendera com ele? Talvez, apenas talvez, ele pudesse conhecer algum meio de trazê-la através da cortina de névoa que envolvia esta ilha. Então, finalmente reunido com ela, eu poderia concluir meu trabalho nos Morros Sombrios com o coração feliz.

Desci a encosta, o cajado golpeando o solo pedregoso no mesmo ritmo que a

Harpa batia contra minhas costas. Ouvindo os sons crescentes da aldeia, eu não conseguia esquecer o sinistro silêncio que a envolvera durante minha última visita. Um silêncio que fora, de certa forma, mais alto que uma tempestade trovejante.

Aliás, a Cidade dos Bardos apenas raramente conhecera o silêncio. Nenhum povoado de Fincayra possuía uma tradição tão rica de histórias e canções. Através das eras, fora o lar de muitos dos mais importantes contadores de histórias desta terra, e testemunhara muitas de suas primeiras apresentações. Mesmo o próprio Cairpré, cuja fama como poeta eu conhecera apenas por intermédio de terceiros, tinha nascido numa daquelas casas de paredes de tijolos de barro.

Ao me aproximar dos portões da aldeia, que reluziam sob a luz dourada, mais pessoas começaram a emergir de suas portas. Vestidas com túnicas compridas de tecido branco, elas se destacavam contra o barro seco de suas casas, as tábuas escuras de madeira ligando as edificações, e os canteiros de flores vazios pendendo na maioria dos parapeitos. Segurei a Harpa, tentado a preencher aqueles canteiros com algo mais do que sombras. Mas me contive, decidido a aguardar o anúncio de minha chegada primeiro.

Mais e mais pessoas emergiram. Pareciam surpreendentemente diferentes umas das outras em cor de pele, idade, cabelo, forma e tamanho. Contudo, compartilhavam uma característica comum, além das túnicas brancas. Todas elas pareciam hesitantes, incertas sobre alguma coisa. Em vez de se reunirem no círculo aberto no meio das casas, elas se mantinham nos cantos externos. Algumas permaneciam às suas portas, se movimentando de modo aflito, mas a maioria se sentava nas tábuas de madeira que rodeavam a área aberta. Pareciam se reunir por algum motivo, mas eu não conseguia abandonar a sensação de que havia algo de relutante em seus atos.

Naquele momento, um sujeito alto, magro, usando uma capa marrom sobre a túnica, caminhou para o centro do círculo. Sobre sua cabeça repousava um estranho chapéu de três bicos que pendia precariamente para um lado tal como alguém que havia bebido muito vinho. Dezenas de esferas brilhantes de metal pendiam da aba do chapéu. O homem começou a gesticular os braços longos como patas de aranha, agitando as mangas frouxas, ao mesmo tempo que vociferava algumas palavras que eu não conseguia compreender direito.

Imediatamente, entendi a disposição circular das casas. A cidade toda era um teatro! E eu havia chegado na hora de uma espécie de apresentação.

Ao chegar aos portões da aldeia, parei. Diferentemente da última vez que estivera aqui, nenhum guarda me recebeu com uma lança apontada para meu peito. Em vez disso, fui saudado por uma placa recém-entalhada presa a um dos postes dos portões. Reluzindo sob a luz de fim de tarde, ela dizia, *Caer Neithan, Cidade dos Bardos, saúda todos os que vêm em paz.* Abaixo dessas palavras, reconheci uma parelha de versos de Cairpré: *Aqui a canção nunca tem final, enquanto as histórias sobem a escada espiral.*

Assim que ultrapassei os portões, um homem magro de cabelos desgrenhados saltou de uma das tábuas e se aproximou a passos largos. As sobrancelhas eriçadas, rebeldes como arbustos espinhosos, pendiam sobre os olhos escuros. Esperei por ele, apoiado em meu cajado.

— Olá, Cairpré.

— Merlin — sussurrou, abrindo os braços como se estivesse para aplaudir de alegria. Então, olhando de relance por sobre o ombro para o homem magro que recitava algum trecho, aparentemente mudou de ideia sobre as palmas. — Que bom ver você, meu rapaz.

Assenti, percebendo que ele provavelmente supunha que meu trabalho nos Morros Sombrios tivesse terminado. Não seria fácil lhe contar a verdade.

Novamente, olhou para o homem que recitava e para os rostos sombrios, quase chorosos, das pessoas na plateia.

— Só lamento que você não tenha chegado para uma apresentação mais alegre.

— Ah, tudo bem — sussurrei. — Pelas caras emburradas, parece que aquele sujeito tem o dom de tornar as pessoas tristes. O que ele está recitando? Alguma espécie de poema trágico?

As sobrancelhas de Cairpré subiram bem alto em sua testa.

— Infelizmente, não. — Sacudiu a juba desgrenhada. — Acredite se quiser, o pobre sujeito está *tentando* ser engraçado.

— Engraçado?

— Exatamente.

Então um clamoroso tinir chacoalhante atingiu meus ouvidos. Virei-me para

o ator e vi que ele sacudia a cabeça violentamente, jogando o chapéu pontudo de um lado para o outro. O som vinha das esferas de metal. Eram guizos! Claro, pensei. Justamente para fazer as pessoas rirem. Pena que eles parecessem tão dissonantes, mais como espadas se chocando do que sinos soando.

Observei o homem por um momento. Suas mãos penderam, os ombros arquearam e as costas se curvaram. Além disso, seu rosto inteiro — incluindo a testa, os olhos e a boca — pareceu franzir. O efeito foi calculado, pois, a despeito do corpo magro, ele tinha o pescoço balofo, com fileiras e fileiras de papadas. Por isso, quando a boca franzia para baixo, ela se dobrava cinco ou seis vezes.

De repente, arrancou a pesada capa que o envolvia, como se estivesse para pronunciar um discurso. Então, em tons lentos, tristes, ele começou a cantar — ou, mais exatamente, a lamuriar. Sua voz parecia de choro, a respiração saía como soluços. Assim como Cairpré e a maioria dos aldeões, eu me assustei. O homem talvez estivesse tentando ser engraçado, mas seu canto transmitia toda a alegria de um hino fúnebre.

Quando os guizos soarem com ardor,
Abandone todo seu temor!
Sua prolongada melancolia
Vai se transformar em alegria

Seja alegre, tenha amor:
O bufão chegou!

Meu gracejo é preciso
E leva ao lábio o sorriso!
Meus guizos tocam docemente,
E faço você vibrar totalmente.

Seja alegre, tenha amor:
O bufão chegou!

Enquanto a choradeira continuava, me virei para Cairpré.

— Ele não percebe como soa? É a pessoa menos engraçada que já ouvi.

O poeta soltou um suspiro.

— Creio que ele sabe. Mas, de qualquer modo, continua tentando. Ele se chama Bumbelwy. Desde que era criança, quando espantou os pássaros pela primeira vez com seu canto, ele sonha ser bufão. Não apenas um galhofeiro divertido, mas um verdadeiro bufão, alguém que pratica a nobre arte de vestir a sabedoria com as roupas do humor. Bumbelwy, o Jubiloso, é como ele se denomina.

— Bumbelwy, o Lastimoso, combinaria melhor.

— Eu sei, eu sei. Como eu já disse, *o pão anseia crescer além de seu tamanho*.

Os habitantes, enquanto isso, pareciam tão desanimados quanto o próprio Bumbelwy. Muitos seguravam a cabeça; todos tinham a cara amarrada. Uma menina se soltou dos braços de uma mulher e correu para uma casa próxima, os cabelos negros se agitando atrás dela. Enquanto permanecia em seu lugar, a mulher parecia invejar a menina.

Virei-me para Cairpré, também de cara amarrada.

— Por que alguém ainda o escuta?

— Um dos seus, hã, recitais humorísticos, como ele os chama, é capaz de estragar suas três refeições seguintes. Mas, como todos os demais residentes de Caer Neithan, ele se apresenta no círculo da aldeia todos os anos na data de seu nascimento. — Cairpré sacudiu a cabeça. — E o restante de nós é obrigado a ouvir. Até mesmo aqueles que, como eu, não vivem aqui, mas são bastante azarados por estarem aqui no dia errado.

Ele abanou a mão para o círculo da aldeia, a voz não mais que um sussurro.

— E pensar em todas as apresentações realmente memoráveis que este mesmo lugar já viu! *Martelo Noturno. A Nave da Ilusão. Juramento de Geraint*.

Girando, gesticulou em direção a uma das menores casas, a que parecia a mais velha de todas.

— Pwyll, cujo próprio sorriso desesperançado inspirou volumes de poemas, escreveu seu primeiro ali. — Apontou para uma casa baixa com varanda de madeira. — Laon, o Manco, nasceu lá. E não esqueçamos Banja. Jussiva, o Jubiloso. Ziffian. Todos chamaram esta terra de lar. Assim como muitos outros

bardos lendários.

Novamente, olhei para Bumbelwy, cujos longos braços se agitavam enquanto prosseguia com sua monotonia.

— O único lugar onde ele poderá ser um bufão é em seus sonhos.

Cairpré assentiu tristemente.

— Todos nós temos nossos sonhos particulares. Mas poucos de nós se agarram a sonhos tão remotamente distantes de nossas verdadeiras capacidades! No passado longínquo, Bumbelwy talvez pudesse ter sido salvo por um dos Tesouros de Fincayra, a corneta mágica conhecida por Evocador de Sonhos. Imagine só, Merlin. O Evocador, quando soprado por alguém imensamente sábio, poderia dar vida ao sonho mais acalentado de uma pessoa. Até mesmo um sonho impossível como o de Bumbelwy. É por isso que costumava ser chamado, em histórias e canções, de a Corneta das Boas Novas.

Linhas mais profundas do que as cicatrizes do meu rosto surgiram na testa de Cairpré. Eu sabia que ele estava se lembrando de como Rhita Gawr havia deturpado a magia do Evocador de Sonhos para que desse vida apenas a coisas maléficas. No caso daquela própria aldeia, ele concretizara o sonho mais terrível de qualquer poeta, bardo ou músico: silenciara completamente as vozes de todos que ali habitavam, tornando inúteis os próprios instrumentos de suas almas. Era por isso que a Cidade dos Bardos estava tão silenciosa quanto um cemitério quando estive ali pela última vez. A expressão atormentada de Cairpré me dizia que, embora a maldição em si tivesse ido embora no ato da queda do Castelo Oculto, sua memória continuava viva.

Os guizos no chapéu de Bumbelwy começaram a tinir novamente, mais alto do que antes. Se eu não estivesse segurando o cajado, teria tapado os ouvidos. Cutucando Cairpré, perguntei:

— Por que você não experimenta o Evocador de Sonhos nele?

— Não posso.

— Por quê?

— Antes de mais nada, meu rapaz, não devo tirar nada... e certamente nenhum dos Tesouros... da caverna da Grande Elusa, onde agora eles se encontram. Deixarei isso para alguém mais corajoso. Ou mais estúpido. Mas esse não é o motivo principal. O fato é que não sou sábio o suficiente para usar o

Evocador.

Pisquei, surpreso.

— Não é sábio o suficiente? Ora, o poeta Cairpré é conhecido por toda a terra como...

— Um rimador, um citador, um tolo idealista — completou. — *Vazio de ilusões, transbordando de confusões*. Mas pelo menos sou sábio o suficiente para saber uma coisa importante: o quão pouco eu realmente sei.

— Isso é ridículo. Eu vi sua biblioteca. Todos aqueles livros! Não venha me dizer que não sabe nada.

— Eu não disse que não sei nada, meu rapaz. Eu disse que não sei o *suficiente*. Essa é a diferença. E achar que eu poderia comandar o lendário Evocador de Sonhos... bem, esse seria um ato terrível de húbris.

— Húbris?

— Da palavra grega *hýbris*, que significa arrogância. Orgulho excessivo de si. É um defeito que já derrubou muita gente importante. — Sua voz diminuiu novamente para um sussurro. — Inclusive, me disseram, seu avô.

Assustei-me.

— Refere-se a... Tuatha?

— Sim. Tuatha. O mago mais poderoso que Fincayra já conheceu. O único mortal a ter permissão de visitar o Outromundo para se consultar com Dagda... e a retornar vivo. Até mesmo ele esteve sujeito à húbris. E isso o matou.

A Harpa Florescente pareceu mais pesada de repente, a correia se enterrando em meu ombro.

— Como ele morreu?

Cairpré se inclinou para mais perto.

— Não conheço os detalhes. Ninguém conhece. Tudo que sei é que ele superestimou o próprio poder e subestimou o criado mais terrível de Rhita Gawr, o ogro caolho chamado Balor.

Ele se sacudiu.

— Mas vamos falar de coisas mais agradáveis! Meu rapaz, me fale sobre a Harpa. Você fez um serviço rápido nos Morros Sombrios, tendo em vista que já está aqui na planície.

Mudei de posição desconfortavelmente, esfregando a mão no topo retorcido

do cajado. Ao sentir as ranhuras fundas, o cheiro de cicuta temperou o ar, me lembrando da mulher cujas fragrâncias haviam preenchido minha infância. Chegara o momento de contar a Cairpré o que eu queria fazer — e o que deixara incompleto.

Inspirando fundo, declarei:

— Não terminei meu trabalho nos morros.

Ele prendeu a respiração.

— Não? Encontrou problemas? Guerreiros goblins à solta?

Balancei a cabeça.

— O único problema fui eu mesmo que criei.

Os poços profundos de seus olhos me examinaram.

— O que está dizendo?

— Que descobri algo mais importante do que minha missão. — Encarei o poeta diretamente. — Quero encontrar minha mãe. Trazê-la para Fincayra.

A raiva lampejou no rosto dele.

— Você colocaria todos nós em risco por causa disso?

Minha garganta fechou.

— Cairpré, por favor. Eu concluirei a missão. Prometo! Mas preciso vê-la novamente. E em breve. Isso é pedir demais?

— Sim, é! Você está colocando todas as criaturas desta terra em perigo.

Tentei engolir em seco.

— Elen desistiu de tudo por minha causa, Cairpré! Ela amava sua vida aqui. Amava-a até as profundezas da alma. E abandonou tudo isso só para me proteger. Durante nosso período em Gwynedd, eu fui... sua única companhia. Seu único amigo. Embora eu nunca tivesse feito muita coisa para merecer isso.

Fiz uma pausa, pensando nas músicas tristes dela, em suas mãos curativas, em seus fantásticos olhos azuis.

— Tivemos nossos problemas, acredite. Mas éramos muito mais íntimos do que podíamos perceber. Então, certo dia, eu a deixei lá, completamente só. Simplesmente a deixei lá. Ela deve se sentir infeliz naquele quarto frio de pedra. Talvez até esteja doente, ou em dificuldade. Portanto, embora eu queira trazê-la para cá por mim, isso também é por ela.

A expressão de Cairpré suavizou um pouco. Colocou a mão em meu ombro.

— Escute, Merlin. Eu compreendo. Quantas vezes eu mesmo ansiei por ver Elen novamente! Mas, mesmo se colocarmos os Morros Sombrios de lado, para trazer alguém do mundo além da neblina para cá... bem, fazer isso é impossivelmente perigoso.

— Tem certeza? O mar já me poupou duas vezes.

— Não é o mar, meu rapaz, embora essa viagem seja muito perigosa. Fincayra tem seus próprios modos, seus próprios ritmos, que mortais conseguem apenas supor. Até mesmo Dagda, dizem, não ousa prever quem pode ter permissão de atravessar as cortinas de névoa.

— Não acredito nisso.

Seu olhar obscureceu.

— Haveria perigos para qualquer um trazido de fora para cá e, igualmente, perigos para o restante de Fincayra. — Fechou os olhos, em meditação. — O que você não deve entender é que, a vinda de qualquer um... mesmo a mais minúscula das borboletas... poderia alterar o equilíbrio de vida em Fincayra e causar uma destruição incalculável.

— Você está parecendo Domnu — zombei. — Dizendo que vou ser a ruína de toda a Fincayra.

Ele virou a cabeça em direção aos portões da aldeia, não mais incandescentes com a luz dourada. Mais além deles, os Morros Sombrios faziam zigue-zagues como ondas num mar tempestuoso.

— Pode ser que você seja isso mesmo. Principalmente se não terminar o que começou.

— Não vai me ajudar?

— Mesmo se eu soubesse um jeito de fazê-lo, eu não o ajudaria. Você é apenas um garoto. E um garoto muito mais insensato do que imaginei.

Bati o cajado no solo.

— Eu tenho o poder de fazer a Harpa funcionar, não tenho? Você mesmo disse ao Grande Conselho que tenho o coração de um mago. Bem, talvez eu também tenha o poder de trazer minha mãe para cá.

Sua mão apertou meu ombro com tanta força que me encolhi.

— Não diga essas coisas, nem mesmo como gracejo. É preciso muito mais do que um coração para ser um verdadeiro mago. Você precisa do espírito, da

intuição, da experiência. Precisa do conhecimento... enorme conhecimento sobre os padrões do cosmos e de todas as artes da magia. E, mais do que isso, precisa da sabedoria, do tipo de sabedoria que lhe diz quando fazer uso dessas artes e quando se conter. Pois um verdadeiro mago usa seu poder criteriosamente, do mesmo modo que um arqueiro hábil usa suas flechas.

— Eu não estou falando de flechas. Estou falando de minha mãe, Elen. — Aprumei o corpo. — Se você não me ajudar, terei de encontrar outra maneira.

A testa de Cairpré voltou a enrugar.

— Um verdadeiro mago precisa de mais uma coisa.

— O que é? — perguntei impacientemente.

— Humildade. Escute bem, meu rapaz! Esqueça essa loucura. Pegue a Harpa e volte para sua missão nos morros. Você não faz ideia dos riscos que está correndo.

— Eu assumiria muito mais riscos para trazê-la de volta para mim.

Ele ergueu os olhos para o céu.

— Ajude-me, ó Dagda! — Retornando o olhar para mim, perguntou: — Como posso fazer você entender? Existe um provérbio, tão antigo quanto esta própria ilha, que diz que apenas a mais sábia das conchas da Costa das Conchas Falantes é capaz de guiar alguém através da névoa. Isso parece bastante simples. Entretanto, nenhum mago na história, nem mesmo Tuatha, ousou tentar. Isso lhe incute algum senso de perigo?

Sorri.

— Não. Mas isso me dá uma ideia.

— Merlin, não! Você não deve desafiar isso. Acima de todos os perigos, ainda há mais outro. Para você. Tentar tal ato de profunda magia dirá a Rhita Gawr exatamente onde você está... e mais, receio. Quando ele retornar, determinado a conquistar este mundo e os outros, o perseguirá. Ouça o que lhe digo.

Dei um puxão na correia da Harpa.

— Não tenho medo dele.

As sobrancelhas desgrenhadas de Cairpré se arquearam.

— Então é melhor começar logo. Pois, com uma húbris como essa, você lhe oferecerá a mais doce de todas as vinganças. Torná-lo um de seus criados, exatamente como ele fez com seu pai.

Senti um aperto no estômago, como se tivesse sido golpeado.

— Está dizendo que não sou melhor do que Stangmar?

— Estou dizendo que você é igualmente vulnerável. Se Rhita Gawr não o matar imediatamente, ele tentará escravizá-lo.

Nesse instante, a sombra de um homem caiu sobre nossa direção. Girei para encarar Bumbelwy. Aparentemente, ele tinha terminado seu recital e se aproximara de nós, e estávamos tão absortos na conversa que não percebemos que ele estivera escutando. Ele se curvou em uma reverência meio desajeitada, que fez seu chapéu cair no chão com um ruído chacoalhante. Apanhou o chapéu. Então, os ombros caídos, encarou Cairpré.

— Eu me saí pessimamente, não?

Cairpré, ainda olhando para mim, o dispensou, abanando a mão.

— Em outra ocasião. No momento estou conversando com o garoto.

Virando as papadas enrugadas em minha direção, Bumbelwy perguntou, abatido:

— Então me diga você. Eu me saí pessimamente, ou não?

Achando que, se lhe respondesse, ele iria embora, enruguei o cenho para ele.

— Sim, sim. Você foi péssimo.

Ele, porém, não se foi. Meramente balançou a cabeça, mal-humorado, agitando os guizos.

— É, eu estraguei a apresentação. É bem verdade, é bem verdade, é bem verdade.

— Merlin — grunhiu Cairpré. — Ouça minhas advertências! Eu só quero ajudá-lo.

Senti meu rosto queimar.

— Ajudar-me. Foi por isso que tentou me dissuadir da última vez de ir ao Castelo Oculto? Ou por isso que não me contou que Stangmar era meu pai?

O poeta fez uma careta.

— Não lhe contei sobre seu pai porque temia que essa terrível verdade pudesse ferir você para sempre. Fazer com que duvidasse ou mesmo odiasse a si mesmo. Talvez eu tenha me equivocado sobre isso, assim como me equivoquei em achar que você não conseguiria destruir o castelo. Mas não estou equivocado a respeito disto! Volte para os Morros Sombrios.

Olhei de relance para os portões da aldeia. Encobertos por sombras, estavam escuros como lápides.

— Primeiro, vou à Costa das Conchas Falantes.

Antes que Cairpré pudesse responder, Bumbelwy pigarreou, fazendo suas papadas tremerem. Em seguida, enrolou a capa no corpo, com um quê dramático.

— Eu vou com você.

— O quê? — exclamei. — Não quero que venha.

— É bem verdade, é bem verdade, é bem verdade. Mesmo assim, eu vou.

Os olhos escuros de Cairpré brilharam.

— Você se arrependerá disso muito antes do que eu esperava.

VI

Através da Névoa

Como o gosto azedo que fica em sua boca muito tempo depois de você ter mordido uma fruta podre, Bumbelwy, seus guizos tilintando permaneciam ao meu lado. A diferença é que no caso da fruta você pode lavar a boca e se livrar do gosto. Com Bumbelwy, nenhuma palavra ou gesto o faria dar o fora. Embora caminhasse o mais depressa possível, sem parar nem mesmo para dedilhar a Harpa, não consegui fugir da presença dele.

Ele me seguiu pelos portões de Caer Neithan, enquanto Cairpré observava parado, em silêncio. Acompanhou-me pelas elevações e depressões da planície, caminhando até muito após escurecer, acampou comigo debaixo de um velho salgueiro, e depois continuou através do calor sufocante do dia seguinte. Seguiu-me o tempo todo até o curso de água imponente que eu sabia ser o rio Incessante.

Durante todo o tempo se queixou do calor, das pedras em suas botas e da árdua vida de bufão. Ao nos aproximarmos do rio, me perguntou várias vezes se eu gostaria de ouvir sua famosa charada sobre seus guizos, com a promessa de que melhoraria meu ânimo. Toda vez que eu lhe dizia que não queria ouvir sua charada — ou, no caso, seus guizos —, ele simplesmente ficava um pouco amuado, mas depois voltava a me perturbar.

— Ora, mas é uma charada da pesada, uma *parada* — protestou. — Uma charada comum de um charadista. Não, o contrário. Droga, estraguei novamente o enunciado! É a charada de um charadista normal. Pronto, assim está certo. É

engraçada. É inteligente. — Fez uma pausa, parecendo ainda mais sombrio do que o habitual. — É a única charada que conheço.

Neguei com a cabeça, caminhando depressa em direção ao rio Incessante. Ao nos aproximarmos de sua ribanceira íngreme e pedregosa, corredeiras estrondeantes rugiram abaixo de nós. Os salpicos se erguiam bem alto no ar, fazendo surgir arco-íris que tremeluziam à luz do sol. O borrifar e o rugido ficaram tão altos que, pela primeira vez desde a Cidade dos Bardos, não consegui ouvir os guizos de Bumbelwy. Ou seus apelos para me contar sua charada.

Virei-me para ele. Mais alto do que o martelar do rio, gritei:

— Preciso ir muito longe, o caminho todo até a costa do extremo sul. Atravessar o rio será perigoso. Você deve voltar agora.

Carrancudo, ele gritou de volta:

— Não me quer com você?

— Não!

Fez um franzido de testa com seis camadas.

— Claro que não me quer. Ninguém me quer. — Ele me observou por um momento. — Mas eu quero você, seu garoto de sorte.

Eu o encarei.

— Sorte? Essa é uma coisa que certamente não tenho! Minha vida não passa de um encandeamento de decepções, uma perda após a outra.

— Eu sei — declarou. — É por isso que você precisa de um bufão. — O homem enrugou a testa solenemente e acrescentou: — Para fazer você rir. — Pigarreou. — A propósito, eu já lhe contei minha charada sobre os guizos?

Com um rosnado, impulsionei meu cajado em direção à cabeça dele. Ele se abaixou, se curvando mais do que o normal. O cajado roçou de leve a parte de trás de sua capa.

— Você não é um bufão — berrei. — Você é uma praga! A maldita de uma praga.

— É bem verdade, é bem verdade, é bem verdade. — Bumbelwy exalou um suspiro lamentoso. — Sou um fracasso como bufão. Um fracasso total. Um bufão precisa ser apenas duas coisas, inteligente e engraçado. E não sou nenhuma das duas. — Uma lágrima aflita rolou pelo rosto dele. — Pode imaginar o que é isso? Como me dói, dos polegares aos dedões dos pés? Meu destino é ser um bufão

que deixa todo mundo triste. Inclusive eu mesmo.

— Por que eu? — protestei. — Não poderia ter escolhido outro para seguir?

— Certamente — retrucou, mais alto do que as corredeiras tempestuosas. — Mas você parece tão... infeliz. Mais do que qualquer um que já conheci. Você será meu verdadeiro teste de bufão! Se eu conseguir aprender a fazer você rir, então conseguirei fazer qualquer um rir.

Suspirei.

— Você nunca conseguirá fazer ninguém rir. Isso é certo!

Ele meneou o queixo em minha direção e passou a girar a capa pelo corpo com um floreio. Ao mesmo tempo, porém, tropeçou numa pedra e se desequilibrou, perdendo o chapéu e quase escorregando ribanceira abaixo. Agarrando o chapéu, colocou-o de volta — de cabeça para baixo. Com um rosnado, ele o endireitou, mas não sem antes tropeçar novamente e se estatelar no chão enlameado. Resmungando, pôs-se de pé, tentando limpar os grumos de lama do traseiro.

— Bem, então — declarou com um chacoalhar de guizos —, pelo menos posso lhe dar o prazer de minha companhia.

Revirei os olhos, depois me virei para olhar o rio Incessante. Talvez, se eu pulasse para as águas impetuosas, elas me carregassem rio abaixo. Para longe daquele tormento interminável em forma de homem. Mas, por mais tentado que estivesse a fazê-lo, eu sabia que não seria sábio. O rio corria depressa demais naquele trecho e pedras afiadas se projetavam como adagas. Eu certamente danificaria a Harpa e, provavelmente, a mim mesmo também. Onde estava Rhia quando se precisava dela? Ela saberia falar com o espírito do rio e acalmar as ondas. Encolhi-me, pensando no modo como nos separamos. Porém, foi mais culpa dela do que minha. Ela se sentira tão segura de si. Ficara contente, sem dúvida, em me ver humilhado.

Ajeitei a harpa mais acima no ombro. Pelo menos, assim que atravessasse o rio, eu não seria cercado por aquelas planícies crestadas, se estendendo sem parar como o céu cinza acima, que me lembrava constantemente de minha tarefa incompleta. Ao sul dali, me recordei, o rio se alargava consideravelmente. Lá eu conseguiria atravessar. Então continuaria até a Costa das Conchas Falantes. Com ou sem Bumbelwy.

Para meu desânimo, acabou sendo com ele. O bufão sombrio, com suas mangas se agitando e seus guizos tinindo, me seguiu por uma série de quedas rugientes, através de terra pantanosa e por trechos de pedras lisas da várzea do rio. Finalmente, alcançando os baixios que se formavam ao pé de rochas enormes em formato oval, atravessamos, aos tropeços, o rio Incessante. Água gelada batia em minhas canelas, ao mesmo tempo que o fundo mole sugava minhas botas a cada passo. Era como se, de alguma forma, o próprio rio estivesse tentando impedir meu avanço.

Emergindo da água, continuamos a viagem ao longo da margem ocidental. Por várias horas, caminhamos penosamente ao longo de avenidas de juncos de bordas afiadas. À direita, as árvores imponentes da floresta Druma se estendiam em direção ao céu, cobrindo a terra com um cobertor verde até os distantes Morros Brumosos. Aves com asas reluzentes voavam por entre os galhos — aves que, eu sabia, Rhia seria capaz de identificar. Durante todo o tempo me esforcei ao máximo para ignorar a figura curvada e o tinir de guizos que me seguiam.

Finalmente, avistei uma fileira de dunas sinuosas, com uma muralha ondulante de névoa atrás. Meu coração disparou. Mesmo com os limites de minha segunda visão, fui atingido pelas cores fortes adiante. Areia dourada. Trepadeiras verdes folhudas. Conchas roxas e cor-de-rosa. Flores amarelas.

Minhas botas afundaram na areia fofa quando escalei a primeira duna. Chegando ao topo, finalmente avistei a praia propriamente dita, agitada pelas ondas. A maré estava baixa. Sob a densa cortina de névoa, mariscos e mexilhões cobriam a areia. Eu conseguia ouvi-los esguichando e chapinhando, acompanhados pelo chilrar e patinhar das aves aquáticas com longos bicos em forma de concha. Milhares de moluscos ínfimos se agarravam aos lugares mais rochosos. Havia imensas estrelas-do-mar vermelhas, caracóis de boca larga, e águas-vivas reluzentes por todos os lados. Caranguejos deslizavam na água, se desviando dos pés das aves.

Enchendo os pulmões com a brisa marinha, senti o cheiro de algas outra vez. E de sal. E de mistério.

Abaixei-me para pegar um punhado de areia. Senti-a quente e fina enquanto escorria pelos meus dedos. Exatamente como ela fizera antes, no dia em que vim parar pela primeira vez neste mesmo lugar. Fincayra me acolhera naquele dia, me

dando abrigo das tempestades que enfrentei no mar, bem como aquelas que eu levava em minha cabeça.

Derrubei alguns grãos de areia e os observei descer pelo declive do meu indicador e quicar até a palma da outra mão. Enquanto rolavam, eles brilhavam intensamente, quase como se estivessem vivos. Como minha própria pele. Como a própria Fincayra. De algum modo, percebi, eu começava a me sentir ligado àquela ilha. Por mais que tivesse me sentido frequentemente infeliz ali, sentia uma atração surpreendente pelos seus admiráveis pedaços de terra, por suas histórias assombrosas e — a despeito do modo como sempre me haviam tratado — seus variados habitantes. E por algo mais, difícil de ser definido.

A ilha era, como minha mãe costumava dizer, um *lugar intermediário*, um lugar onde criaturas imortais e mortais podiam conviver. Nem sempre em harmonia, é claro. Mas com todas as riquezas, poder e mistério de ambos os mundos simultaneamente. Parte Céu, parte Terra. Parte este mundo, parte do Outromundo.

Fiquei ali parado, absorvendo os sons e cheiros do litoral de Fincayra. Talvez, um dia, eu conseguisse me sentir verdadeiramente à vontade naquele lugar. De alguma forma, já conseguia, pelo menos mais do que eu jamais me sentira naquela aldeia desgraçada em Gwynedd. Se ao menos uma pessoa em particular estivesse ali, Fincayra talvez até pudesse parecer meu lar. Mas, no momento, essa pessoa estava muito longe. Muito além da névoa, muito além da costa de rochas negras de Gwynedd.

Girando a Harpa, eu a aninhei nos braços. Fazia algum tempo que eu não tangia suas cordas, desde que deixara a planície árida. O que, imaginei, eu conseguiria produzir num lugar tão rico, tão abundante de vida, como aquele?

Belisquei uma única corda, a de tom mais agudo. Ela tiniu, como um pingente de gelo se espatifando. Quando a nota vibrou no ar, surgiu de repente uma única flor vermelha na forma de um sino imenso, ao lado da duna voltado para o mar. Vendo-a oscilar na brisa salgada, ansiei por tocá-la, por cheirá-la.

Mas não havia tempo. Não agora. Largando a Harpa e o meu cajado na areia, verifiquei o espaço para me certificar de que Bumbelwy não iria perturbá-los. Ele já estava sentado na praia, a cara amarrada enquanto banhava os pés inchados nas ondas. Seu chapéu de três bicos, os guizos silenciosos pelo menos por enquanto,

jazia a seu lado. Embora não estivesse muito distante, aparentava estar totalmente absorto.

Vasculhei a praia em ambas as direções. A cada vaivém das ondas, conchas de todos os tamanhos e cores rolavam pela areia. A simples extensão e a simples beleza daquela praia me assombravam, tal como aconteceu no dia em que pisei ali pela primeira vez. Naquele dia, uma concha desta praia me havia sussurrado algumas palavras, palavras que mal consegui entender. Será que eu encontraria outra hoje? E seria capaz de compreender o que ela dizia?

Ali, em algum lugar, estava a concha certa. O problema era que eu não fazia ideia de como era sua aparência. Detinha apenas as palavras de Cairpré. *Existe um provérbio, tão antigo quanto esta própria ilha, que diz que apenas a mais sábia das conchas da Praia das Conchas Falantes é capaz de guiar alguém através da névoa.*

Iniciando com uma concha malhada perto da base de meu cajado, comecei minha caçada por conchas. Achatadas, redondas, espiraladas, septadas, todas encontraram seu caminho para minhas mãos. Contudo, nenhuma parecia a certa. Eu nem mesmo tinha certeza de como procurar. Quase conseguia ouvir Rhia dizer algo tão sem sentido quanto *Confiar nas bagas*. Ridículo, é claro. Ainda assim, eu sabia que precisava confiar em alguma coisa. Só queria saber em quê.

Em meu intelecto, talvez. Sim. Era isso. Agora, como seria a aparência da concha mais sábia? Seria notável. Impressionante. Uma imperatriz da praia. E tão grande em tamanho quanto certamente em sabedoria.

Bumbelwy berrou quando uma grande onda quebrou em cima dele. Assim que a onda recuou, arrastando areia, ela revelou a beirada de uma concha espiralada, de um cor-de-rosa intenso, maior do que qualquer outra dali. Ela estava logo atrás dele, embora o sujeito não parecesse tê-la notado. Seria a tal que eu procurava? Assim que comecei a me aproximar, Bumbelwy se sacudiu, resmungando por causa da água fria, então se recostou. Quando seu cotovelo pousou sobre a concha, ouvi um ruído alto de esfacelamento. Ele gritou e rolou para o lado, segurando o cotovelo ferido. Sacudindo minha cabeça, percebi que minha busca tinha apenas começado.

Apenas a mais sábia das conchas...

Segui pela praia arenosa à procura de qualquer concha que pudesse ser a certa. A despeito da grande variedade de formas, cores e texturas, nenhuma era

suficientemente imponente. Coloquei no ouvido as poucas das quais me aproximei. Mas nada ouvi, exceto o suspirar interminável do mar.

Em pouco tempo cheguei a uma península rochosa que se salientava rumo ao mar, desaparecendo na névoa volúvel. Fiquei parado ali, imaginando se deveria procurar entre as pedras molhadas, e um caranguejo laranja correu pela ponta de minha bota. O caranguejo parou, erguendo os olhinhos como se estivesse me examinando. Então deslizou pela superfície da península e desapareceu.

Por algum motivo, me senti atraído por aquela criaturinha que, assim como eu, perambulava sozinha por aquela praia. Sem pensar, a segui pela península. A névoa me envolveu. Atravessei as pedras cuidadosamente, tentando não escorregar. Embora o caranguejo aparentemente tivesse desaparecido, logo avistei outra concha espiralada. Estava sobre uma placa achatada coberta por algas verdes. Era ainda maior do que a que Bumbelwy havia destruído, quase tão grande quanto minha cabeça. Ela reluzia com um esplendor azul-escuro, apesar da sombra incomum que parecia tremer sobre sua superfície. Certo de que a sombra era apenas um truque da névoa em vagalhões, eu me aproximei.

A cada passo que dava em direção a ela, a concha parecia mais adorável. Linhas brancas reluzentes emolduravam suas curvas graciosas. Senti-me estranhamente atraído, cativado por seus matizes radiantes.

Apenas a mais sábia das conchas...

Naquele instante, uma onda forte irrompeu da névoa, desabando sobre a península. Atingido pelo borrifo, senti o ardor causado pelo sal em meu rosto marcado. A onda recuou, puxando a concha da pedra. Antes que eu conseguisse segurá-la, a concha chapinhou na água e desapareceu num redemoinho de névoa.

Xingando, virei-me de volta para a pedra achatada. Embora a concha tivesse desaparecido, a sombra estranha continuava tremendo sobre as algas. Prestes a inclinar e olhar mais de perto, hesitei. Não sei por quê. Nesse instante, o caranguejo emergiu de debaixo de uma pedra próxima. Ele andou de lado sobre a península, passando por baixo de uma saliência antes de emergir do outro lado. Ao seguir lateralmente pela borda de uma piscina natural formada pela maré, ele mergulhou num emaranhado de madeira flutuante.

Tendo perdido o interesse por seguir o caranguejo, afastei-me dali. Meu olhar caiu sobre outra piscina formada pela maré, clara e serena. No fundo, algo

brilhava em meio a algas marinhas. Curvando-me bem, avistei apenas uma concha um tanto quanto comum, marrom, com uma enorme mancha azul, aninhada entre alguns ouriços-do-mar roxos. Ainda assim, ela despertou minha curiosidade. Com todo o cuidado para evitar os espinhos afiados dos ouriços-do-mar, alcancei a concha na água fria e a retirei.

A concha de aparência comum cabia folgadamente na minha palma. Quase como se pertencesse à minha mão. Sopesei-a, aferindo seu peso. Pareceu mais pesada do que eu teria imaginado para algo tão compacto.

Levei-a ao ouvido. Nada. Contudo, havia algo de notável naquela concha. Com a voz insegura, perguntei:

— Você é a concha mais sábia?

Para meu espanto, ouvi uma voz salivante, crepitante.

— Você é um tolo, menino.

— O quê? — Sacudi a cabeça. — Você me chamou de tolo?

— Um tolo estúpido — vociferou a concha.

Meu rosto esquentou, porém mantive a calma.

— E quem é você?

— De modo algum, a concha mais sábia. — A concha pareceu estalar os lábios. — Mas não sou tola.

Senti vontade de jogá-la no meio das ondas. No entanto, minha determinação em trazer minha mãe de volta permaneceu mais forte do que minha raiva.

— Então me diga onde posso encontrar a concha mais sábia.

A concha marrom deu uma gargalhada, respingando água em meu ouvido.

— Tente algum lugar onde madeira e água se encontram, menino tolinho.

Intrigado, virei a concha na mão.

— As árvores mais próximas ficam do outro lado das dunas. Não há qualquer madeira junto à água.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Falou o tolo.

Com relutância, examinei a península. Finalmente, notei os fragmentos de madeira flutuante por onde o caranguejo havia desaparecido. Algas podres envolviam a madeira como se fossem farrapos. Balancei a cabeça, descrente.

— Não se refere àquela pilha lamentável ali.

— Falou o tolo — repetiu a concha.

Sem muita certeza de estar fazendo a coisa certa, larguei a concha marrom dentro da piscina e segui para a madeira flutuante. Retirando as algas, procurei algum sinal de uma concha. Nada.

Estava para desistir, quando notei uma forma minúscula numa fenda na madeira. Era uma concha cor de areia, no formato de um pequeno cone. Caberia facilmente no meu polegar. Ao levantar a concha em minha direção, uma criatura preta, tipo uma minhoca, saiu parcialmente da abertura da base, depois, rapidamente, encolheu de volta para dentro. Receoso de colocar tal coisa perto demais de meu ouvido, mantive-a a uma certa distância. Embora não pudesse ter certeza, pensei ter ouvido um murmúrio fraco, aquoso.

Cautelosamente, trouxe o objeto para mais perto. A voz aquosa surgiu novamente, como uma onda quebrando nas câmaras mais internas da conchinha.

— Você, *splashhh,* escolheu bem, Merlin.

Prendi a respiração.

— Você disse o meu nome?

— Disse, *tchaaa*, mas você não sabe o meu. É, *splashhh*, Washamballa, a sábia entre as conchas.

— Washamballa — repeti, aninhando o pequeno cone úmido no lóbulo da orelha. Algo em sua voz fez minha esperança aumentar. — Você sabe também por que vim?

— Isso, *tchaaa*, eu sei.

Meu coração disparou.

— Então... Então vai me ajudar? Vai trazê-la de volta a Fincayra?

A concha nada disse por vários segundos. Finalmente, sua vozinha borbotante voltou a falar.

— Eu não deveria ajudá-lo, Merlin. Os riscos, *tchaaa*, são grandes, maiores do que imagina.

— Mas...

— Eu não deveria — continuou a concha. — Mas sinto algo em você... algo a que não consigo resistir. Ainda que tenha muito mais a aprender, *splashhh*, isso pode muito bem fazer parte do processo.

Quando Washamballa fez uma pausa, fiquei ouvindo sua respiração aquosa. Não ousei dizer nada.

— Poderemos ter sucesso, *tchaaa*, ou poderemos fracassar. Isso eu não sei, pois até mesmo o sucesso pode ser um fracasso disfarçado. Mesmo assim, *splashhh*, deseja tentar?

— Sim — declarei.

— Então me aperte, *tchaaa*, contra seu coração e se concentre na pessoa por quem anseia.

Segurando a concha, pressionei-a contra o peito. Pensei em minha mãe. Sua coleção de ervas, pungentes e picantes. Seus olhos azuis, tão cheios de sentimento. Sua bondade, sua conduta tranquila. Suas histórias sobre Apolo, Atenas e o lugar chamado Olimpo. Sua fé — em seu Deus e em mim. Seu amor, silencioso e forte.

A névoa me envolveu. Ondas lamberam minhas botas. Porém nada mais aconteceu.

— Tente com mais empenho, *tchaaa*. Precisa se esforçar mais.

Senti a tristeza de Elen. Que ela nunca mais poderia voltar a Fincayra. Que nunca veria seu filho crescer até se tornar um homem — e que ele, em todos aqueles anos em Gwynedd, se recusara a chamá-la de mãe. Uma palavra simples, um vínculo poderoso. Encolhi-me, me lembrando de quanta dor eu havia lhe causado.

Lentamente, a presença dela foi ficando mais forte. Podia sentir seu abraço, o modo como outrora eu me sentia seguro envolto nele. Como, pelo menos por um breve momento, consegui esquecer todos os tormentos que nos assombraram. Pude sentir as raspas de casca de cedro em seu travesseiro. Pude ouvir a voz dela me chamando através de oceanos de água, os oceanos de saudade.

Então veio o vento. Um vento furioso, uivante, que me jogou nas pedras e me encharcou de água. Ele assolou por vários minutos, me atingindo incessantemente. De repente, ouvi um *crec* retumbante, como se alguma coisa mais além da névoa tivesse se quebrado. As nuvens ondulantes diante de mim começaram a mudar, se juntando em formas estranhas. Primeiro, vi uma cobra, se enrolando para dar o bote. Antes que fizesse isso, porém, seu corpo se fundiu à névoa, formando uma flor. Lentamente, a flor inchou, mudando para um imenso

olho que não piscava.

Então, no meio do olho, surgiu uma forma escura. Somente uma sombra a princípio, que cresceu rapidamente, se tornando mais sólida. Não demorou muito, e a forma se assemelhava quase a uma pessoa tateando no meio da névoa. Cambaleando para a praia.

Era minha mãe.



VII

De Cabeça e Alegremente

Ela desmaiou, se estatelando sobre as pedras negras, molhadas. Os olhos estavam fechados e a pele leitosa parecia pálida e sem vida. Cabelos longos e destrançados, dourados como uma lua de verão, se grudavam em amontoados desordenados em seu manto azul-escuro. Entretanto, respirava. Ela estava viva.

Dando à conchinha um aperto breve em agradecimento, coloquei-a entre os pedaços de madeira flutuante. Então corri para o lado de minha mãe. De modo hesitante, estiquei o braço para alcançá-la. Bastou meu dedo tocar sua maçã do rosto marcante e proeminente, e ela abriu os olhos. Fitou-me por alguns segundos, parecendo confusa. Então Elen dos Olhos de Safira pestanejou, se ergueu apoiando em um dos cotovelos e falou com a voz que eu tinha pensado que nunca mais ouviria novamente.

— Emrys! É você!

Embora a gratidão sufocasse minha voz, respondi:

— Sou eu... mãe.

Ao me ouvir pronunciar essa palavra, um tom rosado lhe afogueou as bochechas. Lentamente, ela estendeu a mão. Embora sua pele estivesse molhada e fria como a minha, seu toque provocou ondas de calidez pelo meu corpo. Ela se sentou e nos abraçamos.

Após uns segundos, ela se afastou. Correndo os dedos pelo meu rosto e olhos queimados delicadamente, ela parecia estar olhando sob minha pele, dentro de minha própria alma. Dava para perceber que estava tentando sentir tudo que eu

sentira nos meses desde que nos separamos.

De repente, ao tocar no meu pescoço, ela prendeu a respiração.

— O Galator! Oh, Emrys. Ele sumiu!

Baixei meus olhos cegos.

— Eu o perdi.

Como poderia lhe dizer que o perdera a caminho de encontrar meu pai? E que, quando finalmente o encontrei, eu perdera muito mais?

Levantei a cabeça.

— Mas tenho você novamente. Estamos juntos, aqui em Fincayra.

Ela assentiu, os olhos transbordando de lágrimas.

— E também tenho um novo nome.

— Um novo nome?

— Merlin.

— Merlin — repetiu ela. — Como o esmerilhão, o falcão que voa alto.

Uma pontada de dor percorreu meu corpo ao recordar meu amigo Transtorno, o pequeno falcão que dera sua vida para salvar a minha. Esperava ternamente que ele continuasse voando alto em algum lugar do Outromundo. Ainda agora, sentia falta da sensação familiar de Transtorno empertigado em meu ombro.

E a verdade era que, eu também sentia falta de meus outros amigos. Amigos que eu conhecera por algum tempo — e então perdera. Cairpré. Honn. T'eilean e Garlatha. Aylah, a irmã do vento. Até mesmo Shim, que havia se arrastado para as montanhas semanas atrás. E, sim, Rhia.

Apertei a mão de minha mãe.

— Não vou perder você novamente.

Ela ouviu minha promessa, a expressão igualmente pesarosa e amorosa.

— Nem eu vou perder você.

Virei-me em direção às dunas. Bumbelwy estava sentado à beira d'água, lustrando seus guizos na manga. Parecia determinado a ignorar as gaivotas que continuavam puxando sua capa salpicada de lama. A Harpa Florescente, juntamente ao meu cajado, permanecia na areia, bem onde eu os deixara. Não muito mais longe, a sedutora flor vermelha balançava na brisa do mar.

— Venha — levantei-me, puxando minha mãe, colocando-a de pé. — Tenho

uma coisa para lhe mostrar.

Atravessamos a península rochosa para a areia fina da praia. Enquanto seguíamos, os braços em volta da cintura um do outro, saboreei a alegria de caminhar com ela novamente. De estar com ela novamente. E quando pensei em lhe mostrar a Harpa, e tudo que eu era capaz de induzi-la a fazer, meu coração disparou.

Agora eu estava sentindo meu poder, exatamente como ela havia previsto muito tempo atrás. Ela me dissera que o próprio Tuatha adquirira seus poderes ao entrar na adolescência. Portanto, fazia sentido que acontecesse o mesmo comigo. Afinal, eu já não havia feito algo que Tuatha, apesar de toda sua feitiçaria, nunca tentara? Sorri comigo mesmo. Nem sequer as névoas mutáveis que cercavam aquela ilha poderiam resistir a mim.

Ao nos aproximarmos da Harpa Florescente, ela arfou, maravilhada. Por causa de sua afeição por qualquer coisa viva e cultivável, não fiquei surpreso ao perceber que não foi a Harpa que lhe atraiu atenção. Foi a Flor Vermelha brotando da duna. Realmente, a flor parecia ainda mais bonita agora do que logo depois de emergir. O cálice profundo de suas pétalas, em formato de sino, se encaixava graciosamente em seu talo arqueado. Folhas verdes reluzentes, perfeitamente redondas, circundavam o caule como dezenas de pedras preciosas. Gotas de orvalho brilhavam na beira de cada pétala.

— Preciso cheirar aquela flor — declarou ela.

— Claro. — Meu sorriso aumentou. — Afinal, fui eu que a fiz.

Ela parou, se virou para mim.

— Você a fez? Mesmo?

— Com um movimento de dedo — falei orgulhosamente. — Venha. Vamos olhar mais de perto.

Conforme eu me aproximava da flor, meu próprio desejo de cheirá-la ficava cada vez mais forte. Não apenas sorver um pouco de sua fragrância, mas afundar o rosto inteiro em suas pétalas. Embriagar-me profundamente em seu néctar glorioso. Mergulhar nela, de cabeça e alegremente. Mal notei a sombra estranha e tremulante através das pétalas. Apenas outro truque da luz nebulosa, conforme eu já vira. E nenhuma sombra, por mais escura que fosse, seria capaz de obscurecer a beleza radiante daquela flor.

O braço de minha mãe se afastou de minha cintura, e o meu da dela. Continuamos caminhando em direção à flor, mudos, como se estivéssemos em transe. Nossos pés batiam na areia molhada, deixando uma trilha de pegadas negras atrás de nós. Tudo no que eu conseguia pensar era em cheirar o maravilhoso aroma da flor. A apenas um passo de distância dela, a brisa salgada soprou em nossos rostos. Desatentos, nós dois nos abaixamos em direção ao cálice convidativo.

Hesitei por um instante, me perguntando se deveria deixá-la ir primeiro. Ela gostaria muito. Então as sombras voltaram a se mexer — e minha ânsia de cheirar a flor ficou ainda mais forte, tão forte que me esqueci de tudo o mais. Abaixei o rosto. Mais perto. Mais perto.

De repente, uma sombra verde saltou da crista da duna. Chocou-se contra mim, me derrubando para trás. Rolei até parar, coberto de areia, então me virei para enfrentar meu agressor.

— Rhia! — Cheio de raiva, cuspi parte da areia que havia em minha boca. — Está tentando me matar?

Saltando para se pôr novamente de pé, ela me ignorou completamente e se virou em direção à minha mãe.

— Pare! — gritou com toda a força de seus pulmões. — Não faça isso!

Elen, porém, não prestou atenção. Com uma das mãos, afastou o cabelo do rosto e se curvou para a flor vermelha.

Vendo isso, Rhia começou a arremeter do declive da duna. Um grito terrível se apossou dela — até mesmo gelou o sangue em minhas veias. Uma massa escura saltou do centro da flor, diretamente para o rosto de minha mãe. Ela cambaleou para trás, levando as mãos à face.

— Não! — gritei para o céu, para o mar, para a névoa. — Não!

Mas era tarde demais. Minha mãe caiu, rolando duna abaixo. Quando parou, vi que seu rosto todo estava coberto por uma sombra que se contorcia. Então, para meu pavor, a sombra deslizou para o interior de sua boca e desapareceu.

VIII

A Linguagem do Ferimento

Corri para o lado dela. Elen jazia com o corpo encolhido na base da duna. A areia molhada sujava seu manto azul e um lado de seu rosto. A brisa do mar aumentou, enviando fragmentos de névoa pela praia.

— Mãe!

— Ela é sua mãe? — perguntou Rhia, se juntando a mim. — Sua mãe de verdade?

— É o que sou — respondeu Elen fracamente ao rolar e se deitar de costas. Seus olhos azuis buscaram meu rosto. — Você está bem, meu filho?

Limpei a areia da bochecha dela.

— Bem? — gritei. — Bem? Estou destruído. Totalmente destruído. Eu não a trouxe aqui para ser envenenada!

Ela tossiu violentamente, como se tentasse expelir a sombra. Seu rosto, porém, apenas ficou mais aflito, mais amedrontado.

Virei-me para Rhia.

— Eu gostaria que você tivesse salvado a ela e não a mim.

Ela puxou uma das vinhas entrelaçadas em sua roupa.

— Sinto muito por não ter chegado mais cedo. Procurei você por toda parte. Finalmente, cheguei a Caer Neithan várias horas após você ter partido. Quando Cairpré me contou o que você estava fazendo, eu o segui o mais depressa que pude. — Com pesar, ela olhou para Elen. — Deve ser uma sensação horrível. Igual a engolir um pesadelo.

— Eu... eu estou bem — reagiu ela, embora sua expressão deplorável dissesse o contrário. Tentou se sentar, mas caiu de costas na areia.

Guizos soaram atrás de mim. Uma voz conhecida gemeu:

— Sinto morte no ar.

Virei-me.

— Vá embora, sim? Você é tão ruim quanto aquela flor venenosa!

Sua cabeça pendeu mais do que o habitual.

— Eu compartilho sua dor. De verdade. Que tal se eu aliviar seu fardo com uma das canções de humor jubilosas de Bumbelwy?

— Não!

— Que tal então uma charada? Aquela famosa, sobre os guizos?

— Não!

— Está bem então — vociferou. — Nesse caso, não vou lhe contar que não foi a flor que a envenenou. — Franziu as sobrancelhas várias vezes. — E, com certeza, não lhe direi que foi Rhita Gawr.

Meu estômago se contraiu, ao mesmo tempo que minha mãe arfava. Agarrei a manga frouxa da roupa dele e o sacudi, fazendo os guizos tinirem.

— Por que você diz isso?

— *A sombra da morte*. Eu ouvi a respeito dela muitas vezes. Vezes demais até mesmo para um idiota como eu ser capaz de esquecer. É um dos métodos favoritos de Rhita Gawr para obter vingança.

Elen estremeceu e gemeu de dor.

— Ele fala a verdade, meu filho. Se não tivesse perdido o juízo por causa do feitiço, eu teria me lembrado mais cedo. — Ela contorceu o rosto, ao mesmo tempo que a brisa voltou a aumentar, como se o próprio mar tivesse dado um grande suspiro.

— Mas por que eu? Por que eu? — perguntei.

Senti-me fraco de repente. Pois eu sabia que a sombra da morte não tinha sido destinada à minha mãe. Fora destinada a mim. Mas por minha causa — devido à minha própria estupidez — a sombra atacara a ela em vez de atacar a mim. Eu deveria ter dado ouvidos a Cairpré! Eu nunca deveria tê-la trazido aqui.

— Rhita Gawr reserva esse método somente para aqueles cuja morte ele realmente aprecia — entoou Bumbelwy. — Pois é lenta, dolorosamente lenta. E

horrível além do que quaisquer palavras são capazes de descrever. A pessoa afetada sofre por um mês inteiro... durante as quatro fases da lua... antes de finalmente perecer. Mas os momentos finais da morte, ouvi dizer, contêm mais agonia, mais tormento, mais dor excruciante do que todo o mês.

Mais uma vez, Elen gemeu, levando os joelhos até o peito.

— Basta! — Agitei os braços para o bufão obstinado. — Pare de falar essas coisas! Quer matá-la mais cedo? É melhor não falar nada... a não ser que conheça a cura.

Bumbelwy se afastou, sacudindo a cabeça.

— Não existe cura.

Comecei a abrir minha bolsa de ervas.

— Talvez haja alguma coisa aqui...

— Não existe cura — repetiu pesarosamente.

— Ah, mas *tem* de haver — objetou Rhia, se ajoelhando ao lado de minha mãe e lhe acariciando a testa. — Existe cura para todas as enfermidades, não importando o quão horríveis sejam. É preciso conhecer a linguagem do ferimento.

Por um instante fugaz, o rosto de Elen se iluminou.

— Ela tem razão. Deve haver uma cura. — Observou Rhia por um longo momento. Então, com a voz fraca, perguntou: — Como é seu nome, jovem? E como é que sabe tanto sobre a arte da cura?

Rhia deu um tapinha em sua roupa de vinhas entrelaçadas.

— As árvores da Druma me ensinaram. Elas são minha família.

— E seu nome?

— A maioria das pessoas me chama Rhia. Exceto os elfos do bosque, que ainda usam meu nome completo, Rhiannon.

O rosto de minha mãe se contorceu de dor — mas, pelo menos a meu ver, não pareceu ser por causa de seu corpo doente. Provavelmente tinha sido por causa de um tipo diferente de dor, sentido em outro tipo de lugar. Contudo, ela nada disse. Simplesmente virou o rosto para a névoa em vagalhões mais além da praia.

Rhia se aproximou mais.

— Por favor, me diga seu nome.

— Elen. — Ela olhou em minha direção. — Mas também sou chamada de Mãe.

Senti uma pontada de dor no coração. Ela ainda não fazia ideia de que aquilo tudo era culpa minha. Que eu a havia trazido até ali, indo contra a mais incisiva das advertências de Cairpré. Que eu tentara, na minha ignorância — não, na minha arrogância — agir como um mago.

Rhia continuava a acariciar a testa de Elen.

— Você já está com febre. Acho que vai piorar.

— Vai piorar — declarou Bumbelwy. — Tudo sempre fica pior. Muito pior.

Rhia disparou um olhar urgente para mim.

— Precisamos descobrir a cura antes que seja tarde demais.

Bumbelwy começou a andar pela praia, as mangas de sua camisa farfalhando.

— Já é tarde demais. Com esse tipo de coisa, mesmo cedo demais é tarde demais.

— Talvez haja uma cura que ninguém tenha descoberto ainda — retrucou Rhia. — Precisamos tentar.

— Tentem o quanto quiserem. Não vai adiantar. Não, é tarde demais. Muito tarde demais.

Minha mente girava, dividida entre a esperança imperativa de Rhia e o pessimismo de Bumbelwy. Nenhuma das alternativas parecia genuína. Mas ambas pareciam plausíveis. Eu queira acreditar em uma delas, mas temia que o outro estivesse certo. Uma dupla de gaivotas gritou, arremetendo para pousar num leito de estrelas-do-mar e mexilhões. Mordi o lábio. Mesmo se houvesse uma cura, como seria possível descobri-la a tempo? Ali, naquela praia remota, sem nada mais além de dunas de areia e ondas retumbantes, não havia ninguém a quem recorrer. Ninguém para ajudar.

Endireitei-me de repente. *Havia* alguém a quem recorrer! Ergui-me em um salto e atravessei a praia correndo rumo à península envolta em névoa. Ignorando as ondas nas pedras escorregadias, tropecei várias vezes. Mas para piorar, em meios ao turbilhão de vapores, não encontrei qualquer sinal que fosse da pilha de madeira flutuante onde eu tinha deixado a velha concha sábia. Teria sido arrastada por uma onda forte? Meu coração quase parou. Talvez eu nunca mais a encontrasse!

Dolorosamente, de quatro, vasculhei as pedras molhadas, revirando águas-vivas escorregadias e examinando piscinas formadas pela maré. Finalmente, encharcado pelo borrifo da água, avistei um pedaço de madeira flutuante. E ali, nela, descansava uma conchinha. Seria a mesma? Rapidamente, coloquei o cone cor de areia sobre o ouvido.

— Washamballa, é você?

Não veio nenhuma resposta.

— Washamballa — supliquei. — Responda-me, se for você! Existe alguma cura para a sombra da morte? Qualquer cura que seja?

Finalmente, ouvi um longo e aquoso suspiro, como o som de uma onda quebrando lentamente.

— Você aprendeu, *tchaaa*, uma lição muito dolorosa.

— Sim, sim! Mas você pode me ajudar agora? Diga-me se existe alguma cura. Minha mãe está morrendo.

— Você ainda, *tchaa*, tem o Galator?

Fiz uma careta.

— Não. Eu... eu o dei.

— Pode consegui-lo de volta, *splashhh*, muito depressa?

— Não. Está com Domnu.

Senti a baforada de desânimo da concha ao meu ouvido.

— Então você está além de qualquer ajuda. *Splashhh*. Pois existe uma cura. Mas, para encontrá-la, *splashhh*, você precisa viajar para o Outromundo.

— O Outromundo? A terra dos espíritos? Mas o único meio de ir para lá é morrendo! — Neguei com a cabeça, espirrando gotas de água de meus cabelos negros. — Eu faria até mesmo isso, caso meu ato a salvasse, faria mesmo. Mas, mesmo se fizesse a Longa Jornada da qual ouvi falar, a única que leva ao Outromundo, eu nunca conseguiria voltar para cá novamente com a cura.

— Verdade. A Longa Jornada leva o morto, *splashhh*, para o Outromundo, mas não o traz de volta para a terra dos vivos.

Uma outra ideia me ocorreu.

— Espere! Tuatha... meu avô... descobriu um meio de viajar vivo para o Outromundo. Para se consultar com o grande Dagda, creio eu. Seria possível eu seguir o caminho de Tuatha?

— Foi o caminho que finalmente o matou. *Tchaaa*. Não se esqueça disso. Pois ele foi morto por Balor, o ogro que responde apenas a Rhita Gawr. Mesmo agora, Balor vigia a entrada secreta, um lugar chamado, *splashhh*, o Poço do Outromundo. E ele jurou deter qualquer aliado de Dagda que tentar passar por ali.

— O Poço do Outromundo? É alguma espécie de escadaria que leva para a terra dos espíritos?

— Seja o que for — chapinhou a voz da concha —, encontrá-la é sua, *tchaaa,* única esperança. Pois a cura que procura é o Elixir de Dagda, e somente Dagda em pessoa pode dá-lo a você.

Uma onda fria banhou minhas pernas. O sal fez arder os arranhões causados pelas minhas quedas nas pedras. No entanto, eu mal notei.

— *O Elixir de Dagda* — falei lentamente. — Bem, com ogro ou sem ogro, preciso obtê-lo. Como encontro essa escadaria para o Outromundo?

Mais uma vez, a concha deu um suspiro de desalento.

— Para encontrá-la, você precisa ouvir uma música estranha, encantada. *Splashhh*. A música, Merlin, da magia.

— Magia? — Quase deixei o pequeno cone cair. — Não tenho como fazer isso.

— Então você está realmente perdido. Pois o único meio de encontrar o caminho de Tuatha é dominando, *splashhh*, as Sete Canções da Magia.

— Que diabos é isso?

O vento repousou em mim, agitando minha túnica, enquanto eu esperava a resposta da concha. Finalmente, ouvi de novo a vozinha ao meu ouvido.

— Mesmo eu, a mais sábia das conchas, não sei. Tudo que posso dizer, *tchaaa*, é que as Sete Canções foram inscritas pelo próprio Tuatha numa grande árvore da Floresta Druma.

— Não... Arbassa?

— Sim.

— Eu conheço essa árvore! É a casa de Rhia. — Franzi a testa, me lembrando da escrita estranha que havia encontrado lá. — Mas essa escrita é impossível! Não consegui ler uma só palavra dela.

— Então precisa tentar novamente, Merlin. É sua única chance, *splashhh*, de

salvar sua mãe. Embora, de fato, seja uma chance bem pequena.

Pensei em minha mãe, deitada à sombra da duna, sofrendo com a sombra da morte, a respiração ficando cada vez mais ofegante. Eu tinha feito aquilo com ela. Agora precisava tentar desfazer, por quaisquer que sejam os riscos. Ainda assim, estremeci ao me lembrar da descrição feita por Cairpré citando as qualidades de um verdadeiro mago. Qualidades das quais eu certamente carecia. Sejam lá o que fossem as Sete Canções, eu não tinha praticamente nenhuma chance de dominá-las — certamente não no breve período de tempo até que a sombra da morte completasse sua obra terrível.

— É demais — falei, desesperançoso. — Não sou mago! Ainda que, de algum modo, eu fosse bem-sucedido com as Sete Canções, como seria possível encontrar esse Poço do Outromundo, eludir Balor e subir para o reino de Dagda, tudo isso durante o transcurso de quatro fases da lua?

— Eu nunca, *splashhh*, deveria tê-lo ajudado.

Pensei na débil lua nova que eu vislumbrara na noite anterior. Apenas o prateado mais débil quase impossível de ser flagrado por minha segunda visão. Isso significava que eu tinha até o fim daquela lua, e nem um dia a mais, para encontrar o Elixir de Dagda. No dia em que a lua minguasse, minha mãe a acompanharia.

Quando a lua estivesse cheia, metade de meu tempo teria se passado. À medida que ela fosse minguando, meu tempo também estaria se esgotando. E, finalmente, quando ela desaparecesse, o mesmo aconteceria com minhas esperanças.

— Desejo-lhe toda a sorte, *splashhh*, em Fincayra — disse a concha. — Você vai precisar disso, *splashhh*, e de muito mais.



Alecrim

Como minha mãe já estava fraca demais para andar, Rhia e eu fizemos uma maca improvisada tecendo algumas vinhas das dunas entre meu cajado e o galho de um espinheiro morto. Enquanto trabalhávamos, atravessando as vinhas de um lado para o outro, expliquei parte do que havia descoberto através da concha, e pedi a ela que nos guiasse pela floresta até Arbassa. Contudo, mesmo ao pronunciar o nome da grande árvore, tive uma forte sensação de agouro ao pensar em voltar lá. Não fazia ideia por quê.

Rhia, em contrapartida, não pareceu preocupada ou surpresa em saber que a escrita nas paredes de Arbassa continha os segredos de que eu precisaria para encontrar o Poço do Outromundo. Talvez porque já tivesse visto Arbassa oferecer respostas a tantas perguntas antes, ela simplesmente assentiu e continuou a trançar as vinhas. Finalmente, terminamos a maca e ajudamos minha mãe a deslizar para ela. Colocando a mão sobre a testa dela, notei que estava mais quente. Mas, apesar de seu estado ter piorado, ela não se queixava.

O mesmo não se podia dizer de Bumbelwy. Mal tínhamos começado a caminhar, com o bufão segurando a parte de trás da maca, e ele começou a fazer sua imitação de uma concha falante. Quando finalmente percebeu que a plateia não estava achando nenhuma graça naquilo, passou a descrever as complexidades de seu chapéu provido de guizos, como se este fosse uma espécie de coroa real. Quando isso também fracassou, ele começou a se queixar de que levar uma carga tão pesada poderia luxar suas costas delicadas, prejudicando suas habilidades

como bufão. Não respondi, embora estivesse tentado a silenciar tanto a ele quanto seus guizos estridentes, enfiando o chapéu em sua boca.

Rhia indicava o caminho, com a Harpa Florescente pendurada em seu ombro folhoso. Eu ia na dianteira da maca, mas o peso de minha culpa parecia a carga mais pesada de todas. Até mesmo a travessia da duna, passando ao lado da flor em forma de sino, pareceu uma marcha extenuante.

Antes de adentrar a Floresta Druma, passamos por uma campina verdejante. Canelado por riachos, o capim da campina se movimentava em ondas, como a superfície do mar. Cada córrego se derramava e marolava, revestindo as plantas ao longo de suas margens com fitas cintilantes de água. Fiquei pensando no quanto aquele lugar poderia ter me parecido bonito sob outras circunstâncias, a beleza não causada por um instrumento mágico ou por um grande mago. A beleza que simplesmente estava ali.

Finalmente, com um estalido de gravetos e folhas agulhadas sob os pés, penetramos na antiga floresta. O prado reluzente desapareceu e tudo ficou escuro. Resinas possantes, ora pungentes, ora doces, temperavam o ar. Galhos sussurravam e estrepitavam acima. Sombras pareciam flutuar silenciosamente atrás das árvores.

Mais uma vez, senti a lugubridade daquela floresta. Era mais do que uma coleção de seres vivos de espécies variadas. Era, na verdade, ela mesma um ser vivo. Outrora, havia fornecido meu cajado de cicuta. Mas agora, eu tinha certeza, ela me observava, me olhando com desconfiança.

Bati o dedão do pé numa raiz. Embora me contorcesse de dor, mantive a maca na posição. Minha segunda visão ficou mais forte desde a última vez que estivera ali, mas a luz turva ainda dificultava minha percepção. A luz solar atingia apenas as camadas mais altas daquele denso matagal, e apenas alguns rios parcos atravessavam todo o caminho até o terreno da floresta. Mas eu não estava disposto a me demorar em meu propósito. Eu não tinha tempo. Nem minha mãe.

Seguindo Rhia, penetramos fundo na floresta, carregando a maca de vinhas. A estranha sensação de que as próprias árvores estavam vigiando, acompanhando cada movimento que fazíamos, ficava mais forte a cada passo. Os galhos estrepitantes pareceram agitados quando passamos embaixo deles. Outras

criaturas também pareciam cientes de nossa presença. De vez em quando eu vislumbrava uma cauda peluda ou um par de olhos amarelos. Guinchos e uivos geralmente ecoavam entre os ramos assombreados. E uma vez, de algum lugar bem perto, ouvi um som alto e prolongado de raspagem, como garras afiadas rasgando uma camada de casca de árvore. Ou de pele.

Meus braços e ombros doíam, mas ouvir os gemidos cada vez mais intensos de minha mãe doía muito mais. Bumbelwy, pelo menos, parecia suficientemente comovido pelo sofrimento dela para conter seus resmungos, embora seus guizos continuassem a tinir. E enquanto seguia pelo mato com a leveza de uma brisa, Rhia olhava para trás de vez em quando, preocupada com a maca.

Após horas de marcha através das clareiras escuras drapeadas de musgos e samambaias, meus ombros latejavam como se estivessem prestes a explodir. Minhas mãos, quase dormentes, não conseguiam mais segurar. Não haveria uma rota mais curta? Era possível que Rhia tivesse se perdido? Pigarreei, pronto para chamá-la.

Então, logo acima, vislumbrei uma nova luz nos galhos. Ao avançarmos através de um emaranhado de samambaias que se agarravam aos meus tornozelos e às minhas coxas, a luz ficou mais forte. Os espaços entre os troncos se ampliaram. Uma brisa fria tão fragrante quanto hortelã fresca estapeou a pele suada de minha testa.

Entramos numa clareira gramada. No centro, erguendo-se de uma teia de raízes robustas, estava um majestoso carvalho. Arbassa. Mais velho do que parecia e mais alto do que quaisquer outras árvores que já tínhamos visto. Seu tronco maciço, com a largura equivalente à de cinco ou seis árvores fundidas em uma só, subia por minha altura várias vezes multiplicada antes de seus primeiros galhos emergirem. Dali, ele se elevava cada vez mais, até seu comprimento desaparecer nas nuvens.

Encravado no meio de seus galhos mais baixos, feito com os próprios ramos do carvalho, estava o casebre suspenso de Rhia. Galhos se enrolavam e se contorciam para formar as paredes, o chão e o telhado. Cortinas resplandecentes de folhas verdes drapejavam cada janela. Lembrei-me da primeira vez que vi o casebre, à noite, quando estava iluminado por dentro e brilhava como uma estrela explodindo.

Rhia ergueu os braços como se fossem galhos altos.

— Arbassa.

A grande árvore estremeceu, fazendo chover orvalho sobre nós. Com uma pontada de dor, me lembrei de minha tentativa desajeitada de fazer com que o pé de faia nos Morros Sombrios se curvasse para mim. Naquele dia, Rhia havia me chamado de tolo por tentar tal coisa. Se tivera ou não razão, eu sabia, enquanto baixava delicadamente sobre a grama a maca de minha mãe, que tinha sido mais do que um tolo naquele dia por tentar outra coisa.

— Alecrim — disse Elen, a voz rouca de tanto gemer. Ela apontou para um arbusto enfeitado com pináculos frondosos, que crescia à beira da clareira. — Tragam um pouco para mim. Por favor.

Em um lampejar, Rhia arrancou um ramo e o ofereceu a ela.

— Aqui está. É tão cheiroso que me faz recordar de agulhas sob o sol. Do que foi que o chamou?

— Alecrim. — Minha mãe o rolou entre as palmas, preenchendo o ar com seu aroma impressionante. Levou as folhas esmagadas até o rosto e inalou profundamente.

Seu rosto relaxou um pouco. Baixou as mãos.

— Os gregos o chamavam de *luz estelar da terra*. Não é adorável?

Rhia concordou com a cabeça, seus cachos quicando nos ombros.

— E é bom para reumatismo, não?

Elen a fitou, surpresa.

— Como é que você sabe disso?

— Cwen, minha amiga, usava isso para aliviar suas mãos. — Uma sombra atravessou o rosto de Rhia. — Pelo menos, costumava ser minha amiga.

— Ela fez um pacto com os goblins — expliquei. — E quase nos matou nesse acordo. Ela era uma ar... Rhia, como você a chamava?

— Uma arbórea. Metade árvore, metade gente. A última de sua espécie. — Rhia escutou as folhas sussurrantes do carvalho acima de nós por um instante. — Ela cuidou de mim desde bebê, após ter me encontrado abandonada na floresta.

Minha mãe se encolheu de dor, embora seus olhos permanecessem em Rhia.

— Você... você sente falta de sua família verdadeira, menina?

Rhia abanou a mão levemente.

— Ah, não. De modo algum. As árvores são minha família. Especialmente Arbassa.

Os galhos tremeram novamente, nos banhando com orvalho mais uma vez. Mesmo assim, não pude deixar de notar que, a despeito das palavras despreocupadas de Rhia, seus olhos azul-acinzentados pareciam tristes. Mais tristes do que eu jamais os vira.

Bumbelwy, franzindo sobrancelhas, boca e papadas, se curvou junto à maca e tocou a testa de minha mãe.

— Você está quente — disse ele com um ar sombrio. — Mais quente do que antes. É a ocasião perfeita para minha charada sobre os guizos. É uma das minhas mais engraçadas... principalmente porque não conheço nenhuma outra. Devo recitá-la?

— Não. — Afastei-o violentamente com um empurrão. — Suas charadas e suas canções só farão com que ela piore!

Ele fez um bico, as papadas todas balançando enquanto apertava sua capa.

— É bem verdade, é bem verdade, é bem verdade. — Em seguida, se empertigou um pouco. — Mas um dia, anote o que digo, farei alguém rir.

— Você acha?

— Acho. Pode ser até mesmo você.

— Certo. E no dia em que você fizer isso, comerei minhas botas. — Olhei-o de cara amarrada. — Agora saia daqui. Você é pior do que uma maldição, uma peste e um furacão combinados.

Elen gemeu, redistribuindo seu peso na maca. Fez menção de dizer algo a Rhia, os olhos azuis arregalados de ansiedade. Então, por algum motivo, se conteve. Em vez disso, voltou a cheirar o alecrim. Virando-se para mim, pediu:

— Pegue um pouco de erva cidreira, sim? Vai ajudar a aliviar essa dor de cabeça. Sabe onde ela cresce?

— Não tenho certeza. Rhia deve saber.

Rhia, os olhos ainda sombrios, fez que sim.

— E um pouco de camomila, menina, se conseguir encontrar. Geralmente, ela cresce perto de pinheiros, junto a um pequenino cogumelo branco com pelos ruivos no talo.

— As árvores me guiarão até ela. — Rhia ergueu a vista para os galhos

poderosos de Arbassa. — Mas antes, vamos levá-la para dentro.

Ela arrancou seus sapatos confortáveis, feitos de um tipo de casca de árvore, e pisou num pequeno vão nas raízes. Então pronunciou uma frase longa e sibilante na língua dos carvalhos. As raízes se fecharam em volta de seus pés, e ela ficou parada ali, ao lado de Arbassa, como se fossem um único ser. Ao abrir os braços para abraçar o tronco imenso, um enorme galho baixou e pousou ao longo das costas dela. De repente, o galho se ergueu, as raízes se entreabriram e o tronco enrugou e se abriu com um estalo, revelando uma pequena porta na casca. Rhia entrou, gesticulando para que a seguíssemos.

Ao me abaixar para apanhar a parte da frente da maca, olhei para minha mãe. O suor pontilhava suas bochechas e a testa. Que tormento em seu rosto! Vê-la daquele jeito era como ter uma lança sendo retorcida em meu peito. Contudo... eu não conseguia me desvencilhar da sensação de que nem toda dor que ela estava sentindo naquele dia tinha sido causada por mim.

Bumbelwy, resmungando sozinho, apanhou a parte de trás. Juntos, atravessamos o labirinto de raízes em direção à entrada. Quando eu estava a apenas dois passos de distância, a porta começou a se fechar. Exatamente como tinha feito quando vim pela primeira vez! Novamente, a árvore não queria permitir que eu entrasse.

Rhia guinchou. Agitou as mãos, zunindo uma grave reprimenda. A árvore estremeceu. A porta beligerante deteve seu fechamento, depois voltou a se abrir lentamente. Rhia disparou um olhar em minha direção, a expressão ameaçadora. Em seguida se virou e começou a subir a escada em espiral no interior do tronco. Ao segui-la, baixando a cabeça para passar pela porta, fui atingido pelos odores substanciosos e úmidos como folhas de outono após uma chuva. E pela enormidade absoluta do tronco. Arbassa parecia ainda maior por dentro do que por fora. Mesmo assim, tive de me concentrar bastante sob a luz tênue para não chocar a maca contra as paredes ou incliná-la demais, fazendo com que minha mãe escorregasse para fora.

Cuidadosamente, subimos a escada de madeira viva. Uma escrita estranha, tão intrincada quanto uma teia de aranha, fluía pelas paredes. Suas runas entalhadas enchiam a escadaria totalmente, de cima a baixo. Mas eram tão incompreensíveis quanto antes. Minhas esperanças afundaram ainda mais.

Finalmente, chegamos à cortina densa de folhas que marcava a entrada do casebre de Rhia. Avançando, pisamos num assoalho amplo de galhos trançados. Por toda nossa volta, mobília de madeira brotava diretamente dos galhos entrelaçados. Reconheci a mesa baixa junto à lareira, o par de cadeiras robustas, o armário cor de mel cujos cantos eram guarnecidos com folhas verdes.

— Oh — murmurou Elen ao mudar ligeiramente de posição para ver melhor. — É tão bonito.

Sinalizei com a cabeça para Bumbelwy e pousamos a maca o mais delicadamente possível. Enquanto ele se empertigava, os franzidos de sua testa se suavizavam, muito levemente. Ele olhou em volta, cativado pelo interior do casebre. Meus pensamentos, porém, permaneciam na escada lá embaixo.

Como se tivesse lido minha mente, Rhia tocou meu braço.

— Preciso apanhar algumas ervas para sua mãe. — Retirou a Harpa Florescente do ombro e a colocou apoiada na parede próxima à maca. — E você, se ainda tem esperanças de salvá-la, tem muito trabalho a fazer.

X

O Segredo de Arbassa

Nas profundezas de Arbassa, trabalhei duramente. Tentei tudo que era possível para descobrir a chave do enigma. Repetidas vezes, percorri penosamente, de cima a baixo, a escada em espiral, à procura do lugar certo para começar. Recuei, vasculhando as paredes em busca de algum tipo de padrão. Cheguei muito perto, encostando a testa na madeira fria, examinando, por vez, cada runa individualmente. Em vão.

Hora após hora, estudei atentamente a misteriosa escrita nas paredes. Escrita que, de algum modo, talvez me levasse à cura da qual Elen tão desesperadamente necessitava. Entretanto, ao passo que o texto entalhado parecia repleto de significado oculto, ele também me deixava vazio de compreensão.

O pôr do sol veio e se foi, e a luz tênue na escadaria esmoreceu completamente. Por algum tempo, lutei para usar minha segunda visão, ainda menos confiável do que habitualmente na escuridão, até que Rhia finalmente me trouxe uma tocha inusitada. Tratava-se de uma esfera, do tamanho do meu punho, feita com uma cera de abelha fina, porém firme. Por dentro dela, se arrastava uma dúzia ou mais de insetos que emitiam uma luz âmbar estável. Era o suficiente para iluminar pelo menos uma pequena porção do texto.

Embora grato pela tocha, eu a aceitei sem dizer uma palavra. O mesmo em relação às duas tigelas, uma cheia de água e a outra contendo grandes nozes verdes, as quais Bumbelwy trouxera algum tempo depois.

Apesar de ele ter tropeçado na escada, derramando metade da água em meu

pescoço, mal o notei. Estava absorto demais em meu trabalho. E também em minha culpa. Mesmo com toda minha concentração nas estranhas runas, não conseguia evitar ouvir os suspiros e gemidos recorrentes da mulher que estava deitada no andar acima de mim. A mulher que eu trouxera para Fincayra.

Lá fora, eu sabia, uma lua nova pálida estava se erguendo sobre a Floresta Druma, pintando os galhos de Arbassa com o mais tênue brilho prateado. Agora eu tinha um mês menos um dia, para descobrir a cura. Por mais difícil, talvez impossível, que pudesse ser a missão, eu não poderia iniciá-la sem antes decifrar o texto. E este não mostrava sinais de compartilhar seu segredo.

Exausto, pousei a mão na parede de madeira. Subitamente, senti uma breve faísca de calidez das runas. Mal formigou minha palma antes de sumir. Contudo, me deixou com a sensação, bem dentro de meus ossos, de que a escrita tinha sido de fato entalhada pelo grande mago Tuatha. Teria ele previsto que, algum dia, anos depois, seu próprio neto lutaria para ler aquelas palavras misteriosas? Que as palavras ofereceriam a única esperança de descobrir a escadaria para o Outromundo e o Elixir de Dagda? E Tuatha poderia ter adivinhado que o Elixir seria necessário para salvar a vida de Elen — a mulher que certa vez ele havia previsto que daria à luz um mago com poderes ainda maiores do que os seus?

Que espécie de mago eu havia me tornado! Quando não usei um instrumento mágico, o que os meus poderes forjaram? Nada além de tristeza. Para mim e para aqueles em meu caminho. Eu não havia apenas ceifado meus próprios olhos, quase tinha ceifado a vida de minha mãe.

Cambaleei para o pé da escada. Desesperadamente, me inclinei para a parede. Estendendo a mão, toquei na primeira das runas com a ponta do dedo. Ela parecia um girassol meio quadrado usando uma longa barba desgrenhada. Lentamente, tracei suas curvas e dobras, tentando sentir mais uma vez ao menos um vislumbre de seu significado.

Nada.

Baixei a mão. Talvez fosse uma questão de confiança. De crença. *Eu nasci para ser mago, não foi? O próprio Tuatha disse isso. Eu sou seu neto. Seu herdeiro.*

Mais uma vez, toquei na primeira runa.

Novamente, nada senti.

Fale comigo, runa! Eu lhe ordeno! Nada ainda. Bati o punho contra a parede.

Eu disse, fale comigo! Essa é minha ordem!

Outro gemido dolorido ecoou escadaria abaixo. Meu estômago deu um nó. Inspirei lenta e irregularmente. *Se não por mim, então por ela! Ela morrerá se eu não descobrir um meio de aprender seu segredo.* Uma lágrima correu pelo meu rosto. *Por favor. Por ela. Por Elen. Por... Mãe.*

Um formigamento estranho vibrou através do meu dedo. Senti um bafejo de algo, que não era bem uma sensação.

Pressionando o dedo na runa, me concentrei ainda mais. Pensei em Elen, deitada sozinha num piso de ramos trançados. Pensei no seu amor por mim. Pensei no meu amor por ela. A madeira pareceu ficar mais quente sob a ponta do meu dedo. *Ajude-a, por favor. Ela me deu tanta coisa.*

Num lampejo, entendi. A primeira runa falou seu significado de supetão para minha mente, numa voz grave, ressonante, que eu nunca tinha ouvido, mas, de alguma forma, sempre conheci. *Essas palavras devem ser lidas com amor, ou nunca deverão ser lidas.*

Então veio o restante. Em um curso caudaloso e cascateante de palavras, um rio que me atingiu e me levou embora. *As Sete Canções da Feitiçaria, Uma melodia e mais de uma, Ao Outromundo guiá-lo fácil seria, Embora esperança você não tenha nenhuma...*

Empolgado agora, runa por runa, eu lia meu caminho a cada degrau acima da escadaria. Parava frequentemente, repetindo as palavras para mim antes de prosseguir. Quando finalmente cheguei ao topo, os primeiros raios de sol estavam se infiltrando escadaria abaixo e tremeluzindo sobre as runas. Durante a noite, as Sete Canções tinham sido entalhadas nas paredes de minha mente do mesmo modo que outrora haviam sido entalhadas nas paredes de Arbassa.



Uma Melodia e Mais de Uma

Subi a última escada de madeira através da cortina de folhas. Minha mãe continuava deitada no chão, embora não mais na maca. Ao me ouvir entrar, ela se agitou sob um leve cobertor prateado tecido com fios de mariposas e tentou, com dificuldade, erguer a cabeça. Rhia estava sentada ao lado, as pernas cruzadas, o rosto repleto de preocupação. Bumbelwy, encostado na parede mais afastada, olhou em minha direção de maneira lúgubre.

— Eu li as palavras — anunciei sem qualquer orgulho. — Agora preciso tentar segui-las.

— Pode nos contar um pouco? — sussurrou Elen. A luz rosada do alvorecer peneirando pelas janelas tocava a pele pálida de seu rosto. — Como começam?

Com a expressão sombria, me ajoelhei ao lado dela, examinei seu rosto, tão sofrido, contudo tão amoroso. E recitei:

As Sete Canções da Feitiçaria,
Uma melodia e mais de uma,
Ao Outromundo guiá-lo fácil seria,
Embora esperança você não tenha nenhuma.

— Embora esperança você não tenha nenhuma — repetiu Bumbelwy, encarando seu chapéu inexpressivamente. — É bem verdade, é bem verdade, é

bem verdade.

Quando olhei para ele, Rhia alcançou um pequeno travesseiro com cheiro de pinho.

— O que significa *Uma Melodia e Mais de Uma*?

— Não tenho certeza. — Observei-a deslizar o travesseiro por baixo da cabeça de minha mãe. — Mas o texto prossegue dizendo que cada uma das Sete Canções faz parte do que é chamado de *a grande e gloriosa Canção das Estrelas*, então talvez tenha a ver com isso.

— Tem, sim, meu filho. — Elen me observou por um momento. — O que mais diz o texto?

— Muitas coisas. — Suspirei. — A maioria eu não entendo. É sobre mudas e círculos, e as fontes ocultas da magia. E algo sobre a única diferença entre mágica boa e má ser a intenção daquele que a maneja.

Segurei a mão dela.

— Cheguei então às Sete Canções propriamente ditas. Elas começam com um alerta.

Descubra a verdade em cada Canção,
Antes de prosseguir internamente.
Pois as verdades como árvores são,
Duram eras, mas começam com uma semente.

Fiz uma pausa, me lembrando de que até mesmo a poderosa Arbassa, em cujos braços nos encontrávamos agora, começou como uma simples semente. Não obstante, isso me encorajou um pouco quando me lembrei das palavras que se seguiram:

Busque as Sete Canções, cada uma;
As partes formando o todo, ou não.
Mas não prossiga sem que antes assuma
A alma essencial de cada Canção.

— A alma essencial de cada Canção — repetiu Rhia. — O que acha que isso quer dizer?

Toquei os ramos trançados do piso.

— Não faço ideia. Absolutamente nenhuma ideia.

Minha mãe apertou minha mão fracamente.

— Recite as Canções propriamente ditas.

Ainda pensando na pergunta de Rhia, recitei:

A primeira lição é Mudar,
Como um arbóreo deve bem conhecer.
Depois, vem o poder de Atar,
Como o Lago do Rosto deve saber.

A habilidade de Proteger é a terceira,
Assim como a dos anões que fundo cavam.

A arte de Nomear é a quarta, certeira,
Um segredo que os slantos guardam.

O quinto é o poder de Saltar,
Que, em Varigal, é um perigo.

O sexto é Eliminar
O covil de um dragão adormecido.

A dádiva de Enxergar é a que falta,
No feitiço da Ilha Perdida.

Agora só nos resta o que falta:
O Poço do Outromundo na ida.

Mas cuidado! O Poço não tente
Até a música se for.
Pois há perigo presente
Com o único olho de Balor.

O silêncio caiu sobre o aposento. Até mesmo os guizos de Bumbelwy pararam de se agitar. Finalmente, falei, com a voz bem baixa:

— Não sei como posso fazer todas as coisas que as Canções exigem e voltar aqui antes de...

— Eu morrer. — Elen ergueu a mão para o meu rosto. — Há algum modo de eu convencê-lo a não ir, meu filho? — Seu braço caiu para o chão. — Pelo menos ficaremos juntos até o fim.

— Não. Fui eu que fiz isso com você. Preciso tentar descobrir a cura. Mesmo que haja uma chance em um milhão.

Seu rosto, já pálido, ficou ainda mais branco.

— Mesmo que isso signifique sua própria morte, além da minha?

Rhia tocou meu ombro, solidária. De repente, um bater de asas se agitou em minha memória e pensei em mais alguém que eu havia perdido, o corajoso esmerilhão que morrera na luta pelo Castelo Oculto. Nós tínhamos lhe dado o nome de Transtorno, e nenhum outro nome poderia ter sido mais de acordo. Embora seus atos soem ainda mais ruidosos do que seus guinchos raivosos em meus ouvidos. Fiquei imaginando se seu espírito ainda vivia no Outromundo. E se, fracassando nessa missão, eu poderia encontrá-lo ali, juntamente à minha mãe.

Elen ficou tensa e cerrou os punhos quando outro espasmo de dor lhe percorreu o corpo. Rhia alcançou uma tigela com uma poção amarela que cheirava tão bem quanto um caldo de carne. Cuidadosamente, ajudou minha mãe a dar alguns goles, derramando um pouco no chão. Então, erguendo a tigela, Rhia fez um ruído alto, trepidante, com a língua.

Do topo do armário dela, um esquilo com enormes olhos castanhos pulou subitamente para o chão e trotou até ficar ao lado dela. Colocou uma pata em sua coxa, agitando o rabo peludo. Quando Rhia estava prestes a emitir outra ordem

sonora, o esquilo tomou a tigela de suas mãos. Com um chilrado agudo em resposta, ele saiu aos pulos, carregando a tigela entre os dentes.

— Aquele é Ixtma — explicou para minha mãe. — Encontrei-o, certa vez, numa clareira perto daqui, guinchando por causa de uma pata quebrada. Eu curei a pata e, desde então, ele costuma nos visitar, ajudando sempre que pode. Pedi-lhe que enchesse a tigela novamente para você, depois que ele cortasse mais um pouco de camomila.

Apesar de seu estado, minha mãe pareceu à beira de uma risada.

— Você é mesmo uma garota espantosa. — Então seu rosto se retesou, as sombras das folhas estremecendo em seu cabelo dourado. — Eu só queria ter mais tempo para conhecer você.

— E terá — declarou Rhia. — Após nós voltarmos com a cura.

— Nós! — Olhei-a, pasmado. — Quem disse que você vai?

— Eu — respondeu ela calmamente. Cruzou os braços. — E não há nada que você possa fazer para me convencer a mudar de ideia.

— Não! Rhia, você pode morrer!

— Mesmo assim, eu vou.

Os assoalhos e as paredes do casebre rangeram quando Arbassa balançou de um lado a outro. Eu não sabia bem se tinha sido por causa de uma ventania súbita lá fora que sacudira seus galhos, mas desconfiava que o vento tivesse se originado internamente.

— Por que você sempre quer ir? — quis saber.

Rhia me olhou com curiosidade.

— Você se perde facilmente.

— Pare com isso, sim? E minha mãe? Alguém precisa...

— Ixtma fará isso. Já providenciamos tudo.

Mordi o lábio. Virando-me para Elen, perguntei, irritado:

— Todas as garotas são assim, teimosas?

— Não. Apenas as de instinto forte. — Seus olhos seguiram para Rhia. — Você me lembra a mim mesma, menina.

Rhia enrubesceu.

— E você me lembra... — sua voz morreu. — Eu lhe direi, quando voltarmos.

Bumbelwy pigarreou.

— Eu vou ficar.

Dei um salto.

— O quê?

— Eu disse que vou ficar. Para fazer companhia a ela, durante a torturante agonia de sua morte. Será terrível, absolutamente terrível, isso eu sei com certeza. Mas talvez eu possa aliviar um pouco sua carga. Desfiarei minhas melodias mais alegres, meus contos mais engraçados. A coisa apropriada para alguém destinado ao horror da morte.

— Não vai fazer nada disso! — Bati o punho no chão de madeira. — Você... vai vir com a gente.

Os olhos negros de Bumbelwy se arregalaram.

— Você *quer* que eu vá?

— Não. Mas você virá assim mesmo.

— Merlin, não! — Rhia agitou os braços cobertos de folhas. — Por favor, não deixe que ele venha conosco.

Sacudi a cabeça gravemente.

— Não é que eu o queira com a gente. Eu o quero *longe* dela. O que ele chama de humor poderia matá-la em uma semana em vez de um mês.

Elen estendeu a mão trêmula em minha direção e acariciou meu rosto marcado levemente.

— Se você precisa mesmo ir, quero que ouça o que tenho a dizer.

Fixou em mim seus olhos cor de safira, e quase pude sentir seu olhar penetrar minha pele.

— O mais importante, quero que saiba que, mesmo se eu morrer antes de você voltar, tudo que aconteceu comigo valeu a pena, só por eu ter podido vê-lo novamente.

Afastei o rosto.

— E mais uma coisa, meu filho. Aprendi muito pouco durante minha vida, mas de uma coisa eu sei. Todos... inclusive eu... temos dentro de nós a maldade de uma serpente e a gentileza de um pombo branco.

Afastei o cabelo de minha testa.

— Eu tenho a serpente, isso é certo! Mas nunca acreditarei que você tem. Nunca.

Ela suspirou pesadamente, os olhos perambulando pelos galhos entrelaçados que emolduravam o aposento.

— Deixe-me dizer isso de outra maneira. Você gostava de minhas histórias sobre os gregos antigos. Lembra-se de uma sobre uma garota chamada Psiquê?

Intrigado, fiz que sim.

Mais uma vez, seus olhos azuis pareceram me procurar.

— Pois bem, a palavra grega *psyche* tem dois significados diferentes. Às vezes, significa borboleta. Outras vezes, significa alma.

— Não entendo.

— Sabe, a borboleta é a senhora da transformação. Pode mudar de uma mera lagarta para a mais bela criatura de todas. E a alma, meu filho, pode fazer o mesmo.

Engoli em seco.

— Lamento, mamãe.

— Não lamente, meu filho. Eu amo você. Amo tudo em você.

Curvando-me, beijei sua testa quente. Ela me deu um sorriso hesitante, então voltou a cabeça para Rhia.

— E, para você, menina, eu tenho isto. — Do bolso de seu manto azul-escuro, tirou um amuleto de gravetos amarrados por um fio vermelho. — Um amuleto de carvalho, freixo e espinheiro. Tome. Está vendo como os brotos estão inchando com nova vida? Estão prontos para desabrochar, assim como você. Guarde-o com você, para lhe dar coragem. E para lembrá-la de confiar em seus instintos. Ouça-os. Pois eles são de fato a voz da Natureza, mãe de todos nós.

Os olhos de Rhia brilharam quando apanhou o presente e o prendeu habilmente em sua roupa de vinhas entrelaçadas.

— Eu ouvirei. Prometo.

— Você já os ouve, creio.

— É verdade — declarei. — Ela é até mesmo conhecida por lembrar outras pessoas a confiarem em suas bagas.

Rhia enrubesceu enquanto alisava o amuleto de carvalho, freixo e espinheiro.

— Claro — murmurou Bumbelwy —, você não tem nada para mim.

Olhei-o de cara feia.

— Por que ela teria?

— Ah, mas eu tenho — disse Elen fracamente. — Tenho um desejo.

— Um desejo? — A figura desengonçada se aproximou e se ajoelhou no chão de galhos. — Para mim?

— Eu desejo que um dia você faça alguém rir.

Bumbelwy baixou a cabeça.

— Obrigado, minha senhora.

— Merlin — sussurrou minha mãe. — Talvez suas Sete Canções sejam como os sete trabalhos de Hércules. Lembra-se deles? Eram tidos como impossíveis. Mas Hércules fez todos eles e sobreviveu.

Embora tivesse meneado a cabeça em concordância, não me senti melhor. Pois o trabalho mais difícil de Hércules foi carregar todo o peso do mundo sobre os ombros por algum tempo. E o peso que eu suportava agora não parecia muito menor.

PARTE DOIS

XII

Tuatha

A porta revestida rangeu ao se abrir, e emergi de Arbassa. Antes, porém, de deixar a escadaria às escuras, inspirei uma última vez a fragrância úmida das paredes internas — e dei uma última olhada nas runas entalhadas por Tuatha há tanto tempo. Li novamente as palavras de alerta que assombravam meu pensamento mais do que quaisquer outras:

Busque as Sete Canções, cada uma;
As partes formando o todo, ou não.
Mas não prossiga sem que antes assuma
A alma essencial de cada Canção.

O que poderia significar essa frase final? *A alma essencial de cada Canção*. Já seria difícil o bastante apenas compreender o sentido das Sete Canções, mas dominar a alma de cada uma parecia completamente impossível. Não fazia ideia nem mesmo por onde começar.

Rhia saiu pela porta aberta para o chão de capim. Seu cabelo castanho encaracolado brilhou ao refletir um raio de luz que perfurava os galhos de Arbassa. Ela se curvou e, delicadamente, alisou uma das raízes da grande árvore. Quando se levantou, seu olhar encontrou o meu.

— Tem certeza de que quer ir? — perguntei.

Ela fez que sim, dando um último tapinha na raiz.

— Não será fácil, isso é certo. Mas temos de tentar.

Ouvindo os guizos estridentes de Bumbelwy descendo a escadaria, sacudi a cabeça.

— E, na companhia dele, será ainda mais difícil.

Rhia inclinou a cabeça em direção à porta.

— Prefiro escutar uma harpa quebrada o dia inteiro a ouvir esses guizos. Eles me lembram um tacho de ferro rolando colina abaixo.

Lembrei-me da música melodiosa da Harpa Florescente, música que me acompanhara por tantas semanas. Para não correr o risco de danificá-la, eu havia optado por deixá-la, guardando-a em segurança ao lado da estufa de Rhia. Arbassa a protegeria bem. Mas eu sabia que sentiria falta de suas músicas melodiosas. E de algo mais.

Examinei o rosto de Rhia, tão desolado quanto o meu.

— Eu nunca deveria ter me afastado de minha missão nos Morros Sombrios. Coloquei Fincayra inteira em risco. Agora fiz o mesmo com minha mãe. — Raspando a ponta de meu cajado no gramado, suspirei. — A verdade é que eu não merecia a Harpa. Você me viu pavoneando por aí com ela, como uma espécie de mago. Pois bem, eu não sou mago, Rhia. Não sou suficientemente poderoso. Não sou suficientemente sábio.

A sobrancelha dela se ergueu ligeiramente.

— Acho que você já está um pouco mais sábio.

— Não o suficiente para dominar as almas das Canções! Eu nem mesmo sei por onde começar.

Os ramos pesados acima de nossas cabeças se agitaram de súbito. Galhos sacudiram e chocaram uns contra os outros, mandando uma chuva de folhas e gravetos para o chão. Embora as árvores menores que cercavam Arbassa permanecessem perfeitamente imóveis, o grande carvalho propriamente dito balançava como se apanhado num tremendo temporal.

Um raio de medo percorreu meu corpo como uma onda. Agarrei o braço de Rhia.

— Venha. Antes que um galho caia sobre nós.

— Bobagem. — Ela se desvencilhou. — Arbassa nunca faria isso. Apenas

escute.

Ao sacudir as folhas que haviam caído em meu cabelo, percebi que os galhos que estalavam e sibilavam estavam, de fato, fazendo outro som. Um som que se repetia sem parar. *Tttuuuaaathhha. Tttuuuaaathhha*. O balanço diminuiu lentamente. Os galhos começaram a ficar silenciosos. A árvore majestosa se elevava acima de nós, exatamente como antes. Uma coisa, porém, havia mudado. Pois, embora eu ainda nada soubesse sobre as almas das Canções, agora eu possuía uma ideia de por onde poderia começar.

— A sepultura de Tuatha — declarei. — Nossa missão começa lá.

Rhia mordeu o lábio.

— Se Arbassa acredita que isso pode ajudar, então eu também acredito. Mas não gosto da ideia de ir lá. De jeito nenhum.

Nesse momento, Bumbelwy, parecendo mais atormentado do que o normal, enfiou a cabeça para fora do vão da porta do tronco. Cambaleou pelo capim, segurando a barriga.

— Mas que tempestade! Meu estômago sensível virou do avesso.

O sujeito magricela se endireitou, solavancando os guizos do chapéu.

— Mas não temam, não, não temam. Um tempo como esse me segue por toda parte, portanto estou bastante acostumado a ele.

Rhia e eu trocamos olhares preocupados.

— Ainda assim, eu vou — continuou, esfregando as laterais do corpo. — Embora essa nova contusão torne mais difícil entretê-los durante o caminho. Mas um bufão deve dar o melhor de si e tentar! — Colocou a capa sobre a cabeça e começou a pular em volta das raízes de Arbassa, os guizos estridulando em eclosões abafadas.

Olhei-o com desagrado.

— É melhor você tentar entreter a nós do que à minha mãe.

Bumbelwy retirou a capa da cabeça.

— Oh, não se preocupe com ela — falou casualmente. — Ela ainda tem muito tempo. Tem quase um mês de dores incessantes antes de morrer. — Olhou pensativamente para o casebre suspenso de Rhia. — Se quiser, posso voltar lá e fazer com que ela dê algumas risadas antes de partirmos.

Ergui o cajado para agredi-lo.

— Seu idiota! Não tem mais habilidade de fazer as pessoas rirem do que um cadáver apodrecido!

Ele franziu o rosto com todas as suas papadas.

— Espere só. Algum dia, eu *farei* alguém rir. Isso eu farei.

Baixando o cajado, falei zombeteiramente:

— Já posso sentir o gosto de minhas botas.

O tronco maciço de Arbassa rangeu quando a porta deslizou e se fechou. Olhei para o tronco, acompanhando cada vez mais e mais sua altura, até ele desaparecer num intrincado de galhos acima de nossas cabeças. Por um momento, observei os galhos trançados como os fios de uma tapeçaria viva. Folhas cintilavam ao sol; musgos brotavam como pele de animal debaixo de cada ramo.

— Você acha — perguntei a Rhia — que algum dia Arbassa poderá abrir, de boa vontade, sua porta para mim? Talvez até com alegria?

Com minhas palavras, a árvore inteira se sacudiu, fazendo chover mais folha, gravetos quebrados e pedaços de casca sobre nós.

Rhia semicerrou os olhos.

— Arbassa está sendo protetora em relação a mim, só isso.

Busquei seus olhos azul-acinzentados.

— Você não precisa vir.

— Eu sei. — Mordeu o lábio, pensativamente. — Mas você está mesmo disposto a ir ao túmulo de Tuatha?

Bumbelwy engoliu em seco, retorcendo as mãos.

— O túmulo do grande mago em pessoa? Ninguém vai lá. Isto é, ninguém que sobreviva. É um lugar assombrado, um lugar terrível. É bem verdade, é bem verdade, é bem verdade.

— Nós vamos lá — vociferei.

— Mas não posso guiá-los — protestou Rhia. — Nem mesmo sei onde fica.

— Eu sei. Já estive lá uma vez, talvez até duas, embora precise ir lá novamente, para ter certeza. — Esfreguei o topo do meu cajado, enchendo o ar com o odor de cicuta. — Se você for capaz de nos guiar àquele grande pântano logo abaixo dos Morros Brumosos, eu consigo nos conduzir dali em diante.

Ela sacudiu seus cachos, hesitante.

— Perderemos um tempo precioso fazendo isso.

Bumbelwy sacudiu a cabeça dissonante.

— Perderemos mais do que isso.

— Que seja. — Bati o cajado no chão. — Vamos.

Rhia lançou um olhar saudoso para os galhos de Arbassa, depois se virou e atravessou o prado relvado com passos largos, desaparecendo num espaço entre as árvores. Segui atrás. Bumbelwy assumiu a retaguarda, resmungando para si sobre túmulos assombrados e feiticeiros vingativos.

Por algum tempo, seguimos uma trilha sinuosa marcada por pegadas de raposas, ursos e lobos, bem como outras que não consegui identificar. Então a trilha sumiu e nos esforçamos para atravessar uma carreira larga de árvores caídas, abatidas por alguma tempestade feroz. Quando, já com as canelas machucadas e sangrando, finalmente encontramos o caminho de volta para os elevados bosques de pinheiros e cedro, Rhia nos conduziu para terreno mais alto. Ali, os espaços entre as árvores agulhosas eram maiores, permitindo que mais raios de luz atingissem o solo da floresta. Isso ajudava minha segunda visão, pois pelo menos assim eu conseguia evitar tropeçar em cada raiz e me chocar contra cada galho.

Mesmo assim, não era fácil acompanhar Rhia. Tal como acontecia comigo, o que a impelia era a urgência de nossa missão. E, talvez, a possibilidade tentadora de perder Bumbelwy em algum lugar da floresta. Mas, favorecido por suas pernas longas e esguias, ele conseguia permanecer junto a nós, chocalhando a cada passo. Enquanto isso, Rhia trotava adiante tão graciosamente quanto uma corça, às vezes irrompendo em rápida corrida encosta acima. Observando-a, me lembrei da história grega de Atalanta, a garota capaz de correr impossivelmente rápido. Mas, embora sorrisse com a comparação, eu me preocupava ao pensar na mulher que havia me contado a história pela primeira vez.

Eu forçava o passo para não ficar para trás. O suor pinicava meus olhos cegos. À medida que o sol se elevava sobre nós, a terra ficava cada vez mais úmida. O musgo brotava nas laterais de todas as árvores, regatos borbulhavam do chão e a lama grudava às nossas botas. Poças negras de água estagnada surgiam com mais frequência. Era o cheiro, e não a visão, daquele terreno que eu reconhecia. Úmido, putrefato e agourento, ele penetrava em minha memória como garras na

carne.

— Aqui — anunciei, guinando para leste.

Rhia virou para me seguir, pisando levemente na lama, diferentemente de Bumbelwy, que escorregava e batia os pés logo atrás. Conduzi-os a uma clareira sombreada por cedros. Os sons da floresta esmoreciam, sucumbindo a uma quietude sinistra. Nem mesmo o zunido das asas de um besouro rompeu o silêncio.

Chegando à beira da clareira, parei. Com uma olhadela para trás, mandei que os outros ficassem onde estavam. Rhia começou a falar, mas ergui a mão para silenciá-la. Lenta e cautelosamente, segui sozinho.

Um vento súbito avançou, sacudindo os galhos dos cedros. Em vez de fazerem o estalido habitual, eles vibraram estranhamente, como se entoassem um canto fúnebre baixo e pesaroso. Uma canção de perda e saudade. Uma canção de morte. A clareira escureceu, a ponto de eu mal conseguir distinguir a forma de minhas botas no solo. O lamento dos galhos cresceu ao redor. Finalmente, entrei num espaço rodeado por um círculo de cedros antigos que eu sabia serem a marcação do túmulo de Tuatha.

Lentamente, muito lentamente, o espaço se iluminou. Mas a nova luz não vinha do sol. Vinha dos próprios cedros antigos, cujos galhos oscilantes tinham começado a brilhar com uma luz azul agourenta. Enquanto os galhos ondulavam ao vento como barbas de anciãos, fiquei imaginando se aquelas árvores talvez pudessem guardar os espíritos dos discípulos de Tuatha, destinados a velar seu túmulo, sempre enlutados.

Duas vezes, agora tinha certeza, eu já havia estado naquele lugar. Uma vez, não muito tempo atrás. E uma vez quando criancinha, quando fora levado até ali na garupa de Ionn, o garanhão negro de meu pai, para assistir ao funeral de Tuatha. Lembro-me muito pouco daquele acontecimento, exceto a sensação de pesar que permeava a clareira.

Meu olhar pousou no monte estreito de terra no centro da clareira. Doze pedras polidas, perfeitamente redondas, limitavam sua borda. Elas brilhavam como gelo azul. Ao me aproximar um pouco mais, fui surpreendido pelo próprio comprimento do monte. Ou Tuatha tinha sido enterrado com seu chapéu, ou era, realmente, muito alto.

— *Ambas são verdadeiras, seu jovem novato imprudente.*

A voz grave soou em meus ouvidos. Era a mesma voz que eu ouvira enquanto lia as runas em Arbassa. Era a voz, eu tinha certeza, do próprio Tuatha. Porém, além de meu medo, além de meu temor, tive uma estranha sensação de saudade. Dirigindo a mente para o monte fúnebre, expressei meu pensamento em palavras.

— Eu gostaria de tê-lo conhecido, grande mago.

As pedras azuis luziram mais intensamente, até superarem a luminosidade do círculo de cedros antigos. Velas pareciam queimar dentro das pedras, velas cujas chamas se originavam do próprio espírito de Tuatha.

— *Você quer dizer que gostaria que eu o tivesse salvo de sua própria insensatez.*

Incomodado, mudei de posição, raspando o solo com a ponta do cajado.

— Isso também. Mas, da mesma forma, queria tê-lo conhecido só para estar com você. Aprender com você.

— *Essa chance nos foi roubada* — declarou a voz amarguradamente. — *E sabe por quê?*

— Porque você foi abatido pelo ogro Balor?

— *Não!* — trovejou Tuatha, fazendo com que as pedras brilhassem como tochas. — *Você respondeu como, não por quê.*

Engoli em seco.

— E-Eu não sei por quê.

— *Pense mais um pouco! Ou seu crânio não é menos espesso do que o do seu pai?*

Meu rosto queimou por causa do insulto, mas tentei não demonstrar que me senti ofendido. Franzi a testa, sondando a mente por uma resposta. De repente, me lembrei das palavras de Cairpré alertando sobre os portões da Cidade dos Bardos.

— Foi por causa da... húbris?

— *Foi!* — trovejou o espírito de Tuatha. — *Foi minha falha mais atroz, assim como a sua.*

Baixei a cabeça, conhecendo bem demais a verdade nas palavras dele.

— Grande mago, não mereço sua ajuda. Mas Elen merece. E, se eu quiser ter alguma esperança de salvá-la, preciso saber de uma coisa.

As pedras se sacudiram terrivelmente.

— *Como posso saber se você não vai abandoná-la, assim como abandonou os Morros Sombrios às intenções de Rhita Gawr?*

Estremeci.

— Você tem minha palavra.

— *O Grande Conselho também teve sua palavra.*

— Eu não vou abandoná-la. — Meu olhar varreu o círculo de cedros, que pareciam sacudir seus galhos em desaprovação. Minha voz mal era um sussurro, e acrescentei: — Ela significa tudo para mim.

Por um longo momento, não ouvi nada além dos galhos suspirantes. Finalmente, as pedras azuis brilharam outra vez.

— *Então está bem, jovem novato. O que deseja saber?*

Cautelosamente, me aproximei do monte.

— Preciso saber o que significa assumir a alma de uma Canção.

As pedras chamejaram intensamente.

— *Ah, a alma de uma Canção. Tão pouco, porém muito! Sabe, novato, por mais breve que as Sete Canções que você leu tenham parecido, elas revelam as fontes ocultas das sete artes básicas da magia. Cada Canção é apenas um começo, um ponto de partida, levando à sabedoria e poder além de sua imaginação. Muito além, eu diria! E cada Canção contém tantos versos que seriam necessários vários séculos para se aprender apenas uns poucos.*

— Mas o que é a alma de uma Canção?

— *Paciência, jovem novato!* — As pedras pareceram latentes. — *A alma é a verdade essencial da Canção. Seu princípio básico. Encontrá-la é tão difícil quanto captar o odor de uma flor selvagem do outro lado de um lago imenso. Você não consegue vê-la, ou tocá-la, mas sabe de sua existência.*

Sacudi a cabeça.

— Isso parece difícil, mesmo para um mago, quanto mais para um garoto.

Os galhos se agitaram mais vigorosamente quando a voz de Tuatha voltou a ecoar:

— *Você ainda se tornará um mago, jovem novato... isto é, se sobreviver. Mas lembre-se disso. Por dispor de pouco tempo, você ficará tentado a passar por cima de alguma das Canções. Resista a essa insensatez! Só tente encontrar o Poço do Outromundo após ter decifrado as almas de todas as Canções. Preste bem atenção às*

minhas palavras. Decifrar apenas cinco ou seis é o mesmo que não decifrar nenhuma. Sem todas as sete, você perderá mais do que sua missão. Perderá a própria vida.

Inspirei, indeciso.

— Como saberei, grande mago? Como saberei que decifrei a alma de cada Canção?

Nesse instante, uma coluna de chama azul foi disparada das pedras. Ela chiou e estalou pelo ar, atingindo o topo de meu cajado como se fosse um raio azul. Estremeci com a força do impacto, mas, de algum modo, não larguei o cajado. Meus dedos sentiram apenas uma leve chamuscada.

A voz grave encheu meus ouvidos novamente:

— *Você saberá.*

Alisei o cajado. Não parecia diferente do que era, mas, de algum modo, eu sabia que ele havia mudado.

— *Agora você deve ir, jovem novato. Lembre-se do que eu lhe disse.* — A luz começou a se esvair das pedras. — *Que você consiga viver para visitar meu túmulo outra vez.*

— Por favor — implorei —, me diga só mais uma coisa. É verdadeira a profecia de que apenas uma criança de sangue humano é capaz de derrotar Rhita Gawr ou seu criado Balor?

O brilho não retornou. Não escutei qualquer som além dos suspiros pesarosos dos galhos.

— Diga-me. Por favor.

Finalmente, as pedras brilharam.

— *A profecia pode ser verdadeira, e pode ser falsa. Mas, ainda que seja verdadeira, a verdade muitas vezes tem mais de um rosto. Agora... vá embora! E não volte enquanto não for mais sábio do que seus anos.*



Estranhos Companheiros de Cama

Quando saí da clareira, as árvores ficaram sinistramente silenciosas outra vez. Apertei o cajado, ciente de que ele também fora tocado pelo espírito de Tuatha. E que ele, assim como eu, nunca mais seria o mesmo.

Rhia e Bumbelwy vieram em minha direção quando saí do meio dos cedros. Embora caminhassem lado a lado, o contraste entre eles não poderia ser mais gritante. Uma, que se movimentava com a energia de uma jovem raposa, trajando a floresta verdejante. O outro, tão duro e abatido quanto um toco de árvore, usando uma capa marrom pesada e, é claro, um chapéu com guizos pendentes. Mas ambos, pelo menos por enquanto, eram meus companheiros.

Rhia se aproximou de mim, entrelaçando seu dedo indicador no meu.

— O que descobriu?

Apertei o dedo dela.

— Um pouco. Só um pouco.

— Isso não será suficiente — observou Bumbelwy. — Nada nunca é suficiente.

— Aonde vamos agora? — perguntou Rhia, olhando para os galhos escuros atrás de mim.

Mordendo o lábio, meditei sobre a primeira das Sete Canções.

— Bem, preciso, de algum modo, encontrar a alma da arte de Mudar. E, para isso, preciso encontrar um arbóreo. *A primeira lição é Mudar, Como um arbóreo deve bem conhecer.* — Prendi a respiração. — Mas você não disse que Cwen era a

última dos arbóreos?

Ela concordou com a cabeça, o rosto sombrio. Pude perceber que, mesmo agora, sentia a ferroada da traição de Cwen.

— Ela era a última. A derradeira. E é provável que também tenha morrido. Deve ter sangrado até a morte após aquele goblin ter lhe cortado fora o braço.

Girei o topo retorcido do cajado na mão.

— Então como poderei descobrir a alma da Canção? Isso tem algo a ver com os arbóreos.

Rhia deslizou as mãos pelos cachos.

— Você tem uma propensão para desafios, Merlin! Sua única esperança é ir a Faro Lanna, o lar ancestral dos arbóreos. Mas não creio que encontrará muita coisa por lá.

— Isso fica longe?

— Muito. Você deve percorrer toda a costa sudoeste de Fincayra. E teremos de atravessar toda a extensão da Druma, o que nos retardará ainda mais. O único jeito de evitar isso é cortando pelos Morros Brumosos até a costa, e então seguir para o sul... mas isso significa passar pela terra das pedras vivas. Não é uma ideia sensata!

A cabeça de Bumbelwy sacudiu em concordância.

— Conselho acertado, jovem mulher. As pedras vivas têm um apetite sinistro por viajantes. — Ele engoliu em seco, sacudindo as papadas. — Principalmente bufões, ouvi dizer.

— Elas devem ter estômagos fortes — acrescentei sarcasticamente. Encarando Rhia, indaguei: — Aquela é a região onde vive a Grande Elusa, não é mesmo?

Bumbelwy tremeu.

— Outra excelente razão para evitá-la! Até mesmo as pedras vivas têm medo daquela aranha gigantesca. Seu apetite é pior do que o delas. Muito pior.

Inspirei fundo, o ar perfumado pelos galhos que nos cercavam.

— Mesmo assim, Rhia, quero que nos leve pelo caminho mais curto, através dos Morros Brumosos.

Tanto a garota quanto o bufão se sobressaltaram. Até mesmo os cedros silenciosos sacudiram suas galhadas, parecendo arfar.

Rhia se inclinou para mim.

— Está falando sério?

— Totalmente. — Afastei meu cabelo da testa. — Se conseguirmos poupar um dia, ou mesmo uma hora, poderá valer a vida de minha mãe.

Bumbelwy, os franzidos marcando profundamente seu rosto, agarrou a manga de minha túnica.

— Você não deve fazer isso. Aquelas colinas são mortais.

Livrei-me dele.

— Se prefere ficar aqui com Tuatha, vá em frente. — Quando seus olhos se arregalaram ao máximo, bati o cajado no chão coberto das agulhas. — Vamos embora.

Deixamos a clareira sombreada, caminhando através do terreno pantanoso. Exceto pelo chocalhar contínuo dos guizos de Bumbelwy, avançamos em silêncio. Pelo menos, pensei sombriamente, a Grande Elusa vai ouvir nossa aproximação. Mas conseguiríamos ouvi-la? E ela conteria seu apetite por um tempo longo o bastante para se lembrar de que, certa vez, nos acolhera como convidados em sua caverna de cristal? Minhas pernas fraquejaram ao me lembrar de suas mandíbulas cheias de baba.

À medida que nossos pés chapinhavam no solo enlameado, as árvores rareando, eu notava mais pontos de referência. Uma estranha pedra em forma de cadeira manchada de líquen amarelo. O esqueleto retorcido de uma árvore morta. Um pedaço de terra com musgo laranja flamejante. Um estranho buraco triangular. Quanto mais o crepúsculo se aprofundava, mais a água se infiltrava no solo, assim como em nossas botas. Não demorou para eu ouvir rãs coaxando a uma certa distância. Aves aquáticas se juntaram ao coro, emitindo cantos sinistros. O cheiro úmido e pútrido ficou mais forte. Em pouco tempo chegamos à beira de uma extensão de capim alto, árvores mortas e poças escuras de areia movediça. O pântano.

Abanando duas mangas salpicadas de lama, Bumbelwy protestou:

— Não vamos atravessar isso agora, vamos? É quase noite.

— Ou acampamos aqui — rebati —, ou encontramos um terreno mais seco nas colinas. O que acha, Rhia?

Ela arrancou um punhado de bagas roxas de um arbusto baixo e as enfiou na

boca.

— Hum. Ainda estão doces.

— Rhia?

— Terreno mais seco — respondeu finalmente. — Embora as bagas aqui sejam saborosas.

Quando o grito de uma garça-azul do pântano ecoou fantasmagoricamente das sombras, Bumbelwy sacudiu a cabeça.

— Bela escolha. Passar a noite num pântano e ser estrangulado por cobras mortais, ou na porta da Grande Elusa e ser devorado em seu desjejum.

— A escolha é sua. — Segui adiante, saltando um tronco podre. Pousei em uma poça, espirrando lama. Segundos depois, ouvi mais dois sons de lama sendo borrifada — juntamente a guizos e muitos resmungos — atrás de mim.

Por algum tempo, segui por uma faixa de lama endurecida que apontava como um dedo para dentro do pântano. Mas aquela marca logo sumiu, tornando necessária uma dura caminhada através de poças repletas de capim. Às vezes, eu afundava na água até as coxas. Dedos compridos e enegrecidos de galhos submersos se agarravam à minha túnica enquanto a lama escorria para dentro de minhas botas. E, de vez em quando, formas estranhas se agitavam nas profundezas desconhecidas.

A luz foi sumindo gradualmente. À noite, porém, não haveria lua, pois espessas nuvens haviam surgido, obscurecendo o céu. Ainda bem, disse a mim mesmo. Ver a lua me lembraria muito mais de minha perda de tempo, como também da esperança.

Avançamos na quase escuridão. Após outra hora de caminhada com dificuldade e de chapinhar na lama, a luz sumiu completamente. Uma cobra sibilou em algum lugar perto de minha bota. Comecei a temer que, de algum modo, houvéssemos desviado da rota. As trevas pareciam se estender infinitamente. Minhas pernas pareciam cada vez mais pesadas. Então, pouco a pouco, o terreno passou a ficar mais sólido sob meus pés. A princípio, mal notei a mudança, mas logo pude perceber que estávamos subindo gradativamente por solo rochoso. As poças pútridas desapareceram, assim como seu cheiro. Os ruídos de rãs e aves foram sumindo atrás de nós.

Tínhamos atravessado o pântano.

Exaustos, cambaleamos para uma clareira plana cercada por grandes pedras. Declarei-a nosso acampamento para a noite. Em uníssono, desabamos sobre o terreno coberto de musgo. Para aquecer as mãos frias, enfiei-as nas mangas dos lados opostos de minha túnica. Fechei os olhos e caí no sono.

Acordei quando uma grande gota de chuva pingou em meu nariz. Veio outra, e mais outra. Uma nuvem no horizonte brilhou subitamente com luz e um trovão ribombou acima do cume. O aguaceiro começou. A chuva nos apedrejou, impulsionada pelo vento cada vez mais forte. O céu noturno ficou ainda mais escuro, como se as nuvens tivessem se condensado em grandes placas rochosas. Ondas de água foram despejadas do céu. Ainda que, de algum modo, eu tivesse me transformado num peixe, não poderia estar mais molhado. Tudo de que eu precisava agora era de guelras.

Tremendo de frio, fui para mais perto de uma das pedras, esperando encontrar pelo menos um pouco de abrigo. Foi quando me dei conta de que a pedra estava chegando mais perto de *mim*.

— Pedras vivas! — gritou Rhia. — Temos que...

— Aaaaaiiee! — berrou Bumbelwy. — Estão me comendo!

Tentei rolar para longe da pedra. No entanto, o ombro de minha túnica foi apanhado, me mantendo preso. Dei-lhe um puxão, tentando me soltar. Enquanto a água escorria pelo meu rosto, golpeei a pedra com o punho.

Meu punho atingiu a rocha molhada — e lá ficou. Ele não saiu do lugar! Então, para meu pavor, a pedra começou a se fechar em torno dele. Engolindo a mão inteira com seus lábios pedregosos. Gritei, mas o estrondo de um trovão abafou minha voz. Na escuridão, em meio ao pé d'água, eu lutava com todas as minhas forças para me soltar.

Em pouco tempo, a pedra tinha consumido minha mão inteira. Em seguida, o pulso. O antebraço. O cotovelo. Por mais que me debatesse e me contorcesse, não conseguia me livrar. Embora ainda pudesse sentir os dedos e a mão, a pressão em cima deles aumentava constantemente. Em pouco tempo, meus ossos se desintegrariam, esmagados pelas mandíbulas de uma pedra viva.

O clarão súbito de um raio iluminou a elevação. Naquele instante, uma figura imensa e corpulenta, mais larga do que as pedras em si, entrou na clareira. Sua voz, mais alta ainda do que o trovão, se elevou acima da tempestade.

— Fooome — urrou a grande fera. — Estooou com fooome.

— A Grande Elusa! — gritou Rhia.

Bumbelwy soltou um berro novamente, o berro de um homem prestes a morrer.

Com um único salto, a Grande Elusa pousou ao meu lado, suas oito patas espalhando lama em todas as direções. Apesar da chuva e da escuridão, minha segunda visão não deixou de perceber suas grandes mandíbulas se abrindo. Ao mesmo tempo que olhava de relance para as infindáveis fileiras de dentes recortados, eu me esforçava o máximo para escapar. As mandíbulas se fecharam.

Não sobre mim! Com um terrível som crocante, a Grande Elusa deu uma dentada colossal na pedra viva. A pedra estremeceu violentamente, então soltou meu braço. Cambaleei para trás no terreno enlameado. Antes que pudesse me dar conta do que estava acontecendo, alguém caiu em cima de mim, ao mesmo tempo que uma explosão de luz branca ardeu na elevação.



A Caverna de Cristal

Cintilantes como estrelas, luzes dançavam ao meu redor. E também em volta de Rhia e Bumbelwy, pois estávamos deitados num único monte de braços e pernas e roupas rasgadas. Empurrei o pé gotejante de alguém para longe do meu rosto e me sentei. Fora o fato de estar encharcado de água e sentindo uma dor intensa na mão, eu estava bem. Fosse lá o que isso significasse.

Num lampejo, reconheci as fileiras sobre fileiras de cristais reluzentes, as ondas bruxuleantes de luz que vibravam nas paredes e a magnificência absoluta daquele local. Milhares e milhares de facetas deslumbrantes, cada qual tão lisa quanto gelo, resplandeciam para todos os lados, brilhando com luz própria. A caverna de cristal! Em minha primeira visita ali, eu soubera que jamais estivera num lugar tão bonito. Agora, constatava isso novamente.

Algo estalou atrás de mim. Girei a cabeça e vi a própria Grande Elusa, seu corpo tão grande que ocupava praticamente toda a caverna reluzente. Ela havia acabado de dar uma mordida no que parecia o dorso de um javali selvagem. Seus olhos enormes, facetados como os próprios cristas, me observavam enquanto ela mastigava. Após engolir o último bocado, ela limpou os braços, lambendo-os com surpreendente delicadeza.

— Beeem-viiindo ààà miiinha caveeerna — urrou.

Bumbelwy, os guizos soando enquanto ele tremia, agarrou minha manga, apavorado.

— Seremos... os p-p-próximos?

— Claro que não — repreendeu Rhia, os cachos molhados brilhando como os cristais ao redor. — Ela nos trouxe aqui para nos livrar das pedras vivas.

— P-Para que ela m-mesma p-possa nos c-comer — gaguejou o bufão.

— Silêêêncio. — A aranha gigantesca coçou a corcova branca nas costas. — Jááá satisfiiiz miiinha fooome por enquaaanto. Felizmeeente paaara vocêêês, peeedras viiivas leeevam alguuum teeempo paaara seeerem digeriiiidas. O javaliii foooi meeera sobremeeesa.

Usando a manga da túnica, enxuguei as gotas de chuva em meu rosto.

— Obrigado. Mas como nos trouxe aqui tão depressa?

— Saltaaando. — A Grande Elusa se aproximou mais um pouco, de modo que pude me enxergar refletido dezenas de vezes nas facetas de seus olhos. — Ééé uma aarte queee talveeez vocêêê apreeenda um diiia.

— Saltar é uma das Sete Canções que devo dominar! Não me diga que preciso aprender como fazer o que você acabou de fazer. Só isso poderia levar uma vida inteira.

— Muuuitas viiiidas. — A grande aranha branca continuou a me examinar. — Principalmeeente paaara queeem nããão conseeegue completaaar suuuas tareeefas. Ooonde deixooou a Haaarpa Floresceeente?

Brotou suor na minha testa.

— Está segura. Em Arbassa. Mas não posso voltar agora aos Morros Sombrios! Tenho outro problema para resolver antes.

— Uuum probleeema queee vocêêê causooou.

Baixei a cabeça.

— Sim.

— Uuum probleeema — ribombou a criatura — queee vocêêê aiiinda pooode solucionaaar.

Lentamente, ergui a cabeça.

— Está dizendo que tenho realmente alguma chance de salvá-la?

Uma das patas enormes bateu no chão de cristal.

— Uuuma chaaance minúúúscula aiiinda ééé uuuma chaaance.

Rhia arredou um pouco para mais perto de mim.

— Então Elen pode sobreviver?

— Eeela pooode, eee seeeu fiiilho tambééém. — Quando a Grande Elusa

pigarreou, o estrondo ecoou pelas curvas paredes cristalinas. — Maaas eeele tambééém precisaráááá sobreviveeer a eeesta missãããão, e a muuuitas maaais, aaantes queee um diiia pooossa encontraaar suuua próóópria caveeerna de cristaaal.

— Minha própria caverna de cristal? — Meu coração disparou com aquela ideia. — Isso é realmente possível?

— Tuuudo ééé possíííivel.

A aranha imensa deslizou o corpanzil para um lado, revelando um conjunto de objetos reluzentes. Os Tesouros de Fincayra! Reconheci o Globo de Fogo, sua esfera laranja incandescente como os cristais; o gracioso chifre que eu sabia ser o Evocador de Sonhos; e a grande espada Cortefundo, com um gume capaz de cortar toda a extensão até a alma, e o outro capaz de curar qualquer ferimento. Logo atrás deles, avistei o arado que cultiva o próprio campo, o Tesouro que Honn descrevera para seu filho. Perto dele estava o restante das Ferramentas da Sabedoria — exceto aquela que tinha sido perdida.

— Ééé beeem possíííivel queee, um diiia, vocêêê pooossa seeer suficientemeeente sensaaato paaara usaaar um deeesses Tesooouros e nãããão destruiiir maaais dooo queee criiiar.

Engoli em seco.

— Pooode meee dizeeer as Seeete Cançõõões. — Não era um pedido, mas uma ordem, suas palavras retumbaram em meus ouvidos.

Hesitei por um momento, então inspirei fundo e comecei:

As Sete Canções da Feitiçaria,
Uma melodia e mais de uma,
Ao Outromundo guiá-lo fácil seria,
Embora esperança você não tenha nenhuma.

Bumbelwy, que estava aconchegado no lado mais distante da caverna, sacudiu a cabeça morosamente, tinindo seus guizos. A aranha virou um enorme olho em direção a ele, que parou de imediato.

Sob o brilho dos cristais, continuei, recitando o alerta para dominar na ordem

cada Canção. Os luminosos olhos de Rhia cintilaram como os próprios cristais quando pronunciei as palavras que agora estavam incrustadas em meu próprio ser: *A alma essencial de cada Canção*. Então, prossegui através das Sete Canções. Quando, à conclusão, mencionei o olho de Balor, a Grande Elusa mudou incomodamente de posição sobre o chão facetado.

Ninguém falou durante algum tempo. Finalmente, a voz da Grande Elusa ressoou.

— Vocêêê estááá cooom meeedo?

— Estou — sussurrei. — Receio não conseguir fazer tudo durante as quatro fases da lua.

— Iiisso ééé tuuudo?

— Receio perante a dificuldade que será descobrir as almas das Canções.

— Iiisso ééé tuuudo?

Corri a mão nervosamente pelo chão cristalino, sentindo as bordas afiadas.

— Receio, mais que tudo, a respeito da sétima, Enxergar. Mas... não sei por quê.

— Vocêêê descobrirááá pooor quêêê, seee chegaaar tãão looonge.

Usando três de suas patas, ela coçou as costas peludas.

— Vocêêê aprenderááá tambééém uuum pooouco de máágica. Ééé uuuma peeena, porééém, queee nãão teeenha aprendiiido aaalgo reaaalmente úúútil. Cooomo fiaaar uuuma teeeia. Ooou cooomo mastigaaar uuuma peeedra.

Rhia deu uma risadinha. Então seu rosto ficou tenso.

— O que significa aquela parte sobre o olho de Balor?

Os pelos brancos da aranha eriçaram.

— Ooo ooogro teeem apeeenas uuum ooolho. Eee o ooolho maaata queeem olhaaar paaara eeele, meeesmo queee pooor uuum instaaante.

Rhia se inclinou em minha direção.

— Deve ter sido assim que Tuatha morreu.

— Siiim, iiisso meeesmo — declarou a Grande Elusa. — Eee ééé cooomo vocêêês tambééém morrerãão, seee nãão tiveeerem cuidaaado.

Franzi a testa.

— A verdade é que talvez eu não passe da primeira Canção. Quando você nos encontrou, estávamos seguindo para Faro Lanna, na esperança de descobrir

alguma coisa que talvez possa ajudar. Mas, como não restam mais arbóreos, é uma esperança quase inútil.

— Eeessa éé́é aaa úúúnica eperaaança queee vocêêês têêêm.

— Faro Lanna fica longe demais daqui — lembrou Rhia, desesperadamente. — Dá uma boa semana de caminhada, mesmo se não encontrarmos mais obstáculos.

— Uma semana! — gemi. — Não temos tanto tempo assim para gastar.

Uma explosão súbita de luz branca preencheu a caverna de cristal.

XV

MUDAR

Encontrávamo-nos sentados numa campina à beira de um despenhadeiro íngreme que pendia diretamente para o mar. Ao olhar da beirada, avistei colônias de gaivotas e andorinhas-do-mar de asas prateadas aninhadas na parede do rochedo, gritando e chilrando, e cuidando de seus filhotes. Um brisa gelada beijou meu rosto. O cheiro de água salgada temperava o ar. Muito abaixo de mim, a linha branca de arrebentação se misturava ao azul intenso e depois ao verde tão escuro quanto jade. Do outro lado de um amplo canal de água, mal consegui distinguir a forma de uma pequena ilha, escura e misteriosa. Atrás dela se elevava a parede de névoa que cercava toda a Fincayra.

Virei-me para Rhia e Bumbelwy, que também investigavam nosso novo ambiente. E pensar que, segundos antes, estávamos no interior da caverna de cristal da Grande Elusa! Onde quer que estivéssemos agora, era muito longe de lá. Que habilidade maravilhosa, mover pessoas daquela maneira. Ela se lembrara até mesmo de mandar meu cajado junto. Fiz uma anotação mental para prestar bem atenção à quinta lição, Saltar, se, por acaso, eu chegasse até lá.

Rhia se colocou de pé com um salto.

— Olhe ali — gritou, apontando para a ilhota. — Você a viu?

Levantei-me, me apoiando no cajado.

— Aquela ilha ali, sim. Parece quase irreal, não?

Rhia continuou olhando.

— É porque *é* quase irreal. Trata-se da Ilha Perdida. Tenho certeza.

Um arrepio percorreu minha espinha.

— A Sétima Canção! É onde preciso ir para aprender a Enxergar. — Olhei-a ligeiramente antes de voltar a observar a ilha envolta por vapores mutantes. — Você já a tinha visto antes?

— Não.

— Então como pode ter tanta certeza de que é a Ilha Perdida?

— Pelas histórias de Arbassa, é claro. É o único pedaço de terra em toda a Fincayra que não está ligado à ilha principal. Ninguém... nem mesmo o próprio Dagda, dizem... põe os pés ali há séculos. E, exceto pelo povo *mer*, que vive nesta enseada, ninguém sabe como atravessar as fortes correntes e os ainda mais fortes feitiços que giram em torno dela o tempo todo.

Desviei-me de uma gaivota que mergulhou bem diante do meu rosto. Não consegui, porém, afastar o olhar da ilha.

— Parece que não é para as pessoas irem lá. — Meu estômago se agitava apreensivamente. — Seja qual for o motivo.

Ela suspirou, ainda olhando a ilha.

— Algumas pessoas acreditam que isso tem a ver com o modo pelo qual os fincayrianos perderam suas asas muito tempo atrás.

— É bem verdade, é bem verdade, é bem verdade — entoou Bumbelwy enquanto caminhava apaticamente em nossa direção, tinindo a cada passo. — Foi o momento mais triste em toda a lamentável história de nosso povo.

Seria possível que o sombrio bufão soubesse como as asas foram perdidas? De repente, me senti esperançoso.

— Você sabe como isso aconteceu?

Ele balançou o rosto comprido voltado para mim.

— Ninguém sabe. Ninguém.

Franzi a testa. Aylah, a irmã do vento, sabia. Mas não quis me contar. Gostaria de poder lhe perguntar novamente. Mas isso era impossível, tão impossível quanto capturar o vento. Era muito provável que, àquela altura, ela já tivesse soprado o caminho todo até Gwynedd.

Finalmente Rhia desviou o olhar da ilha.

— Você gostaria de saber onde estamos agora exatamente?

Dei-lhe uma cutucada.

— Você ainda parece um guia.

— Você ainda precisa de um guia — rebateu com um meio-sorriso. — Estamos em Faro Lanna, a faixa de terra que outrora foi o lar dos arbóreos.

Ouvindo as ondas que quebravam abaixo de nós, vasculhei o platô. Penhascos íngremes cor de creme nos limitavam em três lados. E exceto por algumas pilhas de pedras desintegradas, possivelmente tudo que restou de paredes ou pisos de lareiras, havia apenas capim cobrindo a campina. Mais distante, ao norte, uma linha verde-escura marcava os limites de uma floresta. Mais além, o horizonte se erguia numa cerração arroxeada, possivelmente tudo que era visível dos Morros Brumosos.

Uma borboleta marrom esquálida esvoaçou para fora do capim e pousou em meu pulso. Suas patinhas fizeram cócegas, por isso sacudi a mão. Então ela saiu voando, pousou no topo retorcido de meu cajado. Suas asas imóveis se misturaram ao marrom-escuro da madeira.

Com um gesto amplo, indiquei o platô coberto de capim.

— Não sei como vamos aprender sobre a arte de Mudar dos arbóreos. Se eles algum dia viveram aqui, não deixaram muita coisa para trás.

— Esse era o jeito deles. — Rhia apanhou um seixo branco e o jogou no precipício. — Os arbóreos eram nômades, sempre procurando um lugar melhor para viver. Algum lugar para fincar raízes, como verdadeiras árvores, e chamá-lo de lar. Seus únicos assentamentos foram aqui, perto dos rochedos, mas, como pode ver por aqueles montes de pedras, não eram muitos. Nada mais do que abrigos para os muito velhos e os muito jovens. Nada de bibliotecas, mercados ou salões de reuniões. A maioria dos arbóreos passavam os dias vagueando por Fincayra, retornando para cá somente quando estavam prontos para encontrar um cônjuge ou para morrer.

— E o que aconteceu com eles?

— Ficaram tão envolvidos em sua exploração, acredito, que um número cada vez menor deles fez questão de voltar para casa. Finalmente, ninguém mais retornou. Os assentamentos desmoronaram ou foram destruídos, já que não havia ninguém por perto para cuidar deles. E os próprios arbóreos, um a um, foram morrendo.

Chutei um tufo de capim.

— Não posso censurá-los por vaguear por aí. Está no meu sangue também. Mas, ao que parece, eles jamais se sentiram em casa em lugar algum.

Rhia me observou pensativamente, o vento vindo do mar agitando seu traje folhoso.

— E se sentir em casa é algo que está no sangue, conforme você diz?

— Espero que sim, mas não estou certo. E quanto a você?

Ela ficou tensa.

— Arbassa é meu lar. Minha família. Toda família que já tive.

— Exceto por Cwen.

Ela mordeu o lábio.

— Outrora, ela pertenceu à minha família. Porém, não pertence mais. Ela trocou isso por um punhado de promessas de goblin.

A borboleta alçou voo do meu cajado. Seguiu para Bumbelwy, que ainda olhava soturnamente através do canal para a Ilha Perdida. Pouco antes de pousar, a borboleta aparentemente mudou de ideia e retornou ao galho retorcido de cicuta. Observei suas asas marrons embaçadas, uma das quais estava bem rasgada, se abrindo e fechando lentamente.

Olhando novamente para Rhia, declarei:

— Precisamos encontrá-la.

— Quem?

— Cwen. Talvez ela consiga me dizer o que aquelas pilhas de pedra não conseguem.

Rhia fez uma careta, como se tivesse comido um punhado de bagas azedas.

— Então estamos perdidos. Não há como encontrá-la, mesmo se tiver sobrevivido ao corte do braço. Além disso, se a encontrarmos, não poderemos confiar nela. — Praticamente cuspindo as palavras, acrescentou: — Ela é uma completa traidora.

Abaixo de nós, uma onda enorme quebrou contra o rochedo, afastando gaivotas e andorinhas-do-mar em meio a guinchos.

— Ainda assim, preciso tentar! Certamente alguém a viu depois que ela partiu. Se os arbóreos são raros hoje em dia, a aparição de um deles seria notada, não é mesmo?

Ela sacudiu a cabeça.

— Você não entende. Arbóreos não apenas não se satisfaziam em permanecer num único lugar. Eles tampouco se satisfaziam em permanecer num único corpo.

— Não está querendo dizer...

— Sim! Eles sabiam como mudar de forma! Você não sabe que a maioria das árvores muda de cor no outono e adquire uma roupagem toda nova na primavera? Os arbóreos foram muito mais além disso. Eles estavam sempre mudando sua forma, indo de árvore para urso, ou águia, ou rã. É por isso que foram citados na Canção sobre Mudar. Eles eram mestres nisso.

Minhas esperanças, tão frágeis quanto a borboleta empoleirada em meu cajado, sumiram completamente.

— Então, se Cwen estiver viva, pode se parecer com qualquer coisa?

— Absolutamente qualquer coisa.

Sentindo meu desespero, Bumbelwy falou.

— Eu posso lhe cantar uma canção, se quiser. Algo leve e alegre.

Como não tive forças para protestar, ele começou a cantar, agitando o chapéu drapejado de guizos no tempo do ritmo.

A vida é uma maldição sem fim,
Bem pior poderia ser!
Mas olhem só para mim.
Ninguém é mais alegre ao viver.

Embora a morte venha o ar encher,
Desesperar não é a solução.
Bem pior poderia ser:
A vida é sem fim uma maldição.

Seja alegre! Pois, em boa hora,
Pior poderia ser a função,
Muito pior do que agora!
Como? A mim... não pergunte, não.

— Pare — gritou Rhia. — Se você realmente se sente assim, por que simplesmente não pula deste rochedo e põe fim à sua desgraça?

Bumbelwy franziu a testa triplamente.

— Você não estava prestando atenção? Essa é uma canção alegre! Uma das minhas favoritas. — Suspirou. — Puxa vida, devo ter entoado mal. Como sempre. Bem, tentarei novamente.

— Não! — berrou uma voz.

Mas a voz não pertencia a Rhia. Nem a mim. Pertencia à borboleta.

Com um esvoaçar nervoso, a criatura pequenina deixou seu poleiro, se elevou no ar e começou a descer fazendo um movimento espiralado. Pouco antes de atingir o capim, um alto *creeeec* rompeu o ar. A borboleta sumiu.

Em seu lugar, surgiu uma esbelta figura retorcida, parte árvore, parte mulher. Seu cabelo, tão grosseiro quanto palha, caía sobre a pele de casca de árvore do rosto, emoldurando dois olhos negros em formato de lágrimas. Um manto marrom a envolvia, cobrindo o corpo até os pés largos e nodosos semelhantes a raízes. Apenas um braço se projetava do manto, a mão usando um anel de prata no menor dos seis dedos. O cheiro adocicado de flores de macieira estava grudado nela, em total contraste com à expressão ácida do rosto.

Rhia ficou tão dura quanto um galho seco.

— Cwen.

— Ssssim — ciciou a arbórea, a voz farfalhante como capim seco. — Ssssou Cwen. A messssma Cwen que tomou conta de vocccc̃ê, quando era bebê, e cuidou de vocccc̃ê durante muitassss doenççççassss.

— E a que tentou me dar aos goblins!

A única mão de Cwen percorreu seu cabelo desgrenhado.

— Não foi meu dessssejo. Elessss prometeram que não lhe fariam mal.

— Você deveria saber que eles mentiriam. Ninguém pode confiar num guerreiro goblin. — Ela olhou para a figura retorcida. — Agora ninguém pode confiar em *você*.

— Não vê que eu ssssei disssso?

Uma gaivota pousou na grama ali perto e começou a puxar uma folha com o bico. Embora a ave puxasse vigorosamente, a grama não cedia.

— Obssssservem isssso — pediu Cwen, dando um passinho para mais perto.

Com a mais gentil das vozes, perguntou: — Sssse eu tentasssse ajudá-lo a consssstruir sssseu ninho, meu bom pássssaro, voccccê deixaria?

A gaivota gritou e bateu as asas raivosamente para ela. Somente após fazer isso por algum tempo, ela finalmente se acalmou e retornou ao trabalho, ainda observando Cwen desconfiadamente com um dos olhos.

Pesarosamente, a arbórea se voltou para Rhia outra vez.

— Viu? Esssse é o meu cassssstigo.

— Você merece, cada bocado.

— Ssssou uma dessssgraçada, totalmente dessssgraçada! Pensssse i que assss coisassss não pudessssem piorar. Então voccccê apareceu de repente. — Apontou um dedo nodoso para Bumbelwy. — Com essssa... vozzzz de ruína.

O bufão ergueu a cabeça, esperançoso.

— Talvez você prefira charadas. Conheço uma genial sobre guizos.

— Não! — guinchou a arbórea. — Por favor, Rhia. Essstou tão ccccheia de remorssssossss. Não vai me perdoar?

Rhia cruzou os braços cobertos de folhas.

— Nunca.

Senti uma dor aguda repentina. A palavra *nunca* ressoou em meus ouvidos como uma porta pesada sendo batida e trancada. Para minha surpresa, uma sensação de compaixão nasceu dentro de mim. Certamente Cwen fizera uma coisa terrível. Coisa da qual se arrependera. Mas eu também não fizera coisas das quais me arrependia profundamente?

Cheguei perto de Rhia, baixando a voz.

— É difícil, eu sei. Mas talvez você devesse perdoá-la.

Ela olhou-me friamente.

— Como posso?

— Do mesmo modo como minha mãe me perdoou depois do que fiz a ela. — Nesse instante, as palavras marcantes de Elen voltaram a mim. *A borboleta pode mudar de uma mera lagarta para a mais bela criatura de todas. E a alma, meu filho, pode fazer o mesmo*. Mordi o lábio. — Cwen certamente fez algo terrível. Mas ela merece outra chance, Rhia.

— Por quê?

— Porque, bem, ela pode mudar. *Todos nós, todos os seres vivos, temos o*

potencial da mudança.

De repente, meu cajado lampejou com uma luz azul brilhante. A haste de madeira chiou como se estivesse queimando. Uma fração de segundo depois, tanto a luz quanto o som desapareceram. Ao girar o cajado na mão, descobri uma marca entalhada nele, tão azul quanto o céu no crepúsculo. Tinha a forma de uma borboleta. Eu soube naquele instante que o espírito de Tuatha ainda tocava meu cajado. E que, de alguma forma, eu descobrira a alma de Mudar.

Com hesitação, Rhia estendeu a mão para a arbórea. Cwen, os olhos finos cintilando, a segurou. Por um instante, as duas se olharam em silêncio.

Finalmente, a arbórea se dirigiu a mim.

— Exisssste algum modo de lhe agradeccccer?

— Vê-las desse modo já é um agradecimento suficiente.

— Tem ccccerteza de que não há nada que eu possssa fazzzzer?

— Tenho, a não ser que você conheça o poder de Saltar — respondi. — Precisamos ir agora ao Lago da Face, no extremo norte.

— Dez dias de caminhada — gemeu Bumbelwy. — Não, está mais para 12. Não, digamos que sejam 14.

Os olhos lacrimejantes de Cwen me sondaram.

— Não conheçççço a habilidade de Ssssaltar, massss a habilidade de Mudar pode sssser útil a você.

Rhia prendeu a respiração.

— Ah, Cwen, se ao menos pudéssemos nadar como peixes...

— Isssso lhessss pouparia váriossss diassss.

Dei um salto.

— Isso é realmente possível?

Um sorriso maroto se abriu no rosto de Cwen enquanto ela sacudia os dedos ossudos na direção de Bumbelwy.

— Voccccê, vozzzz de ruína, irá primeiro.

— Não — implorou ele, recuando. — Você não faria isso. Não poderia.

— *Flippnassss sssslippna, hahnawayssss sssswisssssh* — entoou Cwen. — *Kelpono bubblim tubblim peixxxxe*.

De repente, Bumbelwy parou, percebendo que havia recuado quase até a beirada do precipício. Olhou para a rebentação abaixo, os olhos arregalados de

medo, as mangas sacudindo ao vento. Olhou de volta para Cwen, os olhos ainda mais arregalados.

— P-Por favor — gaguejou. — Eu *detesto* p-p-peixe! São v-viscosos, m-muito m-molhados! T-Tão...

Creeeec.

Um peixe desajeitado, com olhos enormes e quatro papadas, caiu indefeso na grama antes de, finalmente, mergulhar no precipício. Ainda assim, achei difícil rir, pois sabia que eu seria o próximo.



Emoção Líquida

De repente, eu não conseguia respirar.

O vento passava depressa. Eu me sentia caindo, caindo, caindo. Lutei para inspirar um pouco de ar. Não adiantou! O vento uivante me cortava. Contudo, eu não conseguia encher os pulmões com ele, como sempre fizera. Então, com um esguicho, atingi a água fria. Minhas guelras se abriram. *Guelras*! Finalmente, voltei a respirar. Enquanto se movimentava à minha volta, a água também se movimentava através de mim.

Não havia mais braços. Não havia mais pernas. Meu corpo era agora um simples rabo aerodinâmico, com barbatanas flexíveis acima e abaixo e em ambos os lados. Uma das barbatanas se enroscava em volta de uma pequena vareta que, deduzi, foi tudo que restou do meu cajado. Eu não fazia ideia do que tinha acontecido à minha bolsa, botas e túnica.

Levei um instante para encontrar meu equilíbrio, pois sempre que tentava movimentar as barbatanas eu pendia para um lado. E levei mais do que um instante para minha segunda visão se ajustar à luz turva e dispersa debaixo d'água. Exceto pela camada de água mais próxima da superfície, não havia praticamente luz nenhuma. Apenas graduações de escuridão.

Após alguns minutos de dificuldade, porém, minha confiança começou a aumentar. Descobri que nadar requeria movimentos completamente diferentes dos da minha forma humana. Braçadas estavam fora de questão. Assim como batidas de pé, pelo menos do modo antigo. O que eu precisava fazer era oscilar o

corpo inteiro de lado a lado, como um chicote vivo estalando. Cada escama da minha pele, das guelras à ponta da rabo, se juntava ao movimento. Em pouco tempo descobri que conseguia atravessar as ondas. E podia me mover para cima ou para baixo, como também para a esquerda e para a direita.

Um peixe esguio, sarapintado de verde e marrom, se aproximou. Percebi de imediato que era Rhia, pois, embora não estivesse debaixo d'água há mais tempo do que eu, ela se movimentava com a graça da própria correnteza. Sacudimos nossas barbatanas em saudação. Ela fez uma espécie de ruído de tosse e percebi que estava rindo diante da visão do meu cajado em miniatura.

Nesse instante, Bumbelwy, arrastando com o rabo uma alga rasgada, nadava lentamente em nossa direção. Embora não usasse guizos, não havia como confundi-lo. De frente, suas papadas faziam se parecer a uma enguia usando gola pregueada. Era o mais perto que já havia chegado de ser engraçado, embora ele não fizesse ideia disso.

Nossa primeira tarefa foi aprender a nos manter juntos. Rhia e eu nos revezamos na posição de liderança, com Bumbelwy sempre atrás. Em pouco tempo, Rhia e eu começamos a nadar com coordenação crescente. Um sexto sentido emergiu lentamente em nós dois, o mesmo sentido que mantém um cardume inteiro junto. Após o primeiro dia inteiro nadando, nós dois nos movimentávamos quase como um único ser conectado.

Uma emoção tranquila, líquida, me envolvia enquanto nadávamos através de vastas florestas de algas oscilantes ou saltávamos através das ondas sinuosas. Eu experimentava as sensações, bem como os sabores das correntes: senti a alegria de uma família de golfinhos, a batalha solitária de uma tartaruga migrante, a avidez de uma anêmona-do-mar recém-nascida. No entanto nunca me esqueci da seriedade de minha missão. Ainda que me deleitasse com a experiência de ser uma criatura marinha, eu sabia que tudo aquilo era simplesmente um meio de economizar tempo — e, talvez, salvar Elen. Mesmo assim, prometi a mim mesmo que, se sobrevivesse àquela missão e um dia me tornasse realmente um mago, talvez até mesmo o mentor de um jovem rei ou rainha, eu me lembraria das virtudes de transformar meus discípulos em peixes.

Uma dessas virtudes foi descobrir a grande quantidade de comida que o mar era capaz de fornecer. Ora, o mar era de fato um enorme banquete flutuante! Dia

após dia, eu comia tantos insetos, ovas e larvas até ficar inchado. Rhia, por sua vez, se revelou perita em apanhar pequenos e deliciosos lagostins. Ao passo que Bumbelwy se dedicava às larvas, provando inclusive muitas das estranhas iguarias do mar.

Ao mesmo tempo, tentávamos permanecer alertas ao perigo de nos tornarmos iguarias de outros. Em dado momento, atravessei um túnel reluzente de corais amarelos só para descobrir um peixe muito grande e muito faminto esperando por mim na outra ponta. Por mais que tivesse disparado dali na maior velocidade possível, eu certamente teria sido apanhado se não fosse uma criatura ainda maior que surgiu de repente, amedrontando meu perseguidor. Embora eu apenas tivesse vislumbrado a criatura que me ajudara, ela pareceu possuir rabo de peixe e corpo de homem na parte de cima.

Por seis dias e cinco noites, nadamos sem parar em direção ao norte. Geralmente após escurecer, a luz pálida de uma meia-lua crescente dançava acima das ondas. Contudo, a beleza da lua me escapava. Eu enxergava apenas o rosto de uma pessoa em sua superfície, alguém que eu temia perder para sempre. Restavam menos de três semanas.

Finalmente chegou o momento no qual Rhia deu uma guinada em direção à costa. Ela nos conduziu a um pequeno delta onde um riacho de água doce despejava no mar. Senti seu gosto, misturado aos sabores salgados das águas de mar aberto, a pureza da neve derretida, a brincadeira das lontras e a paciência inabalável de um renque de antigos pés de abetos. Nadamos riacho acima até o mais longe que pudemos. Então, concentrando meus pensamentos, repeti a ordem que aprendera com Cwen.

De repente, eu estava de pé, com água até os joelhos, em uma pequena cascata precipitante, segurando o cajado com uma das mãos e o braço de Rhia com a outra. Logo mais abaixo do riacho, Bumbelwy se jogou na margem pantanosa, tossindo e cuspindo. Aparentemente, ele tinha se esquecido de que as pessoas não conseguem respirar muito bem com a cabeça debaixo d'água.

Enquanto Bumbelwy se recuperava, Rhia e eu sacudimos um pouco da água de nossas roupas e de nossos corpos. Enquanto isso, ela explicava crer que aquele riacho desaguava no próprio Lago da Face. Sem demora, nós três estávamos caminhando ao longo da margem pedregosa do riacho, seguindo pelo terreno

ascendente. Uma floresta emaranhada de amieiros e bétulas grudada à margem dificultava o avanço. Todas as vezes que Bumbelwy tentava se livrar dos galhos que se agarravam à capa, seus guizos chocalhavam, encharcados.

Em determinado ponto, parei, ofegando por causa da subida. Após avistar um cogumelo com o talo peludo crescendo entre as raízes de uma bétula, arranquei-o do solo.

— Por estranho que pareça — comentei ao dar uma mordida —, vou sentir saudades daquelas larvinhas brancas.

Rhia enxugou a testa e sorriu para mim. Colheu um cogumelo para si também.

— Talvez você encontre mais larvas no Lago da Face.

— Por que ele recebeu esse nome? Você sabe?

Ela mastigou pensativamente.

— Alguns dizem que é por causa de seu formato, que se parece um pouco com a face de um homem. Outros dizem que é por causa do poder da água.

— Que poder?

— Segundo a lenda, se você se olhar nela, vai estar em face a uma verdade importante sobre sua vida. Mesmo que seja uma verdade que preferiria não saber.

XVII

Atar

Fomos adiante, seguindo a margem pedregosa do riacho enquanto ela subia em meio aos amieiros. Apesar de as raízes nos fazerem tropeçar e de os espinhos rasgarem nossas roupas, nossos passos dificilmente desaceleravam. Várias horas e canelas arranhadas depois, o curso de água se abriu para o interior de um pequeno vale cercado por colinas íngremes cobertas de mato. O odor picante de pinheiros flutuava ao redor. Em meio às árvores, afloramentos de quartzo branco brilhavam sob o sol de fim de tarde.

O vale, porém, parecia sinistramente silencioso. Nenhum pássaro cantava, nenhum esquilo chilreava, nenhuma abelha zunia. Escutei atentamente, esperando ouvir a agitação de alguma coisa viva. Rhia, lendo meus pensamentos, assentiu de maneira compreensiva.

— Animais e pássaros evitam este vale. Ninguém sabe por quê.

— Eles são mais inteligentes do que as pessoas — observou Bumbelwy, os guizos ainda respingando água.

Observei Rhia descer para a margem do lago no centro do vale. O lago, de água quase preta, era tão tranquilo que nem sequer uma marola fendia sua superfície. Daquele ângulo, seu contorno parecia o perfil de um homem cujo queixo, forte e desafiador, se salientava para fora — muito parecido com o do meu pai. Ao me lembrar dele, enrijeci. Gostaria que ele tivesse sido tão forte na realidade quanto na aparência. Forte o bastante para se opor a Rhita Gawr quando tivera chance. Forte o bastante para ajudar a própria esposa, Elen,

quando ela precisou dele.

Um grito agudo me arrancou dos pensamentos.

Lá, na beira do lago, estava Rhia, se olhando na água negra. Estendia a mão protetoramente enquanto suas costas se curvavam de medo. No entanto, se alguma coisa no lago a havia assustado, ela não fez nenhum esforço para se afastar ou fugir. Olhava diretamente para a água, completamente paralisada de pavor.

Corri até ela. Bumbelwy me seguiu, tropeçando alternadamente em sua capa rasgada e no enredado de vinhas que cresciam ao longo da margem. No momento em que a alcancei, ela se virou. Sua pele, normalmente cheia de cor, parecia mortalmente pálida. Ela arfou ao me ver, como se estivesse sentindo medo de repente. Então tremeu e agarrou meu braço, a fim de se apoiar.

Firmei-me para sustentar seu peso.

— Você está bem?

— Não — respondeu fracamente.

— Viu alguma coisa no lago?

— V-Vi. — Tremeu novamente e largou meu braço. — E você... é melhor não olhar.

— Ótimo — declarou Bumbelwy, olhando nervosamente para a água negra. — Vamos embora.

— Espere. — Caminhei até a beira do lago. Ao olhar a água parada, vi meu próprio reflexo, tão claro que, por um instante, pensei ser meu irmão gêmeo olhando de volta para mim. O que, me perguntei, poderia haver de tão medonho num reflexo tão perfeito? Ali estavam meus olhos inúteis, parecendo pedaços de carvão abaixo da testa. E minhas bochechas marcadas, destruídas por chamas que quase ainda era capaz de sentir. Alisando o rosto, desejei um dia ter barba para deixá-la crescer e cobrir as cicatrizes. Uma barba, encaracolada e branca, como a que eu imaginava aquela usada pelo próprio Tuatha.

Saltei para trás. Começaram a brotar pelos no rosto do garoto refletido no lago. Primeiro negros, depois grisalhos e finalmente brancos como o quartzo da encosta, os pelos crescendo longos e irregulares. Eles cobriam a maior parte do rosto do garoto, crescendo e crescendo. Logo caíram até seus joelhos. Seria possível? Estaria o Lago da Face me dizendo que, um dia, tal como meu avô

antes de mim, eu usaria barba? Que, um dia, eu seria como ele, um mago?

Sorri, me sentindo cada vez mais confiante ao espiar a água escura, parada. O que quer que Rhia tivesse visto, obviamente havia sumido. Inclinei-me para mais perto. O garoto no lago, não mais usando barba, começou a virar de costas para mim lentamente. Ele correu em direção a uma coisa. Não, em direção a alguém. Um guerreiro imenso, musculoso, usando uma faixa vermelha em torno da testa, surgia das profundezas a passos largos. Então, quando chegou mais perto, notei que só tinha um olho. Um olho enorme, raivoso. Balor!

Para meu pavor, o ogro se esquivou facilmente do garoto, o agarrou pela garganta e o ergueu bem alto. Minha própria garganta se apertava enquanto eu olhava o jovem ser estrangulado por mãos poderosas. Por mais que eu tentasse, não conseguia me afastar da cena aterrorizante. O garoto esperneava loucamente, tentando não encarar o olho mortal do ogro. Contudo, o poder do olho o atraía para si. Finalmente o garoto sucumbiu. Com uma última convulsão das pernas, ele pendeu flacidamente nas mãos do ogro.

Caí para trás, no chão, ofegando. A cabeça girava. O pescoço latejava. A cada respiração, eu tossia incontrolavelmente.

Rhia me alcançou, assim como Bumbelwy. Ela apertou minha mão ao mesmo tempo que ele alisava minha testa compreensivamente. Aos poucos, a tosse cedeu. Mas antes que algum de nós pudesse falar, alguém gritou em nossa direção, lá da água.

— Então — chiou uma voz alegre —, achou a profecia do lago difícil de, digamos, engolir? — Seguiu-se uma forte gargalhada arfante. — Ou está apenas se sentindo, digamos, sufocado?

Recuperando o ânimo, vasculhei a superfície escura do lago. Perto do que poderia ser o nariz do perfil, avistei uma imensa lontra peluda, toda prateada, exceto pelo rosto, que era branco. Ela boiava de costas, ociosamente, batendo as patas quase tão despretensiosamente que mal causava uma marola.

Apontei.

— Ali. Uma lontra.

Rhia sacudiu a cabeça, descrente.

— Não achava que alguém vivesse aqui.

— Eu só vivo onde me sinto pronta — rebateu ela alegremente, espirrando

um jato de água por entre os dentes da frente. — Querem nadar aqui comigo?

— Sem chance — declarou Bumbelwy. Abanou as mangas compridas parecidas com barbatanas, fazendo com que os guizos pingassem água em seu rosto. — Já nadei o suficiente por uma vida inteira.

— Então que tal se eu cantar uma de minhas canções aquáticas para vocês? — A lontra nadava preguiçosamente em nossa direção, alisando a barriga com as patas dianteiras. — Eu tenho, digamos, uma voz fluida. — Sua risada arfada retornou, ecoando pelo lago.

Apoiando-me no cajado, levantei.

— Não, obrigado. A única Canção que nos interessa não tem relação com água. — Tomado por uma inspiração súbita, perguntei: — Você, por acaso, não saberia algo sobre a arte de Atar, saberia?

Rhia franziu a testa.

— Merlin — alertou. — Você não a conhece direito! Ela poderia ser...

— Especialista em questões de Atar — disse a lontra descontraidamente. — Meu passatempo favorito. Isto é, logo depois de boiar de costas e olhar as nuvens.

— Viu? — cochichei para Rhia. — Ela pode nos dizer o que precisamos. E não vejo mais ninguém em volta desse lago para nos ajudar.

— Eu não confio nela.

— Por quê?

Ela pressionou a língua contra a parte interna da bochecha.

— Não sei exatamente. É apenas uma sensação. Um instinto.

— Ora, que se danem seus instintos! Estamos perdendo tempo! — Varri o contorno da água atrás de qualquer sinal de outras criaturas que pudessem, talvez, nos auxiliar. Não havia nenhuma. — Por que ela mentiria para nós? Não temos motivo para desconfiar dela.

— Mas...

Rosnei com impaciência.

— O que foi agora?

Ela sibilou para mim como uma cobra.

— É que... bem... que diabos, Merlin! Não sei expressar com palavras.

— Então vou seguir fazendo o que acho, e não o que você sente. E acho que

qualquer criatura que vive neste lago encantado, completamente só, deve ter um conhecimento especial. Talvez até mesmo um poder especial. — Virei-me para a lontra, que havia flutuado para bem mais perto. — Preciso descobrir a alma... o princípio fundamental... da arte de Atar. Você pode me ajudar, boa lontra?

Inclinando a cabeça em direção à margem, ela espirrou um jato de água em mim.

— Por que eu deveria?

— Porque eu lhe pedi, só isso.

Ela soprou algumas borbulhas na água.

— Oooh, isso faz cócegas nas orelhas. — Mais borbulhas. — Você precisa me dar uma razão melhor do que essa.

Bati o cajado no solo.

— Porque a vida de minha mãe está em risco!

— Hummm — fez ela preguiçosamente. — Sua mãe? Eu já tive uma mãe. Era uma nadadora terrivelmente lenta. Bem, acho que posso ajudá-lo. Mas apenas com o básico.

Meu coração bateu forte no peito.

— É disso que preciso.

— Então puxe algumas dessas videiras. — Ela flutuou para mais perto da praia. — Perto dos seus pés.

— Videiras?

— Claro — retrucou a lontra, batendo as patas e girando lentamente num círculo. — Para aprender sobre Atar, você precisa atar alguma coisa. Vamos logo, menino! Não tenho a tarde toda. Peça aos seus amigos sorridentes que o ajudem.

Virei-me para Rhia, que continuava franzindo a testa, e para Bumbelwy, que não havia parado.

— Vocês vão me dar uma mão?

Com relutância, ele concordaram. As videiras, embora flexíveis, eram grossas e pesadas, cobertas com fileiras de pequeninos espinhos. Difíceis de se agarrar, difíceis de se levantar. Puxá-las para cima foi um trabalho árduo. Desembaraçar um ramo do outro foi ainda pior.

Finalmente conseguimos. Vários comprimentos de videiras, cada qual três ou quatro vezes a minha altura, jaziam a meus pés. Bumbelwy, exausto, se sentou

ruidosamente de costas para a água. Rhia permanecia ao meu lado, observando a lontra cautelosamente.

Aprumei as costas, sentindo o espaço entre as omoplatas terrivelmente dolorido. Claramente, todo aquele esforço havia distendido alguma coisa.

— Pronto. E agora?

A lontra continuava nadando num círculo.

— Agora amarre um em volta de suas pernas. O mais apertado que puder.

— Merlin — alertou Rhia. Ela tocou o amuleto de Elen, feito de carvalho, freixo e espinheiro, ainda preso à sua camisa folhuda.

Ignorando-a, me sentei e enrolei uma das videiras em volta dos tornozelos, panturrilha e coxas. Apesar dos espinhos, consegui amarrá-la com um nó triplo.

— Ótimo — suspirou a lontra com um bocejo. — Agora a mesma coisa com seus braços.

— Meus braços?

— Quer aprender sobre Atar ou não?

Virei-me para Rhia.

— Ajude-me aqui, por favor.

— Não quero.

— Por favor. Estamos perdendo um tempo precioso.

Ela deu de ombros.

— Está bem. Mas acho que está tudo errado.

A lontra, seus pelos brilhantes, deu uma risadinha de satisfação enquanto observava Rhia amarrar minhas mãos e depois prendê-las ao meu peito...

— Ótimo. Está quase lá.

— Espero que sim — retruquei impacientemente. — Os espinhos estão penetrando minha pele.

— Só mais uma videira. E você, digamos, vai se amarrar de satisfação.

A lontra bateu uma pata e espirrou água em Bumbelwy.

— Você aí, sujeito preguiçoso! Enrole um ramo pelo corpo todo dele. Certifique-se de que vai cobrir todos os espaços que não foram cobertos até agora. Até mesmo a cabeça. Isso, afinal de contas, estamos lidando com um encanto delicado. Tudo deve estar exatamente correto.

Bumbelwy olhou para mim.

— Devo?

Trinquei os dentes.

— Faça.

Lugubremente, Bumbelwy me enrolou tão apertado quanto um casulo. Quando terminou, apenas minha boca e parte de um ouvido permaneciam expostos. Deitei de lado no chão, incapaz de me mexer, pronto para, finalmente, descobrir a alma de Atar.

Com as mandíbulas fechadas, perguntei:

— I aora?

A lontra soprou uma risadinha.

— Agora que você está, digamos, com a atenção presa, eu lhe darei a informação que pediu.

— Gui eja ápido. — Uma videira penetrou em minha coxa. Tentei rolar para o outro lado, mas não consegui nem mesmo me mexer. — Ur avor.

— O princípio básico de Atar, como qualquer outra coisa, é... — Ela soprou uma coluna de água para o ar. — Nunca confie num gozador.

— Hãã?

A lontra riu incontrolavelmente, segurando a grande barriga enquanto rolava e rolava no baixio.

— É por isso que me chamam de Gozadora do Lago. — Ainda rindo, ela bateu as patas preguiçosamente em direção à margem oposta. — Espero que eu não tenha, digamos, prendido você por muito tempo.

Guinchei de raiva. Embora não conseguisse fazer mais do que isso. Por mais que tivesse demorado muito para me amarrarem com as videiras, pareceu levar o dobro do tempo para me desamarrarem. Quando consegui me pôr de pé e caminhar pela margem, frustrado, o sol quase tinha desaparecido atrás da borda dos morros.

— Desperdicei o dia todo — gemi, sensível aos arranhões nas mãos, coxas e testa. — O dia todo! Não acredito que confiei nela.

Rhia nada disse, embora eu soubesse muito bem o que ela estava pensando.

Virei-me para encará-la.

— Você não deveria ter vindo comigo! Deveria ter ficado para trás, em Arbassa, onde pelo menos estaria a salvo.

Seus olhos azul-acinzentados me examinaram.

— Não quero ficar a salvo. Quero ficar com você.

Esmaguei uma videira com o calcanhar.

— Por que se preocupa?

— Porque... eu quero. — Olhou tristemente para a água escura. — Apesar do que o lago me disse.

— O que foi que ele lhe disse?

Ela suspirou fortemente.

— Não quero falar sobre isso.

Recordando minha visão do olho de Balor, concordei com a cabeça.

— Está bem. Mas continuo sem saber por que você quer ficar.

Alguma coisa no céu captou a atenção dela, e Rhia mirou para cima. Seguindo seu olhar, descobri duas formas distantes tecendo seu caminho através do horizonte. Embora mal conseguisse enxergá-las, eu soube de imediato o que eram. Uma dupla de falcões viajando juntos pela brisa. Voavam quase como se fossem um só, flutuando e virando em uníssono, do mesmo modo que Rhia e eu havíamos nos movimentado como peixes.

— Não são adoráveis? — perguntou ela, os olhos seguindo os pássaros. — Se são como os falcões de Druma, não apenas voam juntos, eles constroem um ninho juntos, um ninho que dividem por toda a vida.

Imediatamente entendi. O que ligava os falcões um ao outro, o que ligava Rhia a mim, nada tinha a ver com videiras. Ou cordas. Ou correntes de qualquer tipo.

Virei-me novamente para ela.

— Eu acho, Rhia, que os laços mais fortes são invisíveis. Talvez... *os laços mais fortes sejam os do coração*.

Com um clarão azul, meu cajado se inflamou. Quando a chama desapareceu, descobri uma nova marca entalhada na haste, não muito distante da borboleta. Era uma dupla de falcões unidos em voo.

XVIII

Luz Passageira

A luz azul mal havia desaparecido do cajado e meus pensamentos se voltaram para a terceira Canção, a de Proteger. Afastei-me do lago, sua superfície lisa brilhando sombriamente, até o vale arborizado que nos cercava. Atravessar o cume íngreme, com a floresta densa, seria apenas o começo. Pois a terceira Canção exigia outra longa viagem. *A habilidade de Proteger é a terceira, assim como a dos anões que fundo cavam.*

Para a terra dos anões! O reino deles, explicou Rhia, era visitado apenas raramente — e quase nunca por vontade própria. Se por um lado os anões viviam em paz com seus vizinhos, por outro, não recebiam bem qualquer intruso. Tudo que se sabe sobre seu reino subterrâneo é que sua entrada fica em algum lugar próximo à nascente do rio Incessante, nas altas planícies setentrionais dos Morros Brumosos. Dessa vez não tínhamos escolha sobre como chegar ao nosso destino. Teríamos de caminhar.

Mesmo indo até nosso limite todos os dias, até bem depois do pôr do sol, gastamos grande parte de uma semana subindo os morros. Nossas refeições consistiam principalmente de maçãs silvestres, castanhas, um vinho doce que Rhia descobrira e, ocasionalmente, um ou dois ovos do ninho de alguma perdiz descuidada. Embora evitássemos mais encontros com pedras vivas, a caminhada se mostrou árdua. Vapores redemoinhavam constantemente, nos envolvendo em xales nevoentos, inibindo nossa visão até mesmo do terreno alto. Durante a travessia de um pântano, Rhia perdeu um dos sapatos num buraco de areia

movediça. Gastamos boa parte daquela tarde à procura de uma sorveira para que ela pudesse entrelaçar um substituto para sua casca de árvore encouraçada. Dois dias depois, atravessamos uma passagem elevada, com gelo e neve escorregadios, mas isso depois de termos caminhado a noite toda sob a lua cheia.

Finalmente, molhados e exaustos, chegamos ao planalto das cabeceiras do rio. Incontáveis flores amarelas em forma de estrela cobriam o espaço, enchendo o ar com um odor penetrante. Em pouco tempo chegamos ao próprio rio Incessante, de forte correnteza. Ali, encontramos uma dupla de unicórnios de cor creme, pastando ao longo de sua margem. Indo para o norte, seguimos o caminho sinuoso do rio, subindo por uma série de prados alpinos amplos que ascendiam como escadarias verdes reluzentes.

Ao chegar à extremidade de um desses prados, Rhia parou, apontando para a linha de montanhas cobertas de neve a uma certa distância.

— Veja, Merlin. Atrás daqueles picos fica a cidade dos gigantes, Varigal. Sempre quis vê-la, mesmo agora que é apenas uma ruína. Arbassa diz que é o assentamento mais antigo de Fincayra.

— Pena que anões, e não gigantes, sejam o nosso alvo. — Curvei-me e arranquei um punhado de capim com a ponta peluda. — Os gigantes terão de esperar pela quinta Canção, aquela que de algum modo envolve Varigal. Se é que chegaremos tão longe.

Conforme continuávamos a caminhada após o pôr do sol, um disco reluzente emergia das camadas de nuvens. Cortada em uma das extremidades, a lua agora estava minguando. Obriguei-me a avançar, praticamente correndo ao longo da margem coberta de capim, sabendo muito bem que mais da metade do meu tempo já havia evaporado e que eu tinha elucidado apenas duas das Canções misteriosas. De que modo seria possível completar as cinco restantes, subir para o Outromundo, obter o Elixir e retornar a Elen, tudo em menos de duas semanas? Nem mesmo um mago de verdade poderia esperar realizar tanto.

Sob o brilho da lua, subimos outra elevação íngreme com dificuldade, agarrando raízes e arbustos para evitar rolar para trás. O rio Incessante, agora apenas um pequeno córrego salpicante, descia ao nosso lado pela encosta, suas pequenas quedas e poças cintilando sob a luz prateada. Finalmente alcançamos o cume. Um enorme prado enluarado se estendia adiante, dividido pela faixa de

água brilhante.

Com um salto tilintante, Bumbelwy caiu no córrego.

— Não consigo prosseguir sem descansar. E sem comer. Um bufão precisa de sua força.

Ofegando no ar noturno, me apoiei no cajado.

— É sua plateia que precisa de força.

— É bem verdade, é bem verdade, é bem verdade. — Esfregou a testa com a barra de sua capa pesada. — E, acima de tudo, estou assando até a morte! Esta capa me faz suar mesmo após o pôr do sol. E durante esses dias quentes que estamos enfrentando, é uma verdadeira tortura.

Perplexo, sacudi a cabeça.

— E por que não a deixa para trás?

— Porque, sem ela, posso gelar. Virar gelo! Ora, pode nevar a qualquer momento. Nesta hora, neste minuto, neste segundo!

Rhia e eu trocamos olhares divertidos. Em seguida, ela se curvou e cheirou as flores em forma de estrela. Sorrindo, colheu um punhado de talos, rolou-os para formar uma massa amarela compacta e então me passou o rolinho.

— Prove — pediu. — A flor astral é o sustento do caminhante. Dizem que viajantes perdidos sobreviveram muitas semanas apenas com elas.

Mordendo o rolo de flores, senti o gosto doce porém picante, parecido com mel queimado.

— Hummm. Sabe quem gostaria disso? Nosso velho amigo Shim.

— Sim — retrucou Rhia. — Ou, como ele diria, *com certeza completa, total e absoluta*. — Ela entregou um novo rolo para Bumbelwy, que estava esparramado de costas junto ao córrego. — Shim adorava mel tanto quanto eu! Mesmo antes de virar um gigante, ele já comia bastante mel. — Com um suspiro, acrescentou: — Será que um dia voltaremos a vê-lo?

Ajoelhando-me, coloquei as mãos em concha na água reluzente. Ao levar a água ao rosto, porém, o reflexo vacilante da lua apareceu em minhas mãos. Pulei para trás, molhando minha túnica.

— Você viu alguma coisa? — examinou-me Rhia com preocupação.

— Apenas um lembrete de todo o dano que causei.

Ela me observou por mais um tempinho. E, com uma voz tão suave que mal

consegui ouvir acima do córrego chapinhante, ela disse:

— Você ainda tem o coração de um mago.

Minha mão bateu na água, espirrando-a em nós dois.

— Então me dê o coração simples de um menino! Rhia, sempre que entro em contato com aqueles... desejos, aqueles poderes, aquelas artes da magia, causo alguma coisa terrível! Por minha causa, minha mãe está à beira da morte. Por minha causa, grande parte dos Morros Sombrios permanece uma desolação, só esperando pelo retorno de Rhita Gawr e seus guerreiros goblins. E por minha causa, meus olhos estão cegos e inúteis.

Bumbelwy se ergueu, apoiado em um cotovelo, tinindo seus guizos.

— Quanto desespero, meu garoto! Posso lhe oferecer minha ajuda? Permita-me que eu lhe conte a charada sobre o...

— Não! — berrei, dispensando-o com um gesto. Virei-me de volta para Rhia. — A verdade é que Domnu é uma velha ladra de marca maior. Mas tinha razão. Eu poderia ter sido o pior desastre que já aconteceu a Fincayra.

Rhia nada disse e se abaixou para beber do córrego. Ao levantar a cabeça, enxugou a água do queixo.

— Não — declarou finalmente. — Não creio. Não é nada que eu possa determinar com exatidão. É como... as bagas. Isto é, a Harpa, na verdade, trabalhou por você, pelo menos por algum tempo. A concha falante também fez o que você pediu.

— Tudo que fiz foi encontrar a concha certa. Então ela usou seu próprio poder para trazer minha mãe até aqui.

— Ainda que você tenha razão, o que me diz de Tuatha? Ele não teria deixado você ler as Sete Canções, a menos que houvesse alguma chance de você dominá-las e viajar para o Outromundo.

Baixei a cabeça.

— Tuatha foi um grande mago, um mago de verdade. E ele me disse que, um dia, eu também me tornaria um. Mas até mesmo magos cometem erros! Não, o único modo de eu viajar ao Outromundo é quando eu morrer. E, quando isso acontecer, minha mãe também estará morta.

Ela enroscou o dedo, ainda molhado do córrego, no meu.

— Ainda há a profecia, Merlin. Que apenas uma criança de sangue humano é

capaz de derrotar Rhita Gawr e aqueles que o servem.

Virando-me, olhei o vasto prado mais além do córrego. Embora alguns de seus capins brilhassem ao luar, a maior parte da campina permanecia envolta por sombras. Ali, em algum lugar, eu sabia, ficava o reino dos anões. E, em alguma parte, mais além, ficava a entrada secreta para o mundo dos espíritos, guardada pelo ogro Balor.

Puxei minha mão.

— Essa profecia, Rhia, vale tanto quanto a pessoa à qual se refere. Além disso, quero apenas salvar minha mãe, e não combater os guerreiros de Rhita Gawr. — Alcançando um seixo, joguei-o no córrego prateado. — E duvido que eu consiga fazer isso.

— Ah, desgraça — entoou Bumbelwy, o rosto tão sombreado quanto o prado. — Finalmente você percebe a sabedoria do que venho lhe dizendo o tempo todo.

Arrepiei-me.

— Nada do que você tem me dito se assemelha remotamente a sabedoria.

— Não se ofenda, por favor. Só estou mostrando que só lhe resta apenas uma coisa a fazer. Desistir.

Minhas bochechas queimaram. Agarrando o cajado, me levantei.

— Isso, seu péssimo pretexto de bufão, é a única coisa que não farei! Posso estar certo de que vou fracassar nessa missão, mas não fracassarei por covardia. Minha mãe merece coisa melhor do que isso. — Lançando um olhar para o prado iluminado pelo luar diante de nós, falei para Rhia: — Venha, se quiser. O reino dos anões não pode estar longe daqui.

Ela inspirou bem fundo.

— Sim, mas seria tolice tentar encontrá-lo agora. Precisamos de algumas horas de descanso. E, Merlin, aquele prado... é cheio de perigos. Consigo sentir. Além disso, os túneis dos anões certamente estão ocultos pela terra, se não pela magia. Será muito difícil encontrá-los, mesmo de dia.

— Desista simplesmente — insistiu Bumbelwy, alcançando mais flores astrais.

— Nunca — rosnei. Girando com apoio do cajado, me virei para ir embora.

— Não, Merlin! — Rhia estendeu os braços em minha direção. — Ignore-o. Espere a luz do dia. Você poderá se perder facilmente.

Se pudesse cuspir fogo, eu o teria feito.

— Espere você a luz do dia! Eu posso cuidar de mim mesmo.

Segui a passos largos para o prado, o capim alto açoitando minha túnica. O luar raiava a terra como marcas luminosas de garras, porém a maior parte estava às escuras. Então, vários passos adiante, minha segunda visão detectou uma área incomumente escura. Como não havia nenhuma pedra ou árvores próximas o bastante para projetar uma sombra, deduzi que poderia ser um túnel ou, no mínimo, um buraco. Não sendo tão imprudente a ponto de seguir direto para aquela coisa, desviei para a esquerda.

De repente, a terra sob meus pés cedeu. Afundei. Antes que eu conseguisse ao menos gritar, a escuridão total me engoliu.

Quando acordei, me vi enrolado numa bola apertada, coberto por um cobertor pesado que fedia a fumaça. Alguma coisa estava me carregando, grunhindo constantemente, embora eu não fizesse ideia de que espécie de animal era aquela ou aonde estava me levando. Cordas grossas prendiam meus membros, e um chumaço de tecido enchia minha boca. Mas, além dos grunhidos abafados embaixo de mim, não ouvia outro som, a não ser as batidas do meu próprio coração. Sacolejando e sendo jogado de um lado para o outro como um saco de grãos, eu me sentia cada vez mais tonto e machucado. Minha tortura parecia já durar horas.

Finalmente, o sacolejo parou de maneira abrupta. Fui apoiado em um chão de pedra, lisa e dura. Fiquei deitado ali, de bruços, a cabeça girando. O cobertor foi arrancado. Com grande esforço, rolei de lado.

Uma assembleia de anões, cujas alturas não iam além da minha cintura, me fitavam com olhos mais vermelhos do que chamas. A maioria tinha barbas emaranhadas, ao passo que todos carregavam uma adaga na cintura. Parados debaixo de uma fileira de tochas crepitantes, os pés firmemente plantados e braços fortes cruzados, eles pareciam tão imóveis quanto as paredes de pedras que os cercavam. Um deles, cuja barba exibia fios grisalhos, endireitou as costas firmemente, me levando a adivinhar que fora um dos anões grunhidores que haviam me carregado até ali.

— Cortem as amarras dele — ordenou uma voz penetrante.

Imediatamente, mãos fortes rolaram meu corpo novamente e cortaram as

cordas. Alguém puxou o chumaço de pano de minha boca. Movimentando os braços endurecidos e a língua ressecada, consegui me sentar.

Ao olhar para meu cajado no chão, ao meu lado, me estendi para alcançá-lo. Um anão ergueu a bota pesada e pisou no meu pulso. Gritei de dor, meu grito ecoando pelas paredes de pedra.

— Não tão depressa.

Era a mesma voz penetrante. Dessa vez, porém, localizei sua fonte: uma anã atarracada sentada em um trono entalhado em jade, incrustado com fileiras de pedras preciosas, que repousava sobre uma saliência acima do chão de pedra. Tinha cabelo ruivo desgrenhado, pele pálida e brincos com conchas penduradas que retiniam quando ela se movimentava. Seu nariz desproporcional parecia quase tão grande quanto o de Shim antes de ele se tornar um gigante. Ela usava um manto preto bordado com runas e formas geométricas costuradas com fio dourado reluzente, além de um chapéu pontudo combinando. Em uma das mãos, segurava um cajado quase tão alto quanto o meu.

Quando tentei ficar de pé, a anã ergueu a mão livre.

— Não tente se levantar! Você deve ficar abaixado, mais baixo do que eu. E não tente alcançar seu cajado de novo.

Ela se curvou em minha direção, retinindo os brincos de conchas brancas.

— Um cajado pode ser perigoso, sabe. Mesmo nas mãos de um feiticeiro inexperiente como você, Merlin.

Prendi a respiração.

— Como sabe meu nome?

Ela coçou o nariz saliente.

— Ninguém sabe seu nome verdadeiro. Nem mesmo você, que isso fique claro.

— Você me chamou de Merlin.

— Sim — disse ela, com uma gargalhada resfolegante que pareceu fazer as chamas das tochas ficarem mais luminosas na caverna. — E pode me chamar de Urnalda. Mas tampouco é um nome verdadeiro.

Enrugando a testa, confuso, tentei novamente:

— Como você sabia que deveria me chamar Merlin?

— Ah. — As conchas brancas tilintaram quando ela assentiu. — Essa é uma

pergunta melhor. — Ergueu um dedo roliço para tocar num brinco. — As contas me disseram. Do mesmo modo que uma concha lhe disse umas coisas, algumas que você foi cabeça-dura demais para dar ouvidos.

Mudei de posição sobre o chão áspero de pedra.

— Como se não bastasse, você é um intruso. — Urnalda agitou os braços, fazendo suas sombras correrem pelas paredes. — E eu desprezo muito os intrusos.

Com isso, vários anões alcançaram suas adagas incrustadas de joias. Um deles, cuja testa exibia uma cicatriz irregular, gargalhou ruidosamente. O som pairou no ar do aposento subterrâneo.

Alisando seu cajado, Urnalda me observou por um longo momento.

— Ainda assim, talvez eu ainda resolva ajudar você.

— Mesmo? — Olhei para os anões, que bufaram, decepcionados. Então, me lembrando da experiência com a Gozadora do Lago, fiquei subitamente desconfiado. — Por que você poderia me ajudar?

Ela bufou.

— Porque, um dia, se você for bem-sucedido, talvez use um chapéu igual ao meu.

Sem compreender, examinei mais atentamente seu chapéu pontudo. A ponta dele caía para um lado. Mais abaixo, dezenas de buraquinhos perfuravam sua superfície, permitindo que os cabelos ruivos de Urnalda saíssem por eles. Mas, fora o bordado prateado, que talvez fosse mais atraente se exibisse estrelas e planetas em vez de runas, ele era simplesmente o chapéu mais ridículo que eu já tinha visto. Por que eu iria querer um chapéu como aquele um dia?

A anã semicerrou os olhos, como se pudesse ler meus pensamentos. Numa voz mais grave do que o normal, declarou:

— Este é o chapéu de um mago.

Estremeci.

— Eu não quis insultá-la.

— Isso é mentira.

— Então está bem. Sinto muito, eu a insultei.

— Isso é verdade.

— Por favor. Vai me ajudar?

Urnalda tamborilou pensativamente o cajado antes de, finalmente, proferir a resposta com uma única palavra:

— Vou.

Um anão de barba preta, de pé ao lado do trono rosnou irritadamente. Instantaneamente, ela se virou para ele e ergueu a mão como se fosse golpeá-lo. Ele gelou, petrificado. Lentamente, ela foi baixando a mão — ao mesmo tempo que a barba era arrancada do rosto dele. O anão guinchou, cobrindo o rosto nu com as mãos. Enquanto isso, outros anões vaiavam e caíam na gargalhada, apontando para a barba caída no chão.

— Silêncio! — Irritada, Urnalda sacudiu o corpo, agitando os brincos de conchas e também o trono sobre a saliência. — Isso lhe ensinará a duvidar de minhas decisões.

Ela se voltou para mim.

— Vou ajudá-lo porque você ainda pode desafiar todas as desvantagens e sobreviver. Talvez até mesmo viver para se tornar um mago. — Furtivamente, ela me olhou de lado. — E, se eu ajudá-lo agora, pode ser que, algum dia, você me ajude.

— Ajudarei. Prometo que ajudarei.

As tochas crepitaram, bruxuleando, fazendo com que as próprias paredes de pedra parecessem vibrar. Urnalda se inclinou à frente, sua sombra aumentando na superfície escavada atrás dela.

— Promessa é coisa séria.

— Eu sei. — Fitei-a solenemente. — Se me ajudar a descobrir a alma de Proteger, eu não esquecerei.

Urnalda estalou os dedos.

— Tragam-me uma luz passageira. E uma pedra para entalhar, com martelo e cinzel.

Ainda desconfiado de algum truque, perguntei:

— O que é uma luz passageira?

— Fique quieto.

A não ser pelo chiado das tochas, o silêncio tomou conta da caverna. Por vários minutos, ninguém se mexeu. Então botas pesadas pisaram ruidosamente no salão subterrâneo, e uma dupla de anões se aproximou do trono. Um deles

estava curvado sob uma pedra negra imensa, no mesmo estado bruto que as próprias paredes, que devia ter duas vezes o peso dele. Com um gesto de cabeça de Urnalda, ele baixou a pedra dos ombros e a largou com um baque seco no chão.

O segundo anão trazia martelo e cinzel numa das mãos e, na outra, uma espécie de pequeno objeto brilhante. Parecia uma taça de cabeça para baixo, feita de cristal transparente, cuja borda pousava em sua palma. Dentro do cristal, uma luz inconstante bruxuleava. Com um gesto de Urnalda, ele pôs as ferramentas junto à pedra. Em seguida, cautelosamente, colocou a taça no chão, tomando o cuidado de retirar a mão rapidamente para que algo em seu interior não escapasse.

Urnalda soltou uma risada como um ronco, e as tochas flamejaram com mais brilho.

— No interior dessa gaiola de cristal, se encontra uma luz passageira, uma das criaturas mais raras de Fincayra. — Sorriu maliciosamente para mim, uma expressão da qual não gostei. — Sua Canção seguinte é Proteger, não é mesmo? Para descobrir o que precisa saber, você tem de encontrar a melhor maneira possível de proteger a luz passageira de qualquer dano.

Observando o martelo e o cinzel, engoli em seco.

— Você quer dizer... entalhar uma gaiola... a partir desta pedra enorme?

Ela coçou o nariz pensativamente.

— Se essa for a melhor maneira de proteger essa frágil criaturinha, então é o que deve fazer.

— Mas isso levaria dias. Ou semanas!

— Os anões levaram muitos anos entalhando os túneis e os salões do nosso reino.

— Eu não tenho esse tempo todo.

— Silêncio! — Ela apontou seu cajado para um buraco no teto que brilhava com uma luz própria reduzida. — Aquele túnel, como aquele em que você caiu, nos fornece ar e também iluminação. Existem centenas deles, cada qual entalhado para ficar tão liso quanto o chão no qual você está sentado, cada qual oculto da superfície por magia. É por isso que os anões se encontram bem protegidos. É por isso que você veio aqui para descobrir a alma da Canção.

— Tem certeza de que não há outro meio? — protestei.

Os brincos balançaram de lado a lado.

— Não há outro meio de aprender a lição por si mesmo. Sua missão é proteger a criaturinha de qualquer dano. Pode começar.

Com um tinido final das conchas, Urnalda deixou o aposento, acompanhada de seu séquito. Olhei para as tochas crepitantes nas paredes, observando as sombras projetadas pelo trono crescerem, em seguida encolherem, depois crescerem novamente. Aquele trono, como as próprias paredes, tinha sido lavrado na pedra implacável. A mesma pedra que os anões haviam esculpido durante séculos, transformando-a em um reino inteiro.

E agora era a minha vez de esculpir pedra.

XIX

PROTEGER

O martelo e o cinzel reluziam friamente na luz bruxuleante das tochas. Apanhando as ferramentas, voltei a ficar de pé e me aproximei da pedra negra maciça. Ela batia quase na minha cintura. Ergui o martelo e desferi o primeiro golpe. A mão, o braço, o peito todo sacudiram. Antes que o martelo terminasse de ressoar, dei um segundo golpe. Então um terceiro.

O tempo passava à medida que eu trabalhava, mas não em seu ritmo habitual. Afinal, dali da sala subterrânea do trono de Urnalda, o único indício de dia ou noite vinha do túnel de ar no teto acima de minha cabeça. Enquanto à noite sua boca circular brilhava com a luz prateada da lua, de dia ela incandescia com a luz dourada do sol.

Dia ou noite, porém, não fazia diferença para mim. As tochas nas paredes crepitavam constantemente. Eu martelava sem parar — na ponta achatada do cinzel, diretamente na pedra negra e, de vez em quando, no meu pobre polegar inchado. O martelo soava ao ritmo da minha respiração. Lascas voavam para o ar e, às vezes, para meu rosto. Mas eu continuava, parando apenas o tempo para comer um pouco do mingau grosso e fumegante fornecido pelos anões, ou para tirar uma soneca irrequieta no cobertor.

Três anões barbudos me vigiavam o tempo todo. Um deles, de pé, por cima do meu cajado caído no chão de pedra, os braços fortes cruzados. Além da adaga, uma machadinha de duas pontas também pendia de seu cinto. Os outros dois, segurando lanças altas equipadas com lâminas de pedra cor vermelho-sangue, se

posicionavam de cada lado do túnel de acesso. Todos tinham a mesma expressão sombria, que só fazia aumentar sempre que Urnalda entrava no salão.

Ela ficava sentada no trono sobre a saliência, aparentemente durante horas, me vendo trabalhar. Parecia perdida em ideias, apesar das batidas constantes do martelo em minhas mãos calejadas. Ou talvez estivesse tentando sondar meus pensamentos mais recônditos. Eu não sabia — nem me importava. Tudo que sabia era que não iria desistir, conforme Bumbelwy havia sugerido. Quando pensava em sua proposta, ou no estado de minha mãe, faíscas voavam da pedra. Contudo, cada vez mais eu me sentia ciente dos limites do meu tempo. E de minha habilidade como entalhador.

O brilho da luz passageira tremulava e oscilava, brincando com a pedra negra enquanto eu trabalhava. Pouco a pouco, mais pedaços da pedra eram aparados. Em algum tempo, eu havia feito um sulco raso. Se meu polegar e os braços doloridos aguentassem, eu o alargaria até conseguir uma concavidade grande o bastante para inverter a pedra e cobrir a luz passageira. Quanto tempo mais seria preciso para isso, eu não saberia dizer. A julgar pela mudança de luzes no túnel de ar acima, dois dias e duas noites já haviam se passado.

Durante todo meu trabalho, eu continuava ouvindo a ordem final de Urnalda em minha mente: *Sua missão é proteger a criaturinha de qualquer dano*. De vez em quando, enquanto prosseguia o martelar, eu ficava imaginando se havia alguma dica oculta naquelas palavras. Haveria algum outro modo de manter a luz passageira em segurança? Algum modo que eu não percebia?

Não, eu disse a mim mesmo, não pode ser. A própria Urnalda creditara a segurança dos anões aos túneis de pedra. Embora nem mesmo a pedra durasse para sempre, ela era mais resistente do que qualquer outra coisa. A mensagem era clara. *Eu preciso construir uma gaiola de pedra, do mesmo modo que os anões construíram este reino subterrâneo. Não tenho escolha.*

Mesmo assim, enquanto eu martelava e esquadrinhava, tentando romper a pedra ao longo de suas fendas, desejava que houvesse algum modo mais fácil. Do mesmo jeito que eu manuseara a grande espada Cortefundo na batalha do Castelo Oculto! Eu não usara as mãos para fazer a espada voar pelo espaço, mas algum poder secreto de minha mente. De alguma forma, naquele momento, sem saber como, eu havia penetrado na magia de Saltar. Exatamente como a Grande

Elusa fizera, nos enviando à terra abandonada dos arbóreos. Seria possível que eu conseguisse penetrar novamente naquele mesmo poder? Conseguiria fazer agora com que martelo e cinzel executassem meu trabalho e, assim, poupar minhas costas endurecidas, os braços doloridos e o polegar calejado?

— Não seja tolo, Merlin.

Ergui a vista da pedra para encarar Urnalda, que me observava do trono de jade.

— O que quer dizer?

— Quero dizer: não seja tolo! Se, de fato, fez a Cortefundo voar para você, foi menos por sua causa do que qualquer outra coisa. Aquela espada é um Tesouro de Fincayra. Ela é dotada de poderes próprios. — Ela se inclinou para a frente em seu trono de jade, tilintando os brincos. — Você não manejou a espada tanto quanto ela manejou você.

Larguei o martelo, que ressoou no chão de pedra.

— Como pode dizer isso? Eu fiz isso! Eu usei a espada! Com meu próprio poder. Do mesmo modo que...

Urnalda deu um sorriso malicioso.

— Termine sua frase.

Minha voz se transformou num sussurro.

— Do mesmo modo que usei a Harpa Florescente.

— Exatamente. — A luz das tochas tremulava enquanto ela me observava, coçando o nariz bulboso. — É um aprendiz lento, mas talvez haja esperança para você.

— Tenho a sensação de que você está se referindo mais do que minha habilidade com a pedra.

Ela bufou e endireitou o chapéu.

— Claro. Estou falando sobre sua habilidade em Enxergar. Não admira que, de todas as Sete Canções, seja essa a que você mais teme.

Empalideci.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela declarou:

— Você também é um aprendiz lento com a pedra. Nunca conseguiria o mesmo que um anão nos túneis! E é por isso que eu duvido que a profecia seja verdadeira.

— Que profecia?

— A de que, um dia, você reconstruirá um grande círculo de pedra, tão grande quanto *Estonahenj*.

Estalei como uma das tochas.

— Eu? Reconstruir algo daquele tamanho? É improvável! Tão improvável quanto eu pegar *Estonahenj*, pedra por pedra, e levá-lo através do mar para Gwynedd.

Seus olhos vermelhos brilharam estranhamente.

— Ah, está profetizado que fará isso também. Não para Gwynedd, mas para uma terra vizinha chamada Logres, ou Gramarye por alguns. Mas essa profecia é ainda menos provável do que a outra.

— Já chega — declarei. Soprei a palma cheia de bolhas, então alcancei o martelo novamente. — Agora preciso voltar ao meu trabalho de verdade. Entalhar uma gaiola de pedra, como você ordenou que eu fizesse.

— Isso é mentira.

Com o martelo erguido, congelei.

— Mentira? Por quê?

Sombras passaram pelo salão, seus brincos tiniram suavemente.

— Eu lhe dei uma ordem, Merlin, mas não foi essa minha ordem.

— Você me deu esta pedra.

— Isso é verdade.

— Disse-me para proteger a luz passageira de qualquer dano.

— Isso é verdade.

— E isso significa entalhar algo mais resistente do que aquela taça de cristal ali.

— Essa decisão foi sua. Não minha.

Lentamente, hesitantemente, baixei o martelo. Pousei-o, juntamente ao cinzel, e me aproximei do cristal. A criatura em seu interior tremia como uma pequena chama.

— Posso lhe fazer uma pergunta, Urnalda? Sobre a luz passageira?

— Pergunte.

Observei o tremular da luz do cristal.

— Você disse que isso é uma das criaturas mais raras de Fincayra. De que

modo ela... sobrevive? Como permanece segura?

O rosto de Urnalda, iluminado pelas tochas, revelou a insinuação de um sorriso torto.

— Ela se mantém segura vagando sob a brilhante luz solar, onde não pode ser vista. Ou, à noite, dançando nos lugares onde raios de luar encontram a água.

— Em outras palavras... sendo livre.

Os brincos de conchas tilintaram suavemente, mas ela nada disse.

Estiquei-me para tocar na taça de cristal. Passando os dedos sobre a superfície incandescente, senti a calidez da criatura presa lá dentro. Com um movimento repentino do pulso, virei a taça.

Um ponto de luz vacilante, não muito maior do que uma semente de maçã, flutuou no ar do salão cavernoso. Ouvi apenas um leve zunido quando ele se ergueu e passou pela minha cabeça. A luz passageira se elevou rapidamente para o teto, deslizou para dentro da boca do túnel de ar, e sumiu.

Urnalda bateu o punho no braço do trono. Os dois anões que vigiavam a entrada baixaram suas lanças instantaneamente e apontaram suas facas diretamente para mim. Ela deu mais um soco.

— Diga-me por que fez isso.

Inspirei hesitantemente.

— Bem, porque até mesmo uma gaiola de pedra vai acabar se desintegrando. *A melhor maneira de proteger alguma coisa é a libertando*.

Nesse instante, uma chama azul irrompeu do meu cajado. O anão que estava perto dele deu um berro e deu um salto da própria altura. Antes mesmo que ele voltasse a pousar, consegui distinguir a nova marca, gravada em azul no meu cajado. Era uma pedra rachada.



Rios Invisíveis de Calidez

Quando encontrei os outros no acampamento junto à encosta, não muito distante de onde os deixara, tínhamos ficado separados mais de três dias inteiros. O capim do prado, pintado em vários tons de verde, se agitava na brisa. Vendo minha aproximação, Rhia correu ao meu encontro. Seu rosto preocupado descontraiu assim que vislumbrou a terceira marca gravada no meu cajado.

Ela tocou minha mão.

— Eu estava tão preocupada, Merlin.

Senti um aperto na garganta.

— Por um bom motivo, receio. Você me disse que eu poderia me perder, e acho que me perdi.

— Mas achou o caminho de volta.

— Sim — retruquei. — Mas me tomou muito tempo. Dez dias, não mais do que isso, é o que nos resta.

Bumbelwy se juntou a nós, quase tropeçando na capa ao saltar sobre o córrego gorgolejante. Embora exibisse o habitual amontoado de franzidos no rosto, ele parecia genuinamente feliz em me ver. Apertou minha mão e a sacudiu vigorosamente, estridulando seus guizos em meus ouvidos. Então, sentindo que ele estava prestes a tentar propor sua famosa charada dos guizos mais uma vez, me virei e me afastei rapidamente. Tanto ele quanto Rhia me seguiram. Não demorou muito e tínhamos colocado alguma distância entre nós e o reino dos anões. Adiante, porém, havia muito mais distância.

Pois a quarta Canção, Nomear, tinha algo a ver com os slantos, um povo misterioso que vivia no extremo nordeste de Fincayra. Se, por um lado, para chegar lá não teríamos mais de escalar desfiladeiros cheios de neve, por outro, teríamos de atravessar toda a extensão das Terras Arruinadas. Somente isso levaria vários dias. Depois teríamos de nos apressar para encontrar uma rota passando pelos penhascos íngremes do Desfiladeiro das Águias, isso sem mencionar os confins setentrionais dos Morros Sombrios. E, embora eu soubesse quais eram os perigos que espreitavam em todos esses lugares, era a ideia de atravessar os Morros Sombrios que me deixava mais perturbado.

Durante a travessia da planície, acordávamos todos os dias ao amanhecer, quando os primeiros pássaros matinais e as últimas rã noturnas cantavam em coro. Parávamos apenas ocasionalmente para colher bagas ou raízes — e, certa vez, graças à habilidade de Rhia em falar a língua zumbidora das abelhas, para comer um pedaço de favo que pingava o doce mel. Ela também parecia saber exatamente onde podíamos encontrar água, nos conduzindo a fontes ocultas e poças tranquilas. Era como se conseguisse, de alguma forma, enxergar a mente secreta da paisagem tão facilmente quanto conseguia ver a minha. A lua fornecia luz suficiente para uma caminhada noturna, e então caminhávamos ao luar pela extensa planície. Mas a lua, assim como nosso tempo, estava desaparecendo rapidamente.

Finalmente, após três longos dias, atingimos a extremidade da Fenda das Águias. Sentamos na borda rochosa, fitando as largas faixas de vermelho, marrom, castanho e rosa que revestiam despenhadeiros e espigões. Reluzentes pináculos brancos se salientavam da parede oposta. Distante, mais abaixo, um rio raso serpenteava ao longo da base das fendas.

Mesmo cansado como estava, não pude deixar de sentir um afluxo de energia quando me lembrei do grito agitado da águia que havia marcado o início do Grande Conselho de Fincayra. Se ao menos eu mesmo conseguisse voar bem alto como uma águia! Eu poderia viajar por esses desfiladeiros coloridos tão rapidamente quanto o vento. Do mesmo jeito que fizera, aparentemente eras atrás, nas costas emplumadas de Transtorno.

Mas eu não era águia ou falcão. Tal como Rhia e Bumbelwy, eu teria de descer a fenda a pé e procurar uma rota para subir pelo outro lado. Com minha

segunda visão, segui as linhas que acompanhavam o desfiladeiro à procura de algum jeito de atravessar. Pelo menos tínhamos percorrido o suficiente para o norte, de modo que as paredes não eram completamente intransponíveis. Mais ao sul, elas se erguiam para formar a bocarra de um abismo que repartia o centro exato dos Morros Sombrios.

Rhia, a mais decidida de nós três, liderou o caminho. Logo descobriu uma série de saliências estreitas que cruzavam as paredes das fendas. Ao seguir cada saliência até encontrarmos um lugar para rumar à outra logo abaixo, íamos descendo gradualmente, às vezes deslizando de costas, às vezes escalando afloramentos que se desintegravam. Finalmente, encharcados de suor, chegamos ao fundo.

O rio, apesar de barrento, era muito mais frio do que nossa temperatura corporal. Bumbelwy, sufocado em sua capa grossa, mergulhou imediatamente. Rhia e eu fomos em seguida, nos ajoelhando nas pedras redondas que revestiam o fundo, molhando a cabeça e erguendo os braços, espirrando água um no outro. Embora não tivesse certeza, em algum momento pensei ter ouvido o grito distante de uma águia vindo de algum lugar dos rochedos acima de nós.

Finalmente, nos sentindo refrescados, iniciamos a árdua escalada para sair do desfiladeiro. Não demorou para eu precisar usar as duas mãos, então enfiei o cajado no cinto da túnica. À medida que o declive ficava mais íngreme, os resmungos de Bumbelwy pioravam. Mesmo assim ele se esforçava para nos acompanhar, escalando logo abaixo de Rhia, encontrando seus apoios para as mãos nos apoios para os pés que ela ia deixando vagos.

Ao escalarmos um contraforte particularmente íngreme, meus ombros começaram a doer por causa do esforço. Eu me inclinava para trás o máximo que ousava sem perder o apoio, na esperança de vislumbrar o topo das fendas. Mas enxergava apenas mais rochedos com camadas de cor castanho e marrom se erguendo distantes acima de nós. Olhando para baixo, avistei o rio barrento, que parecia não passar de um filete. Tremi, apertando ainda mais as mãos na pedra. Por mais que não quisesse subir, eu queria menos ainda me estabacar declive abaixo.

Rhia, que estava ligeiramente à minha esquerda no contraforte, exclamou subitamente:

— Vejam! Um sharr. Ali, na pedra rosada.

Com cuidado para não perder o equilíbrio, me virei para encontrar um animal de cor marrom, parecido com um gato, se aquecendo ao sol. Tal como um felino, ele estava deitado enrolado como uma bola, ronronando baixinho. Mas diferentemente dos gatos, ele possuía o focinho pontudo, guarnecido com bigodes macios, além de duas asas finas como papel dobradas sobre as costas. As asas delicadas esvoaçavam a cada ronronar.

— Não é adorável? — perguntou Rhia, agarrada à parede de pedra. — Sharrs são encontrados apenas em lugares rochosos altos como este. Eu só tinha visto um, e de muito mais longe. Eles são muito tímidos.

Ao ouvir a voz dela, o sharr abriu os olhos azuis. Ficou tenso, olhando-a atentamente. Em seguida, pareceu relaxar. O ronronar prosseguiu. Lentamente, Rhia mudou os apoios para os pés. Então, agarrando o rochedo em decomposição, se estendeu em direção ao animal.

— Cuidado — alertei. — Você pode cair.

— Shhh. Vai assustá-lo.

O sharr mudou de posição ligeiramente, colocando as patas peludas sobre a pedra como se estivesse se preparando para se levantar. Cada pata tinha quatro dedinhos. Quando a mão de Rhia se aproximou da cara dele, o ronronar do sharr ficou mais alto.

Nesse instante, notei algo estranho com as patas dele. A princípio, não consegui identificar o que era. Por algum motivo, elas pareciam um tanto... esquisitas.

De repente me dei conta. Os dedos eram palmados. Como os pés de um pato. Ora, por que uma criatura das altas gargantas rochosas teria pés palmados? Num lampejo, entendi.

— Não, Rhia! É um espectro mutante!

No momento em que comecei a gritar, porém, o sharr iniciou sua transformação. Na velocidade de um raio, as asas evaporaram, os olhos azuis avermelharam, o pelo se transformou em escamas e o corpo de gato virou uma serpente com dentes como adagas. O ar estalou quando ela se livrou de uma casca transparente e quebradiça, igual a uma cobra trocando pele. Tudo isso aconteceu num piscar de olhos. Ao ouvir meu grito, Rhia mal teve tempo de se

abaixar antes que a criatura serpentiforme, com mandíbulas escancaradas, pulasse para o rosto dela, as garras estendidas. Com um grito selvagem, a atacante voou por cima da cabeça de Rhia, mergulhando para o distante fundo do desfiladeiro.

Embora as mandíbulas do espectro tivessem errado Rhia, o rabo agitado lhe atingiu o rosto. Desequilibrada, Rhia perdeu o apoio dos pés. Por um instante, ficou pendurada no contraforte com uma das mãos, balançando precariamente. Então a pedra sob sua mão se desfez. Rhia caiu, bem em cima de Bumbelwy.

Agarrando-se firmemente à face da rocha, seus dedos ficaram brancos, e o magricela bufão uivou com o impacto. Mas, de algum modo, ele a sustentou, conseguindo deter sua queda. Entretanto, Rhia ficou pendurada de cabeça para baixo nas costas dele, lutando para se endireitar.

— Aguente firme Bumbelwy — gritei, observando-os de cima.

— Estou fazendo o melhor possível — gemeu ele. — Embora nunca pareça bom o bastante.

De repente, a pedra que sustentava sua mão se quebrou, se desfazendo em cacos que estrepitaram rochedo abaixo. Os dois gritaram em uníssono. Com braços e pernas se debatendo, eles deslizaram pela face da rocha, indo de encontro a uma saliência estreita que deteve a queda dos dois. E ali ficaram, suspensos, bem acima do fundo do desfiladeiro.

Como uma aranha desajeitada, desci rochedo abaixo, o cajado balançando em meu cinto. Rhia e Bumbelwy estavam estatelados na saliência abaixo de mim, gemendo de dor. O chapéu drapejado de guizos do bufão jazia a seu lado, coberto de pó vermelho. Rhia tentou se sentar, mas caiu de costas, o braço direito pendendo ao seu lado.

Arrastando-me pela saliência estreita, finalmente cheguei até ela. Ao ajudá-la a se sentar, ela suspirou quando rocei seu braço torcido. Os olhos, cheios de dor, buscaram meu rosto.

— Você me alertou... bem a tempo.

— Gostaria de ter feito isso segundos antes. — Uma súbita golfada de vento nos borrifou com pó da parede do rochedo. Depois que passou, apanhei uma pitada de ervas de minha bolsa e apliquei no arranhão do rosto dela.

— Como soube que era um espectro?

— Os pés palmados. Lembra-se de quando encontramos aquele pássaro alleah

na floresta? Foi quando você me mostrou que espectros mutantes sempre têm algo incomum. — Apontei para mim mesmo. — Assim como muitas pessoas, suponho.

Rhia tentou erguer o braço e se retraiu dolorosamente.

— A maioria das pessoas não é tão perigosa.

Movimentando-me cuidadosamente pela saliência, alcancei o outro lado dela para ter uma visão melhor do braço ferido.

— Parece quebrado.

— E vamos ignorar o pobre velho Bumbelwy — choramingou o bufão. — Eu não fiz nada de útil. Nada mesmo.

Apesar da dor, Rhia quase sorriu.

— Bumbelwy, você foi formidável. Se meu braço não estivesse prestes a cair, eu lhe daria um abraço.

Apenas por um momento, o melancólico bufão parou de gemer. Até mesmo enrubesceu ligeiramente. Então, vendo o braço ferido dela, enrugou testa, bochechas e papadas.

— Isso parece bem ruim. Você ficará incapacitada pela vida toda. Nunca mais será capaz de comer ou dormir novamente.

— Não creio. — Delicadamente, apoiei o braço de Rhia em seu colo, tentando tatear a fratura.

Ela se contraiu.

— O que você pode fazer? Não há nada... ai, isso dói!... aqui para usar como uma tala. E, sem dois... ai!... braços, a escalada para sair daqui será impossível.

— Impossível — ecoou Bumbelwy.

Sacudi a cabeça, derrubando algumas pedrinhas de meu cabelo.

— Nada é impossível.

— Bumbelwy tem razão — protestou Rhia. — Você não consegue endireitar isso. Oh! Nem mesmo essa bolsa com ervas... pode ajudar. Merlin, me deixe aqui. Vá em frente... sem mim.

Cerrei o maxilar.

— De jeito nenhum! Aprendi muito mais sobre Atar do que aquilo. Estamos juntos, você e eu, como aqueles dois falcões no vento.

Uma luz frágil cintilou nos olhos dela.

— Mas como? Não consigo escalar... sem um braço.

Estendi meus ombros doloridos e inspirei fundo.

— Tenho esperança de remendar seu braço.

— Não seja ridículo. — Bumbelwy se arrastou para mais perto da saliência. — Para fazer isso, é preciso uma tala. Uma maca. E um exército de curandeiros. Estou dizendo que é impossível.

Sentindo a fratura, pousei as mãos delicadamente sobre ela. Fechei os olhos, embora isso não fizesse diferença para minha segunda visão, me concentrando. Com todo meu poder, imaginei luz, calor e cura se reunindo dentro do meu peito. Quando meu coração transbordou de luz, permiti que ela escorresse pelos meus braços até os dedos. Como rios invisíveis de calidez, a luz escorreu para fora de mim e penetrou em Rhia.

— Ohhh — suspirou ela. — Que sensação boa. O que está fazendo?

— Apenas o que, certa vez, uma amiga sábia me ensinou. Ouvindo a linguagem do ferimento.

Ela sorriu, se recostando na beirada rochosa.

— Não se deixe enganar — alertou Bumbelwy. — Se está se sentindo melhor agora é apenas porque vai se sentir dez vezes pior depois.

— Não me importa, velho chato! Já parece mais forte. — Ela começou a erguer o braço.

— Não — ordenei. — Ainda não.

Enquanto a cálida luz continuava a extravasar das pontas dos meus dedos, eu me concentrava nos ossos e músculos embaixo da pele dela. Pacientemente, cuidadosamente, eu sentia cada filamento de tecido com a mente. Tocava cada um deles com delicadeza, usando de persuasão para que voltassem a ser fortes novamente, voltassem a ser íntegros. Um por um, banhei os tendões, alisei-os e os liguei novamente de volta aos seus lugares. Finalmente, retirei as mãos.

Rhia ergueu o braço. Meneou os dedos. Então passou o braço em meu pescoço, apertando com a força de um urso.

— Como você fez isso? — perguntou ela ao me soltar.

— Eu realmente não sei. — Bati na ponta retorcida do meu cajado. — Mas acho que poderia ser outro verso na Canção de Atar.

Ela me soltou.

— Você descobriu realmente a alma dessa Canção. Sua mãe, a curandeira, ficaria orgulhosa.

A palavras dela me despertaram com um tranco.

— Vamos! Temos menos de uma semana. Quero chegar à aldeia dos slantos amanhã de manhã.

XXI

O Grito

Quando finalmente conseguimos sair da saliência do desfiladeiro, o sol tinha acabado de se pôr. Sombras se reuniam no escarpado contraforte, enquanto os Morros Sombrios diante de nós pareciam quase negros. Quando olhei para os morros, o grito solitário de uma águia ecoou em algum lugar ali perto, me fazendo lembrar do grito da águia que dera início ao Grande Conselho de Fincayra. E do fato de que aqueles morros a essa altura já teriam a vida restaurada caso eu tivesse mantido minha promessa com a Harpa Florescente.

Nós três caminhamos em meio ao anoitecer cada vez mais intenso. As pedras planas sob nossos pés se transformaram rapidamente em um solo seco, escamoso, do tipo que eu aprendera a identificar como sendo dos Morros Sombrios. No entanto, fora o ocasional farfalhar de folhas de árvores murchas, ouvíamos apenas o esmigalhar de nossas botas, o chacoalhar dos guizos de Bumbelwy e a batida ritmada de meu cajado no chão.

A escuridão oprimia. Eu sabia que quaisquer que tivessem sido os animais corajosos que tivessem voltado àqueles morros desde o desabamento do Castelo Oculto, eles já deviam ter encontrado lugares seguros para se esconder após o pôr do sol. Pois era nessa hora que os guerreiros goblins e espectros mutantes — e quaisquer que fossem as outras criaturas que viviam debaixo da superfície — podiam ficar tentados a emergir de suas cavernas nos afloramentos e fendas rochosos. Estremeci, me lembrando de que pelo menos uma daquelas criaturas ousara aparecer em plena luz do dia. Rhia, como de costume, estranhamente

ciente de minhas sensações, deu um leve aperto no meu braço.

A noite caiu enquanto continuávamos subindo os Morros Sombrios. Árvores retorcidas se erguiam como esqueletos, os galhos farfalhando ao vento. Permanecer em nossa rota para nordeste se tornava mais difícil porque nuvens pesadas obscureciam a maior parte das estrelas e do que sobrava da lua. Mesmo Rhia caminhava mais lentamente na escuridão. Embora não se queixasse abertamente, os resmungos de Bumbelwy se tornavam cada vez mais receosos. Minhas próprias pernas cansadas tropeçavam frequentemente em pedras e raízes mortas. Naquele ritmo, era mais provável ficarmos perdidos do que sermos atacados.

Quando finalmente Rhia apontou para uma vala estreita que descia a encosta, tudo que restara de um outrora volumoso riacho, concordei que seria mais sensato descansarmos até a alvorada. Minutos depois, nós três estávamos deitados no solo duro da ravina. Rhia encontrou uma pedra arredondada, que usou como travesseiro, enquanto Bumbelwy encolheu o corpo em forma de bola, declarando:

— Eu conseguiria dormir num vulcão em erupção.

Tendo em vista o perigo, tentei ao máximo permanecer acordado, mas logo caí no sono igual aos outros.

Um grito agudo e alto ressoou. Sentei-me, completamente desperto, assim como Rhia ao meu lado. Nós dois prendemos a respiração, atentos, mas não ouvimos nada além do ronco de Bumbelwy. Um brilho débil por trás das nuvens foi tudo o que conseguimos rastrear da lua, e sua luz mal roçava os morros em volta.

O grito soou novamente. Pairou no ar, um grito de puro terror. Embora Rhia tivesse tentado me deter, apanhei o cajado e saí cambaleando da vala. Ela me seguiu pela encosta às escuras. Procurando nas sombras, estendi minha segunda visão o mais distante possível, tentando detectar qualquer movimento. Nada se mexeu, porém, nem mesmo um grilo.

De repente, localizei uma figura volumosa percorrendo as pedras abaixo de nós. Mesmo que não tivesse vislumbrado o elmo pontudo, eu teria sabido imediatamente o que era. Um guerreiro goblin. Sobre o ombro musculoso do goblin se contorcia uma pequena e agitada criatura cuja vida claramente estava

prestes a acabar.

Sem parar para pensar, arremeti encosta abaixo. Ouvindo minhas passadas, o goblin deu meia-volta. Jogou para um lado a presa que tinha no ombro e, com velocidade espantosa, sacou a espada de lâmina larga. Ao erguê-la acima da cabeça, seus olhos abrasadores semicerraram de raiva.

Sem arma, a não ser pelo meu cajado, firmei os pés e me lancei diretamente sobre ele. Meu ombro se chocou contra seu peito blindado, jogando-o para trás. Juntos, rolamos e quicamos pela encosta repleta de pedras.

Ao parar, minha cabeça ainda girava. Mas o guerreiro goblin tinha se recuperado mais depressa. Já estava acima de mim, rosnando, a mão com três dedos ainda segurando a espada. Quando a lua acima de nós rompeu as nuvens, a lâmina reluziu sombriamente. No instante exato que ele baixou a espada, rolei para o lado. Ela bateu no chão, lascando uma velha raiz. O guerreiro goblin grunhiu, colérico. Ergueu a arma outra vez.

Tentei ficar de pé, mas tropecei num galho cheio de nós. Meu cajado! Desesperado, levantei-o para proteger o rosto, enquanto a espada do goblin vinha cortante em minha direção. Eu sabia que o fino cajado mal conseguiria retardar o golpe, porém não podia fazer mais nada.

Quando a lâmina atingiu a madeira, uma explosão repentina sacudiu a encosta. Uma torre chamejante azul se elevou bem alto no céu. A espada do goblin subiu com ela, girando como um galho carregado por um vendaval. O próprio guerreiro goblin urrou, aflito. Cambaleou para trás, desabando no declive. Ofegou uma vez, tentou se levantar, mas caiu de costas, tão imóvel quanto uma pedra.

Rhia correu para mim.

— Merlin! Você está ferido?

— Não. — Esfreguei o cajado, sentindo o leve entalhe onde a espada o havia atingido. — Graças ao cajado. E seja qual for a virtude que Tuatha lhe deu.

Rhia se ajoelhou, seus cachos cobertos pelo luar.

— Acho que foi tanto você quanto o cajado.

Sacudi a cabeça, observando a forma imóvel do guerreiro goblin.

— Ora, Rhia. Você não sabe de nada.

— Sei, sim — declarou decididamente. — E acho que você está negando isso

porque quer muito que seja verdade.

Aturdido, olhei para ela.

— Você me lê do mesmo modo que consegui ler as runas nas paredes de Arbassa.

Sua risada aguda ressoou.

— Mas ainda não consigo entender algumas coisas. Tipo... por que, em vez de se esconder quando viu o goblin, você partiu para cima dele.

Antes que eu pudesse responder, uma vozinha falou atrás de nós.

— Você deve ser mágico.

Rhia e eu viramos e vimos um menino baixinho de rosto redondo, agachado no chão. Não devia ter mais do que cinco anos. Eu soube de imediato que era a infeliz criatura cujo grito nos acordara. Seus olhos, que brilhavam como pequenas luas, pareciam cheios de espanto.

Olhei de relance para Rhia.

— É isso aí. — Virando-me de volta para o menino, acenei. — Venha cá. Não vou machucar você.

Lentamente, ele se pôs de pé. Aproximou-se de um modo hesitante, então parou.

— Você é mágico bom ou mágico mau?

Rhia conteve uma risada, enrolando os braços folhosos em volta do garoto.

— Ele é um mágico muito bom. Exceto quando é muito muito mau.

Ao mesmo tempo que olhei para ela de um jeito divertido, o menino franziu a testa, confuso. Retorcendo-se, ele se libertou de Rhia e começou a recuar para baixo da encosta escura.

— Não ligue para ela. Sou inimigo de guerreiros goblins, assim como você. — Apoiando-me no cajado, me levantei. — Eu me chamo Merlin. Esta é Rhia, que veio da Floresta Druma. Agora nos diga seu nome.

O menino me observou, alisando a bochecha redonda pensativamente.

— Você deve ser um mágico bom para ter abatido o goblin usando apenas seu cajado. — Inspirou fundo. — Eu sou Galwy, e morei a vida inteira na mesma aldeia.

Empinei a cabeça.

— A única aldeia aqui perto é...

— Slantos — concluiu o menininho.

Meu coração disparou.

Galwy desviou o olhar, envergonhado.

— Eu não devia ficar do lado de fora do portão depois de escurecer. Realmente, não devia! É que os esquilos estavam brincando, e eu os segui, e, quando percebi o quanto estava tarde... — Olhou para a forma retorcida do guerreiro goblin caído. — Ele queria me machucar.

Aproximei-me do garoto.

— Ele agora não vai mais machucá-lo.

Os olhos brilhando, ele inclinou a cabeça para me fitar.

— Eu acho que você é mesmo um mágico bom.

XXII

Pão de Ambrósia

Quando voltamos à ravina, encontramos Bumbelwy ainda roncando. Embora a explosão de chama não tivesse sido um vulcão, sua previsão de que dormiria profundamente com certeza havia se concretizado. Rhia e eu aconchegamos Galwy cuidadosamente debaixo de uma parte da capa do bufão, o menino estava tão cansado que mal conseguia ficar de pé. Então, sentindo nossa própria exaustão, nos juntamos a eles no chão. Agarrado ao cajado, logo adormeci.

Não demorou muito, os primeiros dedos de luz matinal fizeram cócegas em meu rosto. Acordei e encontrei Bumbelwy já dando o melhor de si para impressionar o jovem Galwy com suas habilidades como bufão. Pela expressão solene no rosto redondo do menino, dava para dizer que ele não tinha progredido muito.

— É por isso — explicava o sujeito melancólico — que me chamam de Bumbelwy, o Jubiloso.

Galwy o encarava, parecendo prestes a chorar.

— Vou lhe mostrar outro de meus talentos de bufonaria. — Bumbelwy deu uma sacudida vigorosa na cabeça, chocalhando seus guizos, e apertou a capa em volta do corpo. — Eu agora vou lhe contar a famosa charada dos guizos.

Rhia, que também observava, fez menção de protestar. Mas ergui a mão.

— Vamos ouvir essa maldita charada. Há semanas temos ouvido falar a respeito.

Ela sorriu.

— Tudo bem. Você está pronto para comer suas botas, se algum de nós rir?

— Estou. — Lambi os lábios demonstrando uma satisfação cheia de zombaria. — E, com sorte, encontraremos algo mais saboroso na aldeia de Slantos.

Bumbelwy pigarreou, fazendo tremer o queixo pendente.

— Eu agora estou pronto — anunciou. Parou, expectante, como se não conseguisse acreditar que, finalmente, recebera permissão para contar sua charada.

— Estamos esperando — falei. — Não temos o dia todo.

A enorme boca do bufão se abriu. Então se fechou. Abriu-se novamente. Fechou-se novamente.

Inclinei-me à frente.

— Como é?

As sobrancelhas de Bumbelwy se arquearam, consternadas. Ele pigarreou uma vez mais. Bateu o pé no solo seco, sacudiu os guizos novamente. Mas não falou.

— Vai ou não vai contar essa sua charada?

O bufão mordeu o lábio, então sacudiu a cabeça soturnamente.

— Já faz... tanto tempo — resmungou. — Tantas pessoas, através dos anos, me impediram de contá-la. Agora que posso, não consigo... me lembrar dela. — Deu um suspiro. — É bem verdade, é bem verdade, é bem verdade.

Enquanto Rhia e eu revirávamos os olhos, Galwy sorria largamente. Virou-se para mim:

— Você pode me levar de volta à aldeia agora? Com você, me sinto seguro.

Bati no ombro curvado de Bumbelwy.

— Talvez, um dia, você se lembre.

— Se isso acontecer — retrucou —, provavelmente estragarei o desfecho.

Momentos depois, estávamos caminhando em direção ao sol nascente. Como de hábito, Rhia e eu liderávamos, se bem que agora eu carregava Galwy sobre os ombros. Bumbelwy, mais taciturno do que nunca, se mantinha na retaguarda.

Para meu alívio, logo iniciamos uma descida longa e ondulante, abandonando as encostas ressecadas e os afloramentos escuros de rochas dos Morros Sombrios. Eu não conseguia me livrar da incômoda sensação de que o goblin que tínhamos encontrado era apenas um dos primeiros guerreiros de Rhita Gawr a emergir do

esconderijo. Nem conseguia me esquecer do quão pouco eu havia feito para tornar aquela terra habitável para outras criaturas.

Em pouco tempo, chegamos a uma vasta planície coberta de grama. Pássaros pipilantes e insetos zunidores surgiam conforme o aglomerado de árvores com folhagens em formato de mãos se tornavam mais comuns. Uma família de raposas, caudas peludas e eretas, cruzou nosso caminho. Sentado nos galhos de um salgueiro, havia um esquilo de olhos arregalados que me lembrou o amigo de Rhia, Ixtma — e a mulher moribunda sob seus cuidados.

O primeiro sinal da aldeia foi o cheiro.

Carregado de um aroma rico e encorpado de grãos torrando, o perfume ficava cada vez mais forte à proporção que atravessávamos a grama da planície. A cada passo, ele se intensificava, me lembrando de quanto tempo se passara desde que eu havia comido a casca de um pão recém-assado. Quase conseguia sentir o sabor dos grãos. Trigo. Milho. Cevada.

Outros aromas também se entrelaçavam naquela estrutura fragrante. Algo travoso, como os frutos brilhantes cor laranja que Rhia e eu tínhamos devorado tempos atrás debaixo dos galhos do pé de shomorra. Algo adstringente e fresco, como a hortelã macerada que Elen geralmente acrescentava a seu chá. Algo doce, como o mel que as abelhas fabricavam das flores de trevo. E mais. Muito mais. O cheiro continha odor de especiarias, condimentos fortes e, ao mesmo tempo, tranquilizantes. Também continha, mais frequentemente, um toque de algo que não era exatamente um sabor. Era mais uma sensação. Uma atitude. Até mesmo... uma ideia.

Quando finalmente adentramos no vale de Slantos e suas edificações marrons baixas surgiram à vista, o cheiro aumentou e se tornou irresistível. Minha boca ficou cheia de água, me lembrei de certa vez ter provado o pão de Slantos no covil subterrâneo de Cairpré. Como ele o havia chamado? *Pão de Ambrósia*. Comida dos deuses, os gregos certamente teriam concordado. Lembrei-me da mordida na casca firme, a princípio tão dura quanto madeira. Em seguida, após uma mastigação vigorosa, o pão explodira com um sabor agradável. Uma onda de nutrição percorrera meu corpo, fazendo com que me sentisse mais alto e mais forte. Por um momento, eu até mesmo me esquecera da dor perpétua entre minhas omoplatas.

Então me lembrei de algo mais. Cairpré, com a boca cheia de pão de ambrósia, me advertindo de forma dura. *Ninguém de outros lugares de Fincayra jamais provou qualquer um dos pães mais especiais dos slantos, e eles guardam essas receitas preciosas com a vida*. Apertei o cajado quando uma nova onda de receio percorreu meu corpo. Se os slantos não se dispunham a compartilhar nem mesmo suas receitas, como diabos eu iria fazer com que compartilhassem algo muito mais valioso — a alma da Canção de Nomear?

Ao avistar os portões da aldeia a uma certa distância, Galwy soltou um grito de alegria, pulou de meus ombros e saiu correndo adiante de nós, os braços batendo como asas de um jovem pássaro. Mais além dos portões, havia fumaça saindo das lareiras de muitas das construções baixas. As estruturas, embora de tamanhos variados, eram todas feitas de tijolos marrons largos revestidos com argamassa amarela. Quase sorri ao notar que pareciam gigantescas fatias de pão com manteiga.

Bumbelwy, que permanecera calado a manhã inteira, estalou os lábios.

— Vocês acham que eles têm por hábito dar uma casca de pão aos visitantes? Ou mandam as pessoas com fome embora?

— Meu palpite — respondeu Rhia — é que eles não têm por hábito receber absolutamente qualquer visitante. As únicas pessoas desse lado da Fenda das Águias estão na... — Ela se deteve abruptamente, me olhando de relance.

— Na prisão, nas cavernas ao sul daqui, era isso que você estava prestes a dizer. — Afastei alguns fios de cabelo soltos do rosto. — Como Stangmar, o homem que outrora foi meu pai.

Rhia me fitou compreensivamente.

— Ele continua sendo seu pai.

Caminhei mais vigorosamente em direção aos portões.

— Não mais. Eu não tenho pai.

Ela engoliu em seco.

— Sei como se sente. Eu nem mesmo conheci meu pai. Ou minha mãe.

— Pelo menos você tem Arbassa. E o restante da Floresta Druma. Como você já disse, essa é sua verdadeira família.

Ela fez menção de falar, mas nada disse.

Ao chegarmos aos portões de madeira, que eram presos a dois formidáveis pés

de abeto, um guarda saiu da sombra de um dos troncos. Sacudindo os cachos esparsos de cabelo cor de areia que caíam sobre suas orelhas, olhou de cara feia para cada um de nós, repetindo a ação sucessivamente aos outros. Embora sua espada permanecesse na bainha, uma das mãos segurava no cabo. Mais do que os grãos torrando que enchiam o ar, comecei a farejar a probabilidade de encrenca.

Cautelosamente, ele examinou meu cajado.

— Foi esse o bastão mágico que abateu o goblin?

Pestanejei, surpreso.

— Você já soube disso?

— Metade da aldeia já está sabendo — bufou o guarda. — O jovem patrão Galwy anda contando para quem ele encontra.

— Vai nos deixar passar então?

O guarda sacudiu os cachos novamente.

— Eu não disse isso. — Apontou para o cajado, espiando-o cautelosamente. — Como posso saber se não vai usar isso para machucar algum aldeão?

— Bem, pelo mesmo motivo pelo qual não o estou usando agora mesmo para machucar você.

Seu rosto endureceu e ele deu um puxão ansioso na espada.

— Terá de se sair melhor do que isso. Você pode ser um infiltrado atrás de nossos segredos. Ou, pelo que me consta, um mensageiro dos goblins.

Irritada, Rhia se aproximou.

— Então por que ele matou o goblin na noite passada?

— Ah, uma artimanha, garota folhuda. — Passou a mão pelo cabelo rarefeito. — Diga-me, então. Por que um garoto, uma garota e um... — Fez uma pausa, observando Bumbelwy. — E um mendigo, seja lá de que espécie, viajariam até Slantos? Não por acaso, eu aposto.

— Não — respondi cuidadosamente. — Sua aldeia é famosa, longe e perto, pelos seus pães. Meus amigos e eu gostaríamos de aprender algo sobre a arte de fazer estes nobres alimentos.

Seus olhos me perfuraram.

— Desconfio que não seja tudo que gostariam de aprender.

Lembrando-me do alerta de Cairpré, engoli em seco.

— Não procuro nada que não possa ser dado livremente.

O guarda ergueu o rosto para os galhos do abeto acima dele, como se de algum modo buscasse a orientação deles. Deu um longo e lento suspiro.

— Bom, está bem. Vou deixá-los entrar... não pelo que você disse, o que me deixa muito desconfiado, isso eu lhe garanto. Mas pelo que fez para ajudar o jovem patrão Galwy.

Com uma sacudida final nos cabelos pendentes, ele se afastou para o lado, indo para a sombra de uma das árvores. Embora eu pudesse sentir seus olhos me observando cautelosamente, eu não voltei a olhar para trás. Nem os outros.

Imediatamente após atravessarmos os portões, avistei uma estrutura alta e espiralada no meio da área comum. Crianças guinchavam e pulavam, brincando em volta de sua base, enquanto um fluxo constante de adultos se movimentava num vaivém. Carregando baldes, cestos e jarros, pareciam uma colônia de formigas transportando nas costas todos os fardos de sua sociedade. Então notei uma pequena ondulação estranha na superfície da estrutura dourada. Como se, de alguma forma, estivesse se movendo. Como se estivesse viva.

Exceto pelos poucos que apontaram para meu cajado, sussurrando furtivamente, a maioria dos aldeões parecia preocupada demais com seus afazeres para prestar atenção em nós. Passando por um grupo de crianças que se divertia com uma espécie de jogo com gravetos, me aproximei da estrutura com todo cuidado. Parecia ser a fonte de pelo menos um dos deliciosos aromas que emanavam da aldeia. E sua superfície estava, de fato, se movendo. Um líquido grosso e dourado escoava lentamente de um cano em seu ponto mais alto, e descia por vários recipientes espiralados até um enorme reservatório em sua base. Desse reservatório, as pessoas trabalhavam para retirar baldes do líquido dourado, os quais levavam animadamente para as edificações. Ao mesmo tempo, outras pessoas despejavam farinha, leite e outros ingredientes nos muitos orifícios que rodeavam a base.

— Uma fonte. — Olhei, completamente pasmado. — Uma fonte de pão.

— De massa, você quer dizer. — Rhia se curvou diante do reservatório agitado. — Devem usar essa coisa dourada... não lembra mel, só que mais espessa? ...como massa básica de alguns de seus pães.

— Todos os nossos pães, na realidade.

Viramos para ver um homem gorducho, louro e de faces coradas que enchia

dois enormes jarros na fonte. Suas orelhas, assim como as de outros fincayrianos, eram levemente pontudas na parte de cima. Mas sua voz, tal como o rosto, parecia bastante incomum, desdenhosa e alegre ao mesmo tempo. Ele era, eu tinha certeza, uma coisa ou outra. Qual delas eu não conseguia dizer.

Quando os jarros estavam quase transbordando, ele os tirou do reservatório. Pousando-os na enorme barriga, ele nos observou por um momento.

— Visitantes, hein? Não gostamos de visitantes.

Sem saber se ele estava sendo não muito amistoso ou meramente brincalhão, falei:

— Gostaria de aprender um pouco sobre assar pão. Poderia me ajudar?

— Poderia — respondeu grosseiramente. Ou caçoando. — Mas estou muito ocupado agora. — Começou a se afastar. — Tente outro dia.

— Não tenho outro dia! — Corri para o lado dele, me mantendo próximo enquanto ele caminhava a passos largos em direção a uma das edificações. — Não poderia, por favor, me mostrar um pouco da sua arte?

— Não — declarou. — Já lhe disse que estou...

Ele tropeçou, caindo sobre dois meninos maltrapilhos com aproximadamente a mesma idade que Galwy, que estavam brigando por causa de um pão salpicado de azul. Apenas um dos jarros caiu no chão, estilhaçando em dezenas de pedaços, todos escorrendo o líquido dourado da fonte.

— Veja o que você fez! — Com um rugido claramente sério, e nada brincalhão, ele se abaixou para juntar os pedaços quebrados. Vendo que eu ia ajudá-lo, fez um gesto irritado para eu me afastar. — Vá embora, garoto! Não preciso da sua ajuda.

Chateado, me virei para a fonte de pão. Caminhei penosamente até ela, mal notando os aromas penetrantes que aquilo continuava a derramar no ar. Rhia, tendo visto o que aconteceu, sacudiu a cabeça, consternada. Ela sabia, assim como eu, que todo nosso esforço até aquele ponto seria inútil, a não ser que conseguíssemos encontrar o que precisávamos ali em Slantos.

Ao passar pelos dois meninos que se desentendiam, aparentemente gêmeos, notei que a discussão deles estava para explodir numa briga em larga escala. Punhos cerrados, vozes ríspidas. Um deles tentava pisar no pão salpicado de azul, que estava aos pés do outro. As narinas do segundo menino inflaram. Ele rugiu

raivosamente e avançou contra seu inimigo.

Deslizando o cajado através do cinturão, me coloquei entre os dois. Segurando um deles pelo colarinho da túnica e o outro pelo ombro, tentei fazer o melhor possível para mantê-los afastados. Ambos gritaram e espernearam contra mim, chutando minhas pernas violentamente. Finalmente, quando meus braços estavam para ceder, soltei-os e, rapidamente, apanhei o pão.

Ergui o pão, agora mais sujo de marrom do que de azul.

— É por causa disto que estão brigando?

— É meu! — bradou um deles.

— Não, é meu! — berrou o outro.

Ambos investiram em direção ao pão, mas eu o mantive fora do alcance das mãozinhas que tentavam agarrá-lo. Ignorando as reclamações raivosas, agitei-o acima deles. Ainda morno, ele tinha o cheiro doce de melado.

— Agora — sugeri —, querem saber como vocês dois podem ter o pão?

Um dos meninos empinou a cabeça ceticamente.

— Como?

Olhei por cima do ombro furtivamente.

— Eu posso lhes dizer, mas somente com a condição de que guardarão segredo.

Os meninos refletiram sobre a ideia, então concordaram com a cabeça em uníssono.

Eu me ajoelhei e sussurrei algo para eles. De olhos arregalados, eles ouviram atentamente. Finalmente, quando terminei, entreguei-lhes o prometido. Eles se sentaram ali mesmo e, em questão de segundos, as bocas de ambos estavam cheias de pão.

— Nada mal.

Ergui a vista e descobri o homem gorducho me observando.

— Diga-me, garoto. Como conseguiu fazer com que eles dividissem o pão?

Levantando-me, puxei o cajado do cinturão.

— Na verdade, foi simples. Apenas sugeri que eles comessem se revezando. — Sorri ligeiramente. — E também lhes disse que, se não conseguissem fazer isso, eu mesmo comeria o pão todo.

O homem soltou um som gutural que podia ser uma risada ou um gemido.

Contraindo o rosto, ele pareceu me olhar com respeito renovado. Ou nova preocupação. Era difícil dizer. Finalmente ele falou, eliminando qualquer dúvida:

— Se você quiser aprender um pouco sobre assar pão, garoto, me siga.

XXIII

Nomear

O homem caminhou para um dos prédios em formato de pão no lado mais distante da área comum. Antes de entrar, jogou os fragmentos do jarro quebrado num balde do lado de fora da porta. Em seguida, limpou a mão rechonchuda na túnica bege, já manchada de outras limpezas. Apoiando a mão na parede junto à porta, deu um tapinha agradecido nos tijolos marrons.

— Já viu tijolos assim?

— Não. São feitos de um tipo especial de barro?

Sua expressão ficou mal-humorada. Ou divertida.

— Na verdade, são feitos de um tipo especial de farinha. Os ingredientes lhes dão essa resistência incomum, sabe? — Deu tapinhas nos tijolos novamente. — Conhecer seus ingredientes, garoto, é o primeiro princípio para se assar pão.

Algo no modo como ele falou *conhecer seus ingredientes* me fez pensar que ele queria dizer mais do que meramente reconhecer os diferentes grãos e ervas. Embora tentado a lhe pedir que explicasse, contive a língua, temendo forçar a barra.

— Este aqui — continuou — é chamado de pão-tijolo, cozido seis vezes para ganhar resistência extra. — Pressionou os dedos rechonchudos contra a parede. — Estes tijolos vão durar cem anos a mais do que eu.

Rhia, que havia nos seguido, olhava os tijolos, admirada.

— Já comi muito pão duro, mas não tão duro assim.

O homem rotundo se virou para ela. De repente, começou a rir, riu tanto que

a barriga sacudiu o líquido dourado, derramando-o do jarro remanescente.

— Essa foi boa, garota da floresta.

Ela sorriu.

— Pode me chamar Rhia.

— E a mim, Merlin.

O homem assentiu.

— E a mim, Plutão.

— Plutão — repeti. — Não é um nome grego? Da história de Deméter e a primeira colheita de grão?

— Ora, isso mesmo, meu rapaz. Como sabe sobre os gregos?

Minha garganta ficou seca.

— Minha mãe me ensinou.

— É mesmo? A minha também. Nenhuma criança que nasce em Slantos deixa de aprender as histórias sobre colheitas e técnicas de fornada de muitas regiões diferentes. E não é incomum dar a uma criança o nome de um personagem dessas histórias. — Lançou-me um olhar ambíguo. — Claro que esse não é meu nome verdadeiro.

Rhia e eu nos entreolhamos. Lembrando-me do comentário de Urnalda sobre nomes verdadeiros, me senti tentado a perguntar mais. Além disso, me perturbava o fato de eu não conseguir ver nenhuma ligação entre a arte doméstica de assar pão e a arte mágica de Nomear. Mas me contive. As coisas tinham tomado um rumo positivo, e eu não queria alterar isso. Era melhor esperar por outro momento para aprender sobre Nomear.

Plutão levantou o trinco da porta.

— Entrem, vocês dois.

Quando começamos a segui-lo para dentro, me lembrei subitamente de Bumbelwy. Vasculhando a movimentada área comum, localizei-o rapidamente, ainda parado junto à fonte de pão. Estava encostado na base, olhando avidamente o reservatório de líquido dourado. Crianças, provavelmente curiosas com seu chapéu com guizos, estavam se juntando ao redor. Não parecia provável que fosse se meter em alguma encrenca, e eu não queria estender a hospitalidade de Plutão mais além do necessário, portanto, decidi deixá-lo ali mesmo.

Ao entrarmos na edificação, fomos banhados por uma nova onda de aromas.

Senti cheiro de cevada tostando, algum néctar tão doce quanto rosas desabrochando e várias especiarias que não consegui identificar. O aposento principal parecia a cozinha de uma estalagem movimentada, com panelas fervendo no fogão, ervas, raízes e aparas de cascas desidratadas pendendo do teto, e sacos de grãos e de farinha acomodados nas prateleiras. O aposento tinha seis ou sete pessoas atarefadas, mexendo, derramando, cortando, misturando, provando e assando. Pelas expressões, estava claro que gostavam de seu trabalho e o levavam muito a sério.

A luz do sol jorrava para o interior do aposento através de fileiras de janelas estreitas. Entretanto, a fonte principal de luz era o próprio fogão, um complexo de fornos de pedra e de buracos com fogo que cobria quase toda a parede. Porém, em vez de madeira, o combustível utilizado era uma espécie de bolos achatados cinzentos. Sem dúvida originários de outra misteriosa receita dos slantos.

Acima da lareira, alto o bastante para ficar fora de alcance, estava pendurada uma espada pesada, o cabo enegrecido por muitos anos de fogueiras abaixo dele. A bainha tinha enferrujado com a idade; o cinto de couro havia sido corroído. Algo a respeito da velha espada me deixou curioso para querer examiná-la mais de perto. Mas, por causa do turbilhão de atividade no aposento, eu logo me esqueci dela.

Uma garota alta, com maçãs do rosto redondas e rosadas, e cabelos negros que lhe caíam até os ombros, se aproximou de Plutão. Ela parecia muito diferente de qualquer outra pessoa que eu vira na aldeia, em parte por causa dos cabelos escuros, e em parte por causa do corpo esbelto. Seus olhos, tão negros quanto os meus, brilhavam com inteligência. A garota estendeu as mãos para o jarro com o líquido dourado e então congelou quando notou a mim e Rhia parados ali do lado.

Plutão agitou a mão em nossa direção.

— Esses são Merlin e Rhia. Estão aqui para aprender a assar pão. — Indicando a garota, acrescentou bruscamente, ou apenas distraidamente: — Essa é minha aprendiz, Vivian. Veio a mim quando seus pais, a quem conheci em minhas viagens pelo sul, morreram numa terrível enchente. Quanto tempo já faz isso?

— Seis anos, mestre padeiro Plutão. — Ela apanhou o jarro, as mãos o envolvendo com o cuidado de uma mãe segurando um recém-nascido. Ainda nos olhando com cautela, perguntou: — Não está preocupado com eles aqui?

— Preocupado? Ora, claro que sim. — Examinou-a inescrutavelmente. — Mas não mais do que me preocupei com você.

Ela endureceu, mas permaneceu calada.

— Além do mais — continuou Plutão —, ouvi uma história na área comum sobre um garoto que derrotou um enorme guerreiro goblin usando nada mais do que seu cajado. Ele salvou uma de nossas crianças. — Meneou a cabeça em minha direção. — Teria sido você?

Meio constrangido, confirmei com a cabeça.

Ele abanou a mão gorda para meu cajado.

— E teria sido essa a arma?

Novamente, fiz que sim.

— Não é muita coisa contra um goblin — comentou casualmente. — A não ser, é claro, que tenha sido tocado por magia.

Nisso, Vivian prendeu a respiração. Seus olhos cor de carvão se fixaram no meu cajado. Instintivamente, girei a haste para que as marcas das Canções ficassem voltadas para o outro lado.

Plutão estendeu a mão e apanhou um pão com casca amarela da bandeja carregada por um homem que passava. Partindo-o em dois, encheu os pulmões com o cheiro fresco. Então entregou as metades para Rhia e para mim.

— Comam agora — sugeriu, ou ordenou. — Vão precisar de força.

Sem hesitar, mordemos a casca. Quando o pão fresco mastigado tocou nossas línguas, sentindo o sabor de milho, manteiga, endro e muitas outras coisas mais, nossos olhares se encontraram. Os olhos de Rhia cintilaram, como o céu no mar ao nascer do sol.

Plutão se dirigiu a Vivian:

— Vamos deixar que eles façam as tarefas mais simples. Mexer, misturar, cortar. Nada de receitas.

Apanhou dois baldes de madeira, sujos de farinha, e os entregou a Rhia.

— Encha estes, um com cevada e o outro com trigo, daqueles sacos ali. Depois, leve-os para a mó, naquele aposento que fica depois das prateleiras altas.

Lá, poderá aprender um pouco sobre moer e peneirar.

Limpou um pouco de farinha de sua túnica.

— E você, garoto, pode picar alguma coisa. Ali na mesa de preparo do pão do coração.

Vivian pareceu assustada.

— É isso mesmo, Mestre padeiro?

— Isso mesmo — declarou Plutão. — Ele pode picar algumas sementes. — Ignorando o olhar de surpresa dela, ele se voltou para mim. — Se você fizer um bom trabalho, garoto, eu lhe mostrarei mais. Talvez eu até lhe deixe provar um pouco do próprio pão do coração, que encherá seu estômago enquanto enche seu coração de coragem.

Engolindo o resto de minha casca, eu disse:

— Obrigado, mas não preciso de mais pão do que aquele que acabou de me dar. É delicioso.

Seu rosto redondo brilhou.

— Como eu disse, tudo acontece ao conhecer seus ingredientes. — Um sorriso reticente tocou seus lábios, e logo desapareceu. — Você vai precisar de uma faca de picar para as sementes e, no momento, estão escassas. Ah, ótimo, tem uma sobrando ali na mesa. Vivian, por que não o leva e lhe mostra como se faz? Daqui a pouco passarei lá para ver o progresso dele.

Ouvindo isso, a garota se iluminou. Suavemente, se colocou entre mim e Rhia. Numa voz muito mais gentil do que antes, cochichou para mim:

— A maioria das pessoas me chama de Vivian, mas meus amigos me chamam de Nimue. — Um sorriso cálido adornou suas bochechas arredondadas. — Terei prazer em ajudá-lo. Do jeito que puder.

— Ah, obrigado, Viv... isto é, Nimue — murmurei. — Fiquei simplesmente lisonjeado pela sua atenção, ou havia algo mais naquela garota que fazia meu coração bater mais depressa?

Rhia, o brilho fugindo de seus olhos, afastou-a com uma cutucada.

— Você pode começar conseguindo uma faca para ele. — Disparou em minha direção um olhar rígido de alerta.

Sua intromissão me deixou aborrecido. A respeito de quê eu precisava ser alertado, afinal? Ela estava me tratando como criança outra vez.

— Venha — disse Nimue, roçando em Rhia ao passar. Segurando minha mão com delicadeza, ela escorregou os dedos lentamente por toda a extensão acima do antebraço. Uma nova calidez me envolveu enquanto ela me conduzia até uma mesa coberta por vegetais, sementes, raízes e ervas. Havia uma anciã sentada à cabeceira, selecionando os ingredientes em pilhas habilmente. Na outra extremidade, estava um jovem de barba rala, tirando a casca de uma enorme noz que parecia uma bolota gigante.

— Vamos começar aqui. — Nimue me conduziu ao meio da mesa. Puxou uma tigela contendo uma pilha de vegetais roxos, quadrados, fumegando, pois tinham acabado de ser cozidos. Retirando uma faca já gasta de um bloco de madeira sobre a mesa, ela cortou o vegetal ao meio com destreza e tirou uma semente achatada que reluzia com um brilho vermelho intenso. Então, colocando a mão quente sobre a minha, me mostrou o movimento rápido de torção que me permitiria talhar a semente em pequenos pedaços.

— Pronto — disse delicadamente, se demorando com a mão em cima da minha. — Você tem muita sorte, sabe. O pão do coração é uma das maiores especialidades do mestre padeiro Plutão. Ele raramente deixa um ajudante de fora prepará-lo e nunca, certamente, picar as sementes essenciais. — Exibiu seu sorriso mais adorável. — Ele deve ter visto algo especial em você.

Com um leve aperto, ela ergueu a mão.

— Eu voltarei daqui a pouco para dar uma olhada em você. — Ao começar a se afastar, apontou para meu cajado apoiado do lado da mesa. — Esse seu cajado vai cair. Quer que eu o coloque num lugar seguro para você?

Um vago tremor percorreu meu corpo, mas não tive certeza do motivo. Afinal, ela só estava tentando ser útil.

— Não, obrigado — respondi. — Ele está bem aí onde está.

— Ah, mas eu não iria querer que ele fosse danificado. É tão... bonito.

Ela estendeu a mão para tocá-lo. Nesse momento, por acaso, a anciã bateu o joelho contra a mesa. O cajado deslizou lateralmente ao longo da beirada e caiu em meu colo. Agarrei-o pela haste e o enfiei no cinto de minha túnica.

— Pronto — falei para Nimue. — Agora está seguro.

Por um brevíssimo instante, seus olhos pareceram flamejar de raiva, mas o ar de bondade retornou tão rapidamente que não pude ter certeza. Em todo caso,

ela se virou depressa e se afastou. Após alguns passos, olhou para trás, sorrindo calorosamente.

Não consegui evitar retribuir o sorriso. Então me virei para a mesa e peguei um dos vegetais roxos. Ainda fumegando, ele se abriu facilmente. Tirei a semente lustrosa com todo cuidado. Ao começar a picá-la, porém, a lâmina gasta rapidamente se fez em pedaços. Que azar! Larguei a faca inútil.

Eu precisava executar bem minha missão, e não estragá-la! Plutão, eu tinha certeza, estava me testando. Por que outro motivo ele me daria tal responsabilidade incomum? Até mesmo prometera mostrar mais se eu fizesse meu trabalho direito. E, se eu fracassasse, não haveria possibilidade de ganhar sua confiança. Nervosamente, lancei minha segunda visão à procura de outra lâmina que pudesse usar.

Nada. Cada uma das facas do aposento estava sendo utilizada por alguém para trinchar ou fatiar. Levantei-me, ainda levando o cajado no cinto, e olhei novamente. Nas prateleiras. Junto ao fogão. Debaixo das mesas.

Nada.

Nenhuma faca de qualquer espécie.

Então meu olhar caiu sobre a espada manchada que pendia acima do fogão. Seria desajeitado manejá-la, e uma sujeira segurá-la. Mas, pelo menos, era uma lâmina.

Não, falei a mim mesmo, a ideia era ridícula. Eu nunca vira ninguém usar uma espada para picar. Mordi o lábio, vasculhando novamente o aposento. Nada de facas em lugar nenhum. E o tempo estava sendo desperdiçado. Logo Plutão viria verificar meu progresso. Voltei-me novamente para a espada encardida.

Avistando uma pequena escada apoiada contra a estante mais alta, coloquei-a ao lado do fogão. Subindo até seu último degrau, me estiquei o máximo que pude. Mas... não consegui alcançar o cabo da espada. Olhei em volta, buscando alguém mais alto que pudesse me ajudar, mas todas as pessoas estavam profundamente imersas em suas tarefas.

Ficando na ponta dos pés, tentei novamente. Quase alcancei! Estiquei-me ainda mais. Quase, quase... mas não. Eu simplesmente não conseguia alcançá-la.

Olhei para a espada, xingando a mim mesmo. Por que ela fora colocada tão alto, afinal? Para ser de alguma ajuda, teria de ser alcançável. E certamente agora

me seria útil. Não apenas para picar as sementes para o pão do coração. Havia muito mais em jogo. Se eu não conseguisse conquistar a simpatia de Plutão, não teria possibilidade de salvar Elen.

Concentrei-me na velha espada, buscando algum meio de alcançá-la. Se ao menos conseguisse fazer com que voasse até mim, como eu fizera muito tempo atrás com a Cortefundo. Mas, como Urnalda me ensinara, aquilo só fora possível por causa da própria magia de Cortefundo.

Naquele instante, notei uns arranhões bem leves no cabo. Podiam não passar de marcas aleatórias... ou, talvez, podiam ser algo mais. Runas. Letras. Poderia aquela espada, tal como Cortefundo, possuir algum tipo de magia? Mas embora tal ideia não me abandonasse, eu sabia que as chances eram extremamente pequenas. Por que uma espada mágica estaria pendurada, enferrujada e sem uso numa aldeia remota que se dedicava a assar pão?

Mesmo assim, as runas pareciam me acenar. Talvez descrevessem a história da espada. Ou, se de fato fosse mágica, talvez dessem as instruções de como usá-la. De como fazê-la voar até mim!

Forçando para focar minha segunda visão, tentei tirar algum sentido dos arranhões. Debaixo de camadas de pó e fuligem, detectei um ritmo, um padrão nas marcas. Havia linhas retas. E curvas. E cantos. Atirando todo meu poder na tarefa, acompanhei os entalhes ocultos.

A primeira letra surgiu clara. Consegui lê-la! Em seguida... a segunda. E a terceira. A quarta, a quinta... até o final da palavra. Pois era tudo que o cabo continha. Uma única palavra incomum.

Pronunciei a palavra, não em voz alta, mas no interior das paredes de minha mente. Pronunciei-a lentamente, cautelosamente, saboreando a riqueza do nome. E, em troca, a espada falou comigo. Declarou seu passado grandioso, e até mesmo seu futuro ainda mais grandioso. *Eu sou a espada de luz, passado e presente. Eu sou a espada de reis, antigos e futuros.*

Subitamente, a espada se soltou da parede. Ao mesmo tempo, todo a sujeira sumiu do cabo, revelando a prata forjada reluzente por baixo. Bainha e cinturão renasceram, transformados em metal polido e couro resistente, cravejados com joias roxas. Tão graciosa quanto uma folha levada pelo vento, a espada flutuou da parte de cima do fogão até minhas mãos.

Só então percebi que o aposento inteiro havia ficado em silêncio. Ninguém se mexia. Ninguém falava. Todos os olhos estavam voltados para mim.

Meu coração desfaleceu, pois eu tinha certeza de que agora seria tachado de infiltrado. Rhia e eu seríamos expulsos. Ou pior.

Plutão, parecendo igualmente irritado e assombrado, avançou. Com as mãos nos quadris largos, ele me olhou fixamente por algum tempo.

— No início, não tive fé em você. Isso é certo.

— S-Sinto muito pela sua espada.

Ele me ignorou, continuando seu raciocínio:

— Mesmo assim, como um bom pedaço de massa, você cresceu, garoto. Muito além do que eu esperava. Você precisou apenas de tempo suficiente para crescer.

— Quer dizer... Posso usá-la?

— Pode ficar com ela! — trovejou Plutão. — A espada é sua.

Pisquei, tentando absorver tudo aquilo. Fiz contato visual com Rhia, que me observava com orgulho. E Nimue, mãos nos quadris, me observando com... algo mais. Algo mais parecido com inveja.

— Mas tudo que fiz foi ler o nome dela. Chama-se...

— Cale-se, garoto! — Plutão ergueu a mão. — Um nome verdadeiro nunca deve ser pronunciado em voz alta, a menos que seja absolutamente necessário. Você obteve poder sobre a espada ao reconhecer seu nome verdadeiro. Agora deve proteger esse nome fielmente.

Vasculhei o aposento iluminado pela luz da lareira, intenso com os odores de trigo recém-moído, pão assado e milhares de especiarias.

— Acho que entendi — falei finalmente. — Aqui, nesta aldeia, vocês aprendem os nomes verdadeiros de cada um dos ingredientes antes de usá-los. Isso lhes permite dominar seus poderes e libertá-los em seus pães. É por isso que seus pães são tão repletos de magia.

Plutão assentiu lentamente.

— Séculos atrás, essa espada foi trazida até este lugar por um bando de cisnes encantados. Foi profetizado que, um dia, ela voaria como um cisne propriamente dito para as mãos da pessoa que conseguisse ler seu nome verdadeiro. A espada nos foi confiada porque nós, dentre todos os povos de Fincayra, valorizamos mais

que tudo o poder dos nomes verdadeiros. Até hoje. Agora, foi confiada a você.

Rapidamente, ele prendeu o cinto em volta de minha cintura e ajustou a bainha.

— Use esta espada sabiamente e bem. E a mantenha em segurança. Pois também foi profetizado que, um dia, ela pertenceria a um grande, embora trágico, rei... um rei cujo poder seria tão profundo que ele puxaria a espada de uma bainha de pedra.

Olhei para o rosto de Plutão.

— Então ele também saberá seu verdadeiro nome. *Pois um nome verdadeiro contém poder verdadeiro*.

Naquele instante meu cajado chiou com uma explosão de luz azul. Uma nova marca apareceu, na forma de uma espada. Uma espada cujo nome eu sabia muito bem.



XXIV

Sem Asas, Sem Esperança

Somente após Rhia e eu termos provado nove variedades de pães (inclusive pão de ambrósia, ainda melhor do que eu me lembrava), nós finalmente conseguimos deixar a cozinha de Plutão. Por último, o mestre padeiro enfiou um bocado de pão do coração recém-assado em minha sacola e mandou que seguíssemos nosso caminho. Assim que saímos, voltando à agitação da área comum, encontramos Bumbelwy caído sobre a base da grande fonte de pão.

O bufão magricela segurava a barriga inchada, gemendo de dor. O rosto, até a ponta do queixo, parecia verde-azulado. Grumos de massa dourada riscavam sua capa com capuz e se grudavam ao cabelo, às orelhas e até mesmo às sobrancelhas. Seu chapéu de três bicos, também sujo de massa, repousava silencioso na cabeça.

— Ohhh — gemeu. — Morte por comer demais! Que fim mais doloroso.

Mesmo não querendo, quase ri. Lembrando-me da promessa que fiz envolvendo minhas botas, porém, eu me contive.

Como nos explicou em frases entrecortadas por gemidos, Bumbelwy havia parado na fonte de pão, observando e inalando o líquido delicioso e espesso que jorrava de seu cano, até que, finalmente, não conseguiu mais resistir. Ele se inclinara mais um pouco, absorvendo o aroma. Então, com ambas as mãos em concha, colhera um pouco da massa maravilhosa diretamente do reservatório e levara à boca. Apreciando o sabor, pegara um pouco mais. E um pouco mais. Ele não percebera, até ser demasiado tarde, que a massa havia apenas começado a crescer. De modo que crescera mais — em seu estômago. O resultado foi uma

dor de barriga horrível demais para até mesmo ele descrever.

Pousando o cajado na fonte, me sentei ao lado dele. Rhia se juntou a nós, abraçando os joelhos de modo que ficou parecendo um feixe de vinhas verdes e marrons. Os aldeões de Slantos passavam, apressados, desempenhando suas funções com toda velocidade e motivação de um exército.

Suspirei, sabendo que, embora tivéssemos bastante propósito, não tínhamos nenhuma velocidade. E ainda tínhamos muita distância a percorrer.

Rhia estendeu o braço folhoso em minha direção.

— Você está preocupado com o tempo, não é? A lua está minguando depressa. — Ela hesitou. — Não restam mais do que cinco dias, Merlin.

— Eu sei, eu sei. E, com relação a Saltar, temos que voltar o caminho todo para Varigal. Teremos de atravessar a Fenda das Águias novamente e, provavelmente, enfrentar problemas nos Morros Sombrios mais uma vez. — Percorri o dedo ao longo da bainha que eu agora usava na cintura. — Mais problemas, receio, do que até mesmo um cajado e uma espada mágica conseguem lidar.

Rhia gesticulou com a cabeça para Bumbelwy.

— E quanto a ele? Não consegue nem se sentar, quanto mais caminhar para qualquer lugar.

Refleti sobre a figura chorosa salpicada com grumos de massa.

— Isso pode surpreendê-la, mas não acho certo abandoná-lo. Ele realmente fez todo o possível por você, lá no rochedo.

Ela sorriu pesarosamente.

— Isso não me surpreende.

— E o que podemos fazer? — Estiquei meus ombros doloridos. — Se ao menos pudéssemos voar.

Rhia engoliu uma casca de pão de ambrósia.

— Como os fincayrianos de antigamente, antes de perderem suas asas.

— Preciso de mais do que asas — observou Bumbelwy, se agitando para rolar de lado. — Preciso de todo um corpo novo.

Observei o cajado escorado na base da fonte. Ali, gravadas misteriosamente, havia as imagens de uma borboleta, de dois falcões voando, de uma pedra rachada e, agora, de uma espada. Havíamos ido tão longe, conseguido tanta

coisa. No entanto, tudo significaria nada se eu não conseguisse descobrir as almas das Canções que faltavam antes de o tempo se esgotar.

Eu as recitei para mim mesmo, tentando descobrir uma alusão de esperança:

O quinto é o poder de Saltar,
Que, em Varigal, é um perigo.

O sexto é Eliminar
O covil de um dragão adormecido.

A dádiva de Enxergar é a que falta,
No feitiço da Ilha Perdida.

Agora só nos resta o que falta:
O Poço do Outromundo na ida.

Senti um aperto no coração enquanto eu refletia sobre as vastas distâncias que as Canções exigiam. Ainda que eu tivesse asas, como seria possível percorrer tanto chão? Sem falar nos desafios que ainda permaneceriam: encontrar o Poço do Outromundo, se livrar do ogro Balor e subir para o reino de Dagda para conseguir o precioso Elixir. Tudo isso... em cinco curtos dias.

Se eu ao menos conseguisse, de algum modo, comprimir as coisas! Pular uma das Canções. Ir diretamente para a terra dos espíritos. Mas, mesmo enquanto meditava sobre a ideia, me lembrei do alerta de Tuatha para evitar tal insensatez.

Soquei o punho no chão.

— Como conseguiremos fazer tudo isso, Rhia?

Ela ia começar a responder, quando um grupo de quatro homens se aproximou da fonte, cambaleando sob o peso de um enorme caldeirão preto. Ignorando qualquer um que por acaso pudesse estar em seu caminho, eles avançavam aos empurrões através da área comum. Ao passarem entre mim e Rhia, quase tropeçam no pobre Bumbelwy. No mesmo instante que o bufão

gemeu e rolou para o lado, eles apoiaram o caldeirão na beira do reservatório e começaram a despejar. Uma mistura marrom cremosa que cheirava a cravo foi esvaziada no reservatório, borbulhando e espirrando.

Ao partirem com o caldeirão vazio, um menino pequenino, de rosto redondo, correu para mim. Agitado, ele puxou minha túnica.

— Galwy! — exclamei. Então, vendo a preocupação em seu rosto, gelei. — O que há de errado?

— Ela o pegou — ofegou. — Eu a vi pegar.

— Pegar quê?

— O matador de goblins! Ela pegou.

Intrigado, apertei seus pequenos ombros robustos.

— Matador de goblins? O que...?

De repente, olhei para a fonte. Meu cajado tinha sumido.

— Quem pegou?

— A garota, aquela alta. — Galwy apontou para os portões da aldeia. — Correu naquela direção.

Nimue! Levantei-me rapidamente, abri caminho por entre os aldeões próximos à fonte, pulei por cima de um cachorro adormecido e atravessei correndo os portões de madeira. Parado debaixo de um dos altos abetos, vasculhei o que era visível da planície coberta de capim, embora um cobertor espesso de neblina obscurecesse tudo mais além do primeiro plano.

Nenhum sinal de Nimue. Nem do meu cajado.

— Já está indo embora?

Virei-me e vi o guarda. Ele me observava das sombras, ainda segurando o cabo de sua espada.

— Meu cajado! — berrei. — Você viu uma garota, que acabou de passar aqui com o meu cajado?

Ele assentiu lentamente.

— A tal Vivian, ou Nimue.

— Sim. Aonde ela foi?

O guarda puxou os fiapos de cabelo que pendiam sobre suas orelhas e então apontou para a neblina ondulante.

— Para algum lugar ali, além da cerração do mar. Talvez em direção à costa,

talvez em direção às montanhas. Não faço ideia. Concentro minha atenção nas pessoas que vêm, não nas que vão.

Chutei o chão.

— Não viu se ela estava com meu cajado?

— Isso eu vi. Seu cajado é difícil de não ver. Mas não é a primeira vez que a vejo convencer um sujeito a abrir mão de algo precioso, por isso não dei muita importância.

Semicerrei os olhos.

— Ela não me convenceu! Ela o roubou!

Ele sorriu intencionalmente.

— Eu também já ouvi isso várias vezes.

Desgostoso, virei de volta para a planície nebulosa. Forçando a segunda visão ao limite, tentei achar algum sinal da ladra. Mas tudo que encontrei foi neblina e mais neblina, se movendo perpetuamente. Meu cajado. Meu precioso cajado! Recheado de vitalidade da Floresta Druma, tocado pela mão de Tuatha, marcado pelo poder das Canções. Desaparecido! Sem a habilidade do cajado para me dizer onde encontrar a alma de cada Canção, eu não tinha esperança.

Cabeça abaixada caminhei penosamente de volta pelos portões até a área comum. Um homem, os braços carregados de pães, se chocou contra mim e deixou cair vários deles. Eu, porém, mal notei. Não conseguia pensar em nada que não fosse meu cajado. Ao chegar à base da fonte, desabei ao lado de Rhia.

Entrelaçando seu dedo indicador no meu, ela examinou meu rosto.

— Então está perdido.

— Tudo está perdido.

— É bem verdade, é bem verdade, é bem verdade — gemeu Bumbelwy, esfregando a barriga inchada.

Rhia apanhou minha bolsa e a abriu. Retirando o pão do coração de Plutão, ela arrancou um pedaço e colocou na minha mão. Um cheiro forte e rico, tão substancioso quanto o de carne de veado assando, encheu o ar.

— Tome. Plutão disse que isso encheria seu coração de coragem.

— Será preciso mais do que coragem para salvar minha mãe — murmurei, dando uma mordidinha no pão.

Ao mastigar, os pedacinhos de sementes explodiram em minha boca,

liberando seu sabor poderoso. E algo mais. Endireitei as costas e inspirei vigorosamente, saboreando a nova força que conseguia sentir percorrendo meus membros. Mas, mesmo ao dar outra mordida, não pude esquecer a verdade. Meu cajado se perdera, assim como minha missão. O que seria possível eu fazer — sem o cajado, sem tempo, sem asas para voar até a outra extremidade de Fincayra?

Lágrimas margearam meus olhos cegos.

— Não consigo fazer isso, Rhia. Não há qualquer possibilidade!

Ela deslizou para mais perto do chão, removendo alguns grumos de massa ressecada. Delicadamente, tocou o amuleto de carvalho, freixo e espinheiro que Elen lhe dera.

— Enquanto houver esperança, você terá uma chance.

— Essa é exatamente a questão! — Soquei o ar, quase atingindo a base da fonte de pão. — Não temos esperança.

Nesse instante, algo cálido roçou meu rosto. Um toque leve, mais leve do que uma carícia. Mais leve do que o ar.

— Você ainda tem esperança, Emrys Merlin — soprou a voz familiar ao meu ouvido. — Você ainda tem esperança.

— Aylah! — Num pulo, fiquei de pé, erguendo os braços para o céu. — É você.

— Pronto, está vendo? — disse Bumbelwy tristemente. — A tensão foi demais para o pobre garoto. Ele enlouqueceu. Agora está falando com o ar.

— Não é com o ar, é com o vento!

Os olhos de Rhia se iluminaram.

— Quer dizer... uma irmã do vento?

— Sim, Rhiannon. — Uma risada sussurrante suave se ergueu. — Estou aqui para levar vocês, todos vocês, a Varigal.

— Oh, Aylah — gritei. — É possível, antes de nos levar lá, irmos primeiro a um lugar?

— Para encontrar seu cajado, Emrys Merlin?

— Como você sabe?

Como bolhas de uma fonte saindo do chão e derramando pelo solo, as palavras da irmã do vento saíam aos tropeções:

— Nada é capaz de se esconder por muito tempo do vento. Nem uma garota furtiva, nem a caverna secreta onde ela esconde seus tesouros, nem mesmo seu desejo de, um dia, exercer grande poder através da magia.

Meu sangue correu raivosamente.

— Ainda podemos pegá-la antes que alcance sua caverna?

Uma rajada de vento súbita varreu a área comum da aldeia. Chapéus, capas e aventais foram jogados para o alto, rodopiando como folhas de outono. Imediatamente, minhas botas também se ergueram do chão. Num instante, Rhia, Bumbelwy e eu estávamos sendo transportados pelo espaço.

XXV

Todas as Vozes

Ao sermos suspensos na área comum, várias pessoas que estavam paradas perto da fonte gritaram de medo — embora nenhuma tenha gritado mais alto do que o pobre Bumbelwy. De minha parte, sacudi as pernas livremente no espaço aberto, animado com a emoção do voo. Era uma emoção que eu conhecera apenas uma vez, aninhado entre as penas das costas de Transtorno. Mas, dessa vez, a sensação foi mais forte ainda, se bem que mais apavorante. Afinal agora eu não estava sendo erguido por outro corpo, mas pelo vento em si.

Aylah nos carregou rapidamente para o alto, nos sustentando em uma manta de ar. Enquanto as edificações em forma de pão de Slantos se misturavam na neblina, o reservatório dourado da fonte desbotava gradualmente, ficando cor de bronze, depois marrom, e então branco. Nuvens nos engoliram por completo, não deixando nada visível além de nós mesmos. Eu ouvia o assobio do vento ao redor, mas não era muito alto, pois voávamos a favor do vento e não contra ele.

— Aylah — gritei. — Ainda consegue encontrá-la, mesmo na neblina?

— Paciência — respondeu, a voz etérea vindo igualmente de cima e de baixo. As nuvens ficaram mais espessas quando descemos mais e viramos à direita.

Rhia se virou para mim, o rosto mostrando sua crescente alegria. Estávamos cavalgando, aparentemente, em uma nuvem propriamente dita, próximos o bastante para tocarmos uns aos outros e suficientemente distantes para nos sentirmos completamente livres. E, no caso de Bumbelwy, completamente infeliz. Seu rosto, ainda sujo de massa, ficava cada vez mais verde a cada

solavanco e oscilação.

Subitamente, logo abaixo de nós, uma figura emergiu de uma abertura na neblina. Nimue!

Ela andava resolutamente pela planície coberta de capim, os longos cabelos negros caindo sobre os ombros. Na mão, meu cajado. Eu quase conseguia ouvi-la rir para si de satisfação. Sem dúvida estava imaginando que lugar de honra daria ao meu cajado em sua caverna de tesouros. Ou como poderia encontrar um meio de tirar proveito de seus poderes ocultos. Um leve sorriso se abriu em meu rosto quando chegamos mais perto, projetando um trio de sombras fantasmagóricas no chão.

Sentindo algo, ela se virou. Soltou um grito agudo, ao ver a mim e meus companheiros caindo diretamente do céu em cima dela. Antes que ela pudesse se virar e correr, me estiquei para baixo e agarrei o topo retorcido do cajado com ambas as mãos.

— Ladrão! — urrou ela, se agarrando firmemente ao seu prêmio.

Ambos puxávamos o cajado para tentar soltá-lo. Quando Aylah me elevou novamente no espaço, a própria Nimue se ergueu da planície, as pernas chutando loucamente. Minhas costas e meus ombros doíam por causa do esforço, mas me mantive firme. Correntes de ar a esbofeteavam, empurrando seu corpo de todos os modos. Contudo, ela se recusava a largar. Descemos mais um pouco, assim que um emaranhado de espinheiros surgiu à vista. Nimue voou diretamente para elas, os espinhos arranhando suas pernas e rasgando seu manto. Mesmo assim, ela não afrouxou o aperto.

Senti o cajado escorregar das minhas mãos suadas. O peso dela fazia meus ombros gritarem de dor. Meus braços estavam começando a ficar dormentes. Durante todo tempo Nimue girava e se torcia, tentando de tudo para se livrar.

Puxando violentamente para a esquerda, guinamos em direção a uma pilha de pedras pontudas. Um instante antes de colidir, Nimue avistou o obstáculo que se aproximava. Com um grito agudo horroroso, finalmente ela o soltou.

Com um baque seco, ela caiu no chão, pousando de bunda ao lado da pilha de pedras. Com fraqueza, puxei o cajado para mim, fitando novamente suas marcas familiares. O sinal dos falcões emparelhados brilhava com minha própria perspiração. Senti-me inteiro novamente, meu cajado e minha esperança

recuperados.

Quando a neblina ficou mais espessa, olhei para Nimue lá embaixo. Ao se sentar, seus olhos flamejaram raivosamente. Começou a espernear como uma criança, agitando os punhos fechados, amaldiçoando e gritando por vingança. Ela foi ficando cada vez menor. Um instante depois, desapareceu num manto de bruma, seus gritos substituídos pelo vento sibilante.

Rolei o cajado em minhas mãos latejantes.

— Obrigado, Aylah.

— De nada, Emrys Merlin. Ahhh siiim.

O vento nos carregou mais alto, até a neblina começar a se repartir, se rasgando em ondas brancas que subiam e desciam como o mar agitado. Navios de névoa, velas encapeladas, erguiam suas proas apenas para se arremessar contra praias vaporosas. As ondas de nuvens avançavam sobre nós, nos encharcando com borrifos, se agitando incessantemente.

Virei-me para Rhia, seus olhos tão felizes quanto os de Nimue tinham estado coléricos.

— Você tinha toda razão sobre ela. Não sei como, mas, a princípio, ela me deixou, bem... confuso. Eu gostaria de ter os seus... como foi mesmo que minha mãe os chamou?

— Bagas — disse ela, com uma risada. — Também chamadas instintos. — Bateu os braços na névoa, estendendo-os como asas. — Oh, não é maravilhoso? Eu me sinto tão livre! Como se eu mesma fosse o vento.

— Você é o vento, Rhiannon. — Os braços etéreos de Aylah nos envolveram. — Você tem todas as coisas vivas dentro de si. É isso que os instintos são, as vozes dessas coisas vivas dentro de você.

Fiquei olhando as nuvens despedaçantes enquanto a voz de Aylah sussurrava ao meu ouvido.

— Você também tem instintos, Emrys Merlin. Apenas não os escuta muito bem. Você tem todas as vozes, velhas e novas, masculinas e femininas.

— Feminina? Eu? — Escarneci, batendo na espada enquanto o ar passava ruidosamente. — Eu sou homem!

— Ahhh siiim, Emrys Merlin, você é homem. E é uma coisa maravilhosa ser isso! Um dia, talvez, você aprenderá que também pode ser mais. Que é capaz de

escutar, assim como de falar, de semear, assim como de ceifar, de criar, assim como construir. E então talvez descubra que o mero tremular das asas de uma borboleta pode ser tão poderoso quanto um terremoto que move montanhas.

Mal aquelas palavras tinham acabado de ser pronunciadas, quando uma súbita corrente de ar nos sacolejou. Rhia e eu rolamos um contra o outro, ao passo que Bumbelwy berrava, agitando braços e pernas. Seu chapéu com guizos saiu voando e quase se perdeu velejando antes que Rhia conseguisse segurá-lo. Ao agarrar o chapéu, vários pedaços de massa saíram voando, fazendo com que ele, mais uma vez, chocalhasse ruidosamente.

Repentinamente, irrompemos das nuvens. Tão velozes quanto falcões, nos elevamos acima de seus contornos fofos. A uma certa distância, lá embaixo, Fincayra se revelava agora como um tapete estendido, repleto de cores deslumbrantes e padrões intrincados. Lá estavam os Morros Sombrios, envoltos nas sombras, os cumes ondulados rompidos apenas por renques ocasionais de árvores ou mistura de pedras. Por ali corria o desfiladeiro avermelhado e castanho da Fenda das Águias, serpenteando para o sul. E ali, salpicada de sol, se estendia a vastidão ondulante das Terras Arruinadas.

Inclinei-me adiante, me esticando de bruços no tapete de vento. Pairando de cabeça para baixo acima das terras, senti por um momento como se tivesse me tornado um peixe novamente, deslizando por um oceano de ar em vez de água. Sustentado por correntes invisíveis, velejando sem peso, eu voava através da própria substância da minha respiração.

Ao norte, segui pela costa contorcida de uma península escura até ela se dissolver na neblina. Rios sinuosos cintilavam lá embaixo, à medida que morros começavam a aumentar abaixo de nós. Indistintamente, além das colinas, vislumbrei o perfil soturno do Lago da Face. Um dedo gelado percorreu minha espinha, ao me recordar da imagem que vira naquelas águas escuras, a imagem do olho mortal de Balor.

Então, acima do vento uivante, ouvi um leve ribombar. Vinha de algum lugar das montanhas nevadas adiante, cujos cumes crestados reluziam sob a luz de fim de tarde. O ribombar ficava mais e mais alto, rufando como avalanches descendo as encostas. Parecia que o próprio estrondo fazia parte daquela terra.

E, de fato, fazia. Pois havíamos chegado à terra dos gigantes. O estrondo

aumentou quando Aylah nos depositou sobre um outeiro repleto de capim atarracado. Elevando-se da encosta íngreme de uma crista rochosa, o outeiro era um dos poucos pedaços de terra cercado por verde. O solo abaixo de nós, assim como os rochedos em todos os lados, tremia com o ruído. Ou com o que quer que causasse o ruído.

Assim que os pés de Bumbelwy tocaram o chão, ele cambaleou instavelmente para uma enorme pilha de folhas, galhos e samambaias que, por algum motivo, tinha sido deixada no outeiro. Ela cobria quase a metade do montinho, se elevando como uma montanha de moita em miniatura. Ele caiu na pilha, rastejou para o alto, e então se escarrapachou de costas. Finalmente berrou em um tom acima do estrondo:

— Se vou morrer num terremoto, que seja pelo menos sobre algo macio!

Ajeitou alguns galhos sob a cabeça.

— Além do mais, tenho uma digestão difícil a fazer. Sem mencionar que preciso me recuperar desse passeio. — Fechou os olhos, sacudindo o corpo para penetrar ainda mais nas samambaias. — Imagine! Quase fui morto duas vezes no mesmo dia — Bocejou, sacudindo os guizos. — Se eu não fosse tão otimista, diria que algo ainda pior acontecerá comigo antes de o dia terminar.

Segundos depois, estava roncando.

— Desejo-lhe tudo de bom, Emrys Merlin. — A voz falou ao meu ouvido em volume mais alto do que o normal por causa do ribombar. — Gostaria de ficar com você por mais tempo, mas preciso voar.

— Queria que você não precisasse ir.

— Eu sei, Emrys Merlin, eu sei. — A respiração cálida de Aylah acariciou meu rosto. — Talvez, num outro dia, a gente volte a se encontrar.

— E voar novamente? — Rhia ergueu os braços como se fossem asas. — Como o vento?

— Talvez, Rhiannon. Talvez.

Com um turbilhão súbito de ar, a irmã do vento se foi.

XXVI

Saltar

Um grande baque seco soou, vindo de algum lugar do vale cercado de paredes íngremes abaixo do outeiro. O chão tremeu novamente, derrubando Rhia e a mim para trás. Um tordo rechonchudo, as asas roxas pontilhadas de branco, guinchou e saiu voando de seu poleiro no capim alto. Sentando-me, olhei para Bumbelwy, ainda roncando calmamente na pilha de folhas e moitas. O que seria preciso para acordá-lo, eu não conseguia imaginar.

Rastejando de quatro, Rhia e eu seguimos furtiva e vagarosamente até a beira do outeiro. Olhando dali, examinamos o vale abaixo. Naquele instante, uma parte inteira do rochedo acima do vale se rompeu com um estrondo, oscilando precariamente, em seguida veio abaixo numa nuvem de pedregulhos e pó. Outro estrondo encheu o ar e, novamente, o chão abaixo de nós tremeu violentamente.

Então, quando a poeira baixou, reconheci as figuras trabalhando lá embaixo. Mesmo de longe, os gigantes pareciam imensos. E assustadoramente poderosos. Enquanto alguns deles quebravam pedras enormes com martelos do tamanho de pinheiros, outros carregavam os pedaços quebrados para o centro do vale. Para erguer uma pedra daquelas seriam necessários cinquenta homens e mulheres, mas os gigantes as carregavam como se fossem fardos de feno.

Não muito distante, mais gigantes trabalhavam, cortando e dando forma às pedras de cor cinza e branca. Outros ainda as assentavam cuidadosamente em forma de torres e pontes de uma cidade crescente. Então aquela era Varigal! Destruída pelo exército de goblins de Stangmar, a cidade mais antiga de Fincayra

estava sendo totalmente reconstruída, pedra por pedra. Seus muros e ápices de torres, ainda toscamente moldados, já espelhavam as paredes dos rochedos e os ápices nevados que rodeavam o vale.

Enquanto trabalhavam, os gigantes cantavam num tom baixo, retumbante. As palavras ecoavam de rochedo a rochedo, golpeando e estalando como as pedras.

Hy gododin catann hue
Hud a lledrith mal wyddan
Gaunce ae bellawn wen cabri
Varigal don Fincayra
Dravia, dravia Fincayra.

Hud ya vardaan tendal fe
Roe samenya, llaren kai
Hosh waundi na mal storro
Varigal don Fincayra
Dravia, dravia Fincayra.

Lembrei-me, parecia ter sido há séculos, de ter ouvido aquelas mesmas vozes cantando a Lledra durante a Dança dos Gigantes que finalmente levara ao desabamento do Castelo Oculto. E me lembro de ouvir Elen entoar a mesma canção para mim quando eu era apenas um bebê em seus braços.

Árvores falantes e pedras ambulantes,
Os ossos da ilha são os gigantes.
Enquanto essa terra ainda souber nosso ritmo dançante
Varigal coroa Fincayra.
Vida longa, vida longa Fincayra.

Gigantes respiram e a tempestade golpeia,
Tocam as ondas e o rio serpenteia.

No reino de neve da ilha cheia,
Varigal coroa Fincayra.
Vida longa, vida longa Fincayra.

Bumbelwy roncou, rolando sobre sua cama de galhos. Um ramo de samambaia ficara preso em seu cabelo e parecia crescer diretamente do ouvido. A cada respiração, seus guizos matraqueavam como uma panela cheia de seixos. Ainda assim, o bufão continuava dormindo, imperturbável.

Virei-me para observar uma giganta de cabelos desgrenhados perto da extremidade do vale, empurrando a base de uma torre de pedra com o ombro somente. A uma certa distância, se assemelhava muito mais àquela em cujo corpo imenso a águia havia pousado no início do Grande Conselho. Eu suspeitava que meu velho amigo Shim também estivesse trabalhando em algum lugar lá embaixo. Ou, mais provavelmente, fazendo o possível para evitar trabalhar. No entanto, por mais que eu quisesse vê-lo novamente, não haveria tempo para tentar encontrá-lo.

— Muito bem — disse uma voz melodiosa atrás de nós —, por que vocês vieram à terra dos gigantes?

Rhia e eu demos meia-volta. Sentada sobre uma pedra arredondada cheia de musgo — uma pedra que havia sido descarregada apenas segundos antes — estava uma mulher alta, pálida. Seus cabelos dourados, estendendo-se até quase os joelhos, caíam pelo corpo como raios de luz. Vestia um manto simples azul-claro, mas a postura dela o fazia parecer um vestido elegante. Os olhos tinham um resplendor incomumente brilhante, como se chamas intensas queimassem dentro dela.

Embora fosse encantadora, endureci. *Posso não ter os instintos de Rhia, mas não vou deixar que o evento ocorrido com Nimue se repita*. Alcançando meu cajado na grama, puxei-o para meu lado.

A mulher de olhos brilhantes riu delicadamente.

— Vejo que não confia em mim.

Ainda sentada na grama, Rhia aprumou as costas e pareceu estudar o rosto da mulher por um segundo. Então inspirou fundo.

— Eu confio em você. Viemos aqui aprender sobre Saltar.

Quase pulei para fora de minhas botas.

— Rhia! Você não a conhece!

— Eu sei que não. Ainda assim... confio. Ela me faz querer... bem, confiar nas bagas. Há algo nela que, não sei... que me lembra estrelas brilhando no momento mais escuro da noite.

A mulher se levantou vagarosamente, os cabelos se agitando perto da cintura.

— Isso, cara garota, é porque sou o espírito de uma estrela. Aliás, você me conhece como uma de suas constelações.

Apesar do terreno que sacudia, Rhia se pôs de pé.

— Gwri — disse ela suavemente, tão suavemente que mal consegui ouvi-la acima do rimbombar contínuo. — Você é Gwri dos Cabelos Dourados.

— Sim. Vivo no seu céu mais ocidental. E tenho observado você, Rhia, assim como você, Merlin, do mesmo modo que vocês têm me observado.

Aturdido, eu também fiquei de pé. Parecia muito tempo atrás, aquela noite debaixo do pé de shomorra, quando Rhia, me mostrou Gwri dos Cabelos Dourados pela primeira vez. E me ensinou como observar as constelações de um modo completamente diferente. Descobrir suas formas não apenas nas estrelas propriamente ditas, mas nos espaços *entre* as estrelas.

Rhia deu um passinho para mais perto no outeiro coberto de capim.

— Por que você fez toda essa viagem até aqui?

Gwri riu novamente, com mais vivacidade do que antes. Dessa vez, um círculo de luz dourada brilhou no ar em volta dela.

— Eu vim aqui ajudar os gigantes de sua terra a reconstruir a antiga capital deles. Pois, sabe, eu também vim aqui, séculos atrás, quando Varigal foi originalmente construída. Fiquei ao lado de Dagda, fornecendo a luz que ele precisava para trabalhar durante a noite quando esculpiu o primeiro gigante do lado rochoso de uma montanha.

— Você veio de muito longe.

— Sim, Merlin. Vim através do Saltar.

Minhas pernas quase cederam, mas não por causa do chão trêmulo.

— Saltar? Você pode... pode me dizer o que preciso saber?

— Você já conhece a alma dessa Canção — declarou a estrela. — Só precisa

encontrá-la dentro de si.

— Temos tão pouco tempo! A lua está quase um quarto cheia. E minha mãe... — Minha garganta se apertou, reduzindo a voz a um sussurro. — Ela vai morrer. Tudo por minha causa.

Gwri me observou atentamente. Ela parecia ouvir meus pensamentos mais íntimos, sem se importar com o estrondear contínuo do vale abaixo.

— O que você fez?

— Encontrei a concha falante, cujo poder a trouxe até aqui.

Gwri inclinou a cabeça, fazendo uma cascata de cabelo tombar sobre seu braço.

— Não, Merlin. Pense outra vez.

Intrigado, cocei o queixo.

— Mas a concha...

— Pense mais um pouco.

Fiz contato visual com Rhia.

— Quer dizer que... fui eu, e não a concha.

A mulher confirmou com a cabeça.

— A concha precisou do seu poder para fazer isso. Seu poder de Saltar, mesmo imaturo. Um dia, talvez, você consiga dominar esse poder. Então talvez envie pessoas, ou coisas, ou sonhos. Poderá viajar através de mundos, ou mesmo através do tempo, como você quiser.

— Do tempo? — Uma vaga lembrança se agitou dentro de mim. — Quando eu era muito jovem, costumava sonhar em voltar no tempo. Juro! Só para poder reviver meus momentos favoritos várias e várias vezes.

Um sorriso esparso tocou seu rosto.

— Talvez você venha a dominar isso também. Então poderá ficar mais jovem a cada dia, enquanto todos ao redor ficarão mais velhos.

Por mais que a ideia me intrigasse, neguei com a cabeça.

— Isso é apenas um sonho. Receio que eu nunca vá dominar nada. Veja que desastre causei ao trazer minha mãe para Fincayra.

— Diga-me — pediu Gwri —, o que aprendeu disso?

Outro abalo sacudiu o chão. Pedras de um rochedo próximo a nós se soltaram, enviando uma nuvem de pó ao caírem estrepitosamente no vale lá

embaixo. Apertei o cajado para me equilibrar.

— Bem, aprendi que Saltar, como toda magia, suponho, tem seus limites.

— Verdade. Mesmo o grande espírito Dagda tem limites! Por mais que conheça os poderes do universo, ele não é capaz de trazer alguém que morreu de volta à vida. — Gwri pareceu subitamente angustiada, como se se lembrasse de algo que acontecera muito tempo atrás. Após uma longa pausa, ela falou novamente: — Você aprendeu mais alguma coisa?

Hesitei, redistribuindo meu peso sobre a grama.

— Bem... que é preciso pensar cuidadosamente antes de trazer alguém ou alguma coisa a um novo lugar, pois o que você faz pode ter consequências inimagináveis. Gravíssimas.

— E por que você acha que é assim?

Apertando o topo retorcido do cajado, pensei bastante. O vento soprou através da elevação, friccionando meu rosto.

— Porque, sabe, uma ação está ligada à outra. Jogar um simples seixo no lugar errado pode causar uma avalanche. *A verdade é, tudo está ligado a tudo o mais*.

Gwri explodiu numa gargalhada, no mesmo instante que meu cajado irrompeu em uma chama azul. Um círculo dourado de luz ardeu no ar em volta dela e a imagem de uma estrela dentro de um círculo apareceu na haste do cajado. Deixei que meus dedos a alisassem.

— Você aprendeu bem, Merlin. Tudo desempenha um papel na grande e gloriosa canção das estrelas.

Lembrando-me da frase nas paredes de Arbassa, assenti.

— Eu só queria saber o suficiente para usar agora mesmo o poder de Saltar. Pois preciso encontrar meu caminho, e rapidamente, para o covil de um dragão, embora não faça ideia de onde procurar.

Gwri se voltou para leste, seus longos cabelos reluzindo.

— O dragão que procura é o mesmo que foi induzido a um sono encantado, eras atrás pelos poderes de seu avô, Tuatha. Mas nem mesmo os poderes dele foram grandiosos o bastante para resistir a Balor, o guardião do Poço do Outromundo. Se sobreviver ao dragão e seguir até lá, você realmente espera se sair melhor?

— Não. Apenas espero tentar.

Ela me observou por um longo instante.

— O covil do dragão adormecido fica nas Terras Perdidas, logo após a travessia das águas daqui. Por coincidência, também não fica muito longe do Poço do Outromundo... embora isso interesse pouco a você, pois ainda terá que viajar o caminho todo até a Ilha Perdida antes de seguir para lá.

Contornei a nova marca no cajado com o dedo.

— Você poderia, por acaso, nos enviar para o covil do dragão?

Os olhos de Gwri brilharam com mais intensidade.

— Sim, eu poderia. Mas prefiro deixar que mais alguém faça isso. Alguém que você conhece e que pode levá-lo até lá quase tão depressa quanto eu.

Rhia e eu trocamos olhares perplexos.

A estrela gesticulou para a direção do bufão sorumbático estatelado sobre a enorme pilha de galhos.

— Seu amigo dorminhoco ali.

— Bumbelwy? Não pode estar falando sério!

A gargalhada de Gwri ressoou.

— Ele não, embora ouse dizer que ele talvez seja capaz de dar alguns saltos surpreendentes. — Novamente, ela apontou.

— Refiro-me ao amigo dorminhoco embaixo dele.

Antes que eu pudesse perguntar a quem se referia, Gwri começou a brilhar mais e mais, até incandescer tão intensamente que nem mesmo minha segunda visão aguentou olhar. Assim como Rhia, fiquei de costas. Poucos segundos depois, a luz diminuiu subitamente. Nós nos viramos de volta e descobrimos que Gwri dos Cabelos Dourados tinha desaparecido.

Naquele instante, a pilha de galhos se agitou.

XXVII

Outra Travessia

A pilha de galhos balançou para o lado de repente, lançando o adormecido Bumbelwy para o ar. Seus guizos retiniram como uma martelada de ferreiro. E seu berro, facilmente audível acima do retumbar do vale abaixo, foi acompanhado dos gritos surpresos dados por Rhia e por mim.

Lançando galhos, folhas e samambaias através do estreito coberto de capim, a pilha de folhagens se dobrou, se virou... e se sentou. Dois braços enormes se esticaram de cada lado, enquanto um par de pés cabeludos se libertava dos pedregulhos com um chute. Uma cabeça se ergueu, exibindo olhos rosados arregalados e uma boca cavernosa que se abriu num bocejo. Logo abaixo dos olhos, um nariz bulboso se salientava como uma batata inchada.

— Shim! — gritamos Rhia e eu ao mesmo tempo.

Finalizando o bocejo, o gigante olhou para nós, surpreso. Esfregou os olhos, então olhou novamente.

— Cês são um sonho? Ou cês são de verdade?

— Somos de verdade — declarei.

Shim torceu o nariz, em dúvida.

— É mesmo, de verdade verdadeira?

— É mesmo, de verdade verdadeira. — Rhia avançou e deu um tapinha em um dos pés dele, que se elevava acima dela. — Que bom rever você, Shim.

Com um grande sorriso, o gigante estendeu o braço e nos colheu delicadamente na palma da mão em concha.

— Acho que ainda tô sonhando. Mas são cês mesmo, são cês mesmo? — Trouxe o nariz para mais perto de nós e cheirou. — Cês cheiram a pão. Pão agradável.

Assenti.

— Ambrósia. Igual ao que comemos naquela noite com Cairpré. Lembra-se, bom Shim? Gostaríamos de ter trazido um pouco para você! Mas estávamos com pressa, sabe. Muita pressa.

O imenso nariz retorceu novamente.

— Cê ainda anda cheio de loucuras?

— Pode-se dizer que sim.

— Desde aquele dia em que a gente se conhecemos que cê é cheio de loucuras! — O gigante estremeceu com uma gargalhada estrepitosa, se sacudindo sobre o outeiro, o tremor soltando algumas pedras que quicaram vale abaixo. — Naquele dia, cê quase faz a gente levar picadas de milhares de abelhas.

— E você não passava de um desajeitado monte de mel.

Rhia, que conseguira ficar de joelhos sobre a palma carnuda, entrou na conversa:

— Você era tão pequeno que pensei que fosse um anão.

Os olhos rosados de Shim reluziram, orgulhosos.

— Eu não sô pequeno mais.

Outro estrondo violento no vale preencheu o ambiente, sacudindo a elevação. Até mesmo o braço possante de Shim balançou como uma árvore num temporal. Rhia e eu agarramos seu polegar para nos apoiar.

A expressão dele ficou séria.

— Eles tão trabalhando lá embaixo. Eu deveria levar os galhos pra cozinhar o jantar. — Pareceu subitamente constrangido. — Eu só queria me deitar um pouquinho e tirar uma soneca! Uma soneca rapidinha.

— Ainda bem que fez isso — retruquei. — Precisamos de sua ajuda.

Um gemido longo e doloroso veio dos galhos espalhados na ponta do estreito. Antes que eu conseguisse dizer alguma coisa, Shim estendeu o braço livre e ergueu Bumbelwy pela sua capa pesada. Coberto de samambaias ressecadas e galhos quebrados, carranqueando o rosto todo até as papadas, o bufão melancólico parecia, na melhor das hipóteses, meio vivo.

Rhia observou o bufão pendurado com preocupação.

— Você o viu sair voando quando Shim acordou?

Dei-lhe um sorriso sarcástico.

— Vai ver, deve ter sido esse o salto ao qual Gwri se referiu.

— Ohhh — gemeu Bumbelwy, segurando a cabeça. — Minha cabeça parece uma pedra que acabou de desabar desses rochedos! Devo ter rolado daquela pilha de... — Imediatamente, ele se deu conta de que estava sendo carregado por um gigante. Debateu-se, golpeando o imenso polegar que estava enganchado sob sua capa. — Socooorro! Estou para ser comido!

Shim resmungou e sacudiu a cabeça para o bufão de roupas sujas.

— Cê não é muito saboroso, isso é fácil de ver. Eu não botaria ocê na minha boca por nada desse mundo.

Acenei para Bumbelwy.

— Não se preocupe. Esse gigante é nosso amigo.

Bumbelwy, oscilando diante do nariz de Shim, continuava a se agitar violentamente.

— Que tragédia! — lamuriou-se. — Todo meu humor e minha sabedoria perdidos para sempre na goela de um gigante.

Shim o acomodou na palma da outra mão. Ele aterrissou num monte, perto de Rhia e de mim. Esforçou-se para se levantar, se desequilibrou diante do nariz de Shim, tropeçou e caiu de cara outra vez.

Shim abriu um enorme sorriso.

— Pelo menos ele é engraçado.

Bumbelwy, que tentava novamente ficar de pé, gelou.

— Está falando sério? Sou engraçado o bastante para fazer você rir?

— Não tão engraçado assim — ribombou Shim, a voz tão forte que quase empurrou a nós todos para a beira de sua palma. — O bastante pra me fazer sorrir.

O bufão finalmente ficou de pé, tentando manter o equilíbrio enquanto endireitava os ombros e ajeitava a capa.

— Bom gigante. Você é mais inteligente do que achei a princípio. — Fez uma mesura desajeitada. — Sou Bumbelwy, o Jubiloso, um bufão para...

— Ninguém. — Ignorei seu olhar e falei para Shim: — Como eu ia dizendo,

precisamos de sua ajuda. Temos que chegar ao covil do dragão adormecido, o tal que Tuatha combateu muito tempo atrás. Fica em algum lugar depois da água.

O sorriso do gigante sumiu, ao mesmo tempo que o vento começou a uivar através dos rochedos.

— Cê deve estar brincando.

— Receio que ele não esteja — disse Bumbelwy, sua habitual melancolia retornando. — Talvez seja melhor você nos devorar agora, antes que o dragão o faça.

— Se ele é realmente um dragão adormecido — perguntou Rhia —, o quanto pode ser perigoso?

— Muito — trovejou Shim, o corpo todo sacudindo como uma grande árvore numa tempestade. — Pra começar, o dragão continua com fome, mesmo enquanto dorme. Pra terminar, ele pode acordar a qualquer momento. — Fez uma pausa, inclinando a cabeça enorme para pensar. — Ninguém sabe quando o encanto do sono de Tuatha vai acabar e o dragão vai acordar. Imbora a lenda diga que vai acontecer no dia mais negro na vida de Fincayra.

Bumbelwy suspirou.

— Parece um dia típico para mim.

— Silêncio! — Olhei para Shim. — Vai nos levar lá imediatamente?

— Tá bem. Mas é loucura! Certeza completa, total e absoluta. — Vasculhando o outeiro cheio de galhos espalhados, ele mordeu o enorme lábio. — Mas, antes, preciso descer esses galhos para Varigal.

— Por favor, não — pedi, olhando o céu da tarde, receando ver o prateado da lua sair. — Agora, cada minuto conta, Shim. Estou quase sem tempo.

— Acho que já é tarde demais pra recolher esses galhos.

— Então vai ajudar?

Shim respondeu se levantando e dando um único e enorme passo ao longo da crista do cume. Sacudidos pelo solavanco, caímos juntos desordenadamente em sua palma. Desemaranhar nossos corpos ficou mais difícil devido ao caminhar saltitante do grandalhão, mas, finalmente, conseguimos. Exceto Bumbelwy, cuja capa tinha se enrolado apertadamente em volta da cabeça e dos ombros. Enquanto lutava para se livrar, seus guizos ficaram piedosamente silenciosos debaixo da capa.

Enquanto isso, Rhia e eu rastejamos para a beira da palma de Shim e ficamos olhando através das aberturas entre seus dedos. O vento batia forte em nossos rostos à medida que víamos a paisagem se transformar. As passadas de Shim eram tão largas que logo o canto dos gigantes e o ribombo de sua labuta desapareceram por completo. Ele caminhava sobre campos com pedras imensas como se elas fossem meros aglomerados de seixos, esmagando saliências de pedras com os pés. Desfiladeiros de montanhas, que levaríamos dias para escalar, eram subidos por ele em poucos minutos. Ele atravessava fendas escancaradas de geleiras com a facilidade de um coelho saltando um graveto.

Não demorou e o terreno começou a ficar plano. Encostas arborizadas substituíram os cumes cobertos de neve, ao mesmo tempo que vales se alargavam em amplos prados pintados com flores roxas e amarelas. Shim parou apenas uma vez, para soprar os ramos de uma macieira, nos banhando de frutos. Diferentemente de Bumbelwy, que ainda não recuperara o apetite, Rhia e eu comemos as maçãs avidamente.

Shim ia rapidamente, e seguiu tão depressa que mal notei o aumento da amplidão azul adiante, quando seu pesado pé chapinhou na água. Em outro momento, ele passeou por um canal cercado por um bando de gaivotas ruidosas. Sua voz estrondeou, assustando as aves.

— Eu me lembro quando cês me carregaram num rio agitado.

— Certo! — gritei, para ser ouvido acima do vento e dos gritos das gaivotas. — A travessia era tão difícil que tive que carregar você nos ombros.

— Isso seria difícil agora! Certeza completa, total e absoluta.

Mirando a segunda visão para através do canal, notei no horizonte uma linha de morros escuros tão acidentados quanto uma fileira de dentes desiguais. As Terras Perdidas. Lembro-me bem das palavras que Cairpré usara para descrever aquele território. *Desconhecido e inexplorado*. Sabendo que havia um dragão mortal adormecido em algum lugar daqueles morros, eu não me surpreendia por quê. Instintivamente, alcancei o cabo de minha espada.

Minutos depois, Shim saiu do canal, os pés cabeludos se esparramando na margem. Ele nos depositou numa ribanceira imensa de pedras planas. Nenhuma flor, nem mesmo capim, brotava ali. Nem a luz incandescente do ocaso que se aproximava conferia tons mais suaves à terra. Apenas cinzas brilhantes e escuras

cobriam as pedras, se estendendo para as encostas do interior distante. O ar cheirava desagradavelmente a carvão vegetal, como um braseiro abandonado.

Percebi que aquele litoral todo, e tudo que um dia crescera nele, devia ter sido queimado por fortes chamas. Até mesmo as pedras pareciam rachadas e retorcidas, queimadas por rajadas repetidas de calor extremo. Então, vasculhando os morros denteados, descobri a fonte: uma fina espiral de fumaça que se erguia de uma concavidade não muito distante.

— É para ali que vamos — declarei.

Com a expressão preocupada, Shim curvou tão baixo que o queixo quase tocou o topo do meu cajado.

— Cê tem certeza? Ninguém vai visitar um dragão de propósito.

— Tenho.

— Cê é maluco! Cê sabe disso?

— Eu sei disso. E muito bem, acredite.

Os olhos úmidos do gigante piscaram.

— Então boa sorte. Vô sentir sua falta. E sua também, doce Rhia. Espero fazer outra travessia com ocês um otro dia.

Os guizos de Bumbelwy tiniram quando ele sacudiu a cabeça.

— Com o covil do dragão logo ali, provavelmente não teremos um outro dia.

Com isso, Shim aprumou as costas. Olhou para nós por um momento, depois se virou e caminhou diretamente para dentro do canal. O sol poente, rajando o céu com lavanda e rosa, contornava sua cabeça e ombros imensos. Acima, uma lua pálida crescente surgia no céu.

XXVIII

ELIMINAR

Em vez de tentar me aproximar do covil do dragão à noite, decidi esperar até o amanhecer. Enquanto os outros dormiam espasmodicamente sobre as pedras enegrecidas, permaneci sentado, acordado, pensando. Pois a sexta lição, Eliminar, só podia significar uma coisa.

Eu precisava abater o dragão.

Meu estômago dava um nó só de pensar. Como seria possível um garoto, mesmo um garoto armado com uma espada mágica, realizar tal coisa? Dragões, pelo que eu sabia a partir das histórias de minha mãe, eram incrivelmente poderosos, espantosamente rápidos e supremamente espertos. Lembrei-me da noite quando ela, com seu rosto iluminado pela fogo em nossa cabana de barro, descrevera um dragão que destruíra uma dúzia de gigantes com um único golpe de sua cauda e, em seguida, assou-os para o jantar com seu bafo de fogo.

Como então eu poderia ser bem-sucedido? Diferentemente do mago Tuatha, eu não conhecia nenhuma mágica que pudesse ajudar. Eu sabia apenas que, com o dragão dormindo ou não, seria aterrorizante me aproximar dele e quase impossível eliminá-lo.

Quando o primeiro raio de sol tocou o litoral ressecado, se estendendo como fogo através das ondas, me levantei com relutância. Minhas mãos estavam geladas, assim como meu coração. Tirei uma das maçãs de Shim do bolso da túnica e dei uma mordida. Embora estivesse crocante e saborosa, eu mal a degustei. Quando sobrou apenas o miolo, joguei fora.

Rhia se sentou.

— Você não dormiu nada, dormiu?

Eu apenas fitei a linha de morros recortada, agora tingida de rosa.

— Não. E não tenho nem mesmo a alusão de um plano para justificar isso. Se você tiver um pouco de bom senso, fique aqui. Se eu sobreviver, voltarei para você.

Ela sacudiu a cabeça tão vigorosamente que algumas das folhas que se emaranhavam em seus cachos castanhos caíram no chão.

— Acho que já discutimos isso. Lá no Lago da Face.

— Mas dessa vez os riscos são grandes demais. Rhia, você vem me alertando desde os Morros Sombrios que eu poderia me perder. Bem, a verdade é que há mais de um meio de se perder. E é assim que me sinto agora. — Soltei um suspiro longo e vagaroso. — Não percebe? Somente um mago, um verdadeiro mago, consegue derrotar um dragão! Não sei mesmo o que é preciso para ser um mago... força, ou habilidade, ou espírito. Cairpré disse que é tudo isso e mais. Tudo que sei é que, seja lá o que for preciso, eu não o tenho.

O rosto de Rhia se crispou.

— Não acredito nisso. Sua mãe também não.

— Apesar de todos os seus instintos, dessa vez você está errada. — Olhei para Bumbelwy, aconchegado debaixo de sua capa. — Devo dar a ele a mesma opção que dei a você?

O bufão magricela se virou subitamente.

— Eu irei, se é a isso que se refere. — Estendeu os longos braços. — Se existe algum dia no qual você precisará de minha graça e de meu bom humor, este dia é hoje, o dia de sua morte certa.

Com uma expressão tão sombria quanto uma das do próprio Bumbelwy, me virei para os morros. Uma coluna de fumaça escura se erguia de uma das concavidades em forma de cunha entre eles. Ela espiralou em direção ao céu, manchando a alvorada. Dei um passo em direção a ela. Depois outro. E outro. A cada passo, a base do cajado causava um estalido nas pedras como uma porta ao se fechar.

Através da terra estorricada, caminhei com Rhia ao meu lado e Bumbelwy não muito atrás. Sabendo que discrição era essencial, tentamos andar de modo

tão macio quanto uma raposa. Ninguém falava. Pousei o cajado no ombro para evitar que batesse nas pedras. O bufão até mesmo apertou as mãos sobre o chapéu para abafar o som dos guizos. Ao nos aproximarmos da depressão com a fumaça, minha sensação de mau agouro aumentou. Ao passo que o dragão esperava o dia mais negro de Fincayra para acordar, meu próprio dia mais negro certamente já havia chegado.

Um som fraco de rugido chegou até nós através da planície enegrecida. Grave como as cordas do mais baixo diapasão de uma harpa titânica. Uniforme como respiração. Era, eu sabia, o som do dragão roncando. Ele aumentava constantemente à medida que nos aproximávamos.

O ar ficava mais quente, desconfortavelmente quente, conforme as rochas se erguiam ao formato dos morros crestados. Passo a passo, mantendo silêncio, nos aproximamos da coluna de fumaça. As pedras não tinham sido apenas cauterizadas pelas chamas ali, mas também pisadas e calcadas por um peso imenso. Pedras enormes tinham sido esmagadas. Desfiladeiros haviam sido achatados. Todas as coisas vivas tinham sido destruídas. Eliminadas.

Mal ousando respirar, atravessamos uma pilha de pedras esmagadas. De repente, Bumbelwy escorregou e caiu. Pedras deslizaram pilha abaixo, estalando nos escombros lá no fundo. O som, porém, foi superado pelo chocalhar clamoroso de seus guizos. Eles retiniram, ecoando entre os morros como o estrondo de um trovão.

Olhei para ele, sussurrando:

— Tire esse maldito chapéu, seu idiota disforme! Vai acordar o dragão antes mesmo de chegarmos lá!

Ele me olhou, zangado. Com relutância, tirou o chapéu de três bicos e o enfiou debaixo da capa.

Abri caminho para a depressão cercada de paredes íngremes, enxugando a testa por causa do calor. Apesar das botas, as solas dos meus pés queimavam. Devido ao calor opressivo, o ar ondulava como água, vibrando ao som do ronco. Tudo tinha o forte cheiro de carvão mineral. A cada passo que eu dava, as paredes de pedra se aproximavam e se juntavam, me engolindo na escuridão.

De repente, parei. Ali, parcialmente envolto por sombras, estava o dragão. Era ainda maior do que eu havia temido, tão imenso quanto a própria encosta.

Enroscado como uma grande serpente, o corpo verde e alaranjado coberto por uma couraça de escamas conseguiria ocupar o Lago da Face quase totalmente. A cabeça, com fumaça sendo despejada pelas narinas, estava pousada sobre a pata dianteira esquerda. Debaixo do nariz corria uma fileira de escamas, tão enegrecidas pela fumaça que pareciam um imenso bigode. Cada inalação revelava as fileiras de dentes com pontas afiadas; cada exalação flexionava os músculos poderosos dos ombros e sacudia as vastas asas dobradas sobre as costas. Garras, tão afiadas quanto a espada embainhada em meu cinto, porém dez vezes mais compridas, brilhavam sob a luz matutina. Na metade de uma das garras, como um anel desproporcional, estava um crânio grande o bastante para pertencer a Shim.

Debaixo da barriga escamosa, tesouros lampejavam e faiscavam. Coroas e colares, espadas e escudos, cornetas e flautas — tudo feito de ouro ou prata, tudo com incrustações de joias. Rubis, ametistas, jades, esmeraldas, safiras e pérolas imensas jaziam espalhadas por todos os lados. Nunca em minha vida havia imaginado que tão vasto tesouro existisse. Ainda assim, não senti qualquer desejo de esquadrinhá-lo, pois havia caveiras de todos os tamanhos e formas dispersas em meio às riquezas, algumas refletindo uma luz branca, outras chamuscadas por fogo.

Sorrateiramente, penetrei ainda mais na concavidade, com Rhia e Bumbelwy logo atrás. Nós nos encolhíamos como um só, à lenta e estrepitosa respiração do dragão. Os olhos enormes estavam fechados, embora não completamente, revelando fendas de amarelo ardente. Eu não conseguia me livrar da sensação de que aquela fera estava mais acordada do que dormindo.

Naquele instante, as mandíbulas do dragão abriram uma fissura. Uma fina língua de fogo foi lançada para fora, chamuscando as pedras negras e algumas das caveiras mais afastadas. Bumbelwy pulou para trás, deixando cair o chapéu enfeitado de guizos. Bateu nas pedras a seus pés com um chacoalhante retinido.

O dragão roncou subitamente e reposicionou o corpanzil gigantesco. As pestanas tremeram, se abrindo mais um pouco. Bumbelwy arfou de medo. Suas pernas bambolearam. Vendo que ele parecia prestes a desmaiar, Rhia segurou seu braço.

Então, com lentidão horripilante, o dragão ergueu a garra que usava a

gigantesca caveira. Como alguém prestes a comer uma rara iguaria, levou-a às narinas, saboreando seu aroma. As pestanas tremeram, mas não se abriram, quando ele soltou uma rajada de chamas abrasadora. Finalmente, com o assado terminado, os lábios roxos seguraram a caveira e a arrancaram da garra. Um esmigalhar ruidoso ecoou pela concavidade, o som de dentes enormes reduzindo a guloseima a lascas. Com uma baforada imensa de fumaça, o dragão voltou a roncar.

Nós três trememos em uníssono. Olhando para Rhia soturnamente, entreguei a ela meu cajado. Ao mesmo tempo, pousei a mão direita no cabo de prata da espada. Lenta, muito lentamente, retirei-a da bainha. Ao emergir, a lâmina tangeu levemente, como um carrilhão distante. O dragão adormecido rosnou subitamente, soltando uma espessa baforada pelas narinas. Suas orelhas pontudas ficaram atentas, ouvindo o som tinido. Enquanto isso, seu sono pareceu se alterar. Ele rosnou ferozmente, mostrando os dentes e cortando o ar com as garras.

Fiquei rígido como uma estátua. Meu braço começou a doer por estar segurando a espada pesada acima da cabeça, mas não ousei baixá-la, por recear que ela fizesse outro som. Após vários minutos, o dragão pareceu descontrair um pouco. O rosnado cessou e as garras ficaram paradas.

Com cautela, avancei sorrateiramente pelas pedras, dando um passinho de cada vez. O dragão se elevava a grande altura acima de mim, cada escama sua do tamanho do meu corpo inteiro. O suor fazia meus olhos arderem. *Se tenho apenas um golpe, onde atingir?* A couraça de escamas cobria peito, patas, costas, cauda e até mesmo as orelhas cor de laranja. Talvez pudesse dar certo se eu enfiasse a espada num dos olhos fechados.

Aproximei-me cada vez mais. O ar fumacento me dava vontade de tossir, mas fiz tudo que pude para resistir. Minha mão apertou o cabo.

De repente, a cauda açoitou como um chicote monstruoso. Não tive tempo sequer de me mexer, quanto mais de correr. Quando a cauda explodiu com toda sua força, um dos apêndices da ponta se enroscou fortemente no meu peito, espremendo o ar dos pulmões. No mesmo instante, o outro apêndice se enrolou no braço que segurava a espada, impedindo que eu a movimentasse.

Eu estava totalmente indefeso.

Rhia soltou um gritinho abafado. Senti o dragão ficar tenso novamente, me espremendo com mais força ainda. Entretanto, as ranhuras amarelas dos olhos não abriram mais do que aquilo. Ele parecia continuar adormecido, ou semiadormecido. E a julgar pelo franzido dos lábios, parecia prestes a desfrutar de um sonho completamente realista no qual engolia um garoto com uma espada.

Pelo canto de minha segunda visão, vi Rhia cair de joelhos. Bumbelwy se abaixou desajeitadamente ao lado dela. Sua cabeça pendia bem baixo sobre as papadas volumosas. Então, inexplicavelmente, ele começou a cantar. Era, logo percebi, um hino fúnebre, entoado em tons baixos e lamentosos. Por mais que me contorcesse por causa do aperto do dragão, eu me contorci ainda mais diante da letra:

Tudo que um dragão come, ele precisa
Mas um petisco humano é o que mais valoriza
Aquele que, antes de morrer, é cheio de esperneio
E é da torta do dragão o melhor recheio.

Ó dragão, é meu amigo que você está comendo!
Ai de mim, o quão bondoso é seu alimento.

O dragão adora os ossos triturar
E gritos de moribundos escutar
Sem deixar vestígios, muita gente vai sumir,
Para seu espaço digestivo ele vai engolir.

Ó dragão, é meu amigo que você está comendo!
Ai de mim, o quão bondoso é seu alimento.

Meu amigo na boca do dragão entrou,
Sua última palavra ele lhe negou.

Pois, quando naquele buracão desceu,
Sua frase final por inteiro desapareceu.

Ó dragão, é meu amigo que você está comendo!
Ai de mim, o quão bondoso é seu alimento.

Antes mesmo de Bumbelwy terminar, as mandíbulas do dragão se abriram. Observei, horrorizado, quando as filas de dentes pontudos e chamuscados se revelaram. Com toda minha força, lutei para escapar. A cauda, porém, apenas apertou mais forte. As mandíbulas, enquanto isso, se abriram ainda mais.

De repente, das profundezas atrás das mandíbulas abertas, veio um som rouco e áspero que só podia significar uma coisa. Uma gargalhada. Uma intensa, sonora, vigorosa gargalhada. Uma nuvem esvoaçante de fumaça também saiu, enegrecendo o ar. A gargalhada continuou, movimentando a forma sinuosa do dragão, sacudindo primeiro a cabeça, depois o pescoço, em seguida a barriga gigantesca, então, finalmente, a cauda. Não demorou para que a fera inteira estremecesse numa gargalhada rouquenha, balançando o rabo sobre o amontoado de tesouros.

A cauda me soltou. Caí no chão, sem ar, aturdido, porém vivo. Rapidamente, rastejei em meio à nuvem preta, arrastando a espada. Um momento depois, Rhia correu para meu lado e me ajudou a levantar.

Tossindo por causa da fumaça, cambaleamos para fora da concavidade. Atrás de nós, a gargalhada áspera do dragão começava a se acalmar. Em questão de segundos, seus roncos haviam voltado. Olhei para trás e vi as ranhuras amarelas finas de seus olhos brilhando nas sombras. Quando finalmente estávamos bem longe do covil, desabamos sobre um banco de pedra negra. Rhia jogou os braços em volta do meu pescoço. Tão diferente do abraço do dragão!

Retribuí o abraço. Então me dirigi a Bumbelwy. Numa voz rouca, declarei:

— Você conseguiu, sabe. Você fez o dragão rir.

Bumbelwy baixou a cabeça.

— Eu sei. Uma coisa terrível, terrível. Sinto-me humilhado. Arrasado.

— O que está dizendo? — Sacudi-lhe os ombros. — Você me salvou!

— Terrível — repetiu o bufão, melancólico. — Simplesmente terrível. Mais uma vez, me saí pessimamente! Eu estava entoando um dos meus cânticos mais tristes, mais lamentosos. Um cântico capaz de partir o coração de qualquer um. — Mordeu o lábio. — Mas, em vez disso, o que fiz? Eu o diverti. Eu o distraí. Quando tento divertir, entristeço, e quando tento afligir, divirto! Oh, sou um fracasso. Um fracasso infeliz.

Suspirou demoradamente.

— E, para piorar as coisas, perdi meu chapéu. Meu chapéu de bufão! E, além de não soar como um bufão, agora nem mesmo pareço um deles.

Rhia e eu trocamos olhares divertidos. Então, sem mais demora, tirei uma de minhas botas.

Bumbelwy me observou soturnamente.

— Você machucou o pé?

— Não. Tenho uma promessa a cumprir.

Dito isso, enfiei os dentes na língua de couro da bota. Arranquei um pedaço e o mastiguei vigorosamente. Por mais que eu mastigasse, não era possível amolecer o couro, embora ele preenchesse minha boca com sabores de terra, capim e suor. Com grande dificuldade, engoli.

De repente, Bumbelwy prendeu a respiração. Endireitou as costas ligeiramente. Sua papada se ergueu um pouco. Não estava sorrindo, nem mesmo mostrando os dentes. Mas, pelo menos por um momento, não estava mais com a cara fechada.

Quando eu ia começar a dar outra mordida, ele pôs a mão nas minhas costas.

— Pare aí. Uma mordida é o bastante. Você pode precisar da bota para outra finalidade. — Um estranho som abafado, quase como uma risadinha contida, irrompeu de sua garganta.

— Eu fiz mesmo o dragão rir, não foi?

— Sim, fez.

A cara fechada voltou.

— Mas duvido que eu conseguisse fazer novamente. Foi apenas um lance de sorte.

Calçando a bota, neguei com a cabeça.

— Não foi sorte. Você consegue fazer novamente.

Estufando o peito, Bumbelwy se postou à minha frente.

— Então, quando voltar àquele forno fumacento para tentar matar aquela fera, eu irei com você.

— Eu também irei — disse Rhia.

Olhei para seus rostos leais por um momento, então enfiei a espada de volta na bainha.

— Vocês não precisam fazer isso. — Apoiei-me na pedra queimada. — Sabem, eu não vou matar o dragão.

Os dois me encararam. Erguendo o cajado, Rhia perguntou:

— Você tem que fazer isso, não tem? De que outro modo poderá aprender a primeira lição de Eliminar?

Alcancei a haste retorcida de cicuta e a girei lentamente na mão.

— Acho que, talvez, eu já tenha conseguido isso.

— O quê?

Passando o dedo no topo retorcido do cajado, olhei em direção ao covil sombreado.

— Aconteceu algo comigo quando o dragão riu.

— Certo — concordou Bumbelwy. — Você se livrou da cauda dele.

— Não, me refiro a algo mais. Você notou o quanto a gargalhada foi abundante e vigorosa? Ela me fez sentir que, bem, por mais feroz e sanguinário que seja, não pode ser de todo mau. Caso contrário... ele não conseguiria rir daquele jeito.

Bumbelwy me olhou como se eu tivesse enlouquecido.

— Aposto que aquele dragão deu uma gargalhada todas as vezes que destruiu uma aldeia.

Assenti.

— Talvez. Mas algo em sua gargalhada me passou a sensação de que, de algum modo, ele não é tão completamente diferente de você e de mim. Que ele tem algum mérito. Mesmo que a gente não compreenda isso.

Rhia quase sorriu.

Bumbelwy, porém, franziu a testa.

— Não entendo o que isso tem a ver com Eliminar.

Erguendo a mão direita suja de carvão, toquei as pálpebras de meus olhos

cegos.

— Está vendo estes olhos? Inúteis. Marcados para sempre, como minhas bochechas. E sabe por quê? Porque tentei destruir a vida de outro garoto! Não sei se ele sobreviveu, mas duvido muito. Eu tentei eliminá-lo.

A testa dele se enrugou ainda mais.

— Continuo sem entender.

— A questão é: Eliminar, às vezes, é necessário. Mas tem um preço. Pode ser para seu corpo. Ou para sua alma. Mas o preço sempre existe. Porque *cada coisa viva é preciosa de alguma forma*.

A haste do cajado chiou com uma rajada de luz azul. Onde antes havia madeira nua, agora havia a imagem da cauda de um dragão.

— A sexta Canção foi concluída! — exclamou Rhia. — Agora só falta uma, a Canção de Enxergar.

Batendo de leve no topo do cajado, examinei a cauda do dragão, gravada não muito distante da estrela brilhante dentro de um círculo. Movendo o olhar para a extensão sem vida do litoral, tão enegrecido e queimado quanto o interior de um buraco de fogueira, avistei o canal azul profundo e os picos distantes de Varigal mais além.

— Pode até restar somente uma Canção, mas também restam apenas poucos dias.

Os ombros de Bumbelwy se encolheram ainda mais.

— Apenas três, a julgar pela lua da noite passada.

— E temos de percorrer todo o caminho para a Ilha Perdida e voltar.

— Impossível — declarou o bufão. Sacudiu a cabeça para enfatizar, até se lembrar de que não usava mais guizos. — Merlin, você se saiu bem, impossivelmente bem, para chegar até aqui. Mas você, como nós dois, vislumbrou aquele lugar de cima dos rochedos dos arbóreos. Não se sabe de ninguém que tenha ido à Ilha Perdida! Como espera achar o caminho até lá e voltar em apenas três dias?

Tentei imaginar a rota que precisaríamos para viajar — através da água, acima dos picos, cruzando florestas e passando por quaisquer barreiras de feitiço que protegessem a ilha. Toda a extensão de Fincayra, repleta de perigos incalculáveis. Pesaroso, me virei para Rhia.

— Pela primeira vez, eu temo, Bumbelwy tem razão. Dessa vez não temos o vento, ou um gigante para nos ajudar.

Rhia bateu o pé na pedra queimada.

— Não vou desistir. Nós já chegamos longe demais! Você tem seis das sete Canções. Eu até tenho a localização do Poço do Outromundo.

Fiquei de pé num salto.

— Você tem *o quê*?

— A localização do poço de escada. Onde Balor fica de guarda. — Ela passou a mão pelo cabelo, torcendo uns cachos com os dedos. — Gwri dos Cabelos Dourados deu para mim... enviou uma visão dele diretamente para minha mente... quando nos disse que o Poço do Outromundo não ficava longe do covil do dragão.

— Por que você não me contou?

— Ela me disse para não contar! Achava que você poderia ficar tentado a pular inteiramente a Ilha Perdida.

Lentamente, me sentei de novo no banco de pedra preta. Colocando meu nariz quase junto ao dela, falei suave mas firmemente:

— Isso é exatamente o que vamos fazer.

— Não pode! — protestou ela. — Você vai precisar encontrar a alma de Enxergar antes de ter qualquer chance contra Balor. Não se lembra das palavras que encontrou em Arbassa?

Mas cuidado! O Poço não tente
Até a música se for.
Pois há perigo presente
Com o único olho de Balor.

— Certamente você morrerá se tentar lutar com Balor sem todas as sete Canções.

Meu estômago deu um nó ao recordar o alerta do próprio Tuatha para mim. *Mas lembre-se disso! Sem todas as sete, você perderá mais do que sua missão. Perderá a própria vida.*

Pigarreei.

— Mas, Rhia, se eu não desistir da sétima Canção, minha mãe certamente morrerá! Não entende? É nossa única esperança. Nossa única chance.

Ela semicerrou os olhos.

— Tem mais uma coisa, não tem? Eu posso até sentir.

— Não. Está enganada.

— Não estou. Você está com medo de alguma coisa, não está?

— Os instintos novamente! — Minhas mãos se fecharam. — Sim, estou com medo. Da lição de Enxergar. Ela me amedronta mais do que todas as outras combinadas. Não sei por quê, Rhia.

Sacudindo a cabeça, ela se recostou na pedra.

— Então o que quer que o aguarde na Ilha Perdida é importante. Precisa ir lá, Merlin. Por você, bem como por Elen! E também há outro motivo.

— Outro?

— Gwri me falou mais uma coisa. Ela disse que, enquanto você estiver na Ilha Perdida, precisa encontrar um ramo de visco. Use-o, disse ela, quando entrar no Poço do Outromundo. Ele o ajudará a seguir seu caminho em segurança até o reino de Dagda. Sem ele, sua missão será muito mais difícil.

— Minha missão não pode ser mais difícil do que já é! Por favor, Rhia. Nenhum ramo de visco vai fazer qualquer diferença para justificar gastar o pouco tempo que resta. Você precisa me ajudar. Mostre-me o caminho para o Poço do Outromundo.

Ela esfregou a bota de casca de árvore trançada na pedra enegrecida.

— Bem... se eu fizer isso, e você, de alguma forma, sobreviver, me promete uma coisa? — Seus olhos ficaram úmidos de repente. — Mesmo se eu não estiver presente para obrigá-lo a cumprir a promessa?

Engoli em seco.

— Claro que prometo. E por que você não estaria presente?

— Isso não importa. — Ela piscou para conter as lágrimas. — Prometa-me que, se sobreviver, irá um dia à Ilha Perdida e aprenderá o que quer que tenha de aprender lá.

— Prometo. E vou levar você comigo.

Ela se levantou abruptamente, olhando para os picos áridos.

— Então vamos. Temos uma dura caminhada à espera.

PARTE TRÊS

XXIX

A Caminhada Final

Calada, Rhia nos conduziu mais profundamente para dentro da terra arrasada repleta de pedregulhos. Em algum lugar daquelas elevações ficava a entrada para o mundo espiritual — e o ogro mortal que a vigiava. Mas, se Balor realmente morava ali, vivia sem a companhia de algo que respirasse, germinasse ou se mexesse. Pois, se os Morros Sombrios tinham parecido desprovidos de vida, exceto por uma árvore murcha aqui e ali, aquelas colinas pareciam totalmente hostis à vida. Os ferozes jatos de fogo do dragão não tinham deixado uma única árvore, nem arbusto, nem um bocado de musgo em lugar algum. Apenas carvão. Eu gostaria de ainda estar carregando a Harpa Florescente para poder usar sua mágica e trazer ao menos umas poucas folhas de gramas para aquelas encostas.

Nenhuma paisagem poderia ser mais diferente do lar de Rhia, nas matas exuberantes da Floresta Druma. Entretanto, ela se movimentava com tanta confiança e graça pelas pilhas de pedras cauterizadas quanto se estivesse se movimentando por entre bosques de samambaias perfumadas. Ela seguiu na direção leste, sem nunca se desviar. Se permanecer numa rota significava cambalear diretamente por cima de um monte de pedras esfaceladas, ou saltar uma fenda profunda, então era por ali que ela nos conduzia. Hora após hora.

Contudo, por mais que admirasse sua resistência, eu admirava ainda mais algumas de suas outras qualidades. Ela amava a vida, e todas as coisas vivas, fiel à sua infância nos ramos de um grande carvalho. Levava consigo uma sabedoria séria e nobre, me fazendo lembrar das histórias da deusa grega Atena. E, muito

mais, de minha própria mãe.

Senti uma onda de gratidão por Rhia ter permitido que sua vida se entrelaçasse à minha, nos envolvendo fortemente como as vinhas naturais de seu traje. E me descobri apreciando como nunca as virtudes do traje em si. O apertado porém flexível entrelaçado em volta de seus cotovelos. As folhas verdes largas pelos ombros. Os padrões divertidos ao longo da gola.

Enquanto caminhávamos pelas elevações desoladas, sua roupa de vinhas entrelaçadas animava meu espírito, mesmo que apenas um pouco. Seu próprio verdor de algum modo me dava esperança de que até mesmo as terras mais áridas poderiam ser persuadidas a florir novamente, que mesmo as faltas mais graves poderiam, um dia, ser perdoadas. Pois, como a própria Rhia sabia muito bem, aquelas vinhas guardavam uma verdade surpreendente. Nenhum feitiço de mago, embora impressionante, seria capaz de ser maior do que a mágica da natureza. De que outro modo um rebento nasceria de um solo sem vida? E era possível que eu, como todo ser vivo, talvez pudesse realmente participar daquela magia de renovação?

Como os montes ficavam em linhas paralelas, seguindo para norte e sul, não podíamos descer para nenhum dos vales sem mudar de direção. Portanto, escalávamos as encostas íngremes só para mergulhar imediatamente nas outras laterais. Alcançávamos os leitos dos vales apenas para começar a subir novamente. Quando o sol baixou às nossas costas e longas sombras caíram das rochas enegrecidas, meus joelhos e coxas já bambeavam por causa do esforço. O cajado pouco ajudava. Ficou claro, pelo constante tropeçar de Bumbelwy, geralmente na bainha de sua capa, que ele não se sentia mais vigoroso.

Para piorar, não encontramos sequer uma gota de água. Minha língua parecia uma lasca de madeira dentro da boca. Eu devia estar mais sedento do que os outros graças à mastigada no couro da bota, mas provavelmente não muito mais. O longo dia de caminhada sobre pedregulhos nos deixara ressecados.

Rhia, porém, não reduziu a velocidade em nenhum momento. Embora não tivesse dito nada, ela parecia mais sombriamente determinada do que nunca. Talvez fosse simplesmente a urgência de nossa missão. Ou talvez fosse outra coisa, algo do qual somente ela sabia. Em todo caso, meu próprio ânimo não estava menos sombrio. A voz de Tuatha ainda ressoava em meus ouvidos,

inflamando meus temores do mesmo modo que havia inflamado a luz nas pedras azuis em volta do túmulo dele. Apesar de imensamente sábio e poderoso como era, mesmo assim perdera a vida para o olhar mortal de Balor. E por quê? Por causa da húbris. Não estaria eu sendo culpado do mesmo defeito, ousando enfrentar Balor com apenas seis das Canções desvendadas?

Sim — e não. Para começo de conversa, minha húbris havia gerado toda aquela bagunça. Agora, porém, meus atos eram conduzidos mais por desespero. E também por medo. Pois Rhia estava certa. Fiquei aliviado, verdadeiramente aliviado, por ter evitado a Ilha Perdida e o que quer que a Canção de Enxergar pudesse ter imposto. Aquela Canção me assombrava como um sonho aterrador, tão aterrador quanto aquele que me fizera arranhar o próprio rosto naquela noite nas Terras Arruinadas. Eu duvidava que um dia conseguisse descobrir a alma de Enxergar com meus olhos inúteis e limitado à segunda visão. E desconfio que enxergar como um mago exigiria totalmente algo mais, alguma coisa de que eu certamente carecia.

E esse era apenas o começo dos meus temores. E se não houvesse verdade na profecia de que apenas uma criança de sangue humano conseguiria derrotar Rhita Gawr ou seu criado Balor? O próprio Tuatha insinuara isso. — *A profecia pode ser verdadeira, e pode ser falsa. Mas, ainda que seja verdadeira, a verdade muitas vezes tem mais de um rosto*. Qualquer que fosse o significado da profecia, eu certamente não podia confiar nela. A triste verdade era: eu não podia confiar nem mesmo em mim.

Uma pedra se soltou lá de cima e tropeou encosta abaixo, errando a ponta da minha bota por pouco. Ergui o olhar e flagrei Rhia desaparecendo do topo de um afloramento que se salientava da elevação como um nariz talhado. Que estranho, pensei. Com tanto ainda para se escalar daquele monte, por que ela resolvera seguir diretamente por cima do afloramento em vez de contorná-lo?

A resposta veio quando notei um cintilar de umidade nas pedras adiante. Água! Mas de onde? Quanto mais alto eu subia, mais manchas úmidas descobria. Até mesmo um tufo isolado de musgo, vivo e verde, se enraizara na fenda entre duas pedras.

Quando, finalmente, cheguei ao topo, parei de repente. Pois ali, a menos de dez passos, borbulhava uma pequena fonte, formando uma poça de água clara.

Rhia já estava bebendo dela. Corri para seu lado, mergulhando o rosto inteiro na poça. Minha língua formigou levemente ao primeiro gole. Com o seguinte, ela voltou à vida, sentindo o golpe e o impacto do frescor. Assim como Rhia, bebi e bebi, me enchendo de líquido. Bumbelwy, também, desabou ao lado da fonte, seus ruídos ao beber e o arquejar se juntando aos nossos.

Finalmente, quando não aguentava mais, me virei para Rhia. Ela estava sentada com os joelhos junto ao peito, olhando o pôr do sol listrar o céu ocidental de roxo e vermelho. A água pingava de seus cabelos para os ombros.

Enxuguei o gotejar de meu queixo e deslizei pelas pedras, um pouco mais para perto dela.

— Rhia, você está pensando em Balor?

Ela fez que sim.

— Eu o vi no Lago da Face — falei. — Ele estava... me matando. Obrigando-me a encarar seu olho.

Ela girou o rosto para mim. Embora o rosa do ocaso brilhasse em seus cabelos, seus olhos pareciam sombrios.

— Eu também vi Balor no Lago da Face. — Ela ameaçou dizer mais alguma coisa, porém se deteve.

Minha garganta se apertou.

— Nós estamos... perto?

— Muito.

— Devemos forçar a caminhada para chegar lá esta noite?

Bumbelwy, que estava ajeitando algumas pedras para poder se deitar ao lado da poça, deu um salto.

— Não!

Rhia suspirou.

— Quase não tem lua, e precisamos dormir. Talvez seja melhor acamparmos aqui esta noite. — Sentiu os contornos das pedras queimadas, depois alcançou minha mão, envolvendo seu dedo indicador no meu. — Merlin, estou com medo.

— Eu também. — Segui seu olhar em direção ao horizonte. Acima dos morros pontudos, o céu agora assomava tão vermelho quanto sangue. — Quando eu era pequeno — contei baixinho —, às vezes sentia tanto medo que não

conseguia dormir. Quando isso acontecia, minha mãe fazia sempre a mesma coisa para me ajudar a me sentir melhor. Ela me contava uma história.

O dedo de Rhia apertou mais o meu.

— É mesmo? Que ideia maravilhosa, contar uma história para acalmar os temores de alguém. — Suspirou. — Esse é o tipo de coisa que uma mãe faz?

— Sim — respondi suavemente. — Pelo menos uma mãe como ela.

Ela baixou a cabeça, listrada de vermelho por causa do pôr do sol.

— Eu queria ter conhecido... minha mãe. E ter ouvido algumas de suas histórias, histórias das quais eu me lembraria agora.

— Sinto muito por você não ter tido isso, Rhia. — Tentei engolir em seco, mas não consegui. — Mas tem uma coisa quase tão boa quanto ouvir histórias de sua mãe.

— Sim?

— Ouvir histórias de um amigo.

Ela quase sorriu.

— Eu adoraria isso.

Olhei para a primeira estrela que cintilava acima. Então pigarreei e comecei:

— Era uma vez, há muitos e muitos anos, uma deusa sábia e poderosa chamada Atena...

XXX

Balor

A noite caiu fria e escura. Embora Rhia aparentemente tivesse caído no sono após minha história, continuei deitado, acordado, virando e revirando nas pedras. Fiquei olhando o céu mais a leste durante algum tempo, me recordando de Gwri dos Cabelos Dourados, porém o que mais fiquei encarando foi o que restava do minguado crescente da lua sobre nossas cabeças. Pela manhã, restariam no máximo dois dias.

Durante a noite toda tremi devido ao ar gélido naqueles morros sem árvores. E ao pensar naquele olho impiedoso, cujo mero vislumbre significava morte. A visão que eu tivera no Lago da Face me espreitava. Quando cochilava, o que não ocorreu muitas vezes, me debatia e me agitava.

Acordei quando os primeiros raios de luz tocaram a encosta cheia de pedras. Nenhum gorjeio de pássaros ou bichos correndo saudaram aquela alvorada. Apenas o vento, uivando em longas e solitárias rajadas através dos montes. Com o corpo endurecido, me espreguicei, o local entre meus ombros latejando dolorosamente. Curvei-me para a poça de água clara que usava um delicado colarinho de gelo e bebi pela última vez.

Com frio, fome e desanimados, partimos. Rhia caminhava solenemente a passos largos sobre as pedras pontudas, seus sapatos de casca de árvore enegrecidos pelo carvão. Sem dizer uma palavra, ela nos conduzia em direção ao sol nascente. Entretanto, nenhum de nós parou para saborear as faixas intensas de alaranjado e cor-de-rosa que se espalhavam pelo horizonte. Absortos em

nossos pensamentos, continuamos a caminhar em silêncio. Por várias vezes, as pedras soltas cederam debaixo dos meus pés, me fazendo escorregar para trás. Caí em uma das vezes, ralando o joelho numa pedra.

Ao final da manhã, ao alcançarmos o topo de outra encosta, Rhia diminuiu o passo. Parou, lançando um olhar preocupado para mim. Sem uma palavra, ergueu o braço, apontando para a elevação seguinte. Uma enorme mossa dividia o cume, como se as mandíbulas de uma fera mítica tivessem se apertado ali há eras, rasgando as pedras. Sempre que eu olhava para a mossa, parecia que ela me olhava de volta.

Mordi o lábio, certo de que o Poço do Outromundo ficava naquele lugar. Por que o poderoso Dagda simplesmente não tinha descido do alto e abatido Balor? Certamente, como o maior guerreiro de todos, ele poderia facilmente tê-lo feito. Talvez Dagda estivesse muito ocupado, combatendo o próprio Rhita Gawr. Ou talvez não quisesse que meros mortais entrassem no Outromundo, fossem quais fossem seus motivos.

Tomei a dianteira. Rhia permanecia em meu encalço, tão perto que eu conseguia ouvir sua respiração ansiosa atrás de mim. Ao descermos para o vale chamuscado seguinte, me flagrei vasculhando os pedregulhos atrás de qualquer sinal de algo verde, algo vivo. Mas ali nenhuma fonte borbulhava, nenhum musgo preenchia as fendas. As pedras continuavam tão vazias quanto minha esperança.

Lentamente, subimos até a grande mossa. Quando finalmente chegamos à sua beirada, Rhia agarrou a manga da minha túnica. Estudou-me por vários segundos. Então sua voz, um sussurro, pronunciou as primeiras palavras do dia:

— O olho. Você não deve encarar o olho.

Segurei o cabo da espada.

— Farei o possível.

— Merlin, eu queria que tivéssemos tido mais... tempo. Para compartilhar dias. Compartilhar segredos.

Franzi a testa, incerto do que ela dizia. Mas agora não havia tempo para descobrir. Enrijecendo o queixo de determinação, entreguei-lhe meu cajado. Então marchei para a mossa.

Ao andar entre os rochedos escuros que se elevavam abruptamente de ambos

os lados, eu me sentia como se estivesse caminhando para a boca aberta de um monstro. Pináculos, tão pontudos quanto os dentes do dragão, se salientavam das bordas dos rochedos. Um vento gelado estapeava meu rosto, berrando em meus ouvidos. Conforme eu penetrava cada vez mais na mossa, o ar tremia de forma agourenta, como se sacudido por passadas que eu não conseguia ver nem ouvir.

No entanto, não encontrei nada mais. Exceto pelas rochas negras denteadas reluzindo à luz da manhã, o lugar parecia completamente vazio. Nada de Balor. Nada de escadaria. Nada de qualquer coisa viva — ou morta.

Achando que talvez tivesse deixado escapar alguma coisa, comecei a me virar, quando, de repente, o vento me açoitou novamente. O espaço diante de mim escureceu, e depois o ar ficou pesado. Dessa vez, porém, ele se abriu como uma cortina invisível. Emergindo do próprio ar, saiu um guerreiro imenso, musculoso, se elevando pelo menos duas vezes a minha altura.

Balor! Assomando sobre mim, ele parecia quase tão largo quanto os rochedos. Seu grunhido profundo e irado ecoou pelo interior da mossa, ao mesmo tempo que suas botas pesadas batiam ruidosamente nas pedras. Vagarosamente, ele ergueu sua reluzente espada. Avistei os chifres acima das orelhas e a enorme testa escura acima de seu único olho imenso antes de desviar minha segunda visão.

Devo olhar para qualquer outra coisa. Menos para sua cabeça! A espada. Tentarei a espada.

Eu mal havia focalizado a espada larga e brilhante, quando ela se chocou contra a minha. Meu braço balançou por causa do forte golpe. Para minha surpresa, o ogro grunhiu com o impacto, como se minha espada mágica o tivesse apanhado desprevenido. Ele rosnou outra vez, então brandiu a espada com mais força ainda.

Saltei para o lado no momento em que a espada dele se chocou contra as pedras onde eu estivera uma fração de segundo antes. Faíscas voaram, chamuscando levemente minha túnica. Como se os cantos embaçados de minha segunda visão não fossem uma desvantagem suficiente, eu não podia olhar diretamente para ele, por temer vislumbrar seu olho. Quando o ogro levantou o braço para atacar mais uma vez, arremeti. Mas ele rodou a tempo. Girando de volta com uma velocidade incomum, avançou diretamente para mim, a espada golpeando o ar.

Apanhado de surpresa, recuei. De repente, meu calcanhar atingiu uma pedra. Pulei para trás, tentando desesperadamente manter o equilíbrio, mas caí sobre uma pilha de rochas. Balor rosnou vingativo enquanto caminhava em minha direção, levantando a espada bem alto. Tudo que eu podia fazer era evitar olhar seu rosto, seu olho.

Naquele instante, Rhia saiu a toda velocidade das sombras e se jogou contra o ogro. Atacou sua perna, segurando-a firmemente perto da coxa. Ele tentou se livrar com chutes, mas ela continuou agarrada. Isso o distraiu por tempo suficiente para eu rolar para o lado e me pôr de pé com um salto.

Antes, porém, que eu conseguisse atacar novamente, Balor rugiu com raiva para Rhia. Segurou-a pelo braço, soltando-a com um puxão. Em seguida, com mais um rugido, a girou e a jogou impetuosamente contra a parede do rochedo. Ela se chocou de cara na pedra. Cambaleou para trás, então desabou imóvel no chão.

Meu coração se partiu em dois diante daquela visão. Naquele momento, Bumbelwy emergiu do esconderijo e correu para o lado dela, agitando os braços com violência. Fervilhando de raiva, ataquei o ogro diretamente, oscilando a espada, ao mesmo tempo que desviava o olhar. Mas Balor me evitou sem dificuldades, saindo de lado. Seu punho bateu no meu ombro, me mandando para o chão, estatelado. A espada saiu voando da minha mão e retiniu pelas pedras. Rastejei loucamente atrás dela.

Uma bota enorme chutou meu ombro. Voei pelos ares e pousei de costas, com um baque seco. Minhas costelas gritaram de dor. Os pináculos do rochedo pareciam balançar e rodopiar acima de mim.

Antes que eu conseguisse tentar me sentar, a mão imensa de Balor se fechou em volta da minha garganta. Apertou até eu engasgar. Então, com um tranco violento, me ergueu no ar. Minha cabeça girou. Eu batia os braços e pernas, impotente. No entanto ele só fazia apertar mais, me sufocando. Soquei seus braços, tentando com desespero respirar.

Lentamente, ele me baixou, até nossos rostos quase se tocarem. Seu aperto aumentava. Seu rosnado dilacerava meus ouvidos. Então, atraído por um encanto contra o qual eu não tinha mais forças para resistir, olhei seu olho negro. Como um buraco com areia movediça, ele me puxou.

Eu lutava para me soltar com todas as forças que me restavam. Mas não conseguia resistir ao olho. Ele me puxava mais e mais para o fundo, sugando minha energia. A escuridão envolveu minha visão. Eu me senti amolecendo. *Eu devia simplesmente ceder. Deixar-me ir*. Parei de tentar reagir, parei de tentar respirar.

De repente, ouvi Balor rugir de agonia. Soltou meu pescoço. Caí nas pedras, tossindo e arfando. O ar encheu meus pulmões novamente. A escuridão me cercou por mais um instante, então desapareceu.

Fraco, me levantei apoiado em um cotovelo, bem a tempo de ver Balor desabar sobre as pedras. Ele caiu com a força de uma árvore tombada. Uma espada se projetava das costas dele. Minha espada. E, de pé atrás dele, estava Rhia, a metade do rosto ensanguentado. Seu pescoço estava curvado de um jeito estranho, como se ela não fosse capaz de endireitá-lo. Então as pernas cederam e ela tombou ao lado do ogro.

— Rhia! — gritei com a voz rouca, rastejando para perto dela.

Bumbelwy surgiu, parecendo mais soturno do que o normal. Levantou-me pelo braço para que eu pudesse me pôr de pé. Ao chegar perto de Rhia, ouvi-o gemer:

— Eu falei que ela ia morrer se se mexesse, mas ela não me escutou.

Ajoelhei-me ao lado de Rhia. Levantando a cabeça dela delicadamente, tentei endireitar o pescoço. Acima de uma das orelhas, descobri um corte profundo. Ela sangrava profusamente, manchando a roupa de vinhas entrelaçadas, assim como as pedras. Cuidadosamente, polvilhei algumas ervas de minha bolsa no ferimento.

— Rhia. Vou ajudá-la.

Seus olhos azul-acinzentados se abriram parcialmente.

— Merlin — sussurrou. — Dessa vez... não há nada... que você possa fazer.

— Não. — Sacudi a cabeça vigorosamente. — Você vai ficar boa.

Ela engoliu em seco com dificuldade.

— É minha hora... de morrer. Tenho certeza. Quando olhei... no Lago da Face... vi você lutando contra Balor... e perdendo. Mas... também vi... um de nós morrendo. Não foi... você. Fui... eu.

Segurando-a, tentei colocar força em sua cabeça e no pescoço. Rasguei a

ponta da minha manga e pressionei contra a pele, desejando que o corte sarasse assim como desejei que o osso dela se regenerasse, na Fenda das Águias. Mas eu sabia que aqueles ferimentos eram muito mais graves do que um braço quebrado. Até mesmo as vinhas rasgadas da roupa pareciam murchar um pouco a cada segundo, o verde intenso exibindo nuances de sombras.

— Não tem que ser assim, Rhia.

— Ah... tem sim. Eu nunca lhe contei... mas me disseram... muito tempo atrás... que minha vida seria perdida... para poupar a sua. Que permanecer com você... significava minha morte. Eu não tinha certeza se acreditava nisso... até agora.

— Que absurdo! — Concentrei-me com mais força nos ferimentos, mas o sangue continuava a fluir, encharcando o pano e se infiltrando através dos meus dedos. — Que idiota lhe disse tal coisa?

— Nenhum idiota. Arb... assa. Por isso... você nunca foi bem-vindo... além da porta dela.

Estremeci.

— Você não pode morrer agora! Não por causa de uma profecia insensata! — Curvei-me ainda mais. — Ouça-me, Rhia. Essas profecias são inúteis. Inúteis! Uma profecia disse que apenas uma criança de sangue humano conseguiria matar Balor, certo? Bem, você viu o que aconteceu. Balor tinha me prendido em seu aperto mortal. Eu estava indefeso... eu, uma criança de sangue humano! Mas foi você, e não eu, quem o matou.

— Isso... porque... eu também... tenho sangue humano.

— O quê? Você é fincayriana. Você é...

— Merlin. — As pálpebras de Rhia tremeram quando o vento uivou embaixo dos rochedos. — Eu sou... sua irmã.

Senti como se a bota de Balor tivesse atingido minhas costelas outra vez.

— Minha o quê?

— Sua irmã. — Ela inspirou com dificuldade. — Elen também... é minha mãe. Era mais um motivo... para eu vir.

Soquei as pedras negras.

— Não pode ser verdade.

— É verdade — declarou Bumbelwy. Curvou o corpo magro para se ajoelhar

ao meu lado. — Quando Elen dos Olhos de Safira deu à luz a você, num navio naufragado em algum lugar de nossa costa, ela também deu à luz a uma filha poucos minutos depois. Deu o nome Emrys ao menino, e Rhiannon à menina. Todos os bardos de Fincayra conhecem essa história.

Seu ar taciturno se misturou com o vento.

— E também a história de como essa filha foi perdida ainda bebê. Seus pais viajavam pela Floresta Druma quando foram atacados por um bando de guerreiros goblins, os soldados de Rhita Gawr. Seguiu-se uma batalha feroz. Os goblins finalmente se dispersaram. Mas, na confusão, um dos gêmeos de Elen, a menina, se perdeu. Centenas de pessoas procuraram durante semanas, sem sucesso, até que, finalmente, Elen também parou de procurar. Inconsolável, tudo que pôde fazer foi rezar a Dagda para que sua filha, talvez um dia, pudesse ser encontrada.

Rhia assentiu fracamente.

— E ela foi. Por uma... arbórea. Cwen. Foi ela... quem me levou... para Arbassa.

— Minha irmã! — Lágrimas brotaram dos meus olhos cegos. — Você é minha irmã.

— Sim... Merlin.

Se os altos rochedos tivessem desabado e me esmagado ali mesmo, eu não teria sentido dor maior. Eu tinha encontrado minha única irmã. E ainda assim, tal como já acontecera tantas vezes, eu estava para perder o que havia acabado de achar.

Lembrei-me então de que Tuatha me alertara que a profecia sobre a criança de sangue humano poderia ter um significado inesperado. *Pode ser verdadeira, e pode ser falsa. Mas, mesmo se for verdadeira, a verdade sempre tem mais de um rosto.* Como eu poderia saber que teria o rosto de Rhia?

— Por que — perguntei, numa voz trêmula — não me contou antes?

— Não queria... que mudasse... sua rota... para tentar me proteger. O que você faz... com sua vida... é importante.

— Sua vida é igualmente importante!

Joguei fora o trapo ensanguentado e rasguei outro pedaço da minha manga. Enquanto tentava secar o corte, me lembrei de uma noite no quarto repleto de

livros de Cairpré, muito tempo atrás. Então foi por isso que, estranhamente, ele hesitara em me contar a história do meu nascimento! Eu desconfiara na ocasião, e agora sabia, que ele estava prestes a me contar algo mais. Que uma irmã nascera naquela mesma noite.

Aninhei a cabeça de Rhia no meu colo, sentindo sua respiração quente em meu braço. Suas pálpebras estavam quase se fechando. As sombras em sua roupa tinham ficado mais intensas. Enquanto uma lágrima descia pela minha bochecha, eu disse:

— Se ao menos eu tivesse enxergado.

Suas pálpebras adejaram.

— Enxergado? Está se referindo... aos seus olhos?

— Não, não. — Observei o sangue pingar de seus cachos castanhos. — Não estava me referindo aos meus olhos. Mas a algo mais, algo que meu coração sabia o tempo todo. Que você é, bem, mais do que alguém que encontrei por acaso naquele dia na Floresta Druma. Meu coração soube disso desde o início.

Ela fez um leve movimento com os lábios que poderia ter sido um sorriso.

— Mesmo quando eu... pendurei você... naquela árvore?

— Mesmo naquela ocasião! Rhia, meu coração conseguiu ver, mas minha cabeça simplesmente não entendeu. É isso mesmo, eu devia ter prestado mais atenção ao meu coração! *O coração consegue enxergar coisas invisíveis aos olhos*.

Um clarão azul irrompeu das pedras onde Rhia tinha deixado meu cajado. Sem nem mesmo olhar, eu soube que uma nova marca havia surgido, no formato de um olho. Pois eu descobrira, de algum modo, a alma de Enxergar. Mas o que ganhei foi ofuscado pelo que perdi.

No mesmo instante, o ar começou a se iluminar fracamente perto do braço estendido do ogro. A cortina invisível se abriu, revelando um círculo de pedras brancas polidas. Um poço. Não era o poço de uma escadaria que subia, mas um poço fundo que levava abaixo.

Finalmente eu conseguia enxergar! E também compreendia, pela primeira vez, que o caminho para o Outromundo — para o Céu e também para o Inferno — significava descer, e não subir. Descer para os lugares mais profundos, e não subir para algum lugar do universo muito distanciado de mim mesmo.

O vento doloroso nos arrebatou, uivando. Rhia falou com uma voz tão fraca

que mal consegui ouvi-la:

— Você será... um mago, Merlin. Um... muito... bom.

Aninhei sua cabeça em meu peito.

— Não morra, Rhia. Não morra.

Ela estremeceu. Seus olhos se fecharam finalmente.

Eu a apertei, soluçando baixinho.

Então, como se a alvorada estivesse se rompendo em meus braços, senti a presença de algo que não havia notado antes. Alguma coisa dentro do corpo de Rhia, mas também separada dele. Passando através dos meus dedos como uma brisa de luz. Seu espírito. Deixando o corpo dela a caminho do reino além. Num lampejo, uma ideia me ocorreu.

Apelei para seu espírito. *Por favor, Rhia. Não me deixe. Ainda não*. Puxei sua cabeça para junto do meu coração. *Venha comigo. Fique comigo. Apenas por enquanto*.

Olhei para o círculo de pedras brancas, a entrada para o Outromundo. O caminho para Dagda. Mesmo se fosse tarde demais para ele salvar Elen, talvez — apenas talvez — ele pudesse salvar Rhia. E, se não pudesse, pelo menos ficaríamos juntos um pouco mais.

Venha comigo. Por favor.

Inspirei profundamente, puxando mais do que ar. E, com essa respiração, fui inundado por uma sensação nova e poderosa. Era vibrante. Era vigorosa. Era Rhia.

Virei-me para Bumbelwy, cujas bochechas caídas exibiam os rastros de suas lágrimas.

— Ajude-me, sim?

Ele olhou para mim solenemente.

— Ela está morta.

— Morta. — Senti a nova força de vida dentro de mim. — Mas ainda não se foi, meu caro bufão.

Com dificuldade, Bumbelwy me ajudou a ficar de pé. Eu carregava o corpo vazio de Rhia, a cabeça pendente.

— Agora traga minha espada. E o cajado.

Sacudindo a cabeça, o melancólico bufão arrancou a espada do corpo de

Balor. Usou as botas para limpar a lâmina. Em seguida, apanhou meu cajado nas pedras. Retornando, ele enfiou a espada na bainha e o cajado no meu cinto sujo de sangue.

Observou-me sombriamente.

— Aonde vai com ela?

— Ao Outromundo.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Então esperarei aqui por você. Mesmo que nunca mais volte.

Comecei a me dirigir ao círculo de pedras brancas, então parei e o encarei novamente.

— Bumbelwy, caso eu não retorne, quero que você saiba de uma coisa.

Olhou-me com a testa enrugada em várias camadas.

— O que é?

— Você é um péssimo bufão. Mas um amigo muito leal.

Dito isso, me virei para o poço. Atravessei as pedras, meus braços tão pesados quanto o coração.

XXXI

Na Neblina

Uma lufada de ar quente atingiu meu rosto quando olhei o interior do acesso ao Outromundo. Uma escadaria espiralada, feita com as mesmas pedras brancas polidas da entrada, se precipitava do centro do círculo. Não dava para saber a distância ocupada pela escada, mas eu desconfiava ser realmente muito grande.

Carregando o corpo flácido de Rhia, pisei cautelosamente no primeiro degrau. Inspirando fundo o ar de Fincayra, talvez pela última vez, comecei a descer a espiral. Mergulhei abaixo, tomando o cuidado de não tropeçar. Por mais que as costelas, pescoço e ombros doessem por causa de minha luta com Balor, o coração doía muito mais por estar carregando o corpo de minha amiga. Minha irmã.

Após descer mais de cem degraus, notei duas coisas surpreendentes. Primeira, o poço da escada nunca ficava mais escuro. Ao contrário de um poço de água ou de um túnel escavado no chão, a luz não diminuía de acordo com a profundidade. Aliás, de algum modo, ela parecia ficar mais forte. Em pouco tempo, as pedras brancas da escadaria brilhavam como pérolas.

Segunda, o caminho espiralado não necessitava de paredes. Apenas neblina, que anelava e mudava de forma, cercava os degraus. Quanto mais fundo eu descia, mais intrincados e emaranhados se tornavam os tufos. Às vezes giravam em volta das minhas pernas, ou dos cachos do cabelo de Rhia. Outras vezes, se condensavam e se contorciam em formas estranhas que eu não conseguia identificar.

A neblina daquele acesso me lembrava a bruma que cercava a costa de Fincayra. Não tanto um limite, ou uma barreira, mas uma substância viva que possuía seus próprios ritmos e padrões misteriosos. Elen havia falado com frequência sobre *lugares intermediários*, como o Monte Olimpo, Y Wyddfa ou Fincayra. Lugares não exatamente no nosso mundo e não exatamente no Outromundo, mas verdadeiramente *intermediários*. Do mesmo modo que aquela neblina não era realmente ar e não era realmente água, mas um pouco de ambos.

E pensei no dia em que, sentados no chão de terra de nossa cabana em Gwynedd, ela me descrevera Fincayra pela primeira vez. *Uma terra de muitas maravilhas*, ela dissera. *Nem totalmente da Terra, nem totalmente do Céu, mas como uma ponte que liga os dois*.

Enquanto mergulhava na neblina, a cada passo ficando mais perto do Outromundo, eu imaginava que tipo de mundo poderia ser. Se Fincayra fosse realmente uma ponte, aonde então essa ponte levaria? Espíritos habitavam lá, isso eu sabia. Espíritos poderosos, como Dagda e Rhita Gawr. Mas e os espíritos mais simples, mais calmos, como meu bravo amigo Transtorno? Eles dividiam o mesmo espaço, ou viviam em outra parte?

Rodando incessantemente em volta de si, a escada em espiral me levava para baixo. Ocorreu-me que talvez não houvesse diferença entre dia e noite naquele mundo. Sem alvorada ou ocaso, ou a lua viajando acima, seria difícil medir o tempo. Talvez nem mesmo *houvesse* qualquer tempo, ou o que eu chamaria de tempo. Lembrei-me vagamente de Elen mencionando dois tipos de tempo: o tempo histórico, que seguia linearmente, no qual seres mortais iam avançando com suas vidas, e o tempo sagrado, que corria em sentido circular. Seria o Outromundo um lugar de tempo sagrado? Se fosse, isso significava que, ali, o tempo dava a volta em si mesmo, girando em círculos como a escada espiralada?

Parei, batendo a bota de leve em um dos degraus. Se houvesse um tempo diferente neste mundo, eu poderia voltar à superfície — se é que eu voltaria — tarde demais para salvar Elen! Eu poderia gastar os dois dias que me restavam, e meses além disso, sem sequer perceber. Arqueei as costas, ajeitando Rhia em meus braços. Seu peso, assim como o peso da minha missão, parecia mais vultoso do que nunca.

Só me restava encontrar Dagda o mais depressa possível. Não deixar que nada

me atrasasse ou me desviasse do caminho. Recomecei a descer a escada.

Ao penetrar cada vez mais naquele acesso, algo na névoa começou a mudar. Em vez de pairar próxima aos degraus, como acontecia perto da entrada, a neblina ia se afastando, se abrindo em bolsões de formas sempre mutantes. Não demorou para os bolsões se expandirem em câmaras, e as câmaras se abrirem em buracos. A cada passo para baixo, o panorama da neblina se ampliava, até que me flagrei no meio de uma paisagem variada, em mutação constante.

Uma paisagem de névoa.

Com traços delgados e colinas ondulantes, espaços amplos e pináculos afiados, a névoa torvelinhava à minha volta. Encontrei gargantas em determinados pontos, se abrindo no terreno tipo nuvem, seguindo para mais longe e mais fundo do que eu poderia imaginar. Em outros pontos, vislumbrei montanhas, se elevando ao longe, crescendo ou diminuindo, ou ambas as coisas ao mesmo tempo. Encontrei vales, encostas, rochedos e cavernas feitos de bruma. Espalhadas por toda a parte, embora eu não pudesse ter certeza, se movimentavam formas, ou semiformas, rastejando ou caminhando ou flutuando. E, em meio a tudo, a neblina se enroscava e espiralava, sempre mudando, sempre a mesma.

Descobri, em tempo hábil, que os próprios degraus haviam mudado. Não eram mais duros e maciços como pedra, eles ondulavam e escorriam juntamente a tudo ao redor. Embora permanecessem firmes o bastante para eu me manter de pé, eles eram feitos da mesma fibra ilusória da paisagem.

Uma sensação de inquietação me dominou. A de que aquilo que me cercava não era neblina na verdade. Que não era nem mesmo algo físico, feito de ar ou água, mas algo... mais. Feito de luz, ou de ideias, ou de sensações. A neblina revelava mais do que obscurecia. Seriam necessárias muitas existências para se compreender ao menos um pouco de sua verdadeira natureza.

Então o Outromundo era assim! Camadas sobre camadas de mundos errantes, mutantes. Eu poderia arremeter incessantemente escada abaixo, me movimentar repetidamente pelo lado de fora em meio ao torvelinho, ou viajar sem parar para dentro da própria neblina. Infinitamente. Ilimitadamente. Eternamente.

Então, do meio da paisagem fluente, uma forma surgiu.

XXXII

Um Ramo de Ouro

Pequena e cinzenta, a forma se elevou acima de um morro que acabara de brotar. Enquanto eu observava, ela se dividiu em duas asas de névoa. Elas flutuaram em minha direção, então mudaram de rumo subitamente, subindo tão abruptamente que quase as perdi de vista. De repente, deram uma guinada e mergulharam diretamente abaixo, até rodopiarem numa série de arcos e voltas que não pareciam ter outro objetivo senão o puro prazer do voo.

Transtorno!

Meu coração bateu forte ao ver o falcão voar novamente. Embora meus braços estivessem envolvendo Rhia, ainda assim eu podia sentir a bolsa de couro contra minha coxa. Dentro dela, juntamente às ervas de minha mãe, havia uma pena marrom de uma das asas de Transtorno. Nada mais restara dele após sua batalha contra Rhita Gawr. Nada, isto é, a não ser seu espírito.

Do meio da névoa torvelinhante, ele desceu planando em minha direção. Ouvi seu grito, tão cheio de fúria e vigor quanto antes. Observei seu mergulho final quando se aproximou. Em seguida, com uma lufada de ar quente, senti suas garras se prenderem ao meu ombro esquerdo. Vergou as asas para trás, se empertigando em meu ombro. Embora suas asas de névoa tivessem mudado de marrom para cinza prateado com listras brancas, um toque de amarelo ainda envolvia seus olhos. Empinou a cabeça em minha direção e deu um pio satisfeito.

— Sim, Transtorno! Também estou contente em vê-lo. — Meu momento de contentamento se desfez assim que sopesei o corpo flácido manchado de sangue

em meus braços. — Se ao menos Rhia também pudesse.

O falcão voou até o joelho da garota vestida de folhas. Examinou-a por um momento, então emitiu um assobio baixo e sombrio. Com uma sacudida de cabeça, pulou de volta em meu ombro.

— Eu carrego o espírito dela comigo, Transtorno. Espero que Dagda talvez ainda possa salvá-la. — Engoli em seco. — E também à minha mãe.

De repente, Transtorno deu um grito alto. Suas garras apertaram meu ombro, ao mesmo tempo que a névoa diante de mim turbilhonava estranhamente.

— Ahhh — disse uma voz lenta, quase preguiçosa, em algum lugar no meio da neblina. — Que bom, foi extremamente bom você ter vindo.

Transtorno assobiou, aflito.

— Quem é você? — gritei para as nuvens. — Apareça.

— Pretendo fazer isso, rapaz, mas tudo a seu tempo. — A névoa diante de mim girou como sopa numa tigela levemente mexida. — E também tenho um presente para você, um presente extremamente precioso. Ahhh, sim.

Alguma coisa no tom lento e relaxado da voz fez com que eu me sentisse um pouquinho mais à vontade. Entretanto, uma vaga sensação oriunda de algum lugar dentro de mim me fez sentir mais cauteloso do que nunca. É melhor, concluí, errar por excesso de cautela.

Ajustei o peso de Rhia em meus braços.

— No momento, não tenho tempo para bons modos. Se tem alguma coisa a me dar, então apareça.

— Ahhh, rapaz. Tão impaciente, tão terrivelmente impaciente. — A névoa se agitou. — Mas não precisa se preocupar. Não demorarei em atender seu pedido. Sabe, eu gostaria de ser seu amigo.

Nisso, Transtorno deu um assobio estridente. Com um forte bater de asas, se ergueu de seu poleiro. Assobiou novamente, circulou à minha volta uma vez, e voou para longe, desaparecendo em meio a uma nuvem de névoa.

— Não precisa sentir medo de mim — murmurou a voz. — Embora seu amigo falcão certamente pareça sentir.

— Transtorno não tem medo de nada.

— Ahhh, então devo estar enganado. Por que acha que ele foi embora?

Engoli em seco, vasculhando a neblina fluida.

— Não sei. Ele deve ter tido um bom motivo. — Virei-me de costas para o local de onde a voz parecia vir. — Se quer ser meu amigo, então me mostre quem é. Depressa. Eu preciso continuar.

A névoa borbulhou lentamente.

— Ahhh, então tem um encontro importante, não é mesmo?

— Muito.

— Bem, então é isso que precisa fazer. Ahhh, sim. — A voz estava tão relaxada que parecia sonolenta. — Tenho certeza de que sabe como chegar aonde está indo.

Em vez de responder, procurei por Transtorno em meio à neblina. Aonde ele tinha ido? Tínhamos acabado de nos reencontrar! E eu esperava que ele talvez fosse capaz de me conduzir até Dagda.

— Porque, se não sabe — continuou a voz suave —, meu presente pode lhe ser útil. Terrivelmente útil. Ahhh, eu lhe ofereço o presente de lhe servir de guia.

Aquela sensação de cautela, seja lá de onde viesse, surgiu em mim novamente. Mas... talvez a tal pessoa, quando finalmente se revelasse, pudesse me mostrar o caminho através das nuvens rodopiantes. Isso me pouparia tempo precioso.

Mudei o apoio do meu peso sobre o degrau enevoado.

— Antes de eu poder aceitar sua oferta, preciso saber quem você é.

— Tudo a seu tempo, rapaz. Tudo a seu tempo. — A voz bocejou, depois falou tão delicadamente quanto os bocados de névoa que roçavam meu rosto. — Os jovens vivem com pressa, com muita pressa.

Apesar de minhas dúvidas, algo em relação à voz me fazia sentir cada vez mais descontraído. Quase... à vontade. Ou talvez eu apenas estivesse cansado. Minhas costas doíam. Eu queria pousar Rhia em algum lugar. Apenas por um momento.

— Ahhh, você carrega um fardo pesado, rapaz. — Outro bocejo agonizantemente lento. — Permite-me que alivie um pouco sua carga?

Contra minha vontade, também bocejei.

— Estou bem assim, obrigado. Mas, se quiser me guiar até Dagda, eu deixarei. — Eu me dei conta do que dissera. — Antes, porém, me mostre quem você é.

— Até Dagda, hein? Ahhh, o grande e glorioso Dagda. Guerreiro dos guerreiros. Ele vive longe, terrivelmente longe daqui. Ainda assim, terei prazer

em guiá-lo.

Endireitei as costas endurecidas.

— Podemos ir agora? Estou ficando sem tempo.

— Ahhh, tudo a seu tempo. — Braços anelados de névoa balançaram diante do meu rosto. — Mas é uma pena que você não possa descansar um pouquinho. Sua aparência é a de quem está precisando.

Ainda sustentando Rhia, eu me agachei, me apoiando nas coxas.

— Eu gostaria de poder. Mas preciso continuar.

— Como queira. Ahhh, sim. — A voz deu um bocejo ainda mais demorado e mais sonolento. — Nós sairemos imediatamente. Tudo a seu tempo.

Sacudi a cabeça, que pareceu estranhamente nublada.

— Ótimo. Agora... precisa fazer algo antes. O que é? Ah, sim. Aparecer. Antes de eu seguir você.

— Ora, é claro, rapaz. Estou quase pronto. — A voz deu um suspiro lento e relaxado. — Será prazeroso, extremamente prazeroso, ajudá-lo.

A sensação de cautela me cutucou novamente, porém a ignorei. Movimentei o braço que sustentava as coxas de Rhia, apoiando a mão sobre o degrau úmido. Fiquei imaginando como seria a sensação de me sentar, ao menos brevemente. Com certeza um pouco de descanso não faria mal.

— Isso mesmo, rapaz — ronronou a voz com o tom mais tranquilo. — Deixe seu corpo relaxar.

Relaxar, pensei, vagamente. *Deixar meu corpo relaxar*.

— Ahhh, sim — suspirou a voz, sonolenta. — Você é um rapaz sensato. Muito mais sensato do que seu pai.

Assenti, me sentindo meio atordoado. *Meu pai. Mais sensato do que...*

A sensação de cautela aumentou repentinamente dentro de mim. Como ele conhecia meu pai?

Bocejei novamente. Por que me preocupar com meu pai agora? Ele não estava nem mesmo perto do Outromundo. Minha cabeça parecia nebulosa, como se a névoa que me cercava, de algum modo estivesse penetrando pelos ouvidos. Por que motivo mesmo eu estava com tanta pressa? Um pouco de descanso me ajudaria a lembrar. Agachado na escada, baixei a cabeça sobre o peito.

Mais uma vez, tão debilmente que mal consegui detectar, a sensação de

cautela me ferroou. *Acorde, Merlin! Ele não é seu amigo. Acorde*. Tentei ignorá-la, mas não consegui. *Confie nos seus instintos, Merlin*.

Agitei-me, erguendo a cabeça ligeiramente. Havia algo familiar naquela sensação, naquela voz dentro de mim. Como se eu já a tivesse ouvido.

Confie em seus instintos, Merlin. Confie nas bagas.

Com um solavanco, acordei. Era a voz de Rhia! A sensatez de Rhia! Seu espírito estava sentindo o que eu não estava. Sacudi o nevoeiro de minha cabeça. Tirando a mão do degrau, envolvi o braço fortemente em volta das pernas de Rhia. Com um grunhido, me levantei novamente.

— Ahhh, rapaz. — Uma ponta de preocupação se insinuara na voz sonolenta. — Pensei que ia descansar um pouco.

Segurando Rhia firmemente, as folhas secando porém ainda macias em minhas mãos, inspirei fundo.

— Não vou descansar. Não vou deixar que você me faça adormecer num sono encantado. Pois sei quem você é.

— Ahhh, você sabe?

— Sim, eu sei, Rhita Gawr!

A neblina começou a ebulir como uma panela fervendo. Borbulhou e rodopiou diante de mim. Do meio dos vapores em torvelinho, saiu um homem alto e largo como Balor, vestindo uma túnica branca esvoaçante e um usando colar fino de pedras vermelhas reluzentes. Os cabelos, tão negros quanto o meus, estavam perfeitamente penteados. Até mesmo as sobrancelhas pareciam primorosamente aparadas. Foram seus olhos, porém, que chamaram minha atenção. Pareciam completamente ocos, tão vazios quanto o vácuo. Por mais que a lembrança do olho mortal de Balor me fizesse tremer, meu pavor diante daqueles olhos foi ainda maior.

Rhita Gawr levou a mão aos lábios e lambeu as pontas dos dedos.

— Eu poderia ter adotado qualquer forma. — Sua voz, áspera e brusca, nada tinha dos tons preguiçosos que eu ouvira antes. — A de javali selvagem é uma das minhas favoritas, complementada com uma cicatriz na pata dianteira. Todos nós temos cicatrizes, sabe?

Alisou uma sobrancelha com os dedos úmidos.

— Mas você já tinha visto o javali, não é mesmo? Certa vez, no litoral daquele

monte de pedras que vocês chamam Gwynedd. E, outra vez, num sonho.

— Como... — O suor se formou em minha testa ao recordar do sonho, e da sensação de presas como adagas crescendo rumo a meus próprios olhos. — Como sabe disso?

— Ora, vamos. Certamente um pretenso feiticeiro aprendeu pelo menos um pouco sobre Saltar. — Lambeu as pontas dos dedos, então seus lábios se franziram num sorriso. — Enviar sonhos para as pessoas é uma de minhas poucas diversões, uma breve distração de minhas muitas tarefas. — O sorriso se alargou. — Embora haja uma coisa de que eu goste ainda mais. Enviar a sombra da morte.

Fiquei tenso, apertando o corpo inerte de Rhia.

— O que lhe deu o direito de atacar minha mãe?

Os olhos vazios de Rhita Gawr se fixaram em mim.

— O que lhe deu o direito de trazê-la para Fincayra?

— Eu não pretendi...

— Um pouquinho da húbris. — Passou a mão pelo couro cabeludo, dando tapinhas para ajeitar os fios de cabelo. — Essa foi a falha fatal de seu pai, e também do seu avô. Você realmente esperava ser diferente?

Empertiguei-me.

— Eu sou diferente.

— Húbris novamente! Eu achava que a essa altura você já teria aprendido. — A túnica branca esvoaçou quando ele deu um passo em minha direção. — A arrogância vai causar sua morte, isso é certo. Já causou a da sua mãe.

Vacilei, cambaleando no degrau nevoento.

— É por isso que me retardou todo esse tempo!

— Mas é claro. — Lambeu as pontas dos dedos com cuidado, uma de cada vez. — E agora que sabe que falhou em impedir a morte dela... a morte que você mesmo causou... eu vou aliviar você de qualquer outra desgraça. Vou matá-lo, aqui e agora.

Recuei um passo, tentando não tropeçar.

Rhita Gawr gargalhou enquanto alisava a outra sobrancelha.

— Seu herói, Dagda, não está aqui dessa vez para salvá-lo como fez em Gwynedd. Nem aquela ave idiota, cuja impulsividade impediu que eu acabasse

com você no Castelo Oculto. Dessa vez, eu tenho você.

Ele deu outro passo na neblina, em minha direção. Suas enormes mãos se envergaram, como se se preparando para esmagar meu crânio.

— Só para você ter noção do tamanho da sua insensatez, da sua húbris, deixe que eu lhe explique uma coisa. Se não tivesse evitado suas lições, talvez soubesse que, se ao menos tivesse usado um manto de visco, aquele maldito ramo dourado, você poderia ter viajado diretamente até o covil de Dagda. Eu não teria atocaiado você como o fiz.

Empalideci, me lembrando do apelo de Rhia para que eu carregasse comigo um ramo de visco até o Outromundo. E eu havia dispensado seu conselho sem pestanejar!

Mais uma vez, Rhita Gawr sorriu. Braços de névoa que brotavam de sua cabeça avançaram para mim.

— Eu adoro arrogância. Uma das qualidades mais adoráveis da humanidade.

Seus olhos vazios semicerraram.

— Chega de lições. Agora você vai morrer.

Nesse instante, uma forma alada disparou das nuvens. Um grito ecoou pela paisagem mutante quando Transtorno voou diretamente para mim. Atrás de si, arrastava um ramo de ouro leve e solto. Visco. Rhita Gawr rugiu de raiva e pulou para cima de mim.

Apenas uma fração de segundo antes de ele conseguir me agarrar, o ramo dourado caiu sobre meus ombros como uma capa. Senti suas mãos fortes se fechando em torno do meu pescoço. De repente me transformei em vapor, me dissolvendo na névoa. A última coisa que senti foi um par de garras segurando meu ombro. E a última coisa que ouvi foi o grito irado de Rhita Gawr.

— Você escapou de mim mais uma vez, sua cópia de mago! Não terá tanta sorte na próxima ocasião.

XXXIII

Coisas Maravilhosas

Pele, osso e músculo se dissolveram. Em vez disso, eu era feito de ar, água e luz. E mais alguma coisa. Pois agora eu pertencia à névoa.

Rolando como uma coluna de vapor, estendi meus braços ilimitados. À medida que o ramo dourado de visco me impulsionava ao longo dos caminhos ocultos até a morada de Dagda, eu rodopiava e oscilava, me misturando ao ar mesmo quando me movimentava além dele. Voei por túneis espiralados e corredores tortuosos de névoa. E, embora não conseguisse vê-los, podia sentir que Transtorno e Rhia, em qualquer que fosse a forma, viajavam comigo.

Por muitas vezes, vislumbrei outras paisagens e criaturas dentro dos vapores. Variedades incontáveis pareciam habitar cada partícula de névoa em particular. Mundos dentro de mundos, níveis dentro de níveis, vidas dentro de vidas! O Outromundo acenava, em toda sua vastidão e complexidade.

Mas eu não tinha tempo agora para explorar. A vida de Elen, assim como a de Rhia, estava em jogo. Talvez eu tivesse perdido a chance de ajudar uma ou ambas, graças à minha suprema insensatez. Mesmo assim, como a própria Rhia declarara quando meu cajado sumiu em Slantos, *enquanto houver esperança, você terá uma chance*. E a esperança continuava comigo, embora parecesse não ter mais substância do que as nuvens mutantes.

Meus pensamentos, agitados como a própria névoa, se voltaram para Dagda. Senti uma pontada aguda de medo diante da perspectiva de encarar o maior de todos os espíritos. Ainda que esperasse ser julgado severamente por meus muitos

erros, ele também se recusaria a me ajudar? Talvez salvar a vida de minha mãe fosse perturbar algum equilíbrio cósmico delicado que somente ele compreendia. Talvez ele simplesmente não tivesse tempo para me receber. Talvez não se encontrasse em seu reino quando eu chegasse lá e, em vez disso, estivesse muito longe, nesse ou em outro mundo enevoado, combatendo as forças de Rhita Gawr.

Fiquei imaginando como seria a aparência de um espírito tão poderoso. Certamente, assim como Rhita Gawr, ele podia adotar qualquer forma que escolhesse. Quando aparecera no dia em que fui arrastado à praia na costa de Gwynedd, viera como cervo. Imenso, poderoso, com uma grande galhada de chifres. O que mais me chocara tinham sido seus olhos. Aquelas poças castanhas que não piscavam pareciam tão profundas e misteriosas quanto o próprio mar.

Fosse qual fosse a forma que pudesse tomar, eu sabia que seria tão forte e imponente quanto o próprio Dagda. Um cervo na forma humana, talvez. Do que Rhita Gawr o havia chamado? *O grande e glorioso Dagda. Guerreiro dos guerreiros*.

Como uma nuvem seguindo por um vale entre os morros, meu movimento foi ficando mais lento, pouco a pouco, até finalmente parar. Então, imperceptivelmente a princípio, a névoa à minha volta começou a se dissipar. Lentamente, muito lentamente, ela foi se tornando mais esparsa e esfrangalhada, se desfazendo como um véu etéreo. Gradualmente, consegui distinguir o contorno de uma forma alta assomando por trás do véu. Escura e cada vez maior, ela pairou diante de mim.

A névoa restante se desfez de uma vez só. A forma imponente, percebo, era na verdade uma árvore imensa coberta de orvalho. Era tão alta e poderosa quanto Arbassa, com uma destacada diferença.

Essa árvore estava de cabeça para baixo. Suas raízes gigantescas seguiam para cima, desaparecendo nos fios entrelaçados de névoa. Elas se enroscavam majestosamente em volta das nuvens, como se abraçassem o mundo inteiro acima. Dessas raízes que pairavam a grande altura, pendiam incontáveis ramos de ouro de visco, pendendo graciosamente. Embaixo, na base do tronco, galhos robustos se estendiam através de uma extensa planície de névoa fumegante. E a árvore inteira, coberta com milhares de gotas de orvalho, reluzia como a superfície de um riacho dançante.

Fiquei tão encantado com a visão que levei um instante para perceber que eu também estava ali na planície enevoada. Meu corpo tinha voltado! Rhia estava caída em meus braços, enquanto Transtorno emitia gorgolejos suaves ao meu ouvido. Um ramo de visco, igual àqueles pendurados acima de mim, decorava meus ombros. A espada pendia ao meu lado, e o cajado ainda continuava preso ao cinto.

Mirei os olhos adornados de amarelo de Transtorno.

— Obrigado, meu amigo. Você me salvou novamente.

O falcão soltou um assovio agudo quase constrangido e bateu as asas cinzentas.

— Bem-vindo à Árvore da Alma.

Virei-me para encarar a fonte daquela voz fraca e vacilante. Vinha de um velho frágil, cujo braço direito pendia inutilmente junto à lateral do corpo. Embora estivesse sentado no chão de névoa, encostado nos galhos, ele era tão pequeno e insignificante que eu não o tinha notado. Seus cabelos prateados reluziam como a casca de árvore coberta de orvalho em volta dele.

— Obrigado. Muito obrigado — falei friamente, sem querer ser enganado novamente. Mas, com o tempo tão escasso, eu não tinha escolha, exceto ser direto. — Estou procurando Dagda.

As garras de Transtorno beliscaram meu ombro. O esmerilhão guinchou de modo repreensivo para mim.

O velho sorriu delicadamente, linhas suaves enrugando seu rosto. Pousando o braço mirrado no colo, ele me examinou atentamente.

De repente notei seus olhos. Poças castanhas profundas, repletas de compaixão, sabedoria e tristeza. Eu já as tinha visto. No grande cervo.

— Dagda. — Mordi o lábio, fitando o homenzinho frágil. — Sinto muito por não tê-lo reconhecido.

O sorriso do ancião sumiu.

— Você reconheceu, a tempo. Justamente como, a tempo, talvez venha a conhecer a verdadeira fonte do meu poder. Ou será que já a conhece?

Hesitei, inseguro sobre como responder.

— Não sei nada, receio, sobre a verdadeira fonte do seu poder. Mas acredito que você a utiliza para ajudar as coisas vivas a seguirem o próprio curso, seja qual

for. Foi por isso que me ajudou, certo dia, quando fui lançado à praia.

— Muito bom, Merlin, muito bom. — Seus olhos castanhos cintilaram com satisfação... e um toque de aborrecimento. — Embora você tenha tentado evitar uma das Canções.

Mudei de posição de maneira incomodada.

Ele me examinou, como se conseguisse enxergar no fundo mais profundo do meu coração.

— Você carrega um fardo pesado, além da amiga em seus braços. Aqui. Deite-a ao meu lado.

— Você... consegue ajudá-la?

— Veremos. — Sua testa, já urdida com rugas, se vincou ainda mais. — Fale-me das Canções, Merlin. Onde está a alma de cada?

— E minha mãe? Se lhe resta algum tempo, não é muito.

— Ela, também, precisa esperar.

Curvando-me para o chão vaporoso, depositei o corpo de minha irmã ao lado de Dagda lentamente. Anéis de névoa corriam pelos ombros e através do peito dela, revestindo-a como um cobertor etéreo. Ele olhou para ela, parecendo profundamente triste, depois voltou a olhar para mim.

— Primeiro, mostre-me seu cajado.

Transtorno cacarejou de admiração quando puxei o cajado do cinto. Virei o topo retorcido na direção de Dagda, girando a haste lentamente. Todas as marcas, de um azul intenso como o do ocaso, brilharam diante de nós. A borboleta, símbolo da transformação. A dupla de falcões unida no voo. A pedra rachada, que me fazia lembrar da insensatez de tentar enjaular a luz passageira. A espada, cujo nome eu sabia muito bem. A estrela dentro de um círculo, revogando a gargalhada luminosa de Gwri dos Cabelos Dourados. A cauda do dragão que, de algum modo, me incitava a recordar o gosto de couro sujo de terra na língua. E, por último, o olho, tão diferente do de Balor, mas, a seu modo, aterrorizante.

Dagda assentiu.

— Vejo que agora carrega uma espada.

Alisei o cabo de prata.

— Proteja-a bem, pois o destino dessa espada é servi-lo até chegar o

momento de você colocá-la numa bainha de pedra. Então ela passará para um menino não muito mais velho do que você é agora. Um menino nascido para ser rei, cujo reinado florescerá no coração muito tempo após ter mirrado na terra.

— Vou protegê-la bem.

— Diga-me agora, meu filho. Que melodias você ouviu nas Sete Canções? Comece com a primeira, Mudar.

Pigarreei.

— Aprendi com uma borboleta... e com uma traidora, uma arbórea, que se redimiu... que todos nós, todas as coisas vivas, temos potencial para mudar.

O velho me examinou atentamente.

— Não por acaso essa foi sua primeira Canção, Merlin. Acredito que andou ouvindo seus acordes por algum tempo.

— Sim. — Olhei para os ramos orvalhados por um momento. — Vejo agora por que os gregos usavam a mesma palavra para borboleta e alma.

— Muito bem. Fale-me agora sobre Atar.

Olhei para o rosto de Rhia, pálido e imóvel.

— Os laços mais fortes são os do coração. Aprendi isso observando uma dupla de falcões voando juntos.

Transtorno se empinou orgulhoso em meu ombro, alisando as asas com o bico.

— E com uma trapaceira, talvez?

Suspirei.

— Isso também.

Uma tira de névoa passou pela mão esquerda de Dagda. Com um habilidoso volteio dos dedos, ele transformou a névoa num complexo nó. Então, com um meneio pensativo, deixou que ele fosse carregado pelo vento.

Seu olhar se voltou para mim.

— Em seguida você encontrou o caminho para o reino subterrâneo de minha velha amiga Urnalda. Ela é mais sábia do que parece, isso eu posso lhe garantir! Sem dúvida, gostou da chance de ser sua professora.

Neguei com a cabeça.

— Não tenho certeza do quanto ela gostou. Fui um aprendiz muito lento. Finalmente, porém, com a ajuda de uma luz passageira, acabei por encontrar a

alma daquela Canção.

— Que é?

Apontei para a imagem da pedra rachada.

— A melhor maneira de proteger uma coisa é a libertando.

Dagda se recostou, olhando para as robustas raízes da Árvore da Alma acima. Ao erguer uma sobrancelha, um anel de névoa espiralou para cima do tronco.

— A lição seguinte, acredito, foi uma surpresa para você.

— Nomear. Foi preciso algum tempo... e uma faca de pão quebrada... para eu aprender que um nome verdadeiro contém o poder verdadeiro. — Fiz uma pausa, pensando. — Merlin é meu nome verdadeiro?

O velho sacudiu a cabeça.

— Então será que você saberia, talvez, meu nome verdadeiro?

— Eu sei.

— Poderia me dizer?

Dagda pensou no meu pedido por um instante.

— Não. Ainda não. Mas farei o seguinte: se nos encontrarmos novamente, num momento mais feliz, quando você tiver derrotado o inimigo mais poderoso de todos, então eu lhe direi seu verdadeiro nome.

Empalideci.

— O inimigo mais poderoso de todos? Refere-se a Rhita Gawr?

— Talvez. — Apontou para a estrela dentro do círculo. — Agora, Saltar.

— Essa é uma habilidade espantosa. A Grande Elusa a usou para nos enviar até a terra dos arbóreos. Gwri dos Cabelos Dourados também a utilizou... para dar a Rhia uma visão do Poço do Outromundo. — Minha voz baixou. — E Rhita Gawr a usou para enviar a sombra da morte para minha mãe.

As sobrancelhas prateadas se ergueram.

— Para sua mãe?

Minhas botas se remexiam nervosamente sobre o chão enevoado.

— Bem, não. Para mim. Mas, em vez disso, caiu sobre minha mãe.

— E qual é a alma da arte de Saltar?

Minha atenção se voltou para a névoa ondulante que nos cercava. Ela se enrolava graciosamente em torno de Dagda e de mim, tocando a nós dois tal como fazia com a árvore de cabeça para baixo, abraçando as grandes raízes, as

quais, por sua vez, abraçavam o mundo acima.

— Tudo — declarei — está ligado a tudo o mais.

— Ótimo, meu filho, ótimo. Agora, e o Eliminar?

— Esse eu aprendi com um dragão adormecido. E com... um bufão — sorri ligeiramente. — Eles me mostraram que cada coisa viva é preciosa de alguma forma.

Dagda se inclinou para mim.

— Até mesmo um dragão?

— Até mesmo um dragão.

Ele coçou o queixo pensativamente.

— Você vai se encontrar novamente com aquele dragão, creio eu. Quando ele acordar.

Prendi a respiração. Antes, porém, que eu pudesse perguntar alguma coisa, ele falou outra vez:

— Enxergar. Fale-me, agora, sobre Enxergar.

Fiquei roçando a língua contra a parte interna bochecha antes que as palavras saíssem. Finalmente, numa voz não muito mais alta do que um sussurro, falei:

— O coração consegue enxergar coisas invisíveis aos olhos.

— Hummm. E o que mais?

Pensei por um momento.

— Bem, agora que sei um pouco sobre enxergar com o coração, consigo, talvez, ver melhor dentro de mim mesmo.

Os olhos castanhos escuros de Dagda me observavam fixamente.

— E quando olha nesse lugar, meu filho, o que vê?

Pigarreei, fiz menção de falar, mas me contive. À procura das palavras certas, fiz uma pausa antes de recomeçar:

— É... bem, é como descer a escadaria do Outromundo. Quanto mais fundo vou, mais descubro. — Virando-me, falei baixinho: — E o que descubro pode ser verdadeiramente assustador.

O velho me fitou com compaixão.

— O que mais você vê?

Soltei um suspiro.

— O quão pouco eu realmente sei.

Dagda se aproximou de mim, pegando minha mão.

— Então, Merlin, você aprendeu algo incalculável. — Puxou-me mais para perto pelo chão de névoa. Tiras de vapor se enroscaram em nós dois. — Verdadeiramente incalculável! Até agora, você esteve procurando as almas das Canções. Mas admitir o quão pouco você sabe realmente... tendo humildade... isso, meu filho, é a alma da magia em si.

Intrigado, inclinei a cabeça.

— Com o tempo, acredito, você entenderá completamente. Pois a humildade nada mais é do que o respeito genuíno pelos maravilhosos e surpreendentes modos do mundo.

Assenti lentamente.

— Isso parece algo que Rhia diria. — Voltando a olhar o corpo sem vida dela, perguntei, aflito: — Ainda consegue salvá-la?

Dagda não respondeu.

— Consegue?

Ele ficou me olhando em silêncio por um longo momento.

— Não sei, meu filho.

Senti um aperto na garganta, como se Balor ainda estivesse me segurando.

— Fui muito idiota! Causei muitos danos.

Dagda apontou o dedo para uma faixa ondulante de névoa, que se endireitou instantaneamente. Ao mesmo tempo, olhou para outra linha fina, que de súbito se transformou numa bolinha firme. Então, retornando para mim, sorriu pesarosamente.

— Quer dizer então que viu igualmente a sombra e a luz dentro de você mesmo. O dragão, bem como a estrela. A serpente, assim como a pomba branca.

Engoli em seco.

— Quando você me cumprimentou, disse que eu talvez viesse a conhecer a verdadeira fonte de seu poder. Bem, não tenho certeza, mas acho que seu poder é mais calmo, mais sutil do que os outros tipos. É guiado pela sua cabeça e por sua mão, mas salta de seu coração. De fato, o seu poder é como a sétima Canção. Enxergar não com os olhos, mas com o coração.

Suas sobrancelhas se arquearam ligeiramente.

— Houve uma época — continuei, a voz um mero sussurro — em que eu

teria dado qualquer coisa para enxergar com meus próprios olhos. Eu ainda quero enxergar dessa maneira. Muito. Mas agora sei que há outras maneiras de se enxergar.

Dagda apertou minha mão delicadamente.

— Você enxerga bem, Merlin.

Afrouxou o aperto, então me observou por um longo tempo.

— E lhe digo: por mais dor que tenha sofrido e que ainda irá sofrer, coisas maravilhosas o aguardam, rapaz. Coisas realmente maravilhosas.

XXXIV

Elixir

Os olhos intensos de Dagda se voltaram para o tronco da árvore, cintilando com os diamantes de orvalho. Ele seguiu a coluna, cada vez mais alto, até as raízes retorcidas que se misturavam à neblina bem lá em cima. Seu olhar se demorou ali momentaneamente, como se ele pudesse enxergar as terras mais além através da névoa. Finalmente falou:

— Agora, quanto sua amiga, unida a você por amor e por sangue igualmente.

Com o braço bom, ele tocou Rhia, deitada sobre o chão vaporoso. Ela parecia tão imóvel, tão silenciosa, a cor drenada da pele assim como da roupa de folhas. Meu estômago se revirava, angustiado, pois eu desconfiava que seu corpo tivesse ficado gelado demais até mesmo para o maior dos espíritos reviver. Gwri não me dissera que Dagda, com todo seu poder, não era capaz de trazer de volta à vida alguém que havia morrido?

Como sempre, delicadamente, ele ergueu a mão flácida, fechando os olhos. Parecia estar ouvindo alguém muito distante. Por fim, sem abrir os olhos, me deu uma ordem.

— Pode soltá-la, Merlin.

Hesitei, temendo de súbito que aquilo certamente significasse sua morte. Uma vez que seu espírito me deixasse, uma vez que fosse, eu não teria esperança de vê-la viva novamente. Por mais que ansiasse ouvir sua risada outra vez, meu maior temor era de que, se a deixasse ir, eu a perdesse para sempre.

— Merlin — repetiu Dagda. — Está na hora.

Finalmente a libertei. Bem dentro de mim, pude sentir seu espírito se agitando sutilmente. Em seguida começou a fluir para fora de mim, primeiro como um gotejar de água, ganhando força, até finalmente parecer um rio estourando através de uma represa. Meus olhos cegos ficaram cheios de lágrimas, pois eu sabia que, se Rhia sobrevivesse ou não em forma humana, nós nunca seríamos inteiramente próximos outra vez.

Lentamente, muito lentamente, exalei. Tiras de névoa se uniram diante de nós, criando uma ponte tremeluzente que ligava meu peito ao dela. A ponte pairou, brilhando por apenas um instante antes de sumir completamente.

Justamente nesse momento notei o talho na lateral da cabeça dela. Ele começou a se fechar, sarando por dentro. Quando a pele se fechou, as manchas de sangue, agora mais marrons do que vermelhas, evaporaram do cabelo cacheado, do pescoço e da roupa de vinhas entrelaçadas. A cor começou a fluir para o rosto. A roupa amaciou quando a vitalidade verde retornou a cada folha e talo.

O dedo indicador de Rhia tremeu. O pescoço se endireitou. Então, finalmente, seus olhos azul-acinzentados se abriram, juntamente aos de Dagda. Olhando para as raízes acortinadas com viscos acima, ela soltou um suspiro hesitante. Virando o rosto para Dagda, sorriu, e até mesmo desatou a falar:

— Você vive numa árvore, igual a mim!

Sua risada de sino repicou. Juntei-me a ela, enquanto Dagda irrompia com uma gargalhada farta, ressonante. Enquanto ele se sacudia com júbilo, a grande árvore também começava a se balançar na planície brumosa. Gotas de orvalho caíram, rodopiando e reluzindo no ar. Até mesmo Transtorno, empoleirado em meu ombro, soltou um alegre assobio. Parecia-me que o universo inteiro havia se juntado à nossa gargalhada.

Com os olhos luminosos, Rhia se sentou e girou a cabeça em minha direção.

— Merlin, você conseguiu. Você me salvou.

— Não. Foi Dagda quem salvou você.

— Não sem sua ajuda, rapaz. — O velho afastou alguns fios prateados de cabelo da testa. — Ao conservar tão amorosamente seu espírito, como também seu corpo, você impediu que ela morresse de verdade durante tempo suficiente para que eu ainda pudesse ressuscitá-la.

Seu olhar se voltou para Rhia.

— E você também ajudou.

— Ajudei?

O velho assentiu lentamente.

— Seu espírito é radiante, Rhiannon. Excepcionalmente radiante. Você possui uma força vital tão poderosa quanto a que coloquei em um dos Tesouros de Fincayra, o Globo de Fogo.

Rhia enrubesceu.

Lembrei-me da esfera alaranjada brilhante que eu salvara das ruínas do Castelo Oculto.

— Ele tem algo a ver com cura, não?

— Sim, cura. Mas cura da alma, não do corpo. Pois, nas mãos de um sábio, o Globo de Fogo pode reacender esperança e alegria, até mesmo a vontade de viver.

Dagda olhou para mim.

— Você, Merlin, sabe mais do que qualquer um como o espírito iluminado de sua irmã brilha.

Dei-me conta de que ainda conseguia sentir um vestígio do espírito de Rhia dentro de mim. Um pouquinho de minha irmã tinha ficado comigo. E, eu sabia, sempre ficaria.

— Sim — continuou o frágil homem grisalho. — Seu treinamento como mago apenas começou. Contudo, adotar a sabedoria e o espírito de sua irmã foi parte dele. Uma parte importante.

— Minha oitava Canção, digamos assim.

— Sim.

Olhei para Rhia.

— Aylah tentou me dizer, mas não entendi. Agora, porém, creio que tive um vislumbre.

Ela tocou seu amuleto.

— Ou digamos assim... um instinto.

Transtorno fez um som de cacarejo que pareceu uma risada.

Passando a mão pela névoa que se erguia abaixo de nós, examinei o rosto de Dagda.

— Tenho um instinto de que Fincayra é meu verdadeiro lar. Entretanto... tenho outro instinto de que não é. Qual deles é o certo?

O velho deu um sorriso tristonho.

— Ah, você está aprendendo! Do mesmo modo que o amor verdadeiro funde alegria e dor, o instinto verdadeiro geralmente mistura sentimentos contraditórios. Nesse caso, porém, eu posso ajudá-lo. Humanos não se dispõem a viver muito em Fincayra. Por mais que você se sinta em casa lá, precisa voltar à Terra um dia. Você pode se demorar um pouco mais, pois ainda resta trabalho a fazer, mas, no fim das contas, precisará partir.

Mordi o lábio.

— Você não pode simplesmente me ajudar a ficar?

Com compaixão nos olhos, Dagda negou com a cabeça.

— Eu poderia, mas não vou. Os mundos precisam permanecer separados, pois cada qual tem sua própria estrutura, seu próprio espírito, que precisam ser respeitados. — Suspirou gravemente. — É por isso que sou obrigado a lutar contra Rhita Gawr em tantas frentes. Ele romperia as estruturas do Outromundo, da Terra e de Fincayra... com o objetivo de tecê-los de acordo com seus próprios padrões distorcidos. Ele só quer governar a todos, como seu reino.

— Foi por isso que os fincayrianos perderam suas asas? — perguntou Rhia olhando para as nuvens rodopiantes. — Eles se esqueceram de respeitar a estrutura?

— Seus instintos são realmente fortes, Rhiannon. Você está no caminho certo, mas o restante de você precisa descobrir por si só.

— Dagda, posso lhe perguntar uma coisa? — hesitei, procurando as palavras certas. — Há uma profecia. Ela diz que apenas uma criança de sangue humano pode derrotar Rhita Gawr e seus servos. É verdade? E, se for, a criança humana é uma de nós?

O ancião correu a mão por um ramo de visco pendurado ali perto.

— Embora não possa lhe contar tudo que quer saber, eu posso lhe dizer isto: a profecia tem muito valor. Mas ainda que tenha sido sua irmã a pessoa a subjugar Balor, a única outra criatura em Fincayra capaz de deter Rhita Gawr é você.

Tentei engolir em seco, mas minha garganta tinha se contraído novamente. De repente, me lembrei da sombra da morte, mergulhando na garganta de Elen.

Quando falei, o que saiu foi um sussurro.

— Se devo morrer lutando contra Rhita Gawr, você precisa me dizer o seguinte. Há algum jeito... qualquer que seja... de nossa mãe ainda estar viva?

Rhia olhou de mim para Dagda, aflita. Transtorno passeou pelo meu ombro, batendo as asas.

O velho inspirou bem fundo.

— Você ainda tem tempo, se bem que não muito. Restam apenas poucas horas para expirar o quarto da lua. E, quando ele expirar, o mesmo acontecerá com sua mãe.

— O Elixir — implorei, — Pode dá-lo a nós?

Dagda alcançou um galho robusto. Com todo o cuidado, tocou uma das gotas de orvalho com a ponta do dedo. Quando se soltou, ela cobriu a ponta do dedo com um copo fino, resplandecente. Usando outros dedos, Dagda retirou o copo. Este foi colocado de pé em sua palma, como um frasco minúsculo, cristalino.

Dagda se retraiu ligeiramente. No mesmo instante, o pequeno frasco se encheu com uma única gota de líquido vermelho. O sangue do próprio Dagda. Quando o frasco ficou totalmente cheio, sua boca foi lacrada apertadamente.

— Aí está. — Ele falou com a voz morosa, como se aquele ato o tivesse enfraquecido. Tremendo levemente, me entregou o frasco. — Pegue.

Quando abri a bolsa de couro e coloquei o Elixir lá dentro, senti as garras de Transtorno penetrando meu ombro. O falcão roçou suas penas macias contra meu pescoço.

Dagda respondeu à minha pergunta antes de eu fazê-la:

— Não, Merlin, ele não pode ir com você. Seu amigo Transtorno deu a vida mortal dele no Castelo Oculto para poupar a sua. Ele agora pertence a isto aqui.

O falcão assobiou fracamente. Enquanto a névoa formava vagalhões à nossa volta, o fitar de seus olhos envoltos de amarelo encontrou os meus. Nós nos encaramos pela última vez.

— Vou sentir sua falta, Transtorno.

A ave roçou meu pescoço novamente, depois foi embora sem pressa.

A expressão de Dagda também revelava dor.

— Pode ser que isso não alivie o peso em seu coração, Merlin, mas acredito que, um dia, em outra terra, você sentirá a pressão das garras de uma ave

diferente em seu ombro.

— Não quero uma ave diferente.

— Compreendo. — O ancião estendeu a mão boa, acariciando meu rosto. — Receio que, agora, vocês precisem seguir caminhos diferentes. Embora ninguém conheça todas as mudanças de direção que esses caminhos possam tomar.

— Nem mesmo você?

— Nem mesmo eu. — Dagda ergueu o manto de visco do meu ombro. — Vá agora, minha criança. E seja corajoso.

O guincho final de Transtorno ressoava em meu ouvido, mesmo enquanto a névoa rodopiante me varria como uma onda, engolindo tudo.

XXXV

Um Cajado de Mago

O clarão definhou até escurecer. A única luz vinha do das estrelas salpicadas acima. Flagrei-me ainda ajoelhado, com Rhia ainda sentada ao meu lado. Porém a bruma vaporosa tinha sido substituída por rochas denteadas e rochedos íngremes; um círculo de pedras polidas fazia as vezes da Árvore da Alma. Não muito longe, o corpo de um enorme guerreiro ainda estava caído e silencioso.

Segurei a mão de Rhia.

— Estamos de volta ao Poço.

— É bem verdade, é bem verdade, é bem verdade. — A figura encurvada de Bumbelwy se aproximou na penumbra. — Nunca pensei que você voltaria. E vejo que trouxe de volta o corpo de...

— Rhia — interrompeu ela. — Viva e bem.

Bumbelwy congelou no meio de um passo. Mesmo na luz mortiça, pude notar seus olhos se arregalarem. Em seguida, por um breve instante, a boca e as múltiplas papadas arquearam, ainda que ligeiramente. Isso durou apenas uma fração de segundo. Mas tive a certeza de que ele de fato sorriu.

Voltei meu olhar para o céu, à procura de qualquer sinal que fosse da lua. Mas nada consegui encontrar. Absolutamente nada. Mordi o lábio. Se ao menos eu não tivesse gasto aqueles minutos preciosos com Rhita Gawr.

De repente, Rhia apontou para um leve bruxulear de luz que tinha acabado de emergir de trás de uma nuvem.

— Oh, Merlin! Aquilo é tudo que resta da lua. Ela terá sumido antes do

amanhecer.

Fiquei de pé num salto.

— E nossa mãe também, a não ser que consigamos chegar a ela primeiro.

— Mas como? — Rhia ficou de pé, encarando o céu meridional. — Arbassa está tão longe.

Como se em resposta, a elevação inteira sacudiu com um tremor repentino. Depois veio outro, ainda mais forte. Outro. E mais outro. Pedras desmoronaram dos rochedos de ambos os lados. Puxei o cajado do cinto e me apoiei nele para manter o equilíbrio. Então minha segunda visão percebeu uma nova forma se erguendo no horizonte. Como um morro que crescia rapidamente, ela bloqueou as estrelas que se encontravam atrás. Mas eu soube imediatamente que não era uma morro.

— Shim! — berrei. — Estamos aqui!

Um momento depois, a imensa forma do gigante assomava acima de nós três. Enquanto seus pés trituravam as pedras soltas, ele baixava a mão enorme. Rapidamente, Rhia e eu subimos para sua palma, seguidos relutantemente por Bumbelwy.

Debaixo do nariz bulboso, Shim deu um sorriso torto.

— Que bom ver ocês.

— Ele veio para nos pegar — gemeu Bumbelwy, as mãos agarradas à própria capa. — Ele veio para nos pegar.

— E também estamos felizes em ver você — retruquei, ignorando o bufão.

— Como soube que precisávamos de você? — perguntou Rhia. — E onde nos encontrar?

Shim ergueu a mão enquanto se endireitava. Ainda que eu tentasse manter o equilíbrio, caí sobre a palma carnuda, quase atingindo um Bumbelwy encolhido. Rhia, por sua vez, se sentou ao nosso lado com a graça de um cisne em pouso.

— Eu dormia e sonhava com... — O gigante fez uma pausa, pressionando os enormes lábios. — Não me lembro! De qualquer modo, o sonho muda pruma ave. Um falcão, como aquele que andava no seu ombro, só que era cinza brancoso em vez de marrom.

Retraí-me. Pude sentir a antiga dor entre as omoplatas, e mais outra além dela.

— Aí o falcão gritou tão alto pra mim que me acordei. — Shim torceu o nariz. — Com uma sensação lascada de que eu precisava encontrar ocê! E, o mais estranho, uma imagem na minha cabeça indicando pra aonde ir.

Rhia sorriu.

— Seu sonho foi enviado por Dagda.

As sobrancelhas fartas do gigante se ergueram.

— Você é um amigo leal, Shim! Agora, leve-nos a Arbassa. — Olhei para o vestígio do que restava da lua. Parecia ainda mais tênue do que apenas um momento atrás.

Um vento envolvente nos varreu, soprando minha túnica como se fosse uma vela, quando Shim se virou e começou a se movimentar apressadamente através das colinas das Terras Perdidas. Com três ou quatro passadas, escalou encostas que levaríamos horas para subir, os pés peludos esmagando os pedregulhos. Assim que alcançava um vale, ele já estava superando o monte seguinte. Em minutos, uma insinuação de fumaça perfumou o ar e percebi que havíamos chegado à depressão do dragão adormecido.

Quando Shim virou ao sul para atravessar o canal, a neblina do mar rodopiava à nossa volta. Os olhos rosados dele brilharam.

— Eu não disse que esperava um dia fazer outra travessia com ocês? — Sua gargalhada correu pelas ondas que lhe batiam nas pernas — com certeza completa, total e absoluta!

Nenhum de nós, porém, compartilhava de sua alegria. Bumbelwy abraçava a barriga, murmurando algo sobre a morte de um grande bufão. Enquanto isso, Rhia e eu observávamos o céu noturno, seguindo o rastro da lua enfraquecida.

Pelos sons e odores que se movimentavam na escuridão, e também pelas alterações das passadas de Shim, eu conseguia sentir algumas mudanças no terreno. Após emergir do canal, ele marchou até a planície da costa elevada e superou as colinas rapidamente. Em pouco tempo seus passos diminuíram diante do declive íngreme. Seguimos para as alturas dos montes nevados próximos à cidade de Varigal. Em determinado momento, pensei ter ouvido vozes graves cantando em algum lugar, mas o som esmoreceu rapidamente.

O ar alpino ficou enevoado e úmido ao descermos para um labirinto de morros e pântanos. Em algum lugar ali perto, eu sabia, ficava a caverna de cristal

da Grande Elusa. Estaria a grande aranha ali dentro, enroscada em meio aos Tesouros de Fincayra? Ou estaria fora, vagueando atrás de espectros e goblins para satisfazer seu apetite ilimitado?

A quebra e o estalo de galhos abaixo anunciavam nossa entrada na Floresta Druma. Cheiros penetrantes e resinados fizeram cócegas em minhas narinas. Sombras imensas, quase tão altas quanto o gigante que nos carregava, se expandiam em direção ao céu. Não pude evitar recordar o desejo ardente de Shim, o qual me confessara tanto tempo atrás. *De ser grande. Grande como a árvore mais maior de alta*.

Com certeza, seu sonho fora atendido. Sentado na enorme palma, eu olhava mais intensamente para a lua moribunda, tremeluzindo acima de nós. E senti, com uma certeza crescente, que meu mais profundo desejo não seria atendido.

Justamente quando começava a imaginar se ainda conseguia enxergar a lua, ou apenas estava imaginando seu pálido brilho, uma nova sombra assomou sobre nós. Mais alta e mais cheia do que as demais, ela se erguia com todo o esplendor da Árvore da Alma de Dagda. Ali, finalmente, se erguia Arbassa. Em seus imensos galhos, brilhando como uma estrela, estava a cabana suspensa que abrigava Elen dos Olhos de Safira.

Shim se abaixou, pousando a mão nas raízes robustas do carvalho. Agarrei o cajado e saltei para o chão, seguido de perto por Rhia e por um Bumbelwy cambaleante. Com um grito de agradecimento, me virei para Arbassa, esperando que, dessa vez, a árvore não resistisse em me deixar entrar.

Naquele instante, o enorme tronco produziu um som baixo, triturante. A casca se enrugou, rompeu e se abriu. Mergulhei na passagem. Pulando dois degraus por vez, fui para cima, sem nem mesmo me dar ao trabalho de olhar de relance para as runas entalhadas nas paredes. Quando irrompi pela cortina de folhas no topo da escadaria, Ixtma, o esquilo de olhos grandes, guinchou. Girou, deixando cair no chão uma tigela com água. Então, ao ver Rhia entrar logo depois de mim, fugiu precipitadamente para ela, tagarelando ruidosamente.

Elen, cujos olhos estavam fechados, estava deitada no chão, exatamente como havíamos deixado. O mesmo travesseiro cheirando a pinho lhe sustentava a cabeça, e o mesmo cobertor reluzente protegia o peito. Mas quando pousei o cajado e me ajoelhei ao seu lado, percebi que muita coisa havia mudado. Suas

bochechas outrora cor de creme pareciam mais pálidas do que ossos secos; a testa exibia as rugas do sofrimento prolongado. Ela parecia muito mais magra, como o fiapo da lua que sumia. Coloquei a cabeça sobre seu peito, esperando escutar a batida do coração, mas nada ouvi. Toquei seus lábios rachados para sentir o mais leve sopro de ar que fosse, mas nada senti.

Rhia se agachou ao meu lado, o rosto quase tão pálido quanto o de nossa mãe. Observou, imóvel, enquanto eu alcançava minha bolsa e retirava o frasco contendo o Elixir. Tocado pela luz do braseiro, ele se iluminou com um vermelho vivo, a cor do sangue de Dagda em pessoa. O aposento todo se encheu de matizes escarlates.

Mal conseguindo respirar, derramei o Elixir na boca de minha mãe. *Por favor, Dagda, eu lhe imploro. Não deixe que seja tarde demais. Não deixe que ela morra*.

Mal notei quando Ixtma choramingou, enrolando a cauda peluda na perna de Rhia. Nem quando Bumbelwy entrou no aposento, sacudindo a cabeça morosamente. Nem quando os primeiros raios tênues da alvorada tocaram as folhas que cobriam as janelas do lado oriental. Mas notei, com cada partícula do meu ser, quando minha mãe abriu os olhos.

Vendo Rhia e a mim, ela soltou um grito de surpresa. Tons rosados flamejaram suas bochechas. Experimentando respirar fundo, ela ergueu as mãos fracamente em direção a cada um de nós dois. Seguramos suas mãos, apertando a carne com vida. Lágrimas empoçaram meus olhos, ao passo que Rhia soluçava baixinho.

— Minhas crianças.

Rhia sorriu por entre lágrimas.

— Agora nós estamos aqui... mãe.

A testa de Elen se enrugou levemente.

— Perdoe-me, menina, por eu não lhe ter contado antes de você partir. Pensei que, se eu morresse, sua dor seria grande demais.

— Não precisava contar. — Rhia tocou o amuleto de carvalho, freixo e espinheiro em seu peito. — Eu já sabia.

Cutuquei-a e sorri.

— O que essa garota sabe sobre instintos, ela aprendeu comigo.

Nós rimos, mãe, filha e filho, como se todos os nossos anos de separação

nunca tivessem acontecido. Pois, mesmo se um dia fôssemos obrigados a nos separar novamente, naquele momento, uma única verdade inalterável enchia nossos corações. No amanhecer daquele dia, nos galhos daquela grande árvore, nós estávamos juntos. Reunidos finalmente.

Somente após muito mais risadas e muito mais conversas, paramos para comer um apetitoso café da manhã, com as nozes banhadas no mel de Ixtma e chá de alecrim com bastante hortelã. E somente após eu me servir pela quinta vez, consegui prestar atenção no objeto reluzente que descansava junto ao braseiro. A Harpa Florescente, com suas cordas mágicas incandescentes, estava apoiada na parede de madeira viva. De repente, prendi a respiração. Atrás da Harpa, havia muitos outros objetos empilhados. Olhando-os com surpresa, lambi o mel dos dedos, me levantei do chão e cheguei mais perto.

Não podia acreditar, mas sabia que era verdade. Todos os Tesouros de Fincayra estavam ali! Bem ali, na cabana de Rhia.

Ali, brilhando sombriamente, estava o Evocador dos Sonhos, a graciosa trompa que, certa vez, Cairpré me dissera ser capaz de realizar qualquer sonho. Junto estava Cortefundo, a espada de dois gumes. Quando alcancei seu cabo para tocá-lo, a poderosa espada que pendia da minha cintura soou baixinho, me lembrando de que minha espada também tinha sido forjada para cumprir um destino notável. Perto dos galhos retorcidos da parede estava o lendário arado que cultivava o próprio campo. Ao seu lado se encontrava a enxada que capinava as próprias sementes, a serra que cortava apenas a madeira necessária, e o restante das Ferramentas da Sabedoria, exceto, é claro, aquela que havia sido perdida. Por um instante fiquei me perguntando que tipo de ferramenta seria — e onde ela poderia estar agora. Então minha atenção se voltou para o último dos objetos, o Globo de Fogo. A esfera alaranjada brilhava como uma tocha radiante. Ou, como Dagda dissera, como um espírito radiante.

— Os Tesouros — falei alto, incapaz de me afastar deles.

Rhia, que havia se juntando a mim silenciosamente, segurou meu braço.

— Ixtma me disse que a Grande Elusa os trouxe para cá, pouco antes de chegarmos. — Ouvindo o esquilo tagarelar irritadamente, ela sorriu. — Ele está me lembrando de que ela os trouxe apenas até a clareira perto de Arbassa. Como ela era grande demais para trazê-los aqui para dentro, pediu... bem, mandou...

Ixtma e sua família fazerem o restante.

Perplexo, corri o dedo pela caixa de ressonância de carvalho da Harpa.

— Dagda deve ter enviado uma mensagem para a Grande Elusa, assim como fez com Shim. Mas por quê? Os Tesouros estavam seguros o bastante onde se encontravam, em sua caverna de cristal. Ela havia concordado em guardá-los o tempo todo.

— Não o tempo todo. Somente até que encontrasse os guardiões certos para tomar conta deles. Os Tesouros, antes de Stangmar, pertenciam a todos os fincayrianos. A Grande Elusa acredita que deveria ser assim novamente. E eu concordo.

Mais confuso do que nunca, sacudi a cabeça.

— Mas quem é sábio o bastante para escolher os guardiões? Certamente a própria Grande Elusa poderia fazer isso melhor do que qualquer um.

Rhia ficou me observando pensativamente.

— Não é o que ela acha.

— Não está dizendo que...

— Sim, Merlin. A Grande Elusa quer que você faça isso. Como disse a Ixtma, *A ilha de Fincayra volta a ter um mago*.

Engoli em seco, olhando novamente os objetos empilhados junto à parede. Cada qual, não importasse a forma ou o tamanho ou a estrutura, possuía uma mágica capaz de enriquecer todos os habitantes de Fincayra.

Rhia sorriu para mim.

— Então, o que vai fazer?

— Realmente não sei.

— Você deve ter algumas ideias.

Curvando-me para o chão, apanhei meu cajado. Um cajado de mago.

— Bem... acho que o Evocador de Sonhos deveria ir para Cairpré, o mais sábio dos bardos. — Apontei para Bumbelwy, que ainda se entupia de nozes e mel. — E creio que um certo bufão sem graça merece a honra de entregá-lo a ele.

Seu arreganhar de dentes se alargou para um sorriso.

Aquecendo-me para minha missão, agarrei o cabo do arado que cultivava seu próprio campo.

— Ainda não tenho certeza sobre a maioria das Ferramentas da Sabedoria. Mas este arado é diferente. Conheço um homem chamado Honn que saberá usá-lo bem. E terá prazer em compartilhá-lo.

Então me abaixei para apanhar o Globo de Fogo. Avaliei seu peso, sentindo seu calor pulsante. Sem uma palavra, entreguei-o a Rhia, cuja roupa folhosa dançou sob a luz alaranjada.

A surpresa dominou seu rosto.

— Para mim?

— Para você.

Ela fez menção de protestar, mas falei primeiro:

— Lembra-se do que Dagda nos disse? O Globo de Fogo pode reacender esperança, alegria e até mesmo a vontade de viver. O Globo pertence aos cuidados de alguém cujo espírito brilha tanto quanto ele.

Seus olhos cintilaram quando examinou a esfera.

— Você me deu algo mais precioso do que isso.

Por um longo momento, olhamos um para o outro. Finalmente, ela apontou para a Harpa Florescente.

— E aquilo ali?

Sorri.

— Acho que deve ir para duas pessoas com um jardim. Um jardim que floresceu até mesmo no meio das Terras Arruinadas, quando tudo o mais em volta estava morrendo.

— T'eilean e Garlatha?

Confirmei com a cabeça.

— E, dessa vez, quando levar a Harpa para a casa deles, não espero nada mais do que ser acolhido como um amigo. — Novamente, toquei a caixa de ressonância de carvalho. — Antes, porém, ficarei algum tempo com a Harpa. Tenho um trabalho pendente nos Morros Sombrios.

O rosto de Rhia se iluminou quando ela ergueu a vista para os galhos arqueados de Arbassa.

— Bem, acontece que eu também.

— É mesmo? — Ergui uma sobrancelha. — Que tipo de trabalho você tem para fazer lá?

— O de guia. Sabe, eu tenho um irmão que se perde facilmente.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Merlin - As 7 canções

Skoob do livro
http://www.skoob.com.br/livro/406864-

Site do autor
http://tabarron.com/

Wikipedia do autor
http://en.wikipedia.org/wiki/T._A._Barron

Good reads do autor
http://www.goodreads.com/author/
show/11078.T_A_Barron

Page no Facebook do autor
https://www.facebook.com/TABarronFans